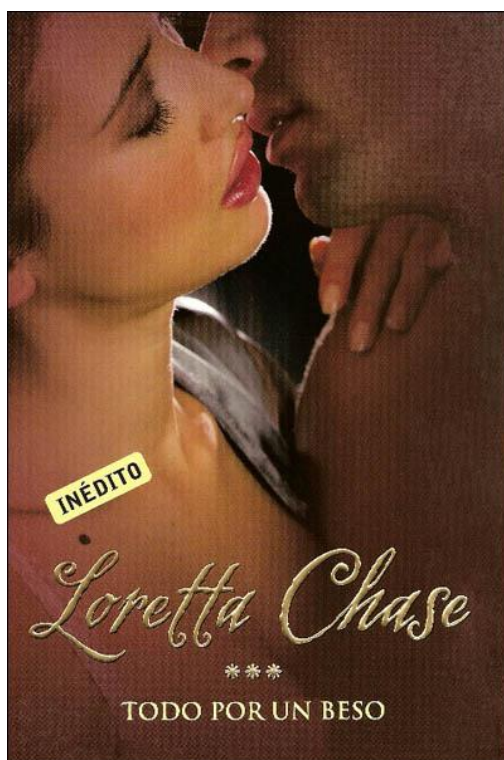


Tudo Por Um Beijo

The Last Hellion

Loretta Chase



Disp em Esp: Elloras Digital

Tradução: YGMR

Revisão: Adma

Revisão Final: Simone Amaral

Formatação: Iara

PROJETO REVISORAS TRADUÇÕES

Resumo

Lydia Grenville é a autora de um bem-sucedido folhetim de aventuras. Vere Mallory, o Duque de Ainswood, faz honra à sua estirpe e cultiva uma fama de homem libertino. Lydia iniciou uma campanha na imprensa contra o auge da prostituição em Londres, e quando Vere a conhece não pode evitar apaixonar-se perdidamente, embora tente disfarçar como simples luxúria. Entre ambos nasce uma faiscante batalha amorosa enquanto às suas costas se enfraquece a ameaça



de um inimigo secreto.

Uma mulher determinada a manter intactos corpo e coração, e um homem dedicado em seduzi-la.

Prólogo

Longlands, Northamptonshire

Setembro de 1826

O sobrenome familiar do duque de Ainswood era Mallory. Os peritos em genealogia estavam de acordo de que a família era de origem normanda e que se estabeleceu na Inglaterra no século XII, como outras de igual nome.

Segundo os etimologistas, Mallory significava desafortunado ou desventurado. Entretanto, na história familiar do duque de Ainswood, esse nome significava problemas, e dos grandes. Alguns dos antepassados do duque tinham desfrutado de uma longa vida e outros de uma mais curta, mas para todos tinha sido uma vida difícil, porque estava em sua natureza. Eram uns autênticos demônios, nasciam assim e tinham fama de sê-lo.

Mas os tempos tinham mudado e a família tinha começado a mudar por fim e a moderar-se, atuando em conformidade. O quarto duque, um velho malvado e libertino que estava morto há uma década, tinha sido o último de sua geração. Seus descendentes eram os novos Mallory, mais civilizados e virtuosos.

Todos, salvo o único filho do irmão mais novo do quarto duque.

Vere Aylwin Mallory era o último demônio dos Mallory. Com seu um metro e noventa e tantos de estatura, era o mais alto de todos, e para alguns, também era o mais bonito e o mais selvagem. Tinha os espessos cabelos castanhos de seu pai, e em seus olhos (de um verde escuro de anteriores gerações) brilhava a maldade e o mesmo convite ao pecado que tinha sido a perdição de gerações de mulheres. A ponto de completar trinta e dois anos, tinha ultrapassado com acréscimo sua cota de pecados.

Naquele momento se encontrava passeando pelo bosque do enorme imóvel de Longlands, a casa solariega¹ do duque de Ainswood. Vere se dirigia à taberna “A Lebre e a Pomba, pertencente à aldeia mais próxima.

Com zombadora voz de barítono, cantava a letra do funeral anglicano com a melodia de uma balada obscena.

Tinha assistido a tantos funerais na última década que sabia a canção de cor, do início: «Eu sou a ressurreição e a vida», até o «Amém» final.

«Pois Deus Todo-poderoso, em sua infinita misericórdia, reclamou a seu lado

¹ Solariega= solar antigo da nobreza (antigo e nobre)

a alma de nosso querido irmão...»

Ao pronunciar a palavra «irmão», sua voz se quebrou. Fez uma pausa e ficou tenso ao notar o calafrio que percorria seu robusto corpo. Apoiou o braço no tronco de uma árvore, apertou os dentes, fechou os olhos com força e fez um supremo esforço de vontade para afugentar a pena que o rasgava por dentro.

Já tinha se lamentado bastante nos últimos dez anos, disse Vere a si mesmo, e tinha derramado lágrimas suficientes nos sete dias posteriores à morte de seu primo Charlie, quinto duque de Ainswood.

Charlie jazia no mausoléu familiar, com o resto dos membros da família a quem Deus Todo-poderoso «tinha reclamado a seu lado» na última década. A interminável sucessão de funerais tinha começado com a do quarto duque, que tinha sido como um pai para Vere, já que seus pais tinham morrido quando ele tinha nove anos. Desde então, a morte levou os irmãos de Charlie, assim como seus filhos e esposas, as várias filhas, e à esposa e o filho primogênito de Charlie.

O último funeral, apesar dos anos de prática, tinha sido o mais difícil de suportar, pois Charlie não era somente o seu preferido entre todos os primos Mallory, a não ser um dos três únicos homens no mundo aos quais Vere queria como irmãos.

Os outros dois eram Roger Barnes, visconde de Wardell, e Sebastian Ballister, quarto marquês de Dain. Este último, um gigante moreno que se conhecia como lorde Belzebú, era o que todos diziam, uma mancha infame no brasão familiar dos Ballister. Wardell e ele tinham sido companheiros de diabruras de Vere desde sua época em Eton. Mas Wardell tinha sido assassinado em uma briga de bêbados em uma cavalaria fazia seis anos, e o marquês de Dain foram ao Continente uns meses depois e parecia haver-se instalado em Paris em caráter definitivo.

Não restava ninguém a seu lado que o importasse. Do ramo principal dos Mallory só restava um varão, além de Vere: Robin, o filho caçula de Charlie, que só tinha nove anos e era agora o sexto duque de Ainswood.

Charlie tinha deixado também duas filhas (para os que se incomodavam em contar às mulheres, coisa que Vere não fazia), e em seu testamento tinha disposto que Vere fosse o tutor de seus filhos, como parente masculino mais próximo. Isso não significava que Vere se ocupasse deles. Embora a lealdade familiar impusesse certa tolerância com o último demônio dos Mallory (de igual forma que a nomeação de um tutor ditava a tradição), ninguém, nem sequer Charlie, podia estar tão cego para acreditar que Vere estava capacitado para educar a três inocentes meninos. Disso se encarregaria uma das irmãs casadas de Charlie.

Em outras palavras, Vere era seu tutor de uma maneira puramente nominal, e mais valia assim, porque não tinha dedicado um só pensamento a seus tutelados desde que tinha chegado ao imóvel fazia uma semana, a tempo para dar a Charlie

o último adeus.

Tudo tinha se cumprido exatamente tal como havia predito o quarto duque em seu leito de morte, estando Vere ao seu lado.

«Vi-os quando estavam todos ao meu redor — havia dito seu tio—. Os vi chegar e partir. Pobres desgraçados. Dois de meus irmãos morreram muito antes que você nascesse. Depois seu pai. E hoje vejo meus filhos: Charles, Henry, William. Ou era a fantasia de um moribundo? Vi-os a todos transformados em sombras. O que fará você então, moço?»

Então Vere tinha acreditado que seu tio estava perdendo a cabeça. Agora sabia que estava certo.

«Todos transformados em sombras.»

—Não se enganava, por Lúcifer — murmurou, afastando-se da árvore—. Resultou ser um maldito profeta, tio.

Reatou a canção do serviço funeral onde tinha parado, entoando as solenes palavras cada vez com um tom mais luxurioso, enquanto caminhava e de vez em quando lançava um sorriso desafiante para o céu.

Os que melhor o conheciam, se pudessem observá-lo naquele instante, teriam compreendido que provocava a Deus da mesma maneira que tão freqüentemente tinha provocado a seus semelhantes. Vere Mallory procurava briga, como de costume, e desta vez era com o Todo-poderoso em pessoa.

Não funcionou. O provocador chegou ao final do cântico sem que a Providência se dignasse sequer lançar uns trovões de advertência. Vere estava a ponto de continuar seus cânticos com outras partes da missa, quando ouviu um rangido de ramos partidos e de folhas secas, e uns passos apressados. Virou-se... e viu o fantasma.

Não era um fantasma na realidade, é obvio, mas se aproximava o bastante. Era Robin, tão dolorosamente parecido com seu pai (loiro, magro e com os mesmos olhos verde mar) que Vere não suportava olhar, e tinha arrumado para não vê-lo em toda a semana.

Mas agora o menino corria para ele, de modo que não havia maneira de esquivá-lo. Tampouco podia ignorar a aguda pontada de dor, sim, e também de raiva, para sua vergonha, porque não podia evitar lamentar-se de que tivesse morrido o pai em lugar do filho.

Vere contemplou o menino com as mandíbulas apertadas. Não era um olhar cordial, assim Robin se deteve em seco a poucos passos. O menino se ruborizou, seus olhos cintilaram e de repente avançou de cabeça contra Vere e golpeou o estômago de seu surpreso tutor.

Embora tivesse o abdômen (e o resto do corpo) duro como um muro, o menino não só continuou lhe dando cabeçadas, mas também o golpeou com os

punhos. Sem fazer o menor caso da imensa disparidade em idade, estatura e peso, o jovem duque seguiu golpeando seu primo como um enlouquecido Davi tentando derrubar Golias.

Nenhum membro da nova geração dos Mallory, mais civilizada, teria sabido o que fazer diante daquele ataque desesperado e aparentemente absurdo, sem que parecesse provocação. Mas Vere não era uma pessoa civilizada e o compreendeu; não podia evitar.

Ficou quieto e deixou que Robin seguisse com sua chuva de inúteis golpes, igual ao avô de Robin, o quarto duque, tinha permanecido quieto em seu momento, enquanto um enfurecido Vere o golpeava, depois de haver ficado órfão. Vere não sabia então que outra coisa fazer, além de chorar, o que, sem saber muito bem por que, parecia-lhe totalmente desconjurado.

Robin continuou golpeando, tal como tinha feito Vere, lutando contra um homem adulto e grande como uma coluna, até que não pôde mais e desabou esgotado.

Era o filho de Charlie, e devia estar muito desesperado para ter evitado a atenta vigilância de familiares e serventes e haver entrado sozinho em um escuro bosque em busca de seu dissoluto primo.

Vere não estava certo do que o menino procurava com tanto desespero. Entretanto, estava claro que, fosse o que fosse, Robin esperava que Vere proporcionasse.

Esperou até que Robin deixou de ofegar e começou a respirar normalmente, e depois obrigou ao menino a ficar em pé.

—Não deveria se aproximar de mim, sabe? —disse Vere—. Sou uma má influência. Pergunte a qualquer um. Pergunte às suas tias.

—Choram — disse Robin olhando as botas cheias de marcas—. Choram todo o tempo. E cochicham.

—Sim, é horrível — conveyo Vere. Inclinou-se e sacudiu o pó da jaqueta do menino. Robin ergueu os olhos para ele... Com os olhos de Charlie, mas mais jovens e confiados. Vere notou que os olhos lhe ardiam. Ergue-se, limpou a garganta e disse—: Estava pensando em partir e as deixar sozinhas. Talvez... a Brighton. —Fez uma pausa e disse a si mesmo que estava louco por pensar sequer, mas o menino tinha ido a ele e seu pai nunca tinha lhe falhado, salvo ao morrer—. Gostaria de vir comigo?

—A Brighton?

—Isso foi o que disse.

Os olhos muito jovens e muito confiados começaram a brilhar.

—Onde está o pavilhão, quer dizer?

A imensa arquitetura fantasmagoria conhecida como Pavilhão Real era a

idéia que tinha o rei Jorge IV como residência de férias junto ao mar.

—Ali estava na última vez em que reparei — respondeu Vere, e pôs-se a andar de volta para a casa.

Seu tutelado se apressou a segui-lo, correndo para não ficar atrasado.

—É tão extravagante como parece nas ilustrações, primo Vere? É como um palácio das mil e uma noites?

—Pensava sair amanhã à primeira hora — disse Vere—. Quanto mais cedo for, mais cedo poderá comprovar por você mesmo.

Se dependesse de Robin, teriam partido imediatamente. Se tivesse dependido de suas tias e os maridos destas, Vere teria partido sozinho. Mas unicamente dependia de Vere, como ele mesmo disse. Como tutor legal do menino, não precisava da permissão de ninguém para levar Robin a Brighton, ou a Bombaim, se fosse sua vontade.

Entretanto, foi o próprio Robin quem resolveu o assunto. O ruído de uns golpes tirou toda a família do salão a tempo para ver o jovem duque descendo arrastando seu baú pela grande escadaria de Longlands e arrastando-o em seguida pelo cavernoso vestibulo.

—Vêem? —disse Vere, voltando-se para Dorothea, a irmã mais jovem de Charlie, que era a que mais protestava—. Está impaciente por partir. São todos condenadamente deprimentes. São as lágrimas, os cochichos e as roupas negras de luto que o assustam. Tudo é lúgubre e os adultos não fazem mais que chorar. Quer estar comigo porque sou grande e ruidoso, porque posso afugentar os monstros. Não entendem?

Tanto fazia se entendiam ou não, Dorothea cedeu, e outros seguiram seu exemplo. Afinal, só seriam umas semanas. Nem sequer poderia Vere Mallory corromper a moral de um menino de maneira irremediável em umas semanas.

Vere não desejava corromper a moral do menino absolutamente e tinha o firme propósito de devolver Robin a sua casa ao fim de quinze dias.

Era muito consciente de que não podia se fazer de pai de Robin, nem de nenhum outro menino. Não era um bom exemplo. Não tinha esposa (nem intenção de casar-se) para que se ocupasse das coisas que faziam as mulheres, para que suavizasse suas maneiras rudes. Seu serviço doméstico se compunha de um só criado, seu valete Jaynes, que tinha tantas qualidades maternas como um porco espinho com moléstias gastrintestinais. Vere, além disso, não tinha residência fixa desde que tinha abandonado Oxford.

Em definitivo, não estava em posição de educar um menino, sobre tudo um como Robin, destinado a assumir as responsabilidades de um grande ducado.

Não obstante, os quinze dias foram se alongando até virar um mês, e depois outro mais. De Brighton foram a Berkshire, ao vale do Cavalo Branco, para ver a

gravura da Idade do Bronze que dava nome ao vale, na ladeira de pedra calcária coberta de erva. Dali foi a Stonehenge, e depois a West Country, seguindo a costa e explorando as cavernas dos contrabandistas até Land's End.

O fresco outono deu passagem ao inverno, que a sua vez deu passagem à cálida primavera. Então começaram a chegar às cartas de Dorothea e de outros, lhe recordando amavelmente, mas sem muita sutileza, que a educação de Robin não podia adiar-se indefinidamente, que suas irmãs sentiam falta dele, e que quanto mais tempo passasse o menino indo de um lado a outro, mais difícil seria estabelecer-se definitivamente.

A voz da consciência de Vere reconhecia que tudo aquilo era certo, que Robin precisava de uma autêntica família, estabilidade, um lar.

Mesmo assim, custava-lhe devolver Robin a Longlands e separar-se dele, embora fosse o mais correto, porque a casa já não era um lugar tão deprimente como antes.

As irmãs de Robin se instalaram ali com seus respectivos maridos e filhos, e na casa voltavam a ressonar as risadas e as canções infantis. Além disso, desafiando as convenções, coisa que Vere aprovava, já haviam substituído os crepes de luto negros e a roupa de luto por tons menos lúgubres.

Também estava claro que Vere tinha cumprido sua meta. Tinha afugentado os monstros, sem dúvida, pois apenas umas poucas horas de volta em casa e Robin já era íntimo de seus primos, os filhos de Dorothea, e se dedicava a atormentar com eles a suas primas. E ao chegar o momento da despedida, Robin não mostrou sinais de pânico. Não se encolerizou nem agrediu Vere, mas sim prometeu lhe escrever pontualmente, arrancou de seu tutor a promessa de que voltaria no fim de agosto para seu décimo aniversário, e saiu correndo para ajudar seus primos a reviver a batalha de Agincourt.

Mas Vere retornou muito antes do aniversário. Apenas três semanas depois de abandonar Longlands, retornava tão rapidamente quanto possível.

O sexto duque de Ainswood tinha adoecido de difteria.

Não se conhecia muito bem a enfermidade. Fazia apenas cinco anos que se publicou na França o primeiro relatório preciso sobre a infecção. Mas todo mundo sabia sem discussão que a difteria era muito contagiosa.

As irmãs de Charlie suplicaram a Vere. Seus maridos tentaram detê-lo, mas ele era mais forte e parecia uma fúria, tanto, que nem um regimento inteiro de soldados poderia tê-lo detido.

Subiu como um torvelinho pela grande escadaria e percorreu o corredor a grandes passadas até o quarto do doente. Empurrou a enfermeira para fora e fechou a porta com chave. Depois se sentou junto à cama e agarrou a débil mão

de seu tutelado.

—Não aconteceu nada, Robin — disse —, já estou aqui. Eu lutarei por você. Passe-me isso, ouve-me, garoto? Expulsa esta maldita enfermidade e deixa que eu me ocupe dela. Posso fazê-lo, garoto, sabe que posso.

A fria mão continuava inerte em sua mão grande e quente.

—Passe-me isso, por favor — insistiu Vere, lutando por conter as lágrimas e afogar sua inútil dor—. É muito cedo para você, Robin, sabe. Apenas começou a viver. Não conhece nem uma pequena parte da vida, de tudo o que há por ver e por fazer.

As pálpebras do jovem duque se agitaram e se abriram. Um brilho de reconhecimento pareceu brilhar em seus olhos. Por um instante, a boca esboçou um indício de sorriso. Depois os olhos voltaram a fechar-se.

Isso foi tudo. Apesar de Vere continuar falando e rogando, apesar de apertar a mão com insistência, não pôde atrair a enfermidade para si. Não pôde fazer nada mais que esperar e observar, como tantas outras vezes. Foi uma vigília curta desta vez, a mais curta e difícil de todas.

Em menos de uma hora, enquanto o entardecer deslizava para a noite, a alma infantil partiu... Como uma sombra.

Capítulo 1

Londres

Quarta-feira, 27 de agosto de 1828

—Processarei-os! — bramou Angus Macgowan—. Há leis contra a injúria neste reino, e se isto não é uma injúria, eu tenho as malditas bolas de um touro!

O enorme mastim fêmea de cor negra que dormitava diante da porta do escritório do editor ergueu a cabeça e observou Macgowan e a sua proprietária com uma leve curiosidade. Ao comprovar que esta última não corria perigo iminente, voltou a apoiar a cabeça nas patas dianteiras e fechou os olhos.

A proprietária em questão, Lydia Grenville, de vinte e oito anos, olhou Macgowan com semelhante indiferença. Claro que não era fácil alterar Lydia. Loira, de olhos azuis e com uma estatura de quase metro oitenta, era tão delicada como uma Valquíria² ou uma amazona, e seu corpo era tão forte e ágil como sua mente, a imagem e semelhança daquelas míticas guerreiras.

No momento em que Macgowan depositou violentamente o objeto de sua indignação sobre a mesa, ela o recolheu com calma total. Era a última edição do *Bellweather's Review*, e igual ao número anterior, dedicava várias colunas da primeira página a atacar o último trabalho jornalístico de Lydia:

² Valquíria = mulher alemã

A igual a seu xará, «lady Grendel» do Argus lançou novamente um nocivo ataque contra um público despreparado, ao vomitar seu gás venenoso em uma atmosfera já poluída. Aturdidas ainda pelos ataques prévios a sua sensibilidade, suas vítimas se vêem de novo jogadas no abismo de degradação de que emana o fedor de criaturas vis e corrompidas (pois dificilmente podemos pontuar de humanas as animais que converteram em assunto de seus artigos), cujos uivos cacofônicos de auto-compaixão (pois não podemos chamar linguagem a tais excreções), o monstro com anáguas do Argus...

Lydia interrompeu a leitura neste ponto.

—Perdeu completamente o fio da frase — disse a Angus—. Mas não se pode processar ninguém por não saber escrever. Ou por falta de originalidade. Se mal recordo, o Edinburgh Review foi o primeiro a me dar o nome do monstro de Beowulf. Em qualquer caso, não acredito que ninguém tenha a patente do nome de «lady Grendel».

—É um ataque insidioso e difamatório! —exclamou ele—. Virtualmente a chama de filha da puta no penúltimo parágrafo, e insinua que uma investigação em seu passado conseguiria... conseguiria...

—«Conseguiria sem dúvida explicar a simpatia, pelo resto injustificável, que sente a mulher-macho do Argus por uma antiga profissão que é sinônimo de enfermidade e corrupção» —leu Lydia em voz alta.

—Injúria! —gritou Angus, dando murros sobre a mesa. O mastim ergueu de novo a cabeça, exalou um fundo suspiro canino e depois voltou a acomodar-se para continuar dormindo.

—Simplesmente sugere que fui prostituta — disse Lydia—. Harriet Wilson era, e entretanto seu livro vendeu muito bem. Se o senhor Bellweather a tivesse insultado em seu periódico, estou certa de que teria ganhado uma fortuna. Certamente seus amigos e ele contribuíram para que nós ganhemos. O número anterior do Argus se esgotou em quarenta e oito horas. O de hoje se esgotou antes da hora do chá. Desde que as gazetas literárias começaram a me atacar, nossas vendas se triplicaram. Em lugar de processar o senhor Bellweather, deveria lhe enviar uma nota de agradecimento, e o animar a seguir trabalhando em nosso proveito.

Angus deixou-se cair na cadeira de seu escritório.

—Bellweather tem amigos em Whitehall — grunhiu—. E digamos que alguns no Ministério do Interior não lhe têm muita simpatia.

Lydia era consciente de que tinha despertado bolhas no círculo do ministro de Interior. No primeiro de seus dois artigos sobre as penúrias das prostitutas

mais jovens de Londres, tinha insinuado que a prostituição devia legalizar-se, o que permitiria à Coroa conceder licenças e regular o negócio, como em Paris, por exemplo. Também tinha sugerido que a dita regulamentação contribuiria ao menos para reduzir os casos de violência.

—Peel deveria me agradecer — disse Lydia—. É tanta a indignação que despertou minha sugestão, que sua proposta de criar uma policia metropolitana acabou lhes parecendo da mais sensata às mesmas pessoas que antes protestavam, afirmando que era uma conspiração para tyrannizar John Bull³. E eles falam de tyrannia. —Lydia deu de ombros—. Se tivéssemos uma policia como é devido, talvez já tivessem detido essa desalmada.

A desalmada em questão era Coralie Brees. Nos seis meses transcorridos desde que tinha chegado do Continente, feito-se famosa como a pior das alcoviteiras de Londres. Para conseguir surrupiar suas garotas, Lydia tinha prometido não revelar o nome dessa mulher, o que, de todas as formas, de pouco teria servido à causa da justiça, já que cafetões e alcoviteiras eram peritos no jogo de evitar às autoridades. Trocavam de nome com tanta facilidade e tão freqüentemente como tinha feito o pai de Lydia em seu tempo para evitar seus credores, e escapuliam como ratos de uma toca a outra. Não era de estranhar que os de Bow Street não pudessem lhes seguir o rastro, nem se sentissem obrigados a fazê-lo. Segundo algumas estimativas, em Londres havia mais de cinqüenta mil prostitutas, e uma grande maioria tinha menos de dezesseis anos. Pelo que Lydia tinha podido determinar, nenhuma das garotas de Coralie tinha mais de dezenove.

—Mas você a viu — disse Angus, irrompendo em suas sombrias reflexões—. Por que não lhe lançou ao pescoço essa besta negra que tem? —Assinalou o mastim.

—Não serviria de nada deter essa mulher se não houver ninguém com valor suficiente para testemunhar contra ela — replicou Lydia com tom impaciente—. A menos que as autoridades a surpreendam com a mão na massa (e ela já se preocupa de que isso não aconteça), não temos nenhuma prova nem nenhuma testemunha. Pouca coisa poderia fazer Susan, salvo matá-la ou mutilá-la.

Susan abriu um olho ao ouvir mencionar seu nome.

—Já que só faria tal coisa se eu a ordenasse — prosseguiu Lydia—, julgariam-me por agressão, ou me pendurariam por assassinato. E preferiria não acabar na forca por culpa de uma suja e sádica alcoviteira.

Lydia voltou a deixar o Bellweather Review sobre a mesa de seu patrão e depois tirou o relógio do bolso. Tinha pertencido a seu tio avô Stephen Grenville.

³ Personalidade da Grã-Bretanha criada no século XVIII pelo escocês John Arbuthnot, médico erudito e escritor satírico

Ele e sua esposa, Euphemia, tinham acolhido Lydia quando ela tinha treze anos. Os dois tinham morrido durante o outono, com apenas umas horas de diferença.

Apesar de que Lydia sentia uma grande estima por eles, não sentia falta da vida que levava com aquele casal de irresponsáveis. Embora não fossem imorais, como seu pai, eram pessoas superficiais, desorganizadas, sem inteligência, e afligidas de um anseio irrefreável por conhecer o mundo. Estavam sempre impacientes por sacudir o pó de um lugar, muito antes que tivessem tempo de assentar-se. Lydia tinha viajado com eles desde Lisboa até Damasco, passando por todos os países do Mediterrâneo.

Mesmo assim, disse a si mesma, não teria um editor soltando fumaça pelas orelhas, nem aos ciumentos rivais que eram a causa de semelhante ira, a não ser pela vida que tinha levado.

A boca de Lydia desenhou uma curva muito semelhante a um sorriso ao recordar o diário que tinha começado a criar (imitando a sua defunta e queridíssima mãe) o dia em que seu pai a tinha abandonado, deixando-a aos cuidados de uns incompetentes como Ste e Effie.

Com treze anos, Lydia era quase analfabeta, e seu diário estava cheio de atrocidades ortográficas e horríveis crimes contra a gramática. Mas Quith, o criado dos Grenville, tinha-lhe ensinado história, geografia, matemática, e o mais importante, literatura. Quith a tinha animado a escrever, e da melhor maneira que pôde ela havia devolvido o favor.

O dinheiro que Ste tinha deixado para seu dote, tinha-o convertido em uma pensão para seu mentor. Não tinha suposto um grande sacrifício. Ela queria fazer carreira como escritora, não casar-se. E assim, livre de obrigações pela primeira vez em sua vida, Lydia tinha empreendido a viagem a Londres. Com ela foram cópias dos artigos sobre viagens que tinha publicado em algumas gazetas inglesas e do Continente, e o que ficava dos «bens» de Ste e Effie: um sortimento de bagatelas e quase nada de dinheiro.

O relógio de bolso era a única coisa que permanecia dos pertences de seus tios. Lydia não se incomodou em recuperar outros objetos que tinha empenhando durante os primeiros meses de pobreza em Londres, nem sequer depois de que Angus a contratasse. Preferia gastar o dinheiro em coisas necessárias. A última das tais compras tinha sido um cabriolé e seu cavalo.

Podia permitir o cabriolé e o cavalo porque cobrava um salário mais que satisfatório, muito melhor do que cabia esperar. Certamente ela esperava trabalhar como uma escrava durante um ano pelo menos, escrevendo artigos a um pêni a linha, dando conta de incêndios, explosões, assassinatos e outros acidentes e vários desastres.

Entretanto, o destino lhe tinha enviado um golpe de sorte no princípio da

primavera. Lydia tinha entrado nos escritórios de Argus pela primeira vez quando a revista estava à beira da falência, e com um editor, Macgowan, desesperado por provar alguma coisa (inclusive contratar a uma mulher) que lhe oferecesse uma possibilidade de sobrevivência.

—São quase duas e meia — disse Lydia, voltando a meter o relógio no bolso da saia e concentrando-se no presente—. Será melhor que vá. Tenho que me encontrar com o Joe Purvis na hospedaria Pearkes's as três para repassar as ilustrações para o capítulo seguinte da maldita história.

Lydia se encaminhou à porta.

—Não são os condenados críticos literários, a não ser sua «maldita historia» que nos faz ganhar uma fortuna — disse Angus.

A história em questão era A rosa de Tebas. As aventuras de sua heroína se relatavam por entregas de dois capítulos na revista quinzenal Argus desde mês de maio. Só Angus e ela sabiam que o nome do autor, o senhor S. E. St. Bellair, era também fictício.

Nem sequer Joe Purvis sabia que era Lydia quem escrevia os capítulos para os quais ele fazia as ilustrações. Como todos os outros, acreditava que o autor era um solteirão que levava uma vida reclusa. Nem em seus mais desatinados sonhos teria imaginado que a senhorita Grenville, a jornalista mais cinicamente realista do Argus, tivesse escrito uma só palavra daquela história incrivelmente fantasiosa e arrevesada.

Tampouco Lydia gostava que a lembrassem. Deteve-se e se voltou para Angus.

—Fofocas românticas — disse.

—Pode ser, mas suas fascinantes fofocas engancharam os leitores à revista, sobretudo às damas, e é o que faz que continuem comprando-a e pedindo mais. Maldita seja, inclusive me tem pendurando em seu anzol. — Angus se levantou e rodeou a mesa—. Essa inteligente garota, essa Miranda sobre a qual escreve... A senhora Macgowan e eu falamos no outro dia e minha mulher acredita que esse malvado e arrumado sedutor deveria entrar em razão e...

—Angus, concordei em escrever essa história idiota com duas condições — disse Lydia com voz grave e firme—. Em primeiro lugar, que não aceitaria intromissões nem de você nem de ninguém. A outra era o anonimato absoluto. — Cravou seus glaciais olhos azuis sobre ele—. Se fizesse pública a menor insinuação de que eu sou a autora dessa porcaria sentimental, faria a você responsável direto. Em cujo caso, todo o contrato entre nós passaria a ser nulo e sem efeito. — Seu olhar glacial tinha uma alarmante semelhança com o qual empregavam certos membros da nobreza, e diante do qual gerações inteiras tinham tremido de terror.

Até sendo um feroz escocês, Macgowan se acovardou diante daquele frígido

olhar como o teria feito qualquer pessoa inferior, e avermelhou.

—Muito certo, Grenville — disse submissamente—. Foi uma indiscrição de minha parte falar disso aqui. A porta é grossa, mas é melhor não correr riscos. Já sabe que sou perfeitamente consciente de tudo o que lhe devo e...

—OH, pelo amor de Deus, hoje não — espetou Lydia—. Me paga esplendidamente. —Dirigiu-se com passo firme para a porta—. Vamos, Susan. —O mastim se levantou. Lydia agarrou a correia e abriu a porta—. Bom dia, Macgowan — disse, e saiu sem esperar resposta.

—Bom dia — disse ele às suas costas, e acrescentou baixinho — Majestade. Se acredita uma condenada rainha, mas a puta sabe escrever, maldita seja.

Havia muitas pessoas na Inglaterra naquele momento que teriam concordado com ele em que a senhorita Grenville sabia escrever. Muitas delas, entretanto, haveriam sustentado que o senhor S. E. St. Bellair escrevia ainda melhor.

Isso era o que o senhor Archibald Jaynes, valete do duque de Ainswood, tentava explicar a seu amo.

Jaynes não tinha aspecto de valete. De constituição magra e enxuta, com olhos negros, redondos e muito juntos, de ambos os lados de um nariz largo e torcido (por tê-lo quebrado várias vezes), parecia mais do tipo de rufiões com aspecto de doninha que se observavam com freqüência nas corridas de cavalos ou nos combates de boxe, aceitando apostas.

O próprio Jaynes teria vacilado em usar o apelativo «cavalheiro de um cavalheiro» para si mesmo. Pois, embora fosse extremamente cuidadoso e elegante apesar de seu traço pouco atraente, seu alto e arrumado amo não era o que ele consideraria um cavalheiro.

Ambos os homens estavam sentados no melhor reservado (o que não era dizer muito, na opinião do senhor Jaynes) do Alamode Beef House de Clare Court, uma estreita ruela situada junto a Drury Lane, lugar de má fama, muito afastado da sociedade mais elegante de Londres. A cozinha do Alamode, por outro lado, dificilmente poderia atrair a paladares elegantes. Tudo como convinha ao duque, posto que não era mais elegante nem excelente que qualquer selvagem e menos ainda, por essa razão Jaynes tinha lido sobre as raças aborígenes.

Depois de ter dado boa conta de um assado de boi, sua excelência se recostou, ou melhor se ajeitou em sua cadeira, e observava a moça que lhe enchia de novo a jarra de cerveja.

Os cabelos castanhos do duque, com os quais Jaynes tinha se esmerado tanto fazia apenas um momento, estavam tão revoltos e despenteados como se

proclamassem a gritos que não tinham conhecido pente nem escova em toda sua vida. A gravata-borboleta, antes engomada e atada com esmero para que cada ruga se formasse nos intervalos e ângulos adequados, afrouxou-se e caía descuidadamente. Quanto ao resto de suas roupas, poderia dizer-se em resumo que parecia ter dormido com elas, como sempre, por muito que Jaynes se esforçasse. E «A verdade, não sei para que me incomodo», pensava.

Mas dizia:

—A «Rosa de Tebas» é o nome de um grande rubi que a heroína encontrou faz alguns capítulos, quando estava presa na tumba de um faraó com as serpentes. Trata-se de uma história de aventuras, compreende? E causa furor desde o verão.

Quando a moça se foi, o duque voltou seu aborrecido olhar para o exemplar do Argus, que jazia fechado sobre a mesa, e Jaynes resistiu à tentação de abri-lo só graças a um incrível exercício de força de vontade.

—Isso explicaria por que me arrastou de casa ao amanhecer — disse sua excelência—, e por que me empurraste de uma livraria a outra, todas cheias de mulheres, para comprá-la. Sobretudo do pior tipo — acrescentou, fazendo uma careta—. Não tinha visto jamais tantas mulheres feias juntas e tagarelando todas de uma vez como esta manhã.

—São duas e meia — disse Jaynes—. Você não viu nada de manhã. O amanhecer despontava no horizonte quando chegou em casa cambaleando. Além disso, vi várias senhoritas jovens e atraentes entre as multidões às que tão cruelmente desdenha. Claro que, se não tiverem a cara borrada e os peitos não saírem do sutiã, são invisíveis para você.

—Uma lástima que não sejam inaudíveis também — resmungou seu senhor — esse montão de periquitos bobos que não fazem mais que rir bobamente. E dispostas a arrancar os olhos umas das outras por... Como se chama essa maldita coisa? —Agarrou a revista, olhou a capa e logo a deixou cair—. O Argus nada menos. Pretende ser «o cão guardião de Londres», como se o mundo necessitasse mais sermões desde Fleet Street.

—Os escritórios do Argus estão no Strand, não em Fleet Street — disse Jaynes—. E certamente, não são sermões o que oferece, para variar. Desde que a senhorita Grenville foi contratada, a revista se converteu realmente no que seu nome indica. O Argos da mitologia, se por acaso esqueceu...

—Preferiria não recordar meus dias estudantis. —Ainswood estendeu a mão para sua jarra de cerveja—. Quando não era latim, era grego. Quando não era grego, era latim. E quando não era nenhuma das duas coisas, eram os açoites.

—Quando não era beber, jogar e sair com putas — murmurou Jaynes. Ele devia saber, posto que tinha entrado a serviço de Vere Mallory quando este tinha

dezesseis anos e o ducado parecia estar a salva graças aos diversos varões da família que o precediam no direito ao título. Mas todos tinham morrido. Com o falecimento do último deles, um menino de nove anos, fazia quase um ano e meio, Vere converteu-se no sétimo duque de Ainswood.

Seu caráter não se emendou o mínimo ao herdar o título. Ao contrario, tinha ido de mal a pior até fazer-se inqualificável.

—Segundo a mitologia, Argos tinha cem olhos, se por acaso esqueceu — continuou explicando Jaynes em voz alta—. O propósito da revista que leva seu nome é o de contribuir em informar à população, observando a vida londrina sem pestanejar como se tivesse cem olhos. Por exemplo, o artigo da senhorita Grenville com respeito às desventuradas jovens...

—Pensava que só havia uma — disse seu amo—. A tola essa que ficava presa na tumba com as serpentes. Típico — disse com ironia—. E algum pobre idiota tem que acudir galopando ao resgate da dama. Para morrer logo depois de uma mordida de serpente como recompensa. Isso se tiver sorte.

«Burro», pensou Jaynes.

—Não me referia à história do senhor St. Bellair — disse—, cuja heroína, para sua informação, escapou da tumba sem ajuda do exterior. Falava de...

—Não me diga isso, matou às serpentes de aborrecimento. —Ainswood levou a jarra de cerveja aos lábios e a esvaziou.

—Falava do trabalho da senhorita Grenville — disse Jaynes—. Seus artigos são extremamente populares entre as damas.

—Deus nos libere das intelectuais. Sabe qual é seu problema, Jaynes? As mulheres que não falam regularmente metem na cabeça as coisas mais estranhas, como por exemplo, que podem pensar. —O duque limpou a boca com o dorso da mão.

Era um bárbaro, isso era, pensou Jaynes. Sua excelência estaria melhor entre as hordas de vândalos que tinham saqueado Roma. Quanto a sua opinião sobre as mulheres, tornaram-se pré-históricas desde que tinha adquirido o título de duque.

—Nem todas as mulheres são estúpidas — insistiu o valete —. Se incomodasse em relacionar-se com as mulheres de sua classe em lugar de freqüentar as prostitutas analfabetas...

—As putas me dão a única coisa que quero de uma mulher, e de mim só esperam que as pague. Não me ocorre nenhum motivo para me incomodar em conhecer as outras.

—Um bom motivo é que não conseguirá encontrar jamais a uma boa candidata para duquesa se negar a aproximar-se de todas as mulheres respeitáveis.

O duque deixou a jarra sobre a mesa.

—Por todos os diabos, vai voltar a começar com isso?

—Fará trinta e quatro anos dentro de quatro meses — disse Jaynes—. E ao ritmo que leva ultimamente, suas possibilidades de chegar vivo ao seu aniversário são potencialmente nulas. Tem que pensar no título e em suas responsabilidades, a principal das quais é gerar um herdeiro.

Ainswood jogou sua cadeira para trás e se levantou.

—Por que demônios tenho que pensar no título? Ele não pensou em mim. — Agarrou suas luvas e seu chapéu—. Deveria haver ficado onde estava e me deixar tranqüilo, mas não, não podia ser. Tinha que continuar avançando para mim, com um maldito funeral atrás de outro. Bom, pois eu digo que continue assim até que me enterrem junto aos outros. Então poderá pendurar no pescoço de algum pobre imbecil, como o maldito traço de merda que é.

E atrás dessas palavras, abandonou o local feito uma fúria.

Instantes depois, Vere tinha chegado ao final de Catherine Street e se dirigia para o oeste com intenção de tranqüilizar seu torvelinho interior com a ajuda de algumas jarras de cerveja na taberna “A Raposa Sob a Colina”, situada junto ao rio.

Ao dirigir-se a Strand, viu um cabriolé que abria passagem por entre a multidão de veículos à altura de Exeter 'Chance. A carruagem esteve a ponto de trespassar com seu eixo a um mascate de bolos, virou perigosamente para um carro que se lançava em cima, corrigiu sua direção bem a tempo, e depois foi para a calçada bruscamente, justo quando um cavalheiro se dispunha a cruzar a rua.

Sem pensar duas vezes, Vere se lançou sobre o cavalheiro, agarrou-o pelo braço e o puxou segundos antes que o cabriolé passasse a toda velocidade, entrando na Catherine Street.

Vere vislumbrou fugazmente à mulher que empunhava as rédeas, toda vestida de negro e com um mastim negro por companheiro, com um cavalo que obviamente era presa do pânico, e sem lacaio na plataforma de atrás para ajudá-la.

Vere afastou o cavalheiro e correu atrás do veículo.

Lydia soltou uma blasfêmia quando viu sua presa meter-se correndo na Russell Court. O beco era muito estreito para o cabriolé, e rodeava o teatro Drury Lane para lhe cortar o passo pelo outro lado, demoraria muito, de modo que deteve o cabriolé em seco e desceu de um salto, seguida de perto por seu mastim Susan. Um menino esfarrapado se aproximou correndo.

—Cuida da égua, Tom, e ganhará dois xelins — disse Lydia ao menino de rua.

Em seguida, recolhendo as saias, entrou correndo na Russell Court.

—Você! —gritou—. Solte essa garota!

Susan soltou um rouco grunhido que ressonou ao longo da estreita ruela.

Madame Brees (pois era a ela a quem gritava Lydia) deu uma rápida olhada por cima do ombro e depois girou bruscamente à esquerda para entrar em um beco ainda mais estreito, arrastando à garota com ela.

Lydia não sabia quem era a garota (uma faxineira camponesa, por seu aspecto, certamente uma das inumeráveis garotas que chegavam a Londres diariamente, fugindo da casa em que serviam), para cair imediatamente nas garras de fanfarrões e alcoviteiras que rondavam por todas as hospedarias de postas desde Piccadilly até Ratcliffe.

Lydia tinha divisado o casal na Strand, a garota olhando tudo boquiaberta como qualquer caipira, enquanto Coralie (embelezada como uma respeitável matrona, com um elegante chapéu sobre seus cachos tintos com betume), arrastava-a irremediavelmente para a perdição: Drury Lane e seus inumeráveis antros de vício, sem dúvida alguma.

Se conseguissem chegar ao bordel ao qual madame Brees pretendia levá-la, a Lydia seria negada a entrada e a garota não voltaria a sair dali.

Mas quando entrou no beco, viu a garota negando-se a avançar e tentando largar-se da mão de Coralie.

—Isso, minha amiga! —gritou Lydia—. Afaste-se dela!

Lydia ouvia gritos masculinos a suas costas, mas os ensurdecadores latidos de Susan afogavam as palavras.

A garota lutava com vontade, mas a teimosa alcoviteira a dominava com força e a arrastava para Vinegar Yard. Quando Coralie ergueu a mão para golpeá-la, Lydia se lançou sobre ela e a afastou dando-lhe uma bofetada de revés.

Coralie cambaleou e foi dar contra um muro sujo.

—Putá do demônio! Deixe-nos em paz! —gritou, e voltou para a carga.

Mas não foi bastante rápida para apoderar-se da garota, a qual Lydia separou de seu caminho antes que a alcançasse.

—Susan, proteja-a — ordenou ao mastim. Susan se colocou junto às saias da garota, de um insípido tom marrom, e soltou um grunhido de advertência. A desalmada alcoviteira vacilou, com o rosto crispado pela raiva.

—Recomendo-lhe que volte arrastando-se ao buraco que saiu — disse Lydia—. Se tentar voltar a pôr as mãos sobre esta garota, farei que a detenham por seqüestro e intenção de agressão.

—Que me detenham? —repetiu a mulher—. Assim quer me denunciar, né? E para que você quer à garota, se pode saber-se, grandíssima puta?

Lydia olhou à garota, que olhava às duas com os olhos muito abertos, sem

saber muito bem em quem confiar.

—la a B-Bow Street — disse com voz entrecortada—. Assaltaram-me e me roubaram e ela me levava a...

—À perdição — disse Lydia.

Um rufião alto chegou correndo a Vinegar Yard naquele momento, com outro tipo lhe pisando os calcanhares. Também começavam a aparecer outros homens que saíam da taberna e becos.

Lydia era perfeitamente consciente de que, lá onde se congregava a turba, sempre acabava havendo problemas. Entretanto houvesse ou não turba, não pensava abandonar à moça a própria sorte.

Fazendo pouco caso da ralé, Lydia olhou à garota.

—Bow Street é por ali — disse, assinalando para o oeste. Esta víbora a levava em direção a Drury Lane, onde estão todos os preciosos bordéis, como qualquer destes elegantes cavalheiros pode confirmar.

—Mentirosa! — chiou Coralie—. Eu a vi primeiro! Busque você suas garotas, bruxa! Eu a ensinarei a se colocar em meu território.

Coralie quis aproximar-se de sua vítima, mas um detestável grunhido de Susan a fez se deter.

- Leve esta besta daqui, ou lamentará! —rugiu.

Não era de estranhar que as garotas a temessem, pensou Lydia. Devia estar meio louca para atrever-se a aproximar-se tanto de Susan. Inclusive os homens, que indubitavelmente eram todos uns exímios canalhas, mantinham-se a uma distância prudente do mastim.

—Está muito equivocada — replicou Lydia tranqüilamente—. Contarei até cinco. Se então você não desaparecer, será você quem lamentará, e muito. Um. Dois. Três...

—Bom, bom, senhoras. —O rufião alto separou com um empurrão a outro bobo como ele para aproximar-se das mulheres—. Com tanto grito e tanto desafio vão arrebentar os espartilhos, minhas preciosas flores. E tudo para que? Um insignificante problema: um pintinho e duas galinhas poedeiras. Mas há muitos pintinhos por aí, não acreditam? Não vale a pena perturbar a paz do reino e incomodar aos agentes da lei, não acreditam? Certamente que não.

O rufião tirou sua carteira.

—Isto é o que faremos. Uma moeda de uma libra para cada uma, minhas queridas... E eu levarei a garota.

Lydia reconheceu o acento característico das classes altas, mas estava muito escandalizada para estranhar.

—Uma libra? —exclamou—. É esse o valor que concede a uma vida humana?

O rufião posou seus brilhantes olhos verdes nela. Do alto, posto que a

ultrapassava em estatura, coisa que não estava acostumado a lhe ocorrer.

—Pelo modo que conduz seu cabriolé — disse ele friamente—, você não concede nenhum valor à vida humana. Esteve a ponto de matar a três pessoas na Strand no intervalo de um minuto. —Seu insolente olhar se desviou para a multidão apinhada em torno deles—. Deveria haver leis que proibissem às mulheres de conduzir carruagens - proclamou—. São um perigo público.

—Sim, Ainswood, não se esqueça de mencioná-lo em seu próximo discurso na Câmara dos Lordes — gritou alguém.

—No próximo? —gritou outro—. Será o primeiro... Se o teto não desabar quando ele entrar cambaleando no Parlamento.

—Que me crucifiquem, pois é certo! —exclamou alguém ao fundo—. É Ainswood, não é?

—Sim, dando-se ar de rei Salomão, nada menos — gritou alguém adiante—. E como de costume, agarrou pela cauda à égua errada. Diga a sua excelência, senhorita Grenville. Confundiu-a com uma alcoviteira do Covent Garden.

—Não me estranha — disse um de seus comparsas —. Não confundiu à marquesa de Dain com uma fulana?

Foi então quando Lydia compreendeu quem era aquele grosseiro.

Em maio, um Ainswood bêbado se encontrou com o marquês de Dain e sua esposa em uma estalagem, onde passavam a noite de bodas, e se tinha negado a acreditar que a dama em questão era uma dama, e muito menos a esposa de Dain. O marquês se viu obrigado a corrigir o engano de seu antigo companheiro de estudos com os punhos. O incidente havia dado que falar em Londres durante semanas.

Assim, não tinha nada de peculiar que Lydia tivesse confundido sua excelência com mais um rufião do Covent Garden. Conforme se dizia, o duque de Ainswood era um dos pilantras mais depravados, insensatos e incultos de toda a lista de nobres do Debrett's Peerage, toda uma façanha, tendo em conta o lamentável estado da aristocracia da época.

Lydia pôde observar que era também um dos mais desalinados. O aspecto de sua roupa, por cara e elegante que fosse, dava a entender que estava há vários dias dormindo vestido com elas. Não usava chapéu, e lhe caía uma grossa mecha de cabelos castanhos sobre um olho, que evidenciava, igual a seu companheiro, a falta de sono durante vários meses e uma vida cheia de dissipação. Somente era aparente uma concessão ao asseio, posto que alguém o tinha barbeado recentemente, certamente enquanto estava muito bêbado para protestar.

Mas Lydia viu algo mais: o fogo do inferno que ardia nas verdes profundidades de seus olhos, o arrogante perfil de seu nariz, os robustos contornos da mandíbula e maçãs do rosto... E a boca do diabo, torcida em uma

careta que tudo prometia, disposta à risada, ao pecado, a tudo.

O duque a impressionava. Lydia também tinha um demônio que ardia em seu interior, e que no geral sabia manter na linha, e não podia por menos que sentir-se atraída. Mas não era nenhuma estúpida, sabia que era um patife que tinha diante dela, e que só podia lhe trazer problemas.

Mesmo assim, o patife era todo um duque, e inclusive o pior dos nobres tinha mais influencia com as autoridades que uma mera jornalista, sobretudo sendo mulher.

—Excelência, equivocou-se com uma de nós — disse com empertigada cortesia—. Sou Grenville, do Argus. Esta mulher é uma conhecida alcoviteira. Tentava atrair à garota a um bordel com o pretexto de guiá-la até Bow Street. Se for tão amável de tomá-la sob sua custódia, com muito gosto a acompanharei para atestar...

—Não é mais que uma mentirosa encenqueira! —gritou Coralie—. Eu só queria levar a garota ao Pearkes'S. —Assinalou a hospedaria, do outro lado da rua—. Para que comesse algo. A pobre sofreu um percalço...

—E ainda sofreria mais em suas mãos — replicou Lydia. Voltou sua atenção para Ainswood—. Sabe o que ocorre às garotas que têm a desgraça de cair entre suas garras? Dão-lhes surras, matam-nas de fome e as violam até que ficam reduzidas a um estado de terror abjeto. Depois as atiram na rua a trabalhar, e algumas não têm mais de onze ou doze anos...

—Maldita e suja prostituta! — uivou a alcoviteira.

—Coloquei sua honra sob suspeita? — perguntou Lydia sarcasticamente—. Exige uma satisfação? Pois a darei com muito prazer. Aqui e agora, se o desejar. — Avançou para a alcoviteira—. Vejamos que tal sentir por uma vez ser a que recebe a surra.

Umas mãos enormes a seguraram pelos braços, obrigando-a a recuar.

—Basta, senhoras. Estão me dando uma dor de cabeça terrível. Procuremos manter a calma, concordam?

—Essa sim que é boa — gritou alguém—. Ainswood mantendo a calma! Gelou-se o inferno e não me informaram?

Lydia olhou a mão que a segurava pelo braço.

— Tire as mãos de cima de mim — disse com frieza.

—Farei-o... Assim que alguém me traga uma camisa de força para segurá-la. Pergunto-me. Quem a deixou sair de Bedlam?

Lydia lhe deu uma cotovelada no ventre, que não era precisamente branda. A dor lhe transpassou o braço até a mão.

Mesmo assim, o duque também havia sentido algo, posto que murmurou uma blasfêmia e a soltou, enquanto a multidão assobiava e animava.

«Saia daqui enquanto pode e não olhe para trás», advertiu uma voz interior a Lydia.

Era a voz da razão, e Lydia não teria feito caso se os comentários ferinos do duque destinados a ridicularizá-la não houvessem tocado uma fibra muito mais sensível. A natureza não tinha formado o caráter de Lydia para a fuga, e o orgulho a impedia de realizar alguma ação que denotasse debilidade ou, menos ainda, medo.

Com os olhos entreabertos e o coração descontrolado, Lydia deu meia volta para encará-lo.

—Volte a me tocar — advertiu — e o deixarei com os dois olhos roxos.

—OH, faça-o, senhoria! —insistiu um dos abelhudos ao duque—. Toque-a outra vez.

—Sim, Ainswood, eu aposto dez libras por você.

—Pois eu aposto que ela lhe dá um par de sopapos, tal como prometeu — foi a provocação que lançou outro abelhudo.

Enquanto isso, o duque media Lydia com os olhos, passeando audazmente o olhar do chapéu até as botas de cano longo.

—Boa estatura, sim, mas não dá altura — anunciou —. Eu diria que mede um metro setenta e algo e nua pesa uns sessenta quilos. E pagaria cinqüenta guineus para vê-la assim, por certo — acrescentou, deslizando a vista por seu sutiã.

O engenhoso comentário foi recebido com grandes gargalhadas e os habituais comentários obscenos.

Nem as risadas nem as obscenidades conseguiram desconcertar Lydia. Conhecia muito bem aquele sórdido mundo no qual tinha passado a maior parte da infância. Mas o ruído da escória lhe recordou seu objetivo principal. A garota que se propôs resgatar continuava paralisada no lugar, com a expressão atormentada de quem se encontra na selva rodeada de canibais, o que não estava muito longe da realidade.

Mesmo assim, Lydia não podia permitir que o tarado do duque dissesse a última palavra.

—OH, bem feito — disse—. Agora decidiu ampliar a educação da garota. Perfeito. Por que não lhe oferecer uma bonita amostra das maneiras londrinas... E do elevado tom moral da aristocracia?

Lydia tinha muito mais que acrescentar, mas se conteve, recordando que seria como falar com a parede. Se aquele imbecil tinha tido consciência, fazia anos que a mesma tinha morrido por abandono.

Contentou-se, pois, com um último olhar assassino, deu meia volta e se dirigiu para a garota.

Uma rápida olhada à multidão indicou que a alcoviteira tinha desaparecido e

se sentiu frustrada. De qualquer forma, não teria servido de grande coisa se ficasse, dado que a nenhum daqueles velhacos faladores preocupava outra coisa que não fosse sua própria diversão.

—Vamos, querida — disse à garota—. Não conseguiremos nada no meio desta escória.

—Senhorita Grenville — disse o duque a suas costas.

Lydia se virou com os nervos crispados... E se encontrou frente à sólida coluna que era o corpo do duque. Retrocedeu meio passo apenas, levantou o queixo e se ergueu quão alta era.

Ainswood não recuou e ela se manteve firme, tarefa nada fácil, já que o torso robusto do duque a tapava por completo, e a tão escassa distância, não deixou de observar com fascinação a musculosa figura que tão bem realçavam suas roupas.

—Excelentes reflexos — disse ele—. Se não fosse uma mulher, aceitaria sua provocação. Sobre os sopapos, quero dizer. Ou seja, os olhos ro...

—Já sei o que quer dizer.

—Sem dúvida é muito útil ter um extenso vocabulário — disse ele—. Entretanto, no futuro lhe recomendo que faça uso de sua razão, por ínfima que seja, minha pomba, antes de usar a língua. Espero que seja capaz de fazê-lo. Porque, verá, outro em meu lugar poderia considerar divertido aceitar suas pequenas provocações. Em cujo caso, veria-se envolta em uma briga muito distinta do que esperava. Entende o que digo, menina?

Lydia abriu muito os olhos.

—OH, Meu deus, não — disse sem fôlego—. É você muito complicado para mim, excelência. Meu diminuto cérebro não pode assimilá-lo.

—Possivelmente o chapéu lhe aperta muito — disse o duque, com os olhos brilhantes. Aproximou as mãos às fitas que amarravam o chapéu de Lydia, mas se deteve uns centímetros.

—Se eu fosse você não o faria — disse ela sem alterar-se, mas com o coração pulsando com força em seu peito.

Ainswood pôs-se a rir e puxou as fitas do chapéu.

Lydia lançou um murro. Ele a agarrou pelo pulso e, sem deixar de rir, atraiu-a para seu robusto corpo.

Ela na realidade esperava algo parecido, percebia que ia acontecer, mas não estava preparada para o calor nem a explosão de sensações não identificadas que a fizeram perder o equilíbrio.

Em uns instantes tinha a boca esmagada contra a do duque, cálida, firme e muito perita, e caía para trás, desorientada e impotente sob sua pressão enganosamente ligeira. Também lhe perturbava a sensação da mão do duque apertando suas costas, e de seu calor, que transpassava várias rígidas camadas de

seda e roupa íntima, e de um calor mais intenso por baixo, onde o musculoso braço de Ainswood lhe rodeava a cintura.

Durante uns instantes de perigo, a mente de Lydia cedeu ao mesmo tempo em que seus músculos, ultrapassada pelo calor e a força e a caótica mescla do aroma e o sabor masculinos.

Mas Lydia tinha aguçado o instinto na dura escola da rua, e soube reagir a tempo.

Ficou flácida entre os braços do duque, convertendo-se em um peso morto.

Notou então que ele afastava a boca.

—Céu santo, desmaiou

Lydia lhe deu um murro na mandíbula.

Capítulo 2

Vere aterrisou de costas num atoleiro de barro. A pesar do zumbido que tinha nos ouvidos, ouviu os assobios, aplausos e vaías da multidão.

Levantou-se, apoiando-se nos cotovelos, e deixou que seu olhar subisse das botas de cano longo negros da vencedora até a sóbria jaqueta abotoada recatadamente por baixo do queixo, passando pelas pesadas saias de seda negra.

Por cima do último dos botões, havia um rosto de uma beleza que o tinha deslumbrado no primeiro momento. Era uma beleza invernal, de olhos azuis, como a gelo e pele branca como a neve, rodeada sob o chapéu negro por uns sedosos cabelos dourados como o sol de dezembro.

Nesse momento, aqueles extraordinários olhos lhe lançavam um olhar glacial. O mesmo olhar, supôs, que deviam lançar a mítica Medusa. Não teve a menor dúvida de que teria se convertido em pedra instantaneamente se não estivesse na vida real e não no mito.

De modo que só se endureceu o que era habitual nele, embora muito mais depressa que o normal. A audácia da jovem, assim como seu rosto e seu esplêndido corpo, tinham-lhe excitado inclusive antes que a tivesse estreitado entre seus braços e a tivesse beijado na boca.

E naquele momento, enquanto contemplava estupidamente aquela boca carnuda que tão insensatamente tinha desejado, teve ocasião de ver como se curvava em um sorriso desdenhoso. A zombadora careta o fez voltar a si.

Aquela moça insolente acreditava ter ganhado... E era o que deviam pensar todos os outros, compreendeu o duque. Em poucas horas toda Londres saberia que uma mulher tinha feito Ainswood cair com o traseiro no chão, o último demônio dos Mallory.

Precisamente por ser um demônio, Vere teria preferido que o trespassassem e o assassinassem em fogo lento antes que dar amostras de seu orgulho ferido ou

deixar entrever o que realmente sentia.

De modo que respondeu ao petulante desdém da jovem com o provocador sorriso pelo qual era tão famoso.

—Bom, que isto sirva de lição — disse.

—Fala — informou Lydia aos abelhudos —. Acredito que viverá.

Lydia se virou e o frufu de suas saias de seda ao roçar suas pernas soou como o sussurro das serpentes.

Fazendo pouco caso das mãos que ofereciam ajuda, Vere ficou em pé de um salto sem afastar os olhos dela. E continuou olhando-a enquanto se afastava rebolando arrogantemente, recolhia à garota e ao mastim, e girava ao chegar à esquina da Vinegar Yard, perdendo-se de vista.

Nem sequer então pôde voltar sua atenção para os homens que o rodeavam, porque não fazia mais que imaginar cenas obscenas nas quais era ela que dava com o traseiro no chão, em lugar dele.

Contudo, conhecia perfeitamente os três homens que aguardavam seu lado (Augustus Tolliver, George Carruthers e Adolphus Crenshaw), e eles o conheciam, ou isso acreditavam. De modo que o duque adotou a típica expressão regozijada de bêbado que sem dúvida esperavam dele.

—Que sirva de lição, né? —disse Tolliver, rindo entre dentes—. E que lição era essa? Digo eu. Como romper a mandíbula com um murro?

—Romper a mandíbula? —repetiu Carruthers com indignação—. E como ia falar se tivesse a mandíbula quebrada? Parece-me que não está bem da vista. Não foi o murro o que o derrubou, a não ser esse curioso truque acrobático.

—Ouvi falar dessas coisas — disse Crenshaw—. Acredito que tem algo que ver com o equilíbrio. Faz furor na China, ou Arábia, ou um lugar desses. Típico desses pagãos inescrutáveis.

—Então não me estranha lady Grendel — disse Carruthers—. Dizem que nasceu em um pântano de Borneo e que os crocodilos a criaram.

—Mas bem seria no Seven Dials — disse Tolliver—. Já ouviste como todos estes a aclamavam. Conhecem-na. É uma dos seus, gerada nos subúrbios da Terra Santa. Estou certo.

—E então onde aprendeu esses truques pagãos? —perguntou Crenshaw—. E como é que ninguém tinha ouvido falar dela até uns meses? Onde tinha se escondido um mulherão como ela? Não vai me dizer que não a distingue de longe, não é?

Crenshaw se voltou para Vere, que tentava tirar o barro das calças a tapas.

—Você a viu e a ouviu de perto, Ainswood. Detectou o sotaque londrino em sua maneira de falar? É ou não é uma autêntica filha de Londres?

Seven Dials era o negro coração de um dos bairros mais sórdidos de Londres,

o distrito do St. Giles, que se conhecia ironicamente como Terra Santa.

Vere duvidava que a medusa Grenville tivesse precisado afastar-se muito de Londres para aprender os truques sujos que empregava. Que não tivesse detectado o típico sotaque cockney não significava nada. Jaynes tinha crescido nos subúrbios londrinos e não conservava sotaque algum.

Tinha-lhe parecido inclusive que falava mais como uma dama que Jaynes como um cavalheiro. O que significava isso? Muitas garotas das classes baixas tentavam imitar às senhoras. E embora Vere não pudesse recordar naquele momento uma só que lhe tivesse parecido tão natural, tampouco lhe ocorria razão alguma para ficar ali pensando como um tolo. Coberto de barro por fora e fervendo de fúria por dentro, não estava de humor para animar aquele montão de imbecis a exercitar seu limitado intelecto sobre tais comentários.

Deixou-os ali plantados e se dirigiu a Brydges Street, possuído por uma ira como não tinha experimentado em anos.

Tinha ido em auxílio daquela maldita mulher e a tinha encontrado pedindo a gritos um tumulto. Com sua oportuna intervenção, Ainswood estava seguro de ter evitado que lhe cravassem uma adaga pelas costas. E em troca, não tinha recebido mais que impropérios e provocações.

A senhorita Insolência tinha chegado ameaçar lhe deixar com os dois olhos roxos. Tinha ameaçado ele, a Vere Aylwin Mallory, a quem nem sequer lorde Belzebú, com toda sua corpulência e seu grande nariz, tinha conseguido submeter.

Acaso alguém poderia estranhar que um homem esporeado dessa maneira adotasse o método mais confiável para silenciar uma resmungona?

E se não tinha gostado, por que não tinha lhe dado uma bofetada, como teria feito qualquer mulher? Acaso acreditava que ele a devolveria, que poderia devolver o golpe a uma mulher? Acreditava acaso que pretendia violá-la na Vinegar Yard diante de uma escória de bêbados, rufiões e putas?

Como se ele fosse cair tão baixo, pensou com ira. Como se precisasse tomar uma mulher pela força. Como se praticamente, não as tivesse que tirar-lhe de cima a golpes.

Achava-se a meio caminho de Brydges Street, quando uma voz retumbante conseguiu penetrar seus indignados pensamentos.

—Ouça, você é Ainswood, não é?

Vere se deteve e se virou. O homem que assim o interpelava era o mesmo que tinha afastado do caminho do descontrolado cabriolé.

—Não me saía o nome a princípio — disse o tipo ao chegar a sua altura—. Mas depois os ouvi falar de Dain e de minha condenada irmã e lembrei quem era. E deveria me haver dado conta desde o começo, porque ele o mencionou em mais

de uma ocasião, mas direi a verdade: não fazem mais que me mandar de um lado a outro, e me sinto como o tipo grego que se acha açoitado por essas Fúrias, e o estranho é que não me tenha secado o cérebro. Assim se a garota do cabriolé me tivesse atropelado, certamente nem me teria dado conta, salvo possivelmente porque seria meu primeiro descanso em várias semanas. De qualquer forma, estou muito agradecido, porque estou certo de que deve ser um modo horrível de morrer, com os ossos esmagados sob uma roda, e me sentiria muito honrado se compartilhasse uma garrafa comigo.

O homem ofereceu a mão a Ainswood.

—O que queria dizer é que sou Bertie Trent, sim, senhor, e me alegro de conhecê-lo.

Lydia abandonou o duque de Ainswood nas mais escuras curvas de sua mente para concentrar-se na garota. Não era a primeira rapariga em apuros que resgatava. No geral, estava acostumada em levá-las a uma das organizações de beneficência de maior confiança que havia em Londres.

Mas no princípio do verão, Lydia tinha resgatado um par de garotas de dezessete anos, Bess e Millie, que tinham fugido do serviço de uns amos desumanos, e as tinha contratado como criadas para tudo, porque intuía que lhes seriam úteis. Sua intuição tinha resultado ser correta. A mesma voz interior lhe dizia que a jovem que acabava de resgatar também estaria melhor com ela.

Portanto quando fez subir à garota e a Susan no cabriolé, Lydia já estava convencida de que a garota não pertencia à classe trabalhadora. Notava-se que tinha recebido certa educação, apesar de seu leve sotaque da Cornualha, e praticamente as primeiras palavras que saíram de sua boca foram: «Não posso acreditar que você seja a senhorita Grenville do Argus». Era muito improvável que as criadas e as singelas jovens camponesas estivessem familiarizadas com a revista.

O nome da garota era Tamsin Prideaux, definitivamente da Cornualha, e tinha dezenove anos. Lydia tinha acreditado a princípio que teria uns quinze anos, mas ao vê-la de perto se tornou evidente que era mais velha.

Tamsin era uma jovem miúda, simplesmente, mas tinha uns enormes e aveludados olhos castanhos. Também era extremamente míope. Além do que usava, só ficaram os óculos, mas estavam destroçados, com uma lente quebrada.

Os tinha tirado pouco depois de descer da diligência, explicou a senhorita Prideaux, para limpá-los, porque estavam cobertos de pó do caminho. Na estalagem de posta havia uma grande aglomeração de gente, e alguém a tinha empurrado. Imediatamente, alguém lhe tinha arrancado das mãos a pequena

bolsa e a bolsa de viagem que levava, com tal violência que a tinha feito perder o equilíbrio. Quando se levantou do chão, também seu baú havia desaparecido. Nesse momento chegou a alcoviteira fingindo compadecer-se e oferecendo-se para levá-la ao escritório do magistrado em Bow Street para denunciar o roubo.

Era um truque velho, mas inclusive os experientes londrinos eles assaltavam e roubavam a cada dia, assegurou Lydia.

—Não deve se repreender — disse à jovem, quando se aproximavam de casa de Lydia—. Poderia acontecer a qualquer um.

—Exceto a você — disse a senhorita Prideaux—. Você saberia como se arrumar.

—Não seja tola — disse Lydia bruscamente, conduzindo-a ao interior da casa—. Eu também cometi erros.

Lydia reparou que Susan não se mostrava ciumenta absolutamente, o que parecia prometedora. Também tinha resistido à tentação de brincar com o novo brinquedo humano, o que era muito considerado por parte do mastim, já que a garota teria levado o susto de sua vida e poderia começar a chiar se interpretasse mal as amostras de afeto da cadela, com o que só conseguiria alterar a Susan. Não obstante, quando entraram no vestíbulo, Lydia tomou precauções.

—É uma amiga — disse ao mastim, dando uns tapinhas no ombro de Tamsin—. Seja amável, Susan, Ouviu? Amável.

Susan lambeu a mão da garota com delicadeza.

Tamsin a acariciou cautelosamente.

—Susan é muito inteligente — explicou Lydia—, mas deve se comunicar com ela com frases singelas.

—Não usavam mastins para caçar javalis antigamente? —perguntou a garota—. Morde?

—Devora — respondeu Lydia—. Mas não tem nada a temer. Se brincar pesado, diga com firmeza: «Amável», a menos que queira que lhe atire no chão e a encha de babas.

Tamsin riu entre dentes, o que Lydia tomou por um sintoma alentador. Bess apareceu nesse momento e levou a convidada para que tomasse o chá, tomasse um banho quente e dormisse um pouco.

Depois de lavar-se rapidamente, Lydia entrou em seu estúdio. Só ali, com a porta fechada, tirou a máscara de inquebrável confiança em si mesmo.

Apesar de que havia visto muitas coisas, mais que a maioria das pessoas distintas de Londres, tanto homens como mulheres, não era tão experiente como o mundo acreditava.

Nenhum homem havia beijado Lydia Grenville antes.

Seu tio avô Ste, benevolente mas torpe, jamais tinha ido além de lhe dar um

tapinha na cabeça ou, ao começar a adquirir ela sua alta estatura, na mão.

O beijo do duque de Ainswood tinha estado muito longe de ser paternal e amistoso, e Lydia descobriu que ela estava muito longe de ser imune.

Deixou-se cair na cadeira que havia atrás da mesa, apoiou a cabeça nas mãos e esperou que se acalmasse o torvelinho interior de sua cabeça e que seu mundo impecável e ordenado voltasse a ficar sob seu controle.

Mas o que ocorreu em troca foi que veio ao pensamento o mundo descontrolado e caótico de sua infância. A corrente de imagens fluía sem cessar até deter-se por fim na cena que mais firmemente se gravou em sua memória: o momento em que seu mundo tinha mudado para sempre de maneira irrevogável.

Viu-se como era então, uma menina sentada em um tamborete desconjuntado, lendo o diário de sua mãe.

Jamais o faria, mas Lydia poderia ter escrito sua história no mesmo estilo que usava para escrever A rosa de Tebas.

Londres, 1810

Entardecia, várias horas depois de terem enterrado Anne Grenville no cemitério paroquial, quando sua filha maior, de dez anos, Lydia, encontrou o diário. Achava-se oculto sob sortidos pedaços de tecido para fazer remendos, no fundo da mesa de costura de sua mãe.

A irmã menor de Lydia, Sarah, tinha chorado até adormecer, e seu pai, John Grenville, foi procurar consolo nos braços de alguma de suas prostitutas, ou em uma garrafa, ou certamente em ambas as coisas.

Ao contrário de sua irmã, Lydia não dormia e seus olhos estavam secos. Não tinha podido chorar todo o dia. Estava muito zangada com Deus, que tinha levado o progenitor equivocado.

Mas para que ia querer Deus a seu pai? - perguntou-se Lydia, afastando uma mecha de cabelo loiro do rosto, enquanto procurava um pedaço de tecido para remendar o avental de Sarah. Então foi quando encontrou o pequeno diário escrito com a letra miúda e precisa de sua mãe.

Esquecendo o remendo, Lydia se aconchegou junto à fumegante chaminé e passou a noite lendo a desconcertante e incrível história. O diário não era muito extenso, e sua mãe não tinha escrito todos os dias, de modo que Lydia chegou ao final antes que seu pai voltasse cambaleando pouco depois do amanhecer.

Entretanto, esperou até ao meio da tarde do dia seguinte, quando seu pai estava sóbrio e se mostrava um pouco menos irascível, e Sarah estava no beco brincado com a filha de uma vizinha.

—Encontrei uma coisa que mamãe escreveu — disse Lydia a seu pai—. É

verdade que foi uma dama? E que você foi ator? Ou não o falava a sério?

Seu pai rebuscava no armário, mas se deteve e a olhou com expressão de leve regozijo.

—E o que importa o que foi? —replicou—. Não nos serve para nada. Acredita que viveríamos neste barracão se lhe tivessem dado um dote? O que importa a você isso, senhorita Muita Presunção? Acredita-se uma grande dama, não é?

—É certo que saí aos antepassados de mamãe? —perguntou Lydia, sem prestar atenção ao sarcasmo de seu pai. Tinha aprendido a não deixar que a afetasse.

—Antepassados? —Seu pai abriu a despensa, deu de ombros ao ver seu escasso conteúdo e depois fechou a porta com um golpe - São palavras maiores. É assim que sua mãe explicou isso?

—Escreveu-o em um livro, um diário, parece — insistiu Lydia—. Nele diz que era uma dama de uma antiga e nobre família. E que um de seus primos era um lorde, o marquês de Dain. Diz que fugiu contigo para Escócia — prosseguiu Lydia—. E que sua família se zangou muito e não quis saber nada mais dela, como se fosse um ramo podre da árvore dos Ballister. Só quero saber se for verdade. Mamãe era muito... Fantasiosa.

—Sim era. —Seu pai tinha um olhar ardiloso, muito pior que a expressão zombadora de antes, e inclusive pior que o desagrado que às vezes esquecia de ocultar.

Muito tarde, Lydia compreendeu que não deveria ter falado do diário.

Mas nada podia fazer salvo lamentar-se, mas ocultou seus sentimentos, como de costume, quando seu pai disse:

—Me traga esse livro, Lydia.

Lydia o entregou e não voltou a vê-lo nunca mais, tal como imaginava que ocorreria. Desapareceu como tinham desaparecido tantas outras coisas e como continuaram desaparecendo nos meses seguintes. A Lydia não custou nada imaginar que teria empenhado o diário de sua mãe e que jamais o recuperaria, ou que inclusive o teria vendido diretamente. Assim era como conseguia dinheiro. Às vezes o perdia jogando, e outras vezes ganhava, mas Lydia e Sarah poucas vezes viam o dinheiro.

Nem tampouco os numerosos credores de John Grenville.

Dois anos mais tarde, apesar de numerosas mudanças de nome e de domicílio, seus credores deram com ele. Prenderam-no por dívidas e o enviaram ao cárcere de Marshalsea, em Southwark. Ali viveu durante um ano com suas filhas, até que o declararam insolvente e o soltaram.

Entretanto, a liberdade chegou muito tarde para Sarah. Faleceu em pouco tempo de tuberculose.

Daquela experiência, John Grenville deduziu que o clima da Inglaterra não era saudável para ele. Deixou sua filha de treze anos nas mãos de seus tios Ste e Effie, prometendo que emendaria buscá-la em poucos meses, e embarcou rumo à América.

A noite da partida de seu pai, Lydia iniciou seu próprio diário. A primeira entrada, penosamente escrita com faltas de ortografia, rezava assim: «Papai se foi, para sempre, espero de todo coração. Até nunca.»

Normalmente, Vere teria recusado a proposta de Trent com a mesma indiferença com que tinha recebido seu agradecimento.

Mas Vere não se sentia como era habitual nele.

Tudo tinha começado com o Jaynes e sua cara de furão o instruindo para que continuasse com a linhagem familiar, quando qualquer imbecil podia dar-se conta de que a linhagem dos Mallory estava malditamente destinada à extinção. Vere não tinha a menor intenção de gerar filhos, para vê-los morrer poucos anos mais tarde sem poder fazer nada para evitar.

Em segundo lugar, aquela mulher-macho havia se interposto em seu caminho, arrasando com tudo. E depois que sua diabólica majestade havia acabado com ele, os supostos amigos de Vere tinham decidido debater diante de seu nariz quem era ela e de onde procedia e que técnica tinha usado para derrubá-lo. Como se realmente considerassem que uma mulher podia ser seu rival. Não faltava mais nada!

Trent, em troca, oferecia um tranqüilo e cortês agradecimento, e a amável recompensa de uns tragos.

Por isso Vere deixou que Trent fosse com ele para casa. Depois, de tomar um banho e trocar de roupa, atendido, graças a Deus, por um silencioso Jaynes com cara de poucos amigos, Vere se dispôs dar a conhecer a vida noturna de Londres a seu jovem amigo.

O qual não incluía as residências da alta sociedade, onde hordas de senhoritas casadouras se precipitavam sobre qualquer homem com dinheiro que respirasse. O último demônio dos Mallory preferia que o estripassem com uma espada oxidada antes de passar três minutos seguidos com um montão de virgens estúpidas.

A excursão incluiu em troca vários locais onde a bebida e a companhia feminina só custavam dinheiro. E aquela noite sua excelência decidiu escolher os locais que os escritores de Londres estavam acostumados a freqüentar, e passou a maior parte do tempo escutando os clientes, em lugar de atender a Trent, e aguçou os ouvidos nas duas ocasiões em que ouviu mencionar o nome de certa

mulher, sir Bertram Trent não se deu conta.

A Jaynes, que tinha uma incômoda perspicácia, não teria escapado nada, mas Trent... era outro cantar.

«O maior bobo de todo o hemisfério norte», era a descrição que seu cunhado lorde Dain, fazia dele.

Vere não demorou muito a dar conta de que Belzebú ficou curto. Além de iniciar frases que nem sequer o Todo-poderoso com ajuda de todos seus anjos teria podido acabar, Trent mostrava um estranho talento para acabar sob os cascos dos cavalos ou debaixo de objetos que caíam, para chocar com todo tipo de obstáculos, tanto animados como inanimados, e para cair de qualquer lugar, tanto se estava de pé, como sentado ou deitado.

Em princípio, nos breves intervalos em que sua mente dava uma pausa e deixava de pensar e rogar praga sobre dragões de olhos azuis, Vere só sentia assombro, misturado com certo regozijo, e não tinha a menor intenção de travar amizade com Trent.

Mudou de idéia mais tarde, durante aquela mesma noite.

Pouco depois de sair de Westminster Pit, onde tinham visto Billy o Terrier levar a cabo a incrível façanha de matar uma centena de ratos em dez minutos, tal como tinha anunciado, encontraram-se com lorde Sellowby.

Lorde Sellowby tinha formado parte do círculo de amigos de Dain em Paris, e conhecia Trent. Claro que Sellowby conhecia todo mundo e sempre estava a par de tudo. Era um dos principais colecionadores e propagadores de intrigas de toda a Inglaterra.

Depois de trocar as saudações de rigor, Sellowby perguntou com tom pomenorizado se sua excelência tinha sofrido alguma ferida de importância como resultado de seu histórico enfrentamento com lady Grendel.

—Ao dar uma olhada no livro de apostas do White's, contei quatorze apostas distintas sobre o número de dentes que tinha perdido na... briga.

Naquele momento, Sellowby corria o perigo iminente de perder toda sua dentadura, junto com a mandíbula que a segurava.

Mas antes que Vere iniciasse as hostilidades, interveio Trent, vermelho como tomate, para desmentir tudo com grande indignação.

—Perder dentes? —exclamou—. Mas se só foi um golpezinho no queixo, e qualquer um podia ver que estava fingindo, tratando de converter todo o assunto em uma brincadeira e pôr a ralé de bom humor. Se estivesse ali, Sellowby, teria visto que uma multidão de clientes começava a sair de todas as partes com cara de poucos amigos e vontades de repartir tapas. E você mesmo foi testemunha do que fez minha irmã em Paris, o que demonstra como ficam as mulheres quando se exaltam. E essa era quase tão alta como eu e com a maior cadela mastim que já vi

em minha vida...

Trent prosseguiu no mesmo estilo durante uns minutos, sem deixar que Sellowby falasse nada. Quando o baronete calou finalmente para tomar ar, sua senhoria se despediu rapidamente.

Por um momento, e pela primeira vez em muitos anos, Vere ficou mudo.

Não recordava a última vez que alguém tinha saído em sua defesa. Claro que seu comportamento não tinha merecido nunca tal honra, recordou a si mesmo, já que distanciava muito de ser um santo. De fato, era justamente o contrário de um santo, tudo o que se podia ser sem que o enviassem à forca. Assim, concluiu, só um atrasado mental como Trent podia imaginar que Vere Aylwin Mallory precisava de um campeão que o defendesse... ou inclusive um amigo leal.

Desde que seu coração se petrificou fazia tempo, a defesa de Bertie Trent não podia lhe comover, da mesma maneira que não podia admitir dúvida alguma sobre suas ações em Vinegar Yard. Antes permitiria alegremente que o esfolassem vivo que confessar, ainda que fosse a si mesmo, que os dardos verbais de lady Grendel tinham conseguido transpassar sua dura couraça.

O duque decidiu que o mudo assombro de Sellowby durante o discurso de Trent era o mais cômico que tinha visto em muitos meses, e que Trent era um idiota do mais divertido.

Esse foi o motivo, conforme acreditava ele mesmo, de que convidasse Bertie a mudar suas coisas da estalagem George para Ainswood House e a sentir-se ali como em sua casa.

Durante o jantar, Lydia descobriu que os maneiras da senhorita Prideaux na mesa eram impecáveis, que seu apetite era bom e sua conversação inteligente, salpicada de agradáveis nota de ironia. Tinha uma voz doce e melodiosa, que lhe recordou a voz de Sarah, embora fosse mais velha que sua irmã e sem dúvida mais resistente.

Lydia iniciou seu interrogatório enquanto comiam o queijo e a fruta.

—Suponho que tenha fugido de casa — disse com tom afável.

A garota deixou a faca com a qual partia uma maçã e olhou a Lydia nos olhos.

—Senhorita Grenville, sei que fugir é uma tolice, e certamente fugir para vir a Londres é uma temeridade, mas há um limite para o que pode suportar uma pessoa, e eu já o tinha alcançado.

Sua história não era corrente.

Dois anos atrás, sua mãe se tornou de repente uma mulher muito religiosa. A partir de então, tinha-lhe proibido os vestidos bonitos, o baile e a música, salvo os hinos religiosos. Também a tinha proibido ler algo que não fosse a Bíblia, sermões e breviários. Os exemplares do Argus que a senhorita Prideaux conseguia de

dissimulação eram seu único vínculo com o «mundo racional», tal como dizia ela.

—Tendo lido seus artigos — disse—, era consciente das dificuldades com as quais toparia em Londres, e vinha preparada, a asseguro. Se não fosse por me roubarem tudo, não teria me atrevido a incomodá-la desta maneira. Tinha dinheiro suficiente para pagar meu alojamento até que encontrasse trabalho, e estava disposta a fazer qualquer trabalho decente.

Seus olhos começaram a encher-se de lágrimas, mas rapidamente recuperou a compostura e continuou falando.

—Minha mãe e seus fanáticos amigos impulsionaram meu pai a nos abandonar. Fazia duas semanas que não sabia nada dele, quando minha mãe me anunciou que devia renunciar às jóias de minha tia Lavínia. A seita queria imprimir exemplares dos sermões do irmão Ogbert. Por desgraça, todos os impressores tinham resultado ser instrumentos do demônio e exigiam que lhes pagassem por seu trabalho. Minha mãe me disse que devia contribuir com a herança de minha falecida tia para salvar almas.

—Tantos faz se queriam ser salvas como se não — murmurou Lydia—. Há muitos desses em Londres. Esbanjam o dinheiro em Bíblias e panfletos, quando o que a gente precisa é trabalho, um teto que os cubra e comida para levar a boca.

—Isso foi exatamente o que eu pensei — disse Tamsin—. Não podia lhes entregar as jóias de minha tia a aqueles vigaristas. Tinha-me deixado isso em seu testamento, e quando as usava ou simplesmente as olhava, me lembravam dela, e o quão boa era comigo e quão bem passávamos juntas. Amava-a muito — terminou dizendo, com voz trêmula.

Lydia conservava o camafeu de sua irmã Sarah. Se não fosse feito de um metal carente de valor, seu pai o teria empenhado ou o teria perdido no jogo, e Lydia teria ficado sem uma só lembrança de sua irmã, como tinha acontecido com sua mãe.

—Sinto muito — disse amavelmente—. Não há muitas possibilidades de que possa recuperar as jóias de sua tia.

—Sei que não há nenhuma — disse Tamsin—. Não teria me importado que levassem todo o resto. Mas os ladrões terão revirado tudo e as terão encontrado. E não acredito que devolvam as jóias, disso estou segura.

—Então são valiosas? —perguntou Lydia, refletindo.

—Não sei com exatidão — respondeu Tamsin—. Havia um colar de rubis com um bracelete e brincos. E também um conjunto de ametistas bastante antigo engastado em filigrana de prata. E três anéis. Não eram de bijuteria, mas não sei quanto podiam valer. Não os avaliei. Não me importava qual fosse seu valor monetário.

—Se não eram bijuteria — disse Lydia—, é muito provável que vendam tudo

— disse Lydia—. Tenho informantes relacionados com o comércio de objetos roubados. —Fez soar a campainha e, quando Millie se apresentou instantes depois, pediu material de escrever.

—Faremos uma lista detalhada — disse Lydia a sua convidada quando a criada se foi—. Poderia desenhá-la?

Tamsin assentiu.

—Bem. Isso nos ajudará a seguir melhor o rastro. Mas não podemos contar que as recuperaremos — advertiu Lydia—. Não deve abrigar grandes esperanças.

—Não deveria armar tanto alvoroço por umas jóias — disse a jovem com tom vacilante—. Mas é horrível que as salvasse dos ladrões beatos de minha mãe para as perder à mãos de uns ladrões ímpios. Se ela chegasse a inteirar-se, diria que foi um castigo divino, mas não voltarei a escutar nenhum de seus mortificantes sermões nunca mais. —Avermelhou e lhe tremeu o lábio inferior—. Quer dizer, você não se sentirá obrigada a lhe comunicar meu paradeiro, não é? Deixei-lhe uma nota dizendo que fugia com meu namorado. Agora mesmo acreditarão que viajo em um navio rumo à América. Tinha que inventar algo completamente imoral e irrevogável para impedir que empreendessem minha busca.

—Se não pode honrar aos seus pais — disse Lydia—, é coisa tua. Para sua desgraça. Eu não tenho nada a ver com isso. Mas se quer se assegurar de que não cheguem a inteirar-se de onde está na realidade, recomendo que troque seu nome por outro menos característico.

Entretanto, isso não a protegeria dos males que espreitavam em Londres, pensou Lydia. Parecia mais jovem do que na realidade era e muito vulnerável.

—Me ocorre que sua apurada situação me vem de pérolas — continuou dizendo, depois de uma breve pausa—. Havia pensado contratar uma senhorita como acompanhante. —Não era certo, mas não importava—. Se tivesse a amabilidade de ficar comigo, economizaria-me o incômodo de procurar outra. Daria comida, alojamento e...

A garota pôs-se a chorar.

—me perdoe, por favor — disse, secando em vão os olhos—. Não pretendia me comportar como uma his... histérica, mas você é tão a... amável.

Lydia se levantou, aproximou-se dela e lhe pôs um lenço na mão.

—Não se preocupe — disse—. Sofreu um mau pedaço. Qualquer outra garota teria tido um ataque de histeria. Tem direito a chorar um pouco e desabafar. Se sentirá melhor.

—É incrível que você não se alterou o mínimo —disse Tamsin, depois de secar os olhos e de assuar o nariz—. Foi você a que teve que enfrentar a todos, mas não se arredou. Não sei como o fez. Eu jamais tinha visto um duque, e a verdade é que tampouco hoje o vi muito bem. Mas não teria sabido o que dizer a

alguém tão importante, embora tivesse tido suficiente presença de ânimo. Tudo foi muito confuso para mim. Não sabia se brincava ou estava zangado de verdade.

—Duvido muito que ele mesmo soubesse — disse Lydia, tentando não fazer caso do quente comichão que lhe subia pelas costas—. Esse homem é um cretino. Deveria estar em Exter 'Change com o resto de animais do zoológico.

A criada chegou então com o papel de escrever e Lydia não teve dificuldade alguma em fazer esquecer a sua convidada o incidente com lorde Ainswood.

A Lydia ia ser muito mais difícil.

Horas mais tarde, a sós em seu quarto, ainda não tinha conseguido apagar de sua memória o breve beijo, nem afogar os velhos desejos que tinham despertado nela.

Sentou-se junto a penteadeira com o camafeu de Sarah entre as mãos.

Durante sua lúgubre estadia no cárcere de Marshalsea, Lydia entretinha sua irmã contando histórias sobre o príncipe azul que chegaria um dia no lombo de um corcel branco. À ocasião, Lydia era bastante jovem e romântica para acreditar que realmente um dia apareceria um príncipe e que a levaria a um formoso palácio, que encheriam de meninos felizes. Sarah também se casaria com um príncipe e viveria com seus filhos felizes em um castelo próximo.

Na vida real dos adultos, era mais provável topar-se com um unicórnio que com um príncipe azul.

No mundo real, um duque (ao qual só um príncipe podia superar) não podia incomodar-se em levar uma malvada bruxa à masmorra em que devia estar encarcerada.

No mundo real, nenhum beijo podia converter uma solteira empedernida em uma juvenzinha sonhadora. Sobre tudo um beijo como aquele, que claramente substituíra o murro que lhe teria dado sua excelência se Lydia fosse um homem.

Em qualquer caso, disse-se Lydia, tinha assuntos mais importantes nos quais pensar, quer dizer, na senhorita Prideaux, que certamente chorava sobre o travesseiro naquele momento, pobrezinha. Podia comprar roupa nova, e também umas lentes, se não pudessem recuperar as velhas. E não ficaria sozinha e desamparada, posto que viveria com ela.

Mas as jóias, suas preciosas lembranças... ah, essa perda devia ser muito penosa.

Se aquele imbecil do duque tivesse levado a alcoviteira a Bow Street, teriam tido muitas possibilidades de recuperar os pertences da garota. Obviamente os ladrões trabalhavam para Coralie, que tinha representado o mesmo número muitas vezes. Muitas de suas garotas eram hábeis ladrões, e seus valentões não tinham escrúpulos em atacar jovens indefesas.

Mas a Ainswood não interessava o problema da senhorita Prideaux, porque

não era um herói nobre e cavalheiresco. Só se parecia com o príncipe azul, mas em versão libertina.

Se houvesse justiça no mundo, disse-se Lydia, o duque deveria haver-se convertido em um sapo no instante em que sua malvada boca havia tocado a dela.

O atormentado espírito da senhorita Grenville teria sossegado ao ter sabido que lorde Ainswood estava sofrendo piores humilhações que a de transformar-se em sapo.

Estava acostumado a ser motivo de falatórios. Bagunceiro por natureza, via-se quase constantemente no centro de um escândalo ou outro. Desde que tinha entrado em posse do título de duque, o mundo (e sobre tudo a imprensa) seguia suas façanhas com maior avidez, sem dúvida.

Sua briga com Dain na noite de bodas deste último, um novo incidente com o filho bastardo de Belzebú uma semana mais tarde, e um infortúnio em uma corrida de carruagens em junho, tinham provocado rios de tinta. Conhecidos de Vere também o tinham ridicularizado sem piedade.

Mas tinha dado tão pouca atenção às sátiras e caricaturas publicadas na imprensa, e às brincadeiras privadas a sua costa, como a qual dava a interminável série de prostitutas às quais esquecia imediatamente depois de usá-las.

Mas nas ocasiões anteriores, os adversários de Vere eram homens, e os assuntos seguiam as normas masculinas.

Desta vez, seu adversário era uma mulher.

E agora Vere não sabia o que era pior, se haver-se rebaixado a discutir com uma mulher (quando todo mundo sabia que eram as criaturas mais irracionais sobre a terra), ou ter caído, literalmente, em um dos truques mais velhos da história. Lady Grendel tinha se limitado a fazer-se de morta, e ele, que tinha se metido em brigas desde que usava fraldas, tinha baixado a guarda.

Agora desejava tê-la deixado cair e que ela quebrasse essa teimosa cabeça-dura. Talvez isso tivesse compensado minimamente todo o sarcasmo que teve que suportar durante os dias seguintes.

Aonde fosse, não havia companheiro que resistisse a tentação de exercitar sua limitada imaginação com ele.

Quando levou Trent ao Fives Court do St. Martin's Street, por exemplo, alguém teve que perguntar por que Vere não tinha ido com a senhorita Grenville para usá-la como sparring, e todos os aspirantes a pugilistas do local haviam rolado de rir.

Aonde fosse, sempre havia algum idiota que queria saber onde seria o combate seguinte, ou se a mandíbula de sua excelência estava curada e podia comer coisas brandas, ou se acreditava que a avó de fulano ou beltrano seria rival

para ele.

Enquanto isso, todos os ilustradores de Londres rivalizavam para conseguir o retrato mais hilariante do grande combate.

Três dias depois do sucesso, Vere se encontrava frente à vitrine de uma livraria, a ponto de estalar de ira. Na vitrine havia uma enorme gravura com a seguinte legenda ao rodapé: «Lady Grendel dando uma surra no duque do A_____».

O artista o tinha retratado como uma enorme besta com a careta lasciva de um vilão de opereta, que tentava agarrar a Medusa, retratada como uma delicada rapariga. Sobre a caricatura da cabeça do duque se lia o seguinte balão: «Vá, preciosa, não ouviste falar do direito de pernada? Agora sou duque, não foi informada?»

A senhorita Grenville o ameaçava com os punhos e seu balão dizia: «Já vou dar o direito, e também o esquerdo.»

O medíocre trocadilho com «direito» e «esquerdo», explicou a Trent, pretendia passar por engenhoso.

—Isso já tinha entendido — disse Bertie—. Mas isso que diz do direito de pernada..., eu acreditava que eram dois soberanos. Não lhe ofereceu uma libra pela garota?

Com os dentes apertados, Vere explicou que o direito de pernada era o direito do suserano a deflorar às mulheres de seus vassalos na noite de bodas.

O rosto quadrado de Trent avermelhou.

—OH, vá, isso não é nada divertido. Virgens... e recém casados, além disso. — Fez gesto de entrar na livraria, sem dúvida com a intenção de pôr as coisas em seus lugares com seu inimitável estilo, mas Vere o reteve.

— É só um desenho — disse—. Uma brincadeira, Trent, isso é tudo.

Recordando o dito: «Olhos que não vêem, coração que não sente», obrigou a seu paladino a dar volta e se dispôs a cruzar a rua.

Mas teve que voltar e puxar Bertie para impedir que atropelasse o veículo que se precipitava sobre eles.

—Que me crucifiquem! —exclamou Trent, voltando a subir à calçada aos tropeções—. Falando do rei de Roma.

Era ela, a causa das incessantes brincadeiras desgraciosas e as caricaturas sem criatividade.

Quando a senhorita Boadicea⁴ Grenville passou por eles como uma exalação, saudou-os com o estilo dos cocheiros, tocando o chapéu com a ponta do chicote, e lhes dedicando um sorriso fanfarrão.

⁴ Conhecida como “A Rainha Guerreira”, lutou contra os romanos a frente da tribo dos Ícenos, onde atualmente é Norfolk, no século I A.C.

Se fosse um homem, Vere teria ido atrás do cabriolé, a teria arrastado do veículo e o teria feito engolir esse sorriso de suficiência. Mas a senhorita Grenville não era um homem, e Vere não teve mais remédio que ficar olhando, com uma fúria, até que o cabriolé virou à esquina instantes depois. A mulher desapareceu, mas sua lembrança continuou perigosamente viva na mente de Vere.

Capítulo 3

O humor do duque de Ainswood talvez tivesse melhorado se soubesse o quão perto esteve Lydia de chocar-se contra a loja da esquina em lugar de contorná-la.

Tinha reagido a tempo, mas por um fio de cabelo e evitando o tombo com muita dificuldade.

Para não mencionar que quase esteve a ponto de atropelar os dois homens.

Tudo se devia a que o cérebro de Lydia se bloqueou ao reconhecer a alta figura do duque, até o ponto de não saber onde estava nem o que fazia.

Durou só uns segundos, mas foram muito compridos. E não chegou a recuperar-se completamente. Embora tenha conseguido impostar uma fria saudação, tinha a horrível suspeita de que seu sorriso tinha sido muito amplo e... bom, estúpido, para não fazer rodeios. Um sorriso estúpido e panaca, pensou zangada, o jogo com as idiotas pulsações de seu coração. Como se fosse uma tola de treze anos em lugar de uma endurecida mulher de vinte e oito.

Não deixou de recriminar-se durante o resto do trajeto até ao cárcere de Bridewell.

Entretanto, quando entrou na fortaleza do sofrimento, deixou atrás suas inquietações pessoais.

Dirigiu-se à sala de circulação. Ali retinham durante uma semana os indigentes que afirmavam ter sua residência em outros lugares da Inglaterra, antes de enviá-los de volta a seus lugares de origem, posto que imperava a filosofia de que a caridade começa por casa.

Frente à porta havia uma fileira de compartimentos baixos e estreitos, cheios de palha. A porta e a chaminé interrompiam a fileira similar que havia também desse lado. Havia umas vinte mulheres, algumas com meninos.

Algumas tinham chegado a Londres procurando abrir-se caminho; outras já tinham a vida arruinada antes de chegar à cidade, fugindo da desgraça; e algumas tinham fugido dos problemas habituais: dor, pobreza, brutalidade.

Lydia descreveria o lugar a seus leitores com seu estilo de sempre. Esboçaria em palavras singelas e claras o que via, e contaria a história daquelas mulheres da mesma maneira, sem lição de moral nem sentimentalismo.

Não era isto a única coisa que Lydia fazia, mas não acreditava que seu público

tivesse direito ou seja que repartia ocultamente moedas de meia coroa entre as mulheres às quais entrevistava, que escrevia as cartas que lhe pediam, ou que mais tarde falava em seu favor com certas pessoas.

E embora lady Grenville do Argus se sentisse frustrada por não poder fazer mais, e embora lhe encolhesse o coração ao escutar aquelas mulheres, tampouco permitia que tais emoções se vissem refletidas em seus artigos, pois a ninguém incumbiam mais que a ela.

A última entrevista fez a uma recém chegada, uma garota de quinze anos que embalava um bebê muito fraco e esquelético para chorar sequer como os outros. O menino jazia inerte nos braços de sua mãe e de vez em quando deixava escapar um cansado gemido.

—Tem que deixar que a ajude — disse Lydia—. Se souber quem é o pai, Mary, diga-me e eu irei falar com ele por você.

Mary se balançava sem parar sobre seu sujo montão de palha, com os lábios apertados.

—Assombraria-se saber de pais que se mostram dispostos a ajudar — insistiu Lydia. «depois que eu me tenha ocupado deles», poderia ter acrescentado.

—Às vezes os pais ficam — repôs a garota—. Jemmy é tudo que tenho. — Deixou de balançar-se e lançou a Lydia um olhar afligido—. Tem você algum?

—Algum filho? Não.

—Está com um homem?

—Não.

—Alguma vez gostou de algum?

—Não. —«Mentirosa, mentirosa, mentirosa», disse o diabo interior de Lydia, zombando dela—. Sim — se corrigiu, soltando uma breve gargalhada.

—Eu também achava que se sim que se não — disse Mary—. Dizia a mim mesma que era uma boa garota e que não valia a pena pensar nele, que estava muito acima de mim, e que os de sua classe não se casam com camponesas. Mas tudo isso estava em minha cabeça, e na realidade o desejava de verdade. Assim terminou sendo que sim, e aqui está a prova. E você pensará que não posso cuidar dele como é devido, e isso é certo. —Tremeu-lhe o lábio inferior—. De acordo, mas não tem que falar por mim nem escrever por mim. Tome.

Pôs o bebê nos braços de Lydia, que em troca lhe entregou o lápis e o caderno com gesto rígido.

Lydia via meninos todos os dias, pois era a única mercadoria da qual os pobres de Londres dispunham em abundância. Tinha sustentado outros meninos em seus braços antes, mas nenhum tão pequeno como aquele, nenhum tão absolutamente necessitado.

Olhou seu rosto redondo. O bebê não era bonito, nem forte, nem estava

limpo, e Lydia sentiu vontade de chorar por ele e pelo curto e desventurado futuro que o aguardava, e por sua mãe, que estava na miséria e ela mesma era pouco mais que uma menina.

Mas os olhos de Lydia permaneceram secos, e se sentia o coração aflito por aquela e outras causas, guardava bem de prestar atenção a tão fúteis desejos. Não era uma juvenzinha de quinze anos. Era bastante amadurecida para deixar que seu cérebro governasse seus atos, embora não pudesse governar de todo seu coração.

De modo que se limitou a balançar brandamente o bebê tal como fazia sua mãe, e a esperar enquanto Mary percorria lentamente o papel com o lápis. Quando finalmente Mary terminou a breve nota que tanto esforço lhe havia custado escrever, Lydia devolveu Jemmy com uma leve pontada de pesar.

Mas inclusive um pesar tão leve era indesculpável, disse a si mesma com tom de recriminação, enquanto abandonava o lúgubre recinto de Bridewell.

A vida não era um conto romântico. Na vida real, Londres ocupava o lugar do palácio de seus românticos sonhos juvenis. As mulheres esquecidas pela sociedade eram suas irmãs e, junto com seus filhos, formavam a única família que precisava.

Não podia ser sua fada madrinha nem curar todas as suas aflições, mas podia fazer por elas o que tinha sido impossível fazer por sua mãe e sua irmã: Falar por elas. Suas vozes se ouviam através das páginas do Argus.

Era sua vocação, recordou a si mesma. E Deus lhe tinha dado valor, força e inteligência para levá-la a cabo.

Não tinha nascido para converter-se em brinquedo de nenhum homem. E certamente não pensava arriscar o fruto de todo seu trabalho simplesmente porque um inculto príncipe azul tivesse acelerado os batimentos de seu indisciplinado coração.

Três noites depois que esteve a ponto de atropelar Vere e o Bertie, lady Grendel tratou de romper a crista de Adolphus Crenshaw na porta do clube Crockford do St. James's Street.

Dentro do clube, Vere e Bertie se uniram à multidão que se amontoava na janela no momento em que Lydia agarrava Crenshaw pelo laço do pescoço e o lançava contra um poste de luz num empurrão.

Com a desalentadora sensação de reviver uma cena passada, Vere saiu do clube apressadamente, avançou para Lydia e a agarrou pela cintura com firmeza. Sobressaltada, Lydia soltou o laço de Crenshaw e Vere a levantou do chão e a levou longe de Crenshaw, que ofegava, tentando recuperar o fôlego.

Lydia provou de novo com o truque da cotovelada no estômago, mas Vere conseguiu esquivá-lo sem soltá-la. Não estava preparado para receber a sapatada que Lydia lhe deu no peito do pé, embora deveria tê-lo previsto, mas tampouco então a soltou, apesar de que a dor lhe subiu pela perna.

Segurou os braços de Lydia e a arrastou, afastando-a da entrada do Crockford.

Lydia não deixou de lutar em todo o tempo, e Vere teve que resistir a forte tentação de jogá-la no meio-fio para que o carro de aluguel que se aproximava deles fizesse um favor a Londres esmagando-a sob suas rodas. Vere se limitou a pará-lo.

Quando o carro se deteve diante deles, Vere disse a Lydia:

—Pode subir por si mesma, ou eu a jogo dentro. Você escolhe.

Lydia balbuciou algo que soou a um sinônimo de rectum⁵, mas quando Vere abriu a portinhola do carro, apressou-se a meter-se nele. Uma lástima, porque não teria se importado o mínimo de animá-la com uma palmada no traseiro.

—Onde vive? —perguntou, quando Lydia se deixou cair no assento.

—Em Bedlam, onde mais?

Vere subiu no carro de um salto e a sacudiu com força.

—Onde vive? Maldita seja.

Lydia mencionou outras partes do corpo de Vere com intenção ofensiva antes de admitir a contra gosto que tinha sua casa em Frith Street, no Soho.

Vere deu a direção ao chofer, e depois se acomodou no assento ao lado de Lydia, deixando-a abandonada.

Depois de passar boa parte do trajeto em irado silêncio, Lydia deixou escapar um bufo de impaciência.

—Pequena animação armou — disse.

—Animação, eu? —repetiu ele, atônito—. Você era a que...

—Não ia machucar Crenshaw — disse ela—. Só tentava obrigá-lo a me escutar. Primeiro tinha que conseguir que me desse atenção.

Vere ficou olhando-a um momento com total incredulidade.

—Não havia necessidade de fazer uma cena — prosseguiu ela—, e nada menos no St. James. Mas suponho que não vale a pena esbanjar saliva com você. Todo mundo sabe que adora dar espetáculos. Durante o último ano ao menos, não tem feito mais que armar briga de uma ponta a outra da Inglaterra. Cedo ou tarde tinha que voltar para Londres trazendo consigo sua particular idéia do caos. Mesmo assim, não acreditava que fosse tão logo. Só passaram três meses desde a triste fama de sua corrida de carruagens.

⁵ Refere-se ao ato de soltar gases

—Já sei o que pretende... — começou a dizer Vere, conseguindo ao fim articular uma palavra.

—Não tem a menor idéia — disse ela—. Mas não lhe interessa conhecer as circunstâncias de uma situação antes de entrometer-se nela. Tira você suas absurdas e precipitadas conclusões e se lança de cabeça. É a segunda vez que se interpõe em meu caminho, causando complicações e atrasos desnecessários.

Vere sabia o que pretendia Lydia. A melhor defesa era um bom ataque; ele mesmo utilizava freqüentemente essa tática, e não ia permitir que ela a usasse para que o despistasse.

—Deixe que lhe explique uma coisa, senhorita cavalheiro Jackson Grenville — disse—. Não pode ir por Londres a suas largas atacando a qualquer tipo que cruze seu caminho. Por agora teve sorte, mas um destes dias vai tropeçar com alguém que lhe devolverá os golpes.

—Talvez — interrompeu ela com tom altivo—. Mas não vejo o que isso pode importar a você.

—Importa-me — replicou ele com os dentes apertados—, quando vejo um amigo em apuros que precisa de minha ajuda. E dado que...

—Eu não sou um de seus amigos e não precisava ajuda.

- Crenshaw é meu amigo —proseguiu ele obstinadamente— e é muito cavalheiro para lhe devolver os golpes...

—Mas não o bastante para resistir seduzir e abandonar uma moça de quinze anos.

O bombardeio pegou Vere despreparado, mas se recuperou rapidamente.

—Não me diga que essa garota pela qual estive a ponto de provocar distúrbios na rua afirma que Crenshaw lhe arruinou a vida — disse—, porque sei a ciência certa que não é seu tipo.

—Não, é muito velha — disse a Medusa—. Uma anciã de dezenove anos, nada menos. Enquanto que Crenshaw gosta das camponesas gordinhas de quatorze e quinze anos.

A senhora Insolência tirou um pedaço de papel enrugado de seu bolso e o estendeu.

Vere o pegou com grande inquietação, alisou-o e o leu.

Com a letra grande e redonda de uma menina, a nota informava a Crenshaw que tinha um filho de dois meses que na ocasião residia com sua mãe, Mary Bartles, em Bridewell.

—A garota está na sala de circulação — disse a Medusa—. Vi o bebê. Jemmy se parece muito com o pai.

—E suponho que disse a Crenshaw diante de seus amigos.

—Dei-lhe a nota — respondeu ela—. Ela a leu fez uma bola com ela e a atirou

ao chão. Faz três dias que tento falar com ele. Mas cada vez que fui vê-lo em sua residência, um criado me disse que o senhor Crenshaw não se encontrava em casa. Enviarão Mary de volta, certamente à casa em que trabalhava, dentro de uns dias. Se Crenshaw não a ajudar, o bebê morrerá e provavelmente Mary morrerá de pena com ele.

A formidável mulher dragão desviou o olhar para a janela.

—Disse-me que o bebê era tudo o que tinha. E aí estava seu pai, dirigindo-se ao Crockford para esbanjar seu dinheiro em jogos de cartas e jogo de dados, quando seu filho está débil e doente, sem ninguém para cuidá-lo mais que uma mãe que é apenas uma menina. Pequenos amigos têm, Ainswood.

Embora Vere considerasse muito pouco elegante que um homem de quase trinta anos se dedicasse a seduzir jovens camponesas ignorantes, e acreditava que a reação de seu amigo ao ver a triste nota da desamparada moça era indesculpável, não estava disposto a admiti-lo diante daquela mulher que se havia autoproclamando defensora da moral pública.

—me deixe que lhe explique uma coisa — disse—. A melhor maneira de conseguir algo de um homem não é lançando a cabeça dele contra um poste.

Lydia virou a cabeça para olhá-lo com indiferença.

E ele se perguntou que maligno poder tinha criado um monstro tão extraordinariamente belo.

Havia dito que a penumbra da carruagem atenuaria o impacto de seu formoso rosto, mas as sombras não faziam mais que criar uma atmosfera de intimidade, impedindo que pudesse observá-la com certa distância. Tinha-a visto em seus sonhos, mas os sonhos não eram perigosos. Só tinha que erguer a mão para tocar a sedosa pureza de seu rosto. Só tinha que aproximar sua boca a dela, vermelha e carnuda.

Se o impulso de tocá-la e saborear seus beijos tivesse sido menos intenso, teria se deixado levar por ele, como estava acostumado a fazer em tais casos. Mas havia sentido já aquela poderosa atração na Vinegar Yard e não queria voltar a ficar em evidência.

—Só tinha que sorrir — disse—, e agitar as pestanas e lhe pôr os seios diante do rosto, e teria tido Crenshaw comendo em sua mão.

Ela o olhou sem pestanejar durante uns segundos eternos. Depois, de um bolso escondido entre as dobras de sua grossa saia negra, tirou um pequeno caderno e um lápis curto.

—Será melhor que eu anote — disse—. Não quero esquecer nenhuma só sílaba de seus muito valiosos conselhos. —Lydia abriu o velho caderno e lambeu a ponta do lápis com grande cerimônia. Depois inclinou a cabeça e escreveu—. Sorrir — disse—. Agitar as pestanas. O que era o outro?

—Os seios — disse ele, inclinando-se para ler o que tinha escrito—. Em plural. Tem que ficar diante do nariz.

Precisamente tinha os seios de Lydia diante do nariz e a escassos centímetros de seus inquietos dedos.

Lydia anotou suas instruções com uma ridícula aparência de intensa concentração: os olhos semicerrados, a ponta de sua rosada língua aparecendo entre os dentes.

—Será mais efetivo se usar decote — acrescentou ele—. Do contrário, qualquer homem poderia pensar que tenta esconder alguma deformidade.

Vere se perguntava se ela seria consciente da incrível tentação que supunha aquela larga fileira de botões, ou se saberia que o corte masculino de suas roupas não fazia mais que acentuar as formas femininas que tão rigidamente envolviam. Perguntava-se que malvada bruxa teria criado seu perfume, uma mescla demoníaca que cheirava a fumaça e a açucenas, e a algo mais cujo nome não conhecia.

Vere baixou ainda mais a cabeça.

Ela o olhou esboçando apenas um sorriso.

—Direi o que faremos — disse—. Por que não agarra você o lápis e o caderno e anota todas as fantasias de sua própria mão? Assim terei uma lembrança destes momentos tão deliciosos. A menos, claro, que prefira respirar no meu pescoço.

Vere se ergueu muito lentamente para não parecer desconcertado.

—Também precisa de aulas de anatomia — disse —. Estava respirando em sua orelha. Se quiser que respire no seu pescoço, não deveria usar tantos botões.

—O que eu quero é que respire em Madagascar — disse ela.

—Se a incomoda tanto — disse ele—, por que não me bate?

Lydia fechou o caderno.

—Agora o entendo — disse—. Todo esse ânimo no St. James's Street se devia a que estava pegando outro, e quer que pegue somente a você.

A Vere se aceleraram ainda mais os batimentos do coração, mas, fazendo pouco caso, lançou a Lydia um olhar compassivo.

—Pobrezinha. Pegou uma febre cerebral de tanto escrever.

Para imenso alívio de Vere, a carruagem se deteve.

Abriu a portinhola e ajudou Lydia a apear com a maior amabilidade e sem abandonar sua expressão compassiva.

—Durma um pouco, senhorita Grenville, rogo — disse com tom solícito—. Deixe que repouse seu aflito cérebro. E se não tiver recuperado a razão pela manhã, não esqueça de chamar o médico.

Antes que Lydia pudesse pensar em uma resposta, Vere lhe deu um ligeiro empurrãozinho para a porta de sua casa.

Depois disse ao cocheiro: «Ao Crockford» e rapidamente voltou a subir no carro de pronto. Ao fechar a portinhola, viu que Lydia se virava para olhá-lo e lhe dedicava um sorriso petulante antes de dirigir-se a cinza entrada de sua casa, meneando os quadris.

Lydia tinha um talento natural para a mímica que lhe permitia imitar facilmente a personalidade e os gestos de outras pessoas. Segundo Ste e Effie, tinha-o herdado de seu pai. Ao que parece tinha fracassado como ator porque, para triunfar no teatro, não bastava ter a habilidade de ser bonito, teria que trabalhar duro, e ele só se empenhava em beber, jogar e sair com putas.

Lydia tinha dado melhor uso a seu talento inato. Ajudava-lhe a transladar ao papel com vívida precisão a personalidade da pessoa sobre a qual escrevia.

Também a ajudava a desenvolver rapidamente certo grau de camaradagem com seus colegas masculinos. Sua imitação do discurso de lorde Linglay na Câmara dos Lordes lhe tinha suposto o convite para participar das noites de farra das quartas-feiras de seus colegas escritores na taberna A Coruja Azul. Finalmente, as reuniões semanais tinham chegado a ser consideradas incompletas se Grenville não estivesse ali para fazer uma de suas hilariantes imitações.

Aquela noite, Lydia divertiu Tamsin (cujo novo nome, Thomasina Price, evitava em particular) com uma gráfica representação do encontro que acabava de ter com o Ainswood.

O público habitual de Lydia estava acostumado achar-se nas últimas etapas da embriaguez, mas Tamsin ria com tanta vontade como seus colegas, apesar de estar sóbria.

Ao menos a garota se divertia, pensou Lydia, saudando com reverências. Também ela deveria achar divertido, mas não conseguia manter seu habitual desapego. Era como se sua alma se convertesse em uma casa em que, de repente, tivessem começado a sair coisas repulsivas do vigamento de madeira.

Sentindo-se inquieta e perplexa, dirigiu-se à penteadeira, sentou-se e começou a tirar os grampos do cabelo.

Tamsin a observou durante uns minutos.

—Os homens são criaturas muito estranhas — disse finalmente—. E começo a pensar que o duque de Ainswood é o mais estranhos de todos. Não consigo compreender o que pretende.

—É uma dessas pessoas que não suportam a paz e a tranqüilidade — disse Lydia—. Se não houver animação, tem que provocá-la. Não faz outra coisa que procurar briga, inclusive com seus melhores amigos. Eu acreditava que sua fama de briguento era exagerada, mas vi com meus próprios olhos. É uma perturbação.

Não lhe bastava simplesmente me colocar no carro de ponto e me enviar para casa, por exemplo. Tinha que me acostrar durante todo o trajeto. Não me surpreende que Dain o golpeasse faz um tempo. Ainswood acabaria com a paciência de um santo.

—Não sabia que lorde Dain fora um santo — disse Tamsin, soltando uma risada—. Pelo que ouvi dizer, o duque e ele são iguais.

—Pode ser, mas Ainswood não teria que ir procurar briga em sua noite de bodas. —Lydia se olhou no espelho com o cenho franzido—. Esse bruto ao menos poderia ter tido em conta os sentimentos de lady Dain.

Lydia não sabia por que continuava tão indignada pelo ocorrido em Amesbury.

Dain não era nada mais que um parente muito longínquo. A mãe de Lydia procedia de um modesto ramo secundária dos Ballister, e a família tinha deixado de reconhecer sua existência no momento em que se casou com John Grenville. Por isso sabia Lydia, não havia ser vivente que estivesse a par de sua relação com os Ballister, e estava resolvida que continuasse sendo assim. O problema era que ela não conseguia deixar de preocupar-se com Dain, apesar de que, tal como dizia Tamsin, não tinha nada que invejar a Ainswood.

Lydia esteve na porta da igreja de St. George, em Hanover Square, no dia das bodas de Dain. Tinha ido cobrir a notícia, igual ao resto de seus colegas jornalistas, mas ao sair Dain da igreja com um brilho nos olhos negros que não tinha nada de satânico, enquanto sua esposa contemplava encantada seu semblante moreno e severo... Bom, o certo era que Lydia esteve a ponto de chorar, em público e em meio de uma multidão de colegas, nada menos.

Era absurdo, mas sentia um nostálgico afeto por ele desde aquele dia, e o que era ainda mais ridículo, a necessidade de protegê-lo.

Encolerizou-se com Ainswood ao inteirar-se de que tinha arruinado a noite de bodas de Dain com sua estúpida briga, e sua ira persistia do modo mais irracional.

—Mas o duque estava muito bêbado, não? —disse Tamsin, interrompendo seus pensamentos.

—Se podia manter-se em pé e pronunciar frases coerentes — disse Lydia—, não estava tão bêbado como a gente quer acreditar. Não tem idéia do que podem chegar a agüentar bebendo esse tipo de homens, sobre tudo os ordinários corpulentos como Ainswood. —semicerrou os olhos—. Só fingia estar completamente bêbado. Igual finge ser estúpido.

—Sim, isso é o que me parece tão estranho — disse Tamsin—. Não é que tenha dificuldades para expressar-se. Obviamente, requer uma viva inteligência para sustentar um combate verbal contigo, Lydia. Se tivesse sido um estúpido,

estou certa de que teria lhe fechado a boca facilmente na carruagem. Mas... — Fez uma pausa e franziu o cenho—. Bom, é difícil dizer quem ganhou quem na imaginação desta noite.

—foi um empate. —Lydia agarrou a escova e a passou pelo cabelo furiosamente—. Ele disse a última palavra, mas só porque me deu um empurrão antes que eu pudesse replicar. E o empurrão foi tão infantil que depois mal podia conter a expressão séria, e muito menos dizer algo sem me por a rir.

—OH, mas o que faz! —exclamou Tamsin—. Vais arrancar as mechas de cabelo e deixar marcas na pele. —Enquanto falava, aproximou-se da penteadeira—. Deixa que eu o faça.

—Não é minha criada.

—Se está zangada com o duque, não deveria pagar com seu couro cabeludo — disse Tamsin, agarrando a escova da sua mão.

—deixou que Crenshaw escapasse — disse Lydia com os dentes apertados—. E agora o porco desaparecerá do mapa e Mary Bartles terá que voltar para seu povo, onde a tratarão como uma perdida. Não é como as demais...

—Sei, já me disse isso — assinalou Tamsin.

—Não está acostumada a ser maltratada — prosseguiu Lydia iradamente, a pesar do relaxante escovar de Tamsin—. Os homens são desprezíveis. Crenshaw se sairá com a sua sem fazer absolutamente nada pela pobre garota.

—Talvez o duque fale com ele — sugeriu Tamsin.

Lydia afastou a cabeça com uma sacudida.

—E que demônios importa a ele? — exclamou—. Já contei o que disse depois de ler a nota de Mary. Não fez mais que me lançar sarcasmos.

—Talvez seu orgulho não permitia...

—Sei tudo sobre seu orgulho masculino. — Lydia se levantou, foi até a lareira e voltou—. Esta noite viu a oportunidade de ajustar as contas pelo que aconteceu em Vinegar Yard. Certamente agora estará bebendo champanha para celebrar sua grande vitória sobre lady Grendel. A única coisa que lhe interessava era demonstrar a seus amigos que não sou muito grande para ele, me levantando do chão e me levando em vôos como se não pesasse nada. Não deixei de lutar até que me colocou no carro de ponto e nem sequer lhe faltava o fôlego, maldito seja.

E seu estúpido coração se derreteu, junto com o cérebro, porque era um homem grande e forte. Deus, tinha vontade de vomitar. Era incrível que tivesse metido aquelas ridículas idéias na cabeça.

—Depois, quando tiver esvaziado a adega do Crockford e deixado vários milhares de libras nas mesas de jogo — continuou dizendo indignada—, abandonará o clube cambaleando para meter-se em algum bordel de luxo do mesmo bairro.

E rodearia a uma rameira com seus fortes braços e a beijaria no pescoço e...
«O que importa isso a você», disse-se Lydia.

—Esquecerá que existo, apesar de eu ser um grande aborrecimento — seguiu destrambelhando, sem deixar de passear de um lado a outro—, e certamente esquecerá também a nota de uma garota que certamente acredita que procurou a ruína sozinha. Como se a pobre menina tivesse a menor idéia de que os homens podem ser tão traiçoeiros.

—Certamente é muito injusto que se castigue à mulher e que se admire o homem por sua virilidade — disse Tamsin—. Mas desta vez não deixaremos que a castiguem. Sei que tem que assistir a uma pesquisa judicial amanhã, mas eu posso ir a Bridewell...

Lydia não deixou que continuasse.

—Nem pensar.

—Levarei Susan. Só tem que me dizer como tirar Mary e a seu bebê. Se tiver que pagar uma multa, desconta isso do salário.

Tamsin se aproximou, agarrou a uma desconcertada Lydia pelo braço e a conduziu de volta a penteadeira.

—Podem compartilhar meu quarto até que achemos onde acomodá-los adequadamente. Mas o principal é tirá-los dali. O prazo acabará na quinta-feira, não? E amanhã é quarta-feira. —Puxou Lydia para obrigá-la a sentar-se—. Diga-me o que devo fazer e eu me encarregarei de tudo amanhã. Onde tem um caderno?

—Vá, está se saindo uma mandona — disse Lydia. Mas colocou a mão no bolso obedientemente... e bastante alegre por sua docilidade diante de uma jovem que avultava a metade que ela e era quase dez anos mais jovem.

Lydia encontrou o caderno no bolso, mas não o lápis. Devia ter caído no carro de ponto.

—Há um lápis na gaveta da mesa de cabeceira — disse a Tamsin, que rapidamente foi buscá-lo.

Lydia o agarrou e depois devolveu a Tamsin um firme olhar.

—Está certa, querida?

—Conseguí chegar a Londres da outra ponta da Inglaterra sozinha — disse Tamsin—. E aqui me meti em uma confusão só porque não via nada. Desta vez prometo não tirar os óculos para nada. E levarei Susan como guarda-costas. E me alegrará muito —acrescentou com seriedade— poder fazer algo útil.

Em seis dias se fez evidente que Tamsin gostava de ser útil. Também tinha demonstrado que não era nenhuma tola.

Uma lástima, pensou Lydia, enquanto começava a escrever, que não pudesse dizer o mesmo dela.

Na quarta-feira pela manhã cedo, um carro de ponto abandonava a prisão de Bridewell levando Adolphus Crenshaw, Mary Bardes e seu bebê, Jemmy.

Bertie Trent deveria haver ido ao mesmo tempo em que eles, mas tinha sumido em um estado de abstração que naquele momento o levava a murmurar:

—Carlos II não, embora tenha algo que ver com ele, mas o que? Essa é a questão.

Um breve chiado feminino o devolveu à realidade. Bertie ergueu a cabeça e viu um enorme mastim negro que vinha em cima dele, seguido por uma mulher miúda com óculos.

A mulher tratava de frear o cão com o mesmo êxito que tentasse frear uma corrida de elefantes, pensou Bertie. Já que a mulher com muita dificuldade conseguia manter-se em pé, decidiu ajudá-la. Agarrou o cão pelo colar, e imediatamente o animal se virou para ele, grunhindo e mostrando os dentes.

Bertie lhe lançou um olhar de recriminação.

—Há, o que fiz para que me queira arrancar a cabeça? Ainda não tomaste o café da manhã?

—Grrrrrrrrr — disse o cão, e retrocedeu para a mulher.

Bertie soltou o colar com cautela.

—Ah, é isso, né? Bom, pois não vou machucá-la. Só queria ajudá-la porque não conhece sua própria força e está puxando muito dela, moça.

O mastim deixou de grunhir para olhá-lo receosamente.

Bertie a olhou da mesma maneira e aproximou a mão enluvada. O cão a farejou, grunhiu um pouco mais e se sentou.

Bertie olhou à sobressaltada moça por cima da enorme cabeça canina. Depois dos diminutos óculos posados sobre um nariz não menos diminuto, viu uns grandes olhos castanhos.

—OH, vá, era você a que estava outro dia em Vinegar Yard, não é? — exclamou Bertie—. Mas então não usava óculos. Espero que a jovem alta não tenha provocado nenhum acidente depois e ferido sua vista.

A jovem o olhou fixamente uns instantes.

—Tenho a vista curta — disse—. Não usava os... er... não os usava porque tinham quebrado. A senhorita Grenville teve a amabilidade de fazer que consertassem isso. —Tamsin fez uma pausa—. Ao que parece você estava ali quando ela me resgatou. Seu rosto me parecia familiar, mas não estava certa. Sem os óculos, vejo tudo impreciso.

—Assim sendo a acolheu — disse Bertie, e assentiu para indicar que aprovava—. Bem, falando do rei de Roma. Precisamente estava pensando nela. Vi-

a ontem à noite e me recordou alguém, embora não me vem à cabeça quem. Não faço mais que pensar em Carlos II, mas não sei por que.

—Carlos II? —A jovem o olhou com fixidez.

—Não o Carlos que decapitaram, e sim o seguinte, o do incêndio de Londres. A jovem continuou olhando-o.

—Ah, o rei Carlos II — disse por fim—. Talvez seja porque a senhorita Grenville tem uma aparência majestosa.

O cão soltou um bufo.

Bertie o acariciou distraidamente.

—chama Susan — disse a jovem.

Bertie recordou então suas maneiras e se apresentou. Soube então que a jovem era a senhorita Thomasina Price, e que se converteu em dama de companhia da senhorita Grenville.

Depois das apresentações, a jovem voltou um olhar ansioso para o edifício que se erguia atrás de Bertie, e franziu o cenho.

—Não é muito acolhedor, não é? —disse.

—Não é o lugar mais alegre que conheço —disse Bertie.

Mas devia ser menos alegre ainda para a garota com a qual Crenshaw tinha tido um filho, e assim tinha exposto Bertie ao próprio Crenshaw na noite da véspera.

Depois que Ainswood se afastou com a senhorita Grenville, Bertie tinha levado Crenshaw a uma taberna para beber, «porque ver-se acossado daquela forma por uma mulher poria nervoso a qualquer um», havia dito Bertie.

Achando nele um ouvinte pormenorizado, Crenshaw tinha desabafado. Entretanto, ao final Bertie tinha assinalado que os fatos não mentiam, por desagradáveis que fossem, e o fato era que o tinham acusado de gerar um bastardo e devia averiguar se era certo, não?

De modo que, na manhã seguinte, Bertie o tinha acompanhado a Bridewell, onde se tinha feito evidente que Crenshaw era culpado. Depois de muitas choramingações, finalmente Crenshaw tinha aceitado encarregar-se de Mary e de Jemmy. E isso era tudo.

Embora a muitos custasse acreditar, Bertie sabia somar dois e dois. Ali estava a senhorita Price, companheira da senhorita Grenville, que tinha preparado uma emboscada a Crenshaw na noite anterior para lhe falar de Mary Bartles. E ali estava Bridewell, atrás dele, onde tinham recolhido Mary.

—Não terá vindo para tirar uma jovem e a seu filho da sala de circulação por acaso? —perguntou—. Porque se era por eles pelo que estava tão zangada ontem à noite a senhorita Grenville, pode lhe dizer que Crenshaw veio e os levou. Eu estava com ele e não faz nem um quarto de hora que partiram os três e... Por

Júpiter, o que faz acordado a estas horas?

A jovem se virou para onde olhava Bertie. O duque de Ainswood se levantou, certamente, apesar de que não tinha voltado para casa até o amanhecer, segundo Jaynes, e, além disso, bêbado como um gambá.

O que explicaria, pensou Bertie, por que o duque parecia ter um humor de cão.

Apesar de que Vere demorou um pouco em situar à garota, o mastim negro o reconheceu imediatamente. Por ele teria dado meia volta para ir-se na direção contrária, porque a Medusa devia andar perto, se ali estava seu cão. Entretanto, o animal olhava Vere fixamente, mostrando os dentes e emitindo um rouco grunhido. Se Vere fosse embora naquele momento, daria a impressão de que tinha se assustado.

De modo que avançou olhando friamente o cão. Susan tinha uns músculos magníficos sob a reluzente pelagem negra, e era maior que o normal para uma fêmea.

—Já se vê que não era a menor da ninhada— disse—. E que personalidade tão encantadora tem.

Susan puxou a correia que a segurava. Trent a agarrou de novo pelo colar.

O cão grunhiu com força.

—Tão agradável como sua proprietária — prosseguiu Vere, sem dar atenção a seus hostis grunhidos—. Que por certo não deveria deixar a sua mascote a cargo de uma menina que obviamente não pode dominá-la. Mas é típico da irresponsável conduta da senhorita Grenville...

—Senhorita Price, este é Ainswood — interrompeu Bertie—. Ainswood, a senhorita Price. E esta que tenta me arrancar o braço é Susan. Linda manhã, não é? Senhorita Price, por que não lhe busco um carro e volta para contar à senhorita Grenville a boa notícia?

Trent arrastou a mastim. A senhorita Price fez uma rápida reverência e foi atrás dele. Pouco depois, o jovem e o cão se achavam dentro de um carro de ponto.

Então Trent voltou e olhou Vere de cima abaixo.

—por que não vamos procurar um pêlo do cão que o mordeu? Não é que tenha muito bom aspecto esta manhã, Ainswood, se não se importar que o diga.

—Já tenho Jaynes para me dizer que aspecto tenho, obrigado. —Vere pôs-se a andar—. Se não tivesse passado a noite no Crockford esperando-os, não teria me visto obrigado a beber um balde de champanha ruim e ouvir como um montão de imbecis me chamavam Beowulf.

O certo era que Vere esteve esperando Crenshaw para terminar o trabalho iniciado pela amazona.

«Deve sustentar seus bastardos», era o mandamento com os quais os Mallory substituíam os de não desejar à mulher do próximo e não cometer adultério. Inclusive Dain, que não era um Mallory, não tinha consciência, e vivia inteiramente segundo suas próprias regras, sustentava seus filhos ilegítimos.

Ao ser entregue a nota de Mary, Crenshaw deveria ter inchado o peito e ter dito: «Vá, parece que volto a ser pai outra vez. Muito obrigado pela informação, senhorita Grenville. Irei a Bridewell recolhê-los amanhã a primeira hora».

Então a senhorita Atila o Huno Grenville teria partido, rebolando seu arrogante traseiro, e Vere não teria tido que vê-la e muito menos embarçar-se com ela, nem teria tido que ouvir seus sarcasmos nem manter as mãos quietas durante todo o insuportável trajeto até a casa do dragão.

Mas Crenshaw não tinha feito o que devia, nem tinha aparecido no Crockford para que lhe desse uma boa surra, e todas as garrafas de champanha que Vere bebeu não tinham bastado para afogar sua exasperação.

E agora, se por acaso já não tivesse que suportar bastante e não sentisse que lhe estalavam canhoneiros na cabeça por haver-se levantado uma hora infernalmente inoportuna, a senhorita Guia e Luz da Civilização se inteiraria de que tinha ido a Bridewell e não teria a menor dificuldade em adivinhar o por que. E pensaria ela que tinha ganhado. Outra vez.

—Deveria haver pedido a algum dos moços que lhe dissessem que não me esperasse — disse Trent, desculpando-se—. Mas não pensava que fosse voltar, já que parecia ter um modo mais agradável de passar a noite.

Vere se deteve em seco para olhá-lo.

—Um modo mais agradável? Com lady Grendel? Perdeu o juízo?

Trent deu de ombros.

—Pensava que era condenadamente atraente.

Vere reatou a marcha. Só Bertie Trent, pensou, imaginaria que o duque de Ainswood foi com o dragão de olhos azuis com o propósito de ter com ela uma aventura, idéia que nem sequer tinha cruzado pela mente dos homens com os quais Vere tinha passado a noite. Eles pensaram, e com razão, que seria tão absurdo como ir para cama com um crocodilo.

Só podia ser uma perversa brincadeira dos poderes malignos que regiam sua vida que o dragão possuísse um corpo esbelto e sedutor em lugar do corpo contrafeito, escamoso e murcho que teria complementado perfeitamente sua personalidade.

Tais eram seus pensamentos enquanto esgotava uma garrafa atrás da outra na noite anterior, e o que dizia a si mesmo quando, uma vez em casa, viu-se

incapaz de dormir.

O mesmo que se havia dito pela manhã ao ver o mastim e notar que se aceleravam os batimentos do coração, e inclusive quando se dispunha a dar meia volta para evitar o encontro com sua proprietária.

E também o mesmo acabava de pensar ao descobrir que o dragão não se achava ali por perto, e notar no peito um humilhante sentimento de decepção.

Voltou a repetir-se uma vez mais, pois aqueles inquietantes sentimentos persistiam... sob o bolso de seu colete... onde guardava o lápis que ela tinha esquecido na noite anterior.

Capítulo 4

Entrar na Coruja Azul naquela fria e úmida noite foi como descer aos infernos.

Vere estava acostumado a tabernas e estalagens cheias de homens ruidosos e bêbados. Entretanto, não eram mais que seres humanos normais.

A Coruja Azul estava cheia de escritores, e o estrondo de suas vozes ultrapassava tudo que tinha experimentado até então.

O mesmo podia dizer da fumaça, que enchia a taberna como a densa névoa que chegava do Tâmis. Todos os clientes tinham um charuto ou um cachimbo na boca.

Ao passar do balcão à sala, Vere quase esperava encontrar-se com o crepitar das chamas e ao velho Pedro Sapateiro altivo sobre seus pés rachados no meio da fumaça.

Mas as formas que viu eram indubitavelmente mortais. Sob a luz de um abajur, que a fumaça transformava num horrível tom cinzento, um par de homens jovens e magros gritava ao ouvido.

Mais à frente havia uma porta aberta, pela qual escapavam de vez em quando nuvens de fumaça, junto com grandes gargalhadas.

Quando Vere se aproximou da porta, o clamor se transformou em risadas menos estridentes, e por cima do estrépito, Vere ouviu alguém que gritava: «Outra! Outra!» E mais vozes se uniram à primeira.

Quando transpassou a soleira, Vere viu uns trinta homens apinhados em umas poucas mesas, a maioria ajeitados em cadeiras e bancos, e uns poucos apoiados de qualquer maneira nas paredes. Embora a fumaça fosse ainda mais densa, viu-a com toda claridade. Estava diante da grande lareira, e a luz do fogo recortava nitidamente a silhueta de seu severo traje negro.

Até então, Vere não tinha reparado na teatralidade de sua vestimenta, que se fez evidente então com toda sua força. Talvez fosse pela fumaça e por aquele ruído ensurdecador. Talvez fosse por seus cabelos. Tirou o chapéu e, sem ele,

parecia perturbadoramente desprotegida, nua. Seus espessos cabelos eram de um tom dourado e o coque que os recolhia na branca nuca estava afrouxando. O descuidado penteado suavizava suas formosas feições fazendo-a parecer mais jovem, quase uma moça.

Isso, do pescoço para cima.

Do pescoço para baixo, viu o espetacular contraste de sua negra armadura com a fileira de botões partindo severamente da cintura até o queixo, disposta a derrotar e destruir qualquer invasor.

Vere tinha desabotoado aqueles botões uma e outra vez, noite após noite, em seus sonhos.

Perguntou-se quantos dos presente imaginariam o mesmo.

Todos, é obvio, já que todos eram homens.

Ela era a única mulher, e ali estava, exibindo-se diante de uma chusma de escritorzinhos de mente suja, que a imaginavam nua e em todas as posições luxuriosas conhecidas pela espécie humana.

Vere a observou aproximando-se de um bêbado e inclinando-se para lhe falar, enquanto o tipo tinha o olhar cravado em seu sutiã.

Vere apertou os punhos.

Depois ela se afastou e Vere viu que tinha uma garrafa de vinho em uma mão e um charuto na outra. Só tinha dado uns passos, quando Vere se deu conta de que estava ébria. Dirigiu-se cambaleando para um grupo de homens que havia a sua esquerda e dedicou um lascivo sorriso de bêbado a um deles.

—Boa estatura, sim, mas não dá a altura — disse, e sua voz se ouviu facilmente a pesar do alvoroço—. Eu diria que mede um metro setenta e algo e pesa uns sessenta quilos nua. E pagaria cinqüenta guineus por vê-la assim, por certo.

Vere demorou uns instantes em lembrar as palavras, e depois uns instantes mais em reconhecer a voz, que não era a dela. E demorou ainda um pouco mais em dar crédito ao que ouvia, porque o público estalou em gargalhadas.

Acabava de ouvir suas próprias palavras... em Vinegar Yard.

Mas essa não podia ser... sua própria voz?

—Cinqüenta? —gritou alguém—. Não sabia que soubesse contar, excelência.

Ela pôs o charuto no canto da boca e levou uma mão à orelha.

—É um camundongo o que ouço? Ou acaso... Valha-Me o céu, sim que o é. É o pequeno Joey Purvis. E eu que pensava que continuava no manicômio.

Era inquietante ouvir a voz de Vere, rouca e afetada pela bebedeira, saindo de sua preciosa boca. E também imitava seus gestos. Era como se a alma de Vere se introduzisse no corpo da mulher.

Vere ficou paralisado, com o olhar cravado nela, sem dar ouvidos as risadas

da concorrência.

Ela tirou o charuto da boca e assinalou com ele ao homem que a tinha interrompido.

—Assim quer saber se sei contar, né? Bem, pois vêem aqui, jovem, e a ensinarei como conto seus dentes enquanto os recolhe do chão. Ou prefere que a segure a cabeça sob o braço enquanto a pego com a outra mão, meu inocente jovem?

Esta vez houve poucas risadas.

Vere afastou os olhos dela para olhar o resto dos presente.

Todos haviam virado a cabeça para a soleira da porta, onde ele permanecia.

Quando voltou a olhá-la, os azuis olhos de sua imitadora pousaram nele. Sem dar a menor amostra de desconforto, levou a garrafa aos lábios e bebeu. Em seguida baixou a garrafa e, depois de limpar boca com o dorso da mão, saudou-o com uma leve inclinação de cabeça.

—Excelência — disse.

Fazendo um esforço, Vere sorriu. Depois ergueu as mãos e aplaudiu. O silêncio se fez ainda mais profundo na sala, até que só se ouviram seu firme aplauso.

Ela voltou a meter o charuto entre os dentes, tirou um imaginário chapéu e lhe dedicou uma exagerada reverência.

Por um momento, Vere esqueceu onde estava, desviada sua atenção por uma lembrança. Era algo muito familiar, mas muito longínquo no tempo. Tinha aquilo visto antes, ou o tinha experimentado.

Entretanto, a sensação se desvaneceu rapidamente.

—Bem feito, querida — disse com frieza—. Muito divertido.

—Nem a metade de divertido que é o original — replicou ela, olhando-o de cima a baixo com insolência.

Fazendo pouco caso do calor que lhe tinha produzido sua audaz inspeção, Vere se pôs a rir e se aproximou dela em meio de uns poucos aplausos. Enquanto abria caminho entre a multidão, viu como se endurecia a expressão no formoso semblante e a cruel boca se curvava em um leve indício de sorriso.

Não era a primeira vez que via aquela expressão friamente zombadora, mas desta vez não acreditou. Talvez fosse pela fumaça e a luz mortíça, mas lhe pareceu ver uma sombra de vacilação em seus olhos.

E de novo reconheceu à menina que havia no interior daquele formoso monstro. E sentiu desejos de agarrá-la nos braços e levá-la daquele lugar infernal, longe daqueles porcos bêbados com seus olhos ávidos e seus pensamentos lascivos. Se tinha que zombar dele e ridicularizá-lo, pensou, que o fizesse somente diante dele mesmo.

«... quer que pegue somente a você.»

Vere sacudiu da memória aquelas irritantes palavras, junto com a absurda apreensão que despertavam, igual que as ouvir pela primeira vez.

—Só tenho uma pequena crítica a fazer — disse, detendo-se a uns passos dela.

Ela arqueou uma sobrancelha.

Vere ouviu o murmúrio de vozes a seu redor. Uma tosse aqui, um arrote lá. Entretanto, não cabia a menor duvida de que todos o escutavam com avidez. Eram jornalistas, afinal.

—O charuto — prosseguiu, olhando com o cenho franzido o charuto que descansava entre os largos dedos femininos, um pouco manchados de tinta—. Esse charuto não vale.

—Não me diga! —Ela o olhou também com o cenho franzido, imitando a expressão de Vere—. Mas se é um Trichinopoli.

Vere tirou uma magra piteira de prata de um bolso interior de sua jaqueta. Abriu-a e a mostrou a ela.

—Como pode ver, os meus são mais largos e finos. A cor do tabaco indica uma qualidade excelente. Apanhe um, rogo.

Ela o olhou de esguelha, depois deu de ombros, atirou seu charuto ao fogo e apanhou um dos que ele oferecia. Depois o fez rodar entre os dedos e o cheirou.

Sua atuação não carecia de têmpera, mas Vere estava bem perto dela para ver o que outros não viam: o leve rubor, apenas discernível, que tingia suas maçãs do rosto, e sua respiração acelerada.

Não, não tinha um domínio completo sobre si mesma, como fazia acreditar aos outros. Não era tão dura, cínica e insolentemente segura de si mesmo como parecia.

Vere sentiu a forte tentação de aproximar-se mais para descobrir se o rubor se fazia mais intenso. O problema estava em que tinha captado seu perfume e, como tinha descoberto na noite anterior, aquele perfume era uma armadilha para homens.

De modo que se virou e se dirigiu ao resto dos presente, alguns dos quais tinham recuperado a fala e a empregavam nas típicas ocorrências provocantes sobre o charuto.

—Peço-lhes mil desculpas pela interrupção, cavalheiros — disse Vere—. Continuem, por favor. Bebida correm por minha conta.

Sem um só olhar para trás, como se já tivesse se esquecido dela, Vere se foi por onde tinha vindo.

Apresentou-se naquela taberna do inferno, em Fleet Street, com a intenção de apagar qualquer impressão errônea que ela pudesse haver feito a respeito de

sua presença em Bridewell pela manhã.

Tinha planejado lhe devolver o lápis, convertendo-o em um grande espetáculo diante de um público de escritoreszinhos intrometidos, ao mesmo tempo em que dava a entender, mediante as adequadas insinuações, que o lápis não era a única coisa que tinha perdido dentro do carro de ponto.

Quando tivesse acabado, não caberia a menor dúvida de que Vere era o libertino detestável, presunçoso e sem escrúpulos que todo mundo acreditava acertadamente que era. Umas poucas indiretas mais bastariam para convencer de que acabava de sair de algum bordel da vizinhança ao tropeçar com o Trent e a senhorita Price, e que se esqueceu por completo de que existia uma tal Mary Bards.

Em conseqüência, era logicamente impossível que tivesse ido a Bridewell com o fim de liberá-la e enviá-la depois ao administrador de seus bens para que arrumasse sua saída de Londres e a acomodasse do melhor modo possível, e assim ele não teria que voltar a ouvir falar dela, nem pensar nela ou em seu maldito bebê doente.

Se tinha realizado alguma boa ação, Vere teria deixado claro que Bertie Trent tinha sido o único responsável.

O plano era bom, sobre tudo tendo em conta que o tinha idealizado enquanto se encontrava praticamente às portas da morte, graças à porcaria que faziam passar por champanha no Crockford, e a um total de uns vinte e dois minutos de sono.

Mas Vere tinha esquecido aquele plano tão bom nada mais ao deter-se na soleira da porta e ver a menina que havia dentro do dragão de cabelos dourados.

E agora, ao recordar seu leve rubor e sua respiração agitada, abandonou o plano definitivamente.

Equivocou-se com ela. O dragão não era tal como queria fazer acreditar ao mundo que era. Não era totalmente imune a ele. A fortaleza não era inexpugnável. Vere tinha percebido uma fissura. E sendo um libertino detestável, presunçoso, sem escrúpulos e etcétera, etcétera, estava resolvido a introduzir-se nela, embora tivesse que desmantelar suas defesas pedra a pedra.

Ou melhor, corrigiu-se, curvando sua boca em um perigoso sorriso, botão a botão.

Blakesleigh, Bedfordshire

Na segunda-feira seguinte ao encontro de lorde Ainswood com a senhorita Grenville na Coruja Azul, lady Elizabeth Mallory e lady Emily Mallory, de dezessete e quinze anos respectivamente, liam todo o concernente a aquele encontro nas

páginas do Whisperer.

Na realidade não deveriam estar lendo aquelas páginas de fofocas escandalosas. Não as permitiam sequer ler os periódicos respeitáveis que chegavam diariamente a Blakesleigh. Seu tio, lorde Mars, tomava cada dia a incômodo de ler em voz alta as partes que considerava apropriadas para seus inocentes ouvidos. Mas os ouvidos e os olhos de lorde Mars não eram tão inocentes, posto que estivera sempre metido em política. Em particular, lia tudo, incluindo as notícias mais escandalosas.

O periódico que as jovens damas liam aquela noite à luz da lareira de seu quarto o tinham tirado da grande pilha de periódicos que havia abaixo, esperando ser recolhidos pelo trapeiro.

Como outros periódicos que tinham obtido da mesma forma em outras ocasiões, este acabaria também no fogo da lareira assim que tivessem descoberto tudo o que podiam saber sobre as aventuras de seu tutor.

Seu tutor era o sétimo duque de Ainswood, e elas eram as filhas de Charlie, as irmãs de Robin.

Naquele momento, o resplendor do fogo tingia de vermelho as cabeças de cabelos castanhos inclinadas sobre o periódico. Quando as jovens terminaram de ler o relato do encontro de seu tutor com a senhorita Grenville no Crockford e depois na Coruja Azul, olharam-se com seus olhos verde mar e a mesma expressão de perplexidade e regozijo de uma vez no semblante.

—É óbvio que aconteceu algo interessante no carro de ponto, quando a «acompanhou», saindo do Crockford — disse Emily—. Já disse que o do Vinegar Yard não era mais que o princípio. O fez cair de trazeiro. Certo que isso chamou sua atenção.

Elizabeth assentiu.

—E é óbvio que é muito bonita. Estou certa de que ele não teria tentado beijá-la se não o fosse.

—E inteligente. Oxalá tivesse visto como fez aquele truque. Entendo a parte de fingir um desmaio, e imagino o golpe de gancho, mas continuo sem compreender como conseguiu derrubá-lo.

—Já averiguaremos — disse Elizabeth com tom crédulo—. Só temos que continuar provando.

—Mas não penso provar os charutos — disse Emily, fazendo uma careta—. Ao menos os do tio John. Uma vez o fiz e pensei que não voltaria a comer nunca mais. Não sei como pôde fazer ela sem vomitar em cima do primo Vere.

—É jornalista. Pensa nos lugares sujos que tem que visitar para conseguir suas histórias. Se pode fumar charutos é porque tem o estômago forte. Se você o tivesse também, não enjoaria.

—Acredita que escreverá algo sobre o primo Vere?

Elizabeth deu de ombros.

—Teremos que esperar para saber. O próximo Argus não sai até depois de amanhã.

Entretanto, o Argus não chegaria a Blakesleigh até na quinta-feira no mínimo. E depois passaria por várias mãos, incluindo as do mordomo, antes de ir parar na pilha de periódicos velhos.

Assim, teriam que esperar uma semana ao menos para poder lê-lo. Seu tio não lhes lia nunca nada do Argus, nem se quer o relato de ficção A rosa de Tebas. O tio John considerava que a mulher-macho de sua heroína, para dizer de maneira suave, podia ter uma desafortunada influência sobre as sugestionáveis mentes das jovens damas.

Seu horror teria sido grande se tivesse dado conta de que as filhas do irmão de sua mulher se identificavam com a Miranda da ficção. Também era muito melhor que não soubesse que para elas o malvado Diabo era o herói da história, pois lorde Mars teria tirado imediatamente a conclusão de que a pena tinha transtornado a mente de suas sobrinhas e teria mandado chamar um médico.

Mas Elizabeth e Emily tinham aprendido a viver com a pena desde pequenas. Tinham sofrido com cada perda, e também se enfureceram, porque seu pai lhes havia dito que era natural sentir raiva.

Com o tempo, a raiva cedia e a dor se convertia em uma pena suportável. À ocasião, dois anos depois de perder a seu amado pai e quase dezoito meses depois da morte do irmão ao qual adoravam, voltavam a sentir o gosto pela vida.

O mundo já não era de um uniforme tom negro. Continuavam experimentando momentos sombrios, é óbvio, mas também brilhava o sol para elas. E um dos raios de sol mais brilhantes era seu tutor, cujas ações eram uma fonte inacabável de emoções indiretas para sua aborrecida e insípida existência no Blakesleigh.

—Apostaria algo que a metade das cartas que tia Dorothea recebe de seus amigos falam dele — disse Elizabeth, depois de um comprido suspiro a conta da longa espera.

—Duvido muito que saibam mais que o Whisperer. A elas todas as intrigas chegam de segunda mão. Ou terceira. —Emily olhou sua irmã—. Não estou certa de que papai aprovasse que bisbilhotássemos na correspondência da tia Dorothea. Não deveríamos fazê-lo.

—Eu não estou certa de que aprovasse que ninguém nos diga nada sobre nosso tutor — disse Elizabeth—. É uma falta de respeito para papai, que o nomeou nosso tutor, não acredita? Recorda que nos lia as cartas de seus amigos e dizia: «Escutem o que tem feito esta vez o pilantra de seu primo Vere.»

—Um autêntico «demônio» — disse Emily com um sorriso—. «Um autêntico demônio Mallory, igual a seu avô e seus irmãos.»

—«O último da antiga raça» — acrescentou Elizabeth, citando seu pai—. «Vere, como em veritas.»

—E «Aylwin, formidável amigo». Era amigo de Robin, não é?

—E formidável. —A Elizabeth brilhavam os olhos—. Não puderam detê-lo. Impediram-nos de ver Robin quando estava morrendo, porque todos tinham medo. Mas não puderam com o primo Vere. —Agarrou a mão de sua irmã—. Foi leal ao Robin.

—E nós seremos leais a ele.

Sorriram.

Elizabeth jogou o Whisperer ao fogo.

—Bem, quanto a essas cartas... — disse.

—Não tão apertado — espetou Lydia—. Já é bastante difícil mover-se com isto, para que também me impeça de respirar.

Referia-se a uma espécie de espartilho engenhosamente desenhado para transformar uma figura feminina em masculina.

A pessoa a que Lydia se dirigia era Helena Martin.

Nos velhos tempos, quando Lydia e ela brincavam juntas nos subúrbios de Londres, Helena tinha desenvolvido uma bem-sucedida carreira como ladra. Agora era uma cortesã com maior êxito ainda. Sua amizade tinha sobrevivido aos anos de separação, assim como às diferentes mudanças vocacionais.

Encontravam-se no elegante closet da luxuosa residência de Helena em Kensington.

—Tem que estar apertado — replicou Helena—, a menos que queira que seus seios vão em uma direção enquanto o resto de seu corpo vai em outra. — Deu um puxão brutal e definitivo no laço e depois se afastou.

Lydia se olhou no espelho. Graças ao artefato, tinha o peito de um pombo. Seguindo a última moda, muitos homens ficavam cheios no peito e nos ombros e afinavam a cintura com espartilhos. Exceto Ainswood. Seu robusto torso não tinha nada de artificial.

Pela milésima vez naquela semana do encontro na Coruja Azul, Lydia teve que afastar a imagem de Ainswood de sua cabeça.

Afastou-se do espelho para vestir-se. Uma vez colocado o artefato, o resto do traje masculino ficava como uma luva.

Helena o tinha usado a alguns meses em um baile de fantasias e tinha enganado todo mundo. Graças a uns poucos acertos, posto que Helena era mais baixa, Lydia esperava ter o mesmo êxito, embora não era a um baile a fantasias

aonde pensava ir.

Seu destino era o Jerrimer, um casebre de jogo em um beco tranqüilo próximo a St. James's Street. Havia- dito ao Macgowan que queria escrever um artigo sobre o local, do tipo que tanto gostava às mulheres: o ponto de vista feminino sobre um mundo ao qual normalmente tinham o acesso proibido, ao menos as mulheres respeitáveis.

Entretanto, não era essa a única razão do artigo, nem tampouco a razão pela qual Lydia tinha escolhido o Jerrimer precisamente.

Tinha ouvido rumores de que no local também se traficava com artigos roubados. Já que nenhum de seus informantes tinha conseguido informação alguma sobre o paradeiro dos pertences de Tamsin nos receptadores habituais, tinha decidido provar a sorte em outra parte.

Tamsin não concordava.

—Já perdeste o tempo duas semanas procurando minhas jóias — disse a Lydia antes de sair de casa—. Tem coisas muito mais importantes a fazer, por pessoas que realmente precisam de ajuda. Quando penso em Mary Bardes, envergonho-me das lágrimas que derramei por um montão de pedras e metais.

Lydia a tinha assegurado que seu principal objetivo era conseguir material para o artigo sobre casas de jogos. Se por acaso conseguisse também algum indício sobre as jóias, melhor, mas não se implicaria a fundo no assunto.

Claro que dificilmente poderia «aplicar-se a fundo», se tinha que ir apertada naquele rígido espartilho, pensou Lydia, virando-se para olhar-se por trás no espelho.

—Meterá-se em uma boa confusão se alguém descobrir que não é um homem — disse Helena.

Lydia foi para a penteadeira.

—Só é uma casa de jogo — disse—. Aos clientes não interessa nada mais que os naipes, os jogos de dados ou a roleta. E os donos e empregados não fazem mais que vigiar o dinheiro. —Do saco de cosméticos, frascos de perfume e jóias, Lydia extraiu o charuto que lhe tinha dado Ainswood e o meteu em um bolso interior. Ao levantar os olhos, surpreendeu a expressão preocupada de Helena—. Corria muito mais perigo quando entrevistava as prostitutas em Ratcliffe Highway, e não se preocupou tanto.

—Isso foi antes que começasse a se comportar de uma maneira tão estranha. —Helena se aproximou da cômoda, onde a criada tinha deixado uma bandeja com brandy e dois copos—. Até recentemente, dominava melhor seu temperamento. E se mostrava mais diplomática com os que se atreviam a te contradizer. —Ergueu a licoreira e serviu o brandy—. Sua briga com Crenshaw, por outro lado, lembra a outra briga que teve com um pivete da rua porque insultou Sarah e a fez chorar.

Então tinha oito anos.

Lydia se aproximou um pouco para apanhar o copo que lhe estendia Helena.

—Talvez minha reação com Crenshaw fosse um pouco exagerada.

—O desejo reprimido pode fazer que alguém reaja exageradamente — disse Helena com um leve sorriso—. Faz umas semanas que eu mesma estou muito irritável. Acostuma me acontecer entre um amante e outro.

—Admito que o código penal reprima meus desejos de assassinar a certas pessoas.

—Referia-me ao desejo sexual, como bem sabe — disse Helena—. O instinto de acasalar, e de reproduzir-se.

Lydia bebeu, olhando sua amiga por cima do copo.

—Ainswood é muito atraente — prosseguiu Helena—. Tem cérebro, além de músculos. Para não mencionar seu sorriso, que poderia fazer as rosas florescerem em um inverno ártico. O problema está em que também é desses libertinos que despreza às mulheres. Nós só lhe servimos para uma coisa, e uma vez usadas, carecemos de valor. Se tiver despertado em você a idéia de se desviar do atalho da virtude, Lyddy, recomendo que se desvie com um substituto. Poderia ser Sellowby, por exemplo. Não despreza às mulheres e certamente o tem fascinado. Bastaria com que fizesse um gesto com o dedo mindinho.

Que Lydia soubesse, não havia puta em Londres que alcançasse o alto preço de Helena, e por uma muito boa razão. Sabia avaliar um homem em um instante e responder em consonância, convertendo-se na mulher de seus sonhos. Seus conselhos não podiam ser ignorados.

Entretanto, Lydia não podia aceitar sua sugestão, porque sabia exatamente o motivo da «fascinação» de lorde Sellowby.

O maior fofoqueiro de Londres tinha reparado em Lydia entre o enxame de jornalistas acampados frente à igreja de St. George o dia das bodas de Dain. Dias mais tarde, Sellowby tinha falado a Helena sobre uma mulher que «parecia saída da ancestral galeria de retratos de Athcourt». Athcourt, em Devon, era o lar do marquês de Dain. Desde então Lydia evitava Sellowby. Se conseguisse vê-la de perto, talvez decidisse dirigir suas pesquisas a Athcourt para desenterrar o segredo que o orgulho de Lydia exigia que permanecesse enterrado.

—Sellowby é impossível — disse Lydia a sua amiga—. Um fofoqueiro da alta sociedade e um jornalista estão destinados a serem rivais. Em qualquer caso, não é o momento adequado para que inicie uma relação com um homem. Os escândalos ajudam a vender revistas, mas a pouca influência que posso ter sobre a opinião pública se desvaneceria se soubesse que eu caí.

—Então, possivelmente deveria buscar outro trabalho — assinalou Helena—. Já não é uma juvenzinha, e seria uma lástima...

—Sim, carinho, já sei que quer me ajudar, mas não poderíamos falar de tudo isto em outro momento? —Lydia ergueu seu copo—. Já é tarde, e tenho que voltar para Londres.

Lydia colocou o chapéu, olhou-se no espelho uma última vez, apanhou a bengala e se dirigiu à porta.

—Estarei esperando — disse Helena—. Assim volta aqui e não...

—É obvio que voltarei. —Lydia abriu a porta—. Não quero que os vizinhos vejam um desconhecido entrando em minha casa de madrugada. Nem tampouco quero que a senhorita Price ou as criadas me ajudem a tirar este horrível espartilho. Esse duvidoso prazer será todo teu. Espero que tenha um gorro de dormir para mim.

—Tome cuidado, Lyddy.

—Sim, sim. —Lydia deu meia volta e lhe dedicou um sorriso de galo de briga—. Por todos os diabos, moça. Não vais deixar de me agoniar com seus melindres?

E abandonou a casa com passo arrogante, ouvindo a risada intranquã de Helena a suas costas.

Aquela quarta-feira, a reunião de jornalistas falsos da Coruja Azul foi muito aborrecida, pois Grenville não foi à entrevista.

Joe Purvis sim se encontrava ali, depois de ter falado em particular com Vere antes de entrar no salão privado.

Vere deveria ter necessitado mais de um copo de genebra para que Joe lhe afrouxasse a língua com respeito ao paradeiro de sua colega feminina. Mas o ilustrador do Argus já estava bastante bêbado, o que exacerbava ainda mais seu orgulho ferido.

Em primeiro lugar, queixou-se a Vere de que os colegas se haviam aficionado a chamá-lo «Voz de apito», desde que Grenville tinha fingido tomar sua voz pelo chiado de um camundongo. Em segundo lugar, Grenville tinha conseguido fazer-se com um suculento encargo só para ela.

—Eu deveria estar no Jerrimer com ela — grunhiu Joe—, posto que será o artigo de fundo do próximo número e tenho que fazer a ilustração para a capa. Mas sua majestade diz que não há casa de jogo em Londres onde não se conheça minha cara, e que eu jogaria tudo a perder. Como se a alguém fosse escapar a presença de uma mulher como ela em um casebre minúsculo como esse.

Pois, apesar do pequeno que era o Jerrimer, Vere esteve a ponto de passar por cima dela.

Foi o charuto o que a delatou.

Do contrário, teria passado junto a aquele jovem sem olhá-lo, reparando tão só que se vestia como os jovens empregados de escritório com aspirações a dandis, e que parecia ir bem na roleta. Mas quando passou por trás dele a Vere chegou o aroma do charuto e parou em seco.

Só havia um comerciante em Londres que vendesse aqueles charutos em particular. Como Vere tinha assinalado à senhorita Atriz, os charutos eram inusualmente finos e largos. Também poderia ter dito que o tabaco era de uma mescla especial e que estava reservado exclusivamente para ele. Em certas reuniões sociais, em meio de um seletto grupo de homens que sabiam apreciá-los, Vere os compartilhava gostosamente.

Fazia meses que não ia a uma reunião parecida. E Joe Purvis lhe havia dito que ela estaria no Jerrimer.

Reprimindo um sorriso, Vere se aproximou do jovem.

O jogo da roleta causava furor na Inglaterra da época.

Certamente era muito popular no Jerrimer, tal como descobriu Lydia. A sala da roleta estava abarrotada de pessoas, e nem todas se lavaram recentemente. Mesmo assim, a atmosfera na prisão de Marshalsea era ainda mais pestilenta, como o de muitos outros lugares que tinha conhecido, e o charuto que mantinha preso entre os dentes dissimulava os piores aromas. Mastigá-lo ajudava também a aliviar a frustração que a corroía por dentro, enquanto fingia observar a roleta.

Embora diante dela tivesse um montão de fichas, que ia crescendo, não podia comparar-se com a bota de cano longo que se exibia do outro lado da mesa.

Ali se encontrava Coralie Brees.

Rubis em forma de lágrimas penduravam de suas orelhas. Um colar de rubis rodeava sua garganta, conjunto com o bracelete do pulso.

O conjunto concordava perfeitamente com a descrição e o desenho de Tamsin.

Na pequena sala não cabia nem um alfinete. Em meio as cotoveladas e empurrões da multidão, madame Brees dificilmente notaria os escassos e hábeis movimentos necessários para despojá-la dos objetos roubados.

O problema era que esses movimentos em particular não se encontravam entre as habilidades de Lydia, mas sim de Helena, que continuava em Kensington, a vários quilômetros dali.

No repertório de Lydia cabia perfeitamente a possibilidade de jogar a alcoviteira no chão e arrancar as jóias com violência de seu repugnante corpo, mas sabia muito bem que não era o lugar nem o momento para usar tais métodos.

Ainda que não usasse um espartilho, que obstruía muito seus movimentos, podia enumerar várias razões excelentes para exercer o autocontrole: local escuro e abarrotado; nenhum aliado em potencial; muitos adversários potenciais, sobretudo se a desmascarassem, o que sem dúvida ocorreria em meio a uma briga; e o fato em si de que se a desmascarassem, o que no melhor dos casos podia levar a humilhação pública, e no pior, a feridas graves ou possivelmente mortais.

Sim, encolerizava-a ver a alcoviteira mais infame de Londres luzindo as jóias de Tamsin. Sim, exasperava-a pensar na pobre garota e em sua tia, e no que representavam as jóias para ela.

Mas não, Lydia não ia deixar se levar de novo por seu temperamento. Certamente, não ia permitir que o «desejo reprimido» por um homem que desprezava às mulheres, ou seja Ainswood, convertesse-a numa menina temperamental de oito anos.

Separando-se de sua mente a imagem do duque, Lydia fez um esforço para concentrar-se com calma e frieza no problema que se apresentava.

A roleta parou no vinte e um, vermelho.

Impávido, o crupier empurrou os lucros de Lydia para ela. Naquele mesmo momento, Lydia ouviu a voz estridente de Coralie soltando uma réstia de xingamentos.

A alcoviteira estava a uma hora perdendo dinheiro e finalmente se afastou da mesa da roleta.

Se tinha ficado sem dinheiro, talvez decidisse vender as jóias, como faziam tantos outros com seus pertences, pensou Lydia, que já tinha descoberto onde se faziam tais transações.

Rapidamente contou suas fichas. Duzentas libras. Não era muito para clubes como o Crockford, por exemplo, onde se perdiam milhares de libras em alguns minutos, mas talvez bastasse para comprar o conjunto de rubis de uma alcoviteira com a febre do jogo.

Lydia tentou abrir caminho entre a multidão.

Resolvida a não perder de vista sua presa, escapou de uma rameira ruiva que antes já tinha tentado atrair sua atenção, e afastou com uma cotovelada um ladrão de carteira. Mas com a pressa por cortar a distância que a separava de Coralie, não reparou na bota que se interpunha em seu caminho, e tropeçou nela.

Uma mão a agarrou pelo braço, levantando-a com uma sacudida. Era uma mão grande, com a força de um torno.

Lydia ergueu o olhar... para uns brilhantes olhos verdes.

Vere se perguntou o que faltava para conseguir que Grenville perdesse a

compostura.

A Medusa só pestanejou uma vez, e em seguida tirou o charuto da boca.

—Ah, é você, Ainswood? Não nos víamos há séculos. Como vai essa gota? Ainda o incomoda?

Vere tinha divisado Coralie Brees (e o par de robustos guarda-costas que a acompanhavam), por isso não se atreveu a desmascarar à senhorita Sarah Siddons⁶ Grenville ali dentro.

Ela o seguiu normalmente quando Vere se apressou a tirá-la do local de jogo. Mas inclusive na rua, continuou segurando-a com força pelo braço e entrou na St. James's Street em direção a Piccadilly.

Ela caminhava a seu lado com ar arrogante, segurando o charuto («seu» charuto, pensou Vere) entre os dentes brancos, e balançando a bengala com a mão livre.

—Isto está se convertendo em um costume, Ainswood — disse Lydia—. Sempre que tenho a situação controlada, aparece você para estragar tudo. Tinha uma rajada de boa sorte, se por acaso não se deu conta. Além disso, estava trabalhando. Já que o trabalho assalariado não entra em seu leque de experiências, deixe que lhe explique alguns princípios básicos da economia. Se os escritores de revistas não cumprem com o trabalho que lhes atribui, não há artigos para a fortuna das revistas. E se não houver artigos, os clientes não as compram porque, verá, que quando pagam por uma revista, esperam que haja algo escrito nela. E quando os clientes não pagam, os escritores não nos pagam tampouco. —Ergueu os olhos para Vere—. Vou muito depressa?

—Tinha deixado de jogar à roleta antes que eu a detivesse - disse ele—, porque tinha decidido lançar-se a outro jogo. Enquanto você observava a alcoviteira, eu observava você. Vi antes esse olhar, e sei o que anuncia: o caos.

Enquanto ele falava, ela dava chupadas no charuto com expressão impassível, com todo o ar do jovem janota que aparentava com o traje. Vere teve que reprimir o impulso irracional de tornar a rir.

—me deixe que assinale algo no que não reparou ao que parece — continuou dizendo—. A alcoviteira ia escoltada por um par de valentões. Se você a tivesse seguido até a rua, esses dois animais a teriam arrastado até o beco mais próximo e escuro e a teriam talhado em pedacinhos.

Tinham chegado a Piccadilly.

Lydia atirou a ponta do charuto.

—refere-se a Josiah e ao Bill, suponho — disse—. Pois já me dirá como poderia alguém passar por cima desse par de gárgulas, a menos que seja cego.

⁶ Sarah Siddons (Gales, 1755-Londres, 1831) foi uma das maiores atrizes trágicas de sua época. O protagonista faz alusão de seu talento teatral com Lidia, por isso lhe dá esse nome.

—Sua vista não é muito confiável. Ignorou a mim. —Fez gestos a um carro de ponto que abandonava o bebedouro rua abaixo.

—Suponho que terá chamado o carro para você — disse ela—. Porque eu tenho um trabalho a terminar.

—Pois terá que terminá-lo em outro lugar que não seja o Jerrimer — disse ele—, porque não vai voltar ali. Se eu a descobri, outros poderiam fazê-lo. Se, como suspeita, realizam-se atividades ilegais ali dentro, os que as fazem se assegurarão de que Grenville, do Argus, não termine sua tarefa, e que não se volte a ouvir falar dela nunca mais.

—Como sabe que investigava atividades ilegais? — perguntou ela—. Supunha-se que era um segredo.

O carro de ponto se deteve diante deles. Não era um dos novos cabriolés compactos do senhor David Davies, e sim um grande veículo que obviamente tinha servido como carro para algum cavalheiro do século anterior. O chofer ia sentado a frente, não atrás, como nos carros mais modernos. Na parte posterior havia uma estreita plataforma em que deviam ter viajado de pé um par de lacaios, sem dúvida já mortos e enterrados.

—Aonde, cavalheiros? —perguntou o chofer.

—Soho Square — disse Vere.

—Está você louco? — exclamou ela—. Não posso entrar assim em minha casa.

—por que não? —disse ele, olhando-a dos pés à cabeça—. Assustará a seu carinhoso mascote?

—A Campden Place, Kensington — disse ela ao chofer. Largou a mão de Vere e acrescentou baixando a voz—: Já me convenceu. Não vou voltar para o Jerrimer. Se você me descobriu, qualquer imbecil poderia me descobrir também.

—Mas você vive no Soho — disse Vere.

—Minha roupa está em Kensington — disse ela—. E meu carro.

—Cavalheiros? —chamou-lhes o chofer—. Se não vão subir...

Lydia se dirigiu ao veículo a grandes passadas, abriu a portinhola de um puxão e subiu. Antes que pudesse fechá-la, Vere a segurou pela maçaneta.

—Faz séculos que não visito Kensington — disse—. Pergunto-me se o ar do campo iria bem para a gota.

—Kensington é muito úmido nesta época do ano — disse ela com tom seco e cortante—. Se quiser mudar de clima, prove o deserto do Gobi.

—Pensando melhor, possivelmente seja melhor que visite um bonito e quente bordel — disse Vere, fechou a portinhola de repente e se afastou.

Capítulo 5

Quando o carro de ponto atravessava o caminho do Hyde Park, Lydia já era consciente de que ela mesma era a principal culpada de suas tribulações.

Na Coruja Azul, na quarta-feira da semana anterior, tinha visto nada mais que Ainswood entrar pela porta. Naturalmente seu orgulho não tinha permitido interromper sua pantomima naquele momento. Embora só fosse metade Ballister por nascimento, era-o plenamente por natureza. Simplesmente era impossível abandonar sua atuação ou sentir-se morta de calor só porque um duque bobo a estivesse olhando.

Mesmo assim, ao menos deveria haver resistido ao malévolo impulso de zombar dele e ter escolhido outro objetivo. Já que tinha continuado pedindo guerra e não a tinha encontrado, deveria ter compreendido que teria guerra cedo ou tarde. Também Ainswood fazia sua pantomima, fingindo tomar-lhe a brincadeira porque não queria que todos aqueles homens acreditassem que uma simples mulher o podia tirar do sério.

Mas o certo era que Lydia o tinha conseguido, e certamente o duque tinha voltado para A Coruja Azul àquela mesma noite para ajustar as contas de algum modo. Ali, alguém que tinha assistido à última reunião do Argus devia ter soltado a língua por culpa da bebida, ou de um suborno, e tinha contado a Ainswood onde ela estava. E sua excelência tinha ido ao Jerrimer simplesmente para a impedir de levar a cabo seus planos. Que estivessem relacionados com seu trabalho, não importava. Logo, depois de haver estragado tudo, tinha continuado com sua alegre e depravada vida.

E assim, graças a seu próprio comportamento infantil (e ao ressentimento dele), tinha perdido a oportunidade de recuperar os rubis de Tamsin.

Enquanto isso, Ainswood estaria felicitando a si mesmo por ter posto lady Grendel em seu lugar. Certamente o transformaria em uma divertida anedota para entreter à companhia no bordel.

Certamente ainda estaria rindo enquanto rodeava com seus fortes braços uma rameira voluptuosa e lhe mordiscava o pescoço e...

«Não me importa», disse a si mesma.

E talvez a sua parte mais sensata e racional dava realmente importância o que Ainswood fizesse com outras mulheres, e pensava que era muito melhor que tivesse ido.

Entretanto, o demônio que levava dentro de si não dava importância absolutamente, porque essa parte de si mesma era igualmente selvagem, malvada e desavergonhada que ele.

E essa parte dela, naquele momento, a fazia sentir desejos de descer do carro de ponto para ir em sua busca e o arrancar dos braços de uma anônima rameira.

Essa parte sua se mostrou inquieta e incomoda durante todo o trajeto até

Campden Place, não por causa das jóias de Tamsin ou o trabalho que não tinha podido terminar, mas sim pelo comentário zombador com o qual se despediu Ainswood, e o modo com o qual tinha dado com a portinhola na cara de Lydia.

Com a mente dividida entre uma série de réplicas demolidoras que desejaria soltar e as irritantes cenas que imaginava entre o Ainswood e suas borradas rameiras, Lydia demorou alguns instantes em dar-se conta de onde estava depois que o carro de aluguel parara.

Rapidamente apeou, pagou ao chofer e se encaminhou para a casa de Helena.

Então parou em seco, porque sua agitada cabeça tinha assimilado com atraso o que seus olhos tinham visto fazia uns instantes: a elegante carruagem que estava parada a uns poucos metros da grade de entrada.

Helena tinha visita.

E Lydia sabia quem era porque se propôs a lembrar aquele veículo para poder evitar seu proprietário, lorde Sellowby.

Olhou para a estrada, mas o carro de ponto no qual tinha chegado se encontrava já muito longe para voltar a chamá-lo.

Lydia soltou uma imprecação baixa.

Em seguida, depois de dar uma olhada furtiva às janelas da casa, aproximou-se tranqüilamente da carruagem de Sellowby, trocou uns comentários jocosos com o lacai, de qual obteve indicações precisas para chegar a taberna mais próxima, e se afastou sem pressa nessa direção.

Ir de pé à plataforma posterior do velho carro de ponto durante cinco quilômetros não era a forma mais cômoda de viajar. Entretanto, o que Vere tinha agora diante dos olhos compensava com acréscimo as sacudidas.

Vere tinha tido a presença de ânimo para saltar ao chão quando o carro de ponto ainda não tinha parado de tudo, e depois se escondeu entre as sombras antes que sua presa descesse. Obviamente, ela não tinha a mínima suspeita de que a tinha seguido até ali.

E Vere devia admitir que ele não tinha a mínima suspeita de que acabaria na residência da mais cara cortesã de Londres. Quando a Medusa de olhos azuis havia dito que a roupa estava em Kensington, Vere tinha suposto que se trocara em alguma estalagem, onde suas idas e vindas não chamariam a atenção. E tinha imaginado um interessante encontro no dito estabelecimento.

Mas agora estava convencido de que os acontecimentos prometiam ser ainda mais interessantes.

De seu esconderijo entre as altas sebes do jardim, viu Lydia tirando a jaqueta com grande esforço. Não havia lua cheia, mas havia suficiente luz para ver tudo.

A jaqueta era estreita, seguindo os ditames da moda, e a armadura que ela pôs para ocultar sua figura feminina obstruía seus movimentos da maneira mais cômica. Depois de um bom momento de saltitar e de retorcer-se, finalmente conseguiu desprender-se da jaqueta e a jogou no chão. Depois tirou o chapéu, a peruca e o gorro que usava debaixo, deixando descobertos os loiros cabelos esmagados.

Lydia coçou a cabeça.

Vere esperava que soltasse o cabelo, contendo a respiração. Sabia que era espesso, e devia cair pelos ombros. Qualquer um teria acreditado que era um colegial, vendo-o ali, esperando sem respirar uma coisa tão tola, como se não tivesse visto centenas de mulheres soltando o cabelo e tirando a roupa.

Ela usava ainda a camisa e as calças, mas isso não impediu que subisse a temperatura de Vere. Disse a si mesmo que aquela reação era produto de sua depravação ao ocultar-se ali entre as sombras para observá-la enquanto se despia.

Mas Lydia não tirou nenhum grampo. O que fez a seguir foi aproximar-se sigilosamente até um canto da casa, agarrar-se ao cano da calha e impulsionar-se para cima.

Vere pestanejou com incredulidade, depois correu para ela fazendo pouco caso do ruído do cascalho esmagado sob seus pés.

Sobressaltada pelo ruído, Lydia escorregou e caiu. Aterrissou na erva com um golpe surdo. Antes que pudesse levantar-se, Vere a agarrou pelos ombros e a levantou de repente.

—Que demônios acredita que está fazendo? — sussurrou Vere.

Lydia se largou de um puxão.

—E a você o que parece? — disse, esfregando o traseiro—. Maldito seja, poderia ter quebrado uma perna. O que pretende aproximando-se assim por trás? Supunha que estava em um bordel.

—menti — disse ele—. Não posso acreditar que caísse nesse velho truque. Nem sequer olhou pela janela para ver se me afastava.

Lydia não tentou ocultar sua incredulidade.

—E eu não posso acreditar que tenha vindo pendurado na parte de trás do carro todo o trajeto.

—Só foram cinco quilômetros — disse ele.

—por quê? — perguntou ela—. Do que quer desforrar-se agora?

Vere a olhou com expressão ofendida.

—Não quero me desforrar de nada. Só estava curioso.

—Sobre o que? — perguntou ela, entreabrindo os olhos.

—Como o fez. — Vere baixou o olhar para seus seios de aspecto varonil—. Não são ataduras, não é? O que fez com seus seios?

Lydia abriu a boca e a seguir a fechou. Olhou-se e depois voltou a olhá-lo.

—É um espartilho de um desenho especial — explicou entre dentes—. A parte da frente tem a forma de um torso masculino. A de atrás é exatamente igual à de um espartilho qualquer.

—Ah. Ata-se por trás.

—Sim. Não tem nada de interessante. Nada que você não tenha visto antes centenas de vezes. —Lydia se virou para voltar a encarapitar-se ao cano da calha—. Se quer ser útil, poderia me dar impulsão.

—Não posso — disse ele—. Não posso imitá-la no roubo a uma casa.

—Desde quando se converteu em defensor da lei e a ordem?

—Desde que você me fez ver que não estava servindo de exemplo de moralidade — respondeu Vere—. Estou praticando para chegar a santo.

—Então vá a outro lugar praticar. Não vou roubar nada. Só quero apanhar minha roupa.

—Se a senhorita Martin a tiver, por que não entra pela porta e a pede?

—Tem companhia — respondeu ela com tom impaciente—. Um homem. E não me esperava tão cedo. Minha roupa está no closet. A janela está aberta. — Assinalou para cima—. Só tenho que entrar e sair sem incomodar aos pombinhos.

Vere ergueu a vista para a janela e depois voltou a olhá-la.

—Está muito alto.

—Posso fazê-lo — sussurrou ela com indignação.

Vere passou o olhar pelas calças que envolviam as longas pernas torneadas de Lydia de um modo encantador.

—Eu o farei — disse—. Será mais rápido.

Depois de uns minutos de breve e furiosa disputa, o duque de Ainswood puxava Lydia pela janela do closet. Lydia não teria precisado que a puxasse a não ser pelo maldito espartilho, que a impedia de levantar-se por si mesmo do batente.

O duque deslizou os braços sob suas axilas e a levantou até o batente sem muitos olhares; depois a deixou cair no chão.

Mas Lydia não era das que se preocupavam com que a empurrassem, a puxassem ou a deixassem cair. Se tivesse precisado que a tratassem com delicadeza, não seria jornalista. Se o duque tivesse querido lhe fazer mal de verdade, teriam acontecido coisas piores. Estava zangado, isso era tudo, porque ela se negou a fazer as coisas a sua maneira.

Ele queria que o esperasse no jardim. Como se Lydia tivesse toda a noite para esperar enquanto ele andava tentando a sorte na escuridão em busca de suas

roupas, tropeçando com portas e derrubando móveis, com o qual alertaria todo mundo de que havia intrusos na casa.

Além disso, Lydia não confiava na descrição do duque. O mais provável era que lhe parecesse uma brincadeira estupenda irromper onde estava Helena com seu convidado. Lydia imaginava facilmente Ainswood entrando no dormitório tranqüilamente com um montão de roupa íntima nos braços. «Lamento a interrupção, senhorita Martin — diria—, mas poderia me dizer qual destes calções é o da senhorita Grenville?

Lydia fez uma careta que era quase um sorriso, mas, recordando quem era o convidado da Helena, recuperou-se rapidamente. Se Sellowby a visse de perto, os trapos sujos de uma família acabariam exibindo-se muito em breve para regozijo da opinião pública.

De modo que se levantou, agradecendo que o tapete fosse tão grosso. Do contrário, toda a casa teria ouvido o golpe ao cair. Encaminhou-se à porta que dava ao quarto.

—Que diabos está fazendo? — sussurrou Ainswood furiosamente—. Não sabe ficar quieta?

Sem lhe fazer caso, Lydia ficou junto à porta escutando um momento, antes de abri-la um pouco com grande cautela. Tranqüilizada, fechou-a de novo rapidamente.

—Não estão no quarto — informou ao Ainswood em voz baixa—. Estão na sala de estar.

—Que decepção para você. Se tivessem tido a amabilidade de fornicar no dormitório, teria podido espiá-los.

—Oxalá tivesse você a amabilidade de guardar silêncio — replicou ela—. Não sabe procurar coisas sem tantos ruídos e bufos?

—Não vejo nada. Fique junto à janela, maldição, para que saiba onde está. Quer que tropece em você?

—E por que não fica você junto à janela e me deixa procurar?

—Já sei que tato tem a seda, e também como cheira, maldita seja. Estive em muitos funerais.

Lydia se dirigiu à janela, onde um mortiço raio de lua formava um estreito retângulo de luz. Com seus grossos cortinados, lotado de móveis e roupas, o closet estava mergulhado em uma escuridão quase total.

Lydia depois que distinguiu a figura de Ainswood, uma forma negra e inquietantemente grande. Viu-o inclinar-se, apanhar algo e cheirá-lo.

—Encontrei — sussurrou o duque, aproximando-se para lhe entregar a roupa—. Vamos.

—Você primeiro — disse ela—. Eu irei em seguida. Tenho que... me trocar. —

E preferia fazê-lo ali, a salvo na escuridão reinante.

Produziu-se um silêncio.

Lydia ergueu o queixo.

—Será mais fácil descer quando me houver livrado do espartilho. Há me custou horrores subir até aqui, e a descida será ainda mais difícil. —Isso era certo, certamente.

Produziu-se outra pausa, desta vez mais longa. Lydia esperava que o espartilho amortecesse os erráticos batimentos de seu coração.

—Senhorita Grenville, parece-me que você passou por cima de um pequeno detalhe.

—Posso descer com saias — assegurou ela—. O que fiz muitas vezes.

—O espartilho — vaiou ele—. Se ata por trás, lembra? Como pensa tirá-lo

Por um instante, Lydia ficou com a mente em branco. Depois notou que lhe subia calor pelo pescoço e se estendia pelo rosto. Tinha esquecido que uma mulher só não podia desatar o espartilho.

—Saltarei do batente — disse, voltando-se para olhar para o jardim, que estava longe, muito abaixo. E banhado pela luz da lua—. Não é tão alto.

Ainswood resmungou alguma coisa que Lydia duvidou que fosse uma prece.

—Não vai saltar — disse ele com firmeza—. Se afastará da janela e depois tirará a camisa. Na escuridão. Poderá fazê-lo?

—É obvio que...

—Bem. E então eu desatarei o maldito espartilho do demônio, se for capaz de ficar quieta dois minutos.

As mãos de Lydia começaram a suar.

—Obrigado — disse, guardando a compostura. E com toda a tranqüilidade do mundo se dirigiu ao canto mais escuro do closet.

Ouviu Ainswood ao aproximar-se. Notou-o.

—Com sua ampla experiência — disse, aferrando a camisa contra seu estômago—, estou segura de que é capaz de desatar um espartilho em uns segundos. —E assim ela não teria tempo de cometer nenhuma estupidez, disse a si mesma, memorando loucas sensações de calor, de força e de umas mãos grandes e seguras. Não escutaria seus demônios interiores. Não cometeria um equívoco pela qual teria que pagar o resto de sua vida.

Com esforço, soltou a roupa que segurava, e logo que seus rígidos músculos o permitiram, tirou a camisa.

Abafou um grito quando os dedos do duque tocaram seu ombro.

Vere os retirou imediatamente.

—Jesus — vaiou—. Se não usa nada debaixo.

—Os homens não usam regata.

—Você não é um homem.

Lydia ouviu um som como de chiar de dentes.

—Primeiro tenho que encontrar as fitas — disse Vere, com um rouco sussurro.

Queria dizer que teria que fazê-lo pelo tato, porque não via nada. Ela engoliu em seco.

—Abaixo — indicou—. Sob minha omoplata direita.

Os dedos de Ainswood voltaram a tocá-la e desceram, deixando uma ardente sensação.

O duque encontrou as fitas em seguida, mas embora suas mãos estivessem no espartilho, Lydia continuava notando que a pele lhe ardia. Um fio de suor escorreu entre os seios.

Notava o quente fôlego de Ainswood no pescoço, em sua tensa coluna vertebral, enquanto ele desfazia os laços sistematicamente, e o espartilho ia se afrouxando.

Então deveria ser mais fácil respirar, mas não foi assim.

Quando Ainswood estava na metade, o espartilho caiu até os quadris, e Lydia não pôde evitar segurá-lo na frente para tampar os seios.

As mãos que trabalhavam em suas costas se detiveram e Lydia deixou de respirar.

A pausa durou apenas um segundo, antes que Ainswood continuasse desfazendo os laços com desconcertante eficiência.

Finalmente se afastou.

Então Lydia sentiu algo muito fácil de identificar e o calor da vergonha se estendeu por todo seu corpo, dos pés até a cabeça. O que esperava dele? Que se virasse louco de paixão simplesmente porque estava meio nua?

Era um crápula, o mais depravado dos libertinos. Tinha visto centenas de mulheres completamente nuas.

Enquanto se recriminava silenciosamente por sua idiotice, colocou rapidamente a regata e a camisa de homem, e a saia por cima da calça. Embora não fizesse nenhuma falta tanta modéstia, quando na realidade ele não via nada e tinha deixado muito claro que não se interessava em ver. Mesmo assim, sentiu-se menos vulnerável tirando as calças por baixo da saia.

Depois colocou os calções e teve que voltar a tirar-lhe porque os tinha posto do avesso. Soltando uma imprecação baixinho, os vestiu direito, finalmente, e rapidamente vestiu as anáguas e as atou.

Ouvia o duque respirar, ou melhor soprar, enquanto ela se vestia. A violenta expulsão do ar fazia evidente sua impaciência por partir de uma vez.

Rapidamente Lydia colocou sua curta jaqueta.

—Já pode ir — disse—. Tenho que procurar as botas de cano longo.

Ainswood deixou escapar um surdo som gutural. Era muito parecido ao que fazia Susan quando se sentia incompreendida: quando lhe negava uma bolacha a mais a muito gulosa, por exemplo, ou quando ordenava que deixasse de saltar sobre as criadas.

Aquela analogia fez que os nervos de Lydia esticassem, mas parou aquele sentimento para ficar a quatro patas e começar a procurar suas botas de cano longo.

Encontrou-as perto, sob o sofá que estava junto à cômoda. Mas antes que pudesse agarrá-los, ouviu passos e a voz de Helena aproximando-se.

—Estou segura de que é o gato dos vizinhos — dizia—. Rosa deve haver deixado a janela aberta.

Lydia olhou rapidamente para a janela, mas Ainswood já se afastava dela. Segundos depois, o duque se encontrava agachado junto a ela.

Lydia ouviu o leve som da maçaneta da porta a girar e se apressou a fastar-se. Empurrou o duque para que se metesse debaixo do sofá. Quando a porta abriu de par em par, acabava de devolver o comprido babado do sofá a seu lugar. Helena entrou no closet.

—Aqui, gatinho — disse. Depois de fechar a porta, baixou a voz para sussurrar—: É você, Lyddy?

—Sim.

—Não esperava que voltasse tão cedo.

—Sei. Não aconteceu nada. Volta para seu convidado. Estou bem.

Lydia não estava bem. Uma parte da corpulenta anatomia de Ainswood segurava sua saia contra o tapete, e não podia levantar-se sem que ele se movesse também. Dado o escasso espaço disponível, Lydia duvidava muito que o duque pudesse mover um músculo sem derrubar o sofá.

—Vêem, gatinho — repetiu Helena em voz alta, e depois acrescentou, em um cochicho—: Por favor, não faça ruído. Sellowby não está tão bêbado, e ouviu algo. Sem dúvida suspeita que tenho outro homem escondido, e morre por saber quem é. Seria uma surpresa muito agradável para ele. Está segura de que não quer sair e...?

—É todo teu — sussurrou Lydia com voz tensa.

—Precisa que a ajude com o espartilho?

—Não. Já quase me troquei. Vai, Helena, por favor, antes que Sellowby decida investigar por sua conta.

Produziu-se uma longa pausa. Lydia esperava que Ainswood fosse bastante sensato para conter o fôlego. Seu coração pulsava com tal violência que não ouvia nada mais.

—Lydia, devo a advertir de uma coisa. —O sussurro de Helena delatava certa preocupação—. Sellowby me disse que viu Ainswood entrando no Coruja Azul de Fleet Street esta noite. Sellowby acredita que despertaste o interesse de sua excelência. Talvez, para estar mais segura, deveria pedir que lhe dêem trabalho fora de Londres durante as próximas semanas.

Lydia notou um movimento sob o sofá. Estava certa de que a qualquer momento Ainswood o derrubaria ao levantar-se, e iria diretamente para Sellowby para corrigir suas errôneas hipóteses a murros.

—Sim, é obvio, mas agora vá — insistiu a Helena—. Acredito que ouvi Sellowby.

Suas palavras conseguiram afastar Helena, que se apressou a sair do closet.

—Já vou — gritou—. Era o chato do gato...

Lydia não escutou o resto. Sua atenção se desviou para Ainswood, que deixou escapar o ar contido. Lydia esperava que seguisse uma longa réstia de blasfêmias, mas quando Ainswood saiu retorcendo-se de debaixo do sofá, o que ouviu foi um som detestável.

Lydia disse a si mesma que não podia ser o que acreditava, e tratou de concentrar-se em liberar a saia das pernas do Ainswood, mas não pôde, e ele não a ajudava.

Ainswood sacudia os ombros, seu peito se movia e os sons abafados que deixava escapar confirmavam a primeira suspeita de Lydia, que se virou para ele e lhe tapou a boca com uma mão.

—Não — sussurrou iradamente—. Não se atreva a rir. Vão ouvir.

—Mmmrnmmrnfn. Mmmmmrnfn. —A boca de Ainswood se movia espasmodicamente sob a mão de Lydia, que a afastou de repente.

Uma bofetada, pensou freneticamente. Com isso... não, faria muito ruído, e ele nem notaria. Uma joelhada no sexo... não, impossível, não podia mover as pernas sob a saia... mas, sim, as mãos as tinha livres, assim que lhe deu um murro no estômago. Era feito de pedra, maldito seja. «Aponta mais abaixo», pensou.

Antes que pudesse agir, ele o fez, e em um instante Lydia estava deitada de costas com a mão segura contra o tapete e Ainswood em cima dela.

—Afaste-se, maldito. —A boca de Ainswood se fechou sobre a sua, abafando suas palavras e devolvendo o ar a seus pulmões.

Lydia tinha uma mão livre, e deveria tê-lo empurrado ou arranhado com ela, mas não o fez. Não pôde.

Ainswood já a tinha beijado antes, mas na rua e diante de um público impaciente, e seus lábios apenas se haviam tocado antes que ela recuperasse o bom senso.

Desta vez não havia público para lembrá-la que mantivesse a serenidade e

não perdesse a cabeça. Desta vez só havia escuridão, silêncio e a cálida e insistente pressão da boca masculina sobre a sua. Lydia não reagiu com a suficiente rapidez e o demônio que estava dentro dela assumiu o controle.

Lydia não pensava em outra coisa que o intenso aroma e o sabor masculinos. Não conseguia despertar seu corpo para que resistisse a cálida força daqueles músculos. Ainswood era tão grande, tão formoso e forte, e sua boca tinha gosto de pecado, escuro, selvagem e irresistível.

A mão que Vere segurava contra o tapete se enlaçou com a dele, e a mão livre com a qual deveria ter lutado se esmagou contra sua jaqueta, segurando-o em vez de afastá-lo. A boca de Lydia pegou a do duque de igual forma, respondendo afirmativamente, quando deveria ter-se negado, obedecendo a sua ordem, quando sabia que só podia conduzi-la para o desastre.

Lydia sabia tudo isso. No mais recôndito de sua embotada consciência, distinguia o bom do mau, o seguro do perigoso, mas não acertava a utilizar suas armas, nem aquela sabedoria que tão arduamente tinha adquirido. Durante aqueles instantes de ofuscação, só desejou estar com ele.

Foi somente um instante, mas durou muito.

Ainswood se afastou. Tinha terminado com ela quando Lydia apenas tinha começado a compreender o que queria dele.

Então, apesar da clara e dolorosa consciência de sua insensata conduta, Lydia notava ainda o sabor do pecado nos lábios e sentia o desejo que Ainswood tinha despertado em suas vísceras. E quando ele se ergueu, Lydia sentiu a perda de seu calor e sua força, e tudo que ele tinha conseguido que desejasse. E o lamentou também porque não sabia como fazer que voltasse, para poder descobrir o que era que precisava e o que perdeu até então.

De longe chegou o som melodioso de uma risada feminina. Era a risada de Helena, que estava em outro quarto nos braços de... outro libertino.

Foi como o tinir de um sino chamando Lydia à prudência. Pensou então na carreira para a qual esteve tanto tempo preparando-se, na pequena, mas valiosa influência que tinha obtido e que, com inteligência, poderia incrementar. Pensou nas mulheres e os meninos aos quais ela servia de alto-falante.

E recordou a si mesma uma vez mais que tipo de homem era Ainswood.

«É desses libertinos que despreza às mulheres.»

«Uma vez usadas, carecemos de valor.»

—Está bem? —perguntou Ainswood em um rouco sussurro.

Não, não estava bem. Lydia duvidava que fosse estar bem em muito tempo. O fruto proibido deixava um gosto amargo.

—Afasto-se, maldito seja — disse—. Como quer que me levante se está sentado em cima de minha saia?

A relação entre Vere e sua consciência nunca tinha sido amistosa. Durante o último ano e meio, nem sequer falava com ela.

Em consequência, estava muito longe de sentir-se culpado pelo plano de seduzir Lydia, ou de abrigar algum escrúpulo sobre o modo de concluí-lo. Ao contrário, estava passando estupendamente, fazia anos que não se divertia tanto. As aventuras daquela noite lhe devolviam as lembranças de antigas corridas com seus velhos camaradas Dain e Wardell.

Fazia muito tempo da última vez que Vere tinha viajado escondido na parte posterior de uma carruagem, ou desde que tinha feito loucuras para conseguir uma jovem atraente.

E apesar de que as coisas não tinham saído exatamente como esperava, a novidade da experiência compensava qualquer incômodo. Embora escalar janelas era uma atividade familiar para ele, nunca antes tinha entrado clandestinamente na residência de uma famosa cortesã.

Parecia-lhe divertidíssimo que a senhorita Esticada não quisesse que sua amiga rameira soubesse que o depravado duque de Ainswood se encontrava em sua casa. Como se houvesse algo que pudesse escandalizar Helena Martin.

Para fazê-lo ainda mais divertido, Sellowby se achava também na casa e suspeitava que Helena tinha outro homem escondido, enquanto que Helena não sabia nada da presença do duque, e o Dragão não parava de tremer temendo que os descobrissem. Para rematar a farsa, Vere tinha se escondido debaixo do sofá, quando a sala estava tão escura como um reservado, e a anfitriã não via nem as mãos.

Vere quase se afoga de tanto conter a risada.

E depois.

Bom, claro. Como ia resistir? Depois de que a senhora Dragão tivesse suado sangue para colocar várias capas de roupa, Vere não tinha podido resistir à tentação de lhe demonstrar o pouco que custaria a ele tirar-lhe tudo. Depois de ter acontecido tão mau momento pensando que a encontrariam com ele, Vere pensou que seria melhor lhe dar algo mais interessante em que pensar.

E então, tudo tinha dado um giro muito estranho.

Em Vinegar Yard, Vere apenas tinha roçado a boca dela com a sua. Desta vez, o beijo tinha sido um longo assedio destinado a vencer toda resistência.

E Vere teve uma surpresa maiúscula. Grenville não sabia beijar.

Vere tinha demorado um momento em dar-se conta daquela anomalia, e antes que pudesse assimilá-la de tudo, ela tinha captado o mais básico. Enquanto isso, Vere não podia evitar ter notado o voluptuoso corpo que tinha sob o dele, nem tampouco o perfume, que era uma armadilha. De modo que tinha se

excitado muito depressa para perder o tempo em reflexões sobre se ela era ou não era virgem, ou se isso importava ou não importava a ele. E dado que não se entregou a nenhum tipo de introspecção, era muito estranho que se interrompesse. Mas o caso era que o tinha feito, porque algo... o incomodava.

Nesse momento tinha levantado a cabeça para perguntar se ela estava bem.

O que evidentemente tinha sido um engano tático, porque ela o tinha afastado num empurrão com uma força surpreendente, pôs-se as botas de cano longo, levantou-se e tinha saído pela janela, quando ele ainda tentava entender o que tinha acontecido.

Entretanto, vendo que ia sem ele, separou de sua cabeça qualquer outra consideração para sair pela janela e descer agilmente.

Deu uma rápida olhada ao jardim sem achar rastro de Lydia, de modo que rapidamente voltou pelo caminho que ela tinha utilizado para entrar e chegou ao portão da parte posterior da casa. Com a pressa, Lydia o tinha deixado totalmente aberto, lhe economizando o trabalho de procurar o fecho tentando a sorte.

Ainswood correu pela passagem que levava até a rua e chegou a tempo de ouvir seus passos apressados.

A borda de uma saia indicou que Lydia acabava de dobrar a esquina.

Ainswood avivou o passo para segui-la... e compreendeu seu engano no instante antes que a bengala o golpeasse as canelas.

Ouviu o rangido dos ossos, sentiu a dor que subia pelas pernas, e viu o chão aproximando-se perigosamente de seu rosto, tudo no mesmo instante.

Capítulo 6

Primeiro soltou uma blasfêmia.

Depois se pôs a rir.

Depois soltou algumas blasfêmias mais.

Lydia olhava furiosa, com os punhos apertados. Por um instante levou um grande susto, pensando que tinha causado uma ferida grave. Que tola. Precisaria uma corrida de touros bravos para machucá-lo de verdade aquele grandíssimo ordinário.

—Não espere que sinta pena por você — disse—. Por mim pode ficar aí caído até o dia do Julgamento Final. Fez que quebrasse minha bengala preferida, maldito seja. —Ao menos não tinha quebrado as pernas dele, como tinha temido a princípio.

Ainswood grunhiu e levantou a cabeça.

—Isso foi jogar muito sujo — disse—. Me preparou uma emboscada.

—E você não jogou sujo comigo no closet? —replicou ela—. Sabia que não me atreveria a opor resistência para não fazer ruído. E não me diga que um

simples «não» bastava, porque com você as palavras nunca são suficientes.

—Podemos deixar a discussão para mais tarde, Grenville? —Depois de deixar escapar uma réstia de blasfêmias em voz baixa, Ainswood se colocou de lado com esforço e se ergueu apoiando-se no cotovelo—. Poderia me dar uma mão.

—Não. —Reprimindo um esforço de remorso, Lydia recuou, ficando fora de seu alcance—. Se intrometeu em meu trabalho e poderia ter posto minha vida em perigo — disse, dirigindo-se não só a ele, mas também a sua própria consciência irracional—. Também frustrou uma oportunidade de fazer um favor a uma amiga. Esta é a terceira vez que complica tudo se interpondo em meu caminho. Por não falar de que possivelmente tenha custado meu emprego. Se Sellowby tivesse irrompido no closet e tivesse me encontrado em situação comprometedora com o libertino mais famoso da Inglaterra, teria espalhado a notícia por toda Londres, e eu teria perdido no mínimo o valioso respeito que ganhei com um trabalho incessante.

Lydia agachou para recolher as peças da bengala.

—Conheço muitos mais truques sujos — acrescentou endireitando-se—. Meta-se comigo outra vez, Ainswood, e saberá o que é bom.

E antes que ele pudesse assinalar os pontos débeis de seu discurso, deu meia volta e se afastou sem dar um só olhar atrás.

—Hei aqui o caçador de dragões — anunciou Jaynes quando Vere entrou pela porta coxeando às três da madrugada.

Trent, que tinha saído precipitadamente ao vestíbulo com um taco nas mãos, observava Vere de cima abaixo com expressão afligida e sem falar.

Vere havia dito ao sair que ia a Coruja Azul «caçar dragões».

Jaynes o tinha recriminado, Trent tinha balbuciado e Vere não lhes tinha dado a menor atenção.

Agora via a desaprovação pintada em seus rostos. Tinha a jaqueta e as calças rasgadas e sujas, e o rosto cheio de arranhões e contusões. Primeiro tinha caído de bruços, batendo com força, e embora não tivesse quebrado o nariz, pela dor parecia. O mesmo acontecia com as canelas, nas quais sentia uma dor de mil demônios.

Conseguiu esboçar um sorriso.

—Fazia anos que não passava tão bem — disse—. Perderam uma boa diversão. Quando contar...

—Prepararei o banho — disse Jaynes, pondo voz de mártir—. E suponho que será melhor que vá buscar o estojo de primeiro socorros.

Vere o olhou enquanto se afastava e depois se virou para seu convidado.

—Jamais adivinhará o que aconteceu, Trent.
—Parece-me que não — disse seu convidado com tristeza.
Vere pôs-se a andar coxeando para a escada.
—Pois venha comigo e contarei.

O Argus chegou a Blakesleigh na sexta-feira pela manhã, mas Elizabeth e Emily não puseram as mãos em cima dele até a sexta-feira seguinte.

Por sorte, seus tios recebiam um grupo numeroso de convidados em casa, o que mantinha às criadas muito ocupadas para aparecer inesperadamente no quarto das jovens e as obrigar a voltar para a cama.

Tinham toda a noite para ler a revista de cabo a rabo. Entretanto, nesse dia não, passaram diretamente à rosa de Tebas, a não ser ao relato da senhorita Lydia Grenville sobre o acidentado encontro com o tutor das jovens em Vinegar Yard.

Ao final estavam as duas jogadas pelo chão, dobrando-se de risada e citando partes do relato com voz estrangulada entre gargalhadas.

Quando por fim puderam voltar a sentar-se, olharam uma à outra com os lábios trêmulos.

Elizabeth pigarreou.

—Muito engraçada. Eu diria que foi muito engraçada.

Emily imitou a expressão sentenciosa de seu tio.

—Sim, Elizabeth, acredito que existem razões para acreditá-lo. —A máscara sentenciosa se esfumou e seus olhos brilharam—. Acredito que nunca escreveu melhor.

—Não leu tudo o que tem escrito. Nunca temos tempo. Além disso, não é justo comparar o trabalho sério com a comédia.

—Acredito que ele a inspirou — disse Emily.

—Realmente escreveu um texto muito malicioso — admitiu Elizabeth.

—A verdade é que ele consegue tirar o demônio que alguém leva dentro. Dizia papai.

—Tirou o demônio de Robin. —Elizabeth sorriu—. Senhor, que mau era quando retornou. E como nos fazia rir, pobrezinho.

Os olhos de Emily se encheram de lágrimas.

—OH, Lizzy, como sinto falta dele.

—Sei — disse Elizabeth abraçando-a.

—Oxalá estivéssemos em Longlands — disse Emily secando os olhos—. Sei que eles não estão ali. O que há no mausoléu não são eles. Mas Longlands é nosso lar e ali é onde estão seus espíritos. Aqui não há nenhum Mallory, nem sequer um de seus fantasmas. A tia Dorothea está a tantos anos casada que se esqueceu de

como ser uma Mallory.

—Arrumarei para me casar com um filho mais novo — disse Elizabeth—, porque esses são os que quase nunca se comportam como é devido. Possivelmente o primo Vere nos permita viver em Longlands, já que ele não vive ali. Tentarei conseguir marido em minha primeira temporada, e só faltam seis meses. E então você poderá viver conosco. E não se casará nunca, assim poderá viver em Longlands para sempre e cuidar dos meninos.

—Suponho que terá que ser assim — disse Emily assentindo—. Mas não deve se casar com um homem como o tio John. Sei que é boa pessoa, mas preferiria que encontrasse alguém que não seja tão alto.

—Alguém como o Diabo quer dizer?

Emily levou as mãos ao peito. A natureza não a tinha dotado ainda com seios propriamente ditos.

—Sim, como o Diabo.

—Bom, pois então o estudemos, assim saberei o que devo procurar exatamente. —Elizabeth agarrou o Argus e procurou as páginas da rosa de Tebas.

Na quarta-feira seguinte, Vere e Bertie estavam sentados no Alamode Beef House, cobrando forças depois de algumas horas de exaustiva leitura das últimas aventuras de Miranda na rosa de Tebas.

—Miranda enganou às serpentes para escapar da tumba —dizia Vere a seu companheiro de mesa—. Enganará a um guarda, ou mesmo ao Diabo para escapar da masmorra, verá.

Bertie espetou uma parte do filé com o garfo.

—Não sei — disse—. Eu acredito que agora estarão muito atentos aos seus truques, porque já o tentou uma vez e não funcionou.

—Não acreditará que esse desajeitado do Orlando conseguirá tirá-la dali?

Bertie negou com a cabeça sem deixar de mastigar.

—Então como? —perguntou Vere.

—Com a colher — respondeu Bertie—. Se esqueceu da colher. Eu acredito que a usará para cavar um túnel.

—Que vai fugir da masmorra com... com uma colher? —Vere bebeu um gole de cerveja.

—O que digo é que primeiro a afiará, na pedra, sabe — explicou Bertie, entre bocado e bocado.

—Ah, sim, pode-se fazer algo com uma colher afiada. Seguro que inclusive poderia serrar os barrotes. —Vere olhou a revista, que Bertie tinha ao lado.

Em princípio, Vere não tinha intenção de conhecer as aventuras da

personagem de Miranda. No dia seguinte a seu tropeço com a bengala, tinha começado a ler os números atrasados do Argus que Jaynes guardava, com o único propósito de averiguar como funcionava a mente retorcida da senhorita Sujo Ataque Surpresa Grenville. Tinha começado com o primeiro número no que publicou uma de suas colaborações. Na página oposta ao seu artigo sobre um julgamento por dívidas, havia uma ilustração para A rosa de Tebas. Os olhos de Vere tinha passado da ilustração ao texto.

Sem dar-se conta, tinha chegado ao final do segundo capítulo e revolia no montão de revistas que Jaynes tinha deixado sobre a mesa da biblioteca em busca do número seguinte.

Em resumida contas, ao que parece tinha passado a formar parte dos inumeráveis viciados na história de St. Bellair. Embora não o tivesse demonstrado, pela manhã estava tão impaciente como Bertie por apoderar do último número recém saído da imprensa.

A primeira página mostrava um grupo de homens e mulheres apinhados em torno de uma mesa de roleta. O título dizia: «A Roda da senhorita Fortuna». Familiarizado já com o estilo de Lydia, Vere estava certo de que aquela frase não era obra dela, pois embora não desdenhava os jogos de palavras, jamais teria utilizado um tão conhecido. Além disso, aquela pouco convincente ocorrência não estava à altura do humor arteiro e os ácidos comentários do artigo que acompanhava à ilustração.

No que, por certo, não aparecia mencionado o duque de Ainswood.

No número anterior, a caricatura de Ainswood adornava a capa em uma ilustração dupla. A primeira parte o mostrava com os braços estendidos e os lábios juntos, solicitando um beijo do dragão. A tinham representado com os braços cruzados e o queixo erguido, lhe dando as costas.

Na segunda parte, Ainswood aparecia como um sapo com a coroa ducal, olhando com triste ar de abandono a figura dela afastando-se. O balão desenhado sobre sua cabeça dizia assim: «Eu não tenho culpa. A idéia foi dela.» No pé da ilustração se lia: «O beijo de lady Grendel rompe o feitiço.»

“A Medusa tinha escrito um artigo parodiando o estilo de Beowulf, com o título da batalha dos titãs em Vinegar Yard».

Uma insolência típica dela, na opinião de Vere. Tinha reunido a seu redor um montão de escritoreszinhos pusilânimes e desenhistas de três por quarto, aos quais tinha dominado, e já se acreditava semelhante a um titã.

«Meta-se comigo outra vez, e saberá o que é bom.»

OH, sim, e ele, o último dos demônios Mallory se pôs a tremer. Sim, estava morto de medo. Ele, que tinha enfrentado lorde Belzebú com seu metro noventa e pouco de força bruta. Quantas vezes Dain tinha proferido ameaça similares com

o mesmo tom aterrador? Como se as ameaças pudessem assustar a Vere Mallory.

Realmente acreditava a senhorita Ivan o Terrível Grenville que podia intimidá-lo?

Muito bem, decidiu Vere, que pensasse o que desse vontade. Concederia-lhe tempo mais que suficiente. Semanas inteiras. Deixaria que desfrutasse de seu aparente triunfo, enquanto ele curava suas diversas feridas e contusões. À medida que passassem os dias, a Medusa relaxaria sua vigilância e cresceria sua presunção. E então lhe daria uma boa lição, ensinaria-lhe um par de coisas como: «O orgulho cresce antes da destruição e a altivez antes da queda» ou «quanto mais alto se chega, mais dura é a queda».

Fazia já tempo que a Medusa merecia cair de seu pedestal de vanglória. Fazia tempo que deveria haver despertado do engano de acreditar que podia vencer a qualquer homem, e que usando calças e imitando os homens era invulnerável.

Ele sabia que não era.

Sob todos seus disfarces e sua fanfarronice, não era mais que uma menina fingindo.

E achando esta circunstância da mais divertida, e pensando bem, absolutamente adorável, Ainswood tinha decidido ser clemente com ela.

Não a humilharia publicamente. Ele seria a única testemunha de sua queda.

O que suporia que cairia entre seus braços, sobre sua cama.

E gostaria, e admitiria que gostava, e pediria mais. Então, se por acaso ele se sentisse dadivoso, cederia a seus rogos. E então...

E então um menino entrou correndo no local.

—Socorro, socorro, ajuda, por favor! —exclamou—. Uma casa está caindo e há gente dentro.

Não tinha caído uma, mas duas casas: os números quatro e cinco do Exeter's Street, no Strand. Mais de cinquenta homens tinham abandonado precipitadamente seu trabalho nas escavações da rede de esgoto em Catherine e Bryddes Streets para ir retirar os escombros imediatamente.

A primeira vítima que encontraram foi um carreteiro morto que entrava com sua carga de carvão quando a casa caiu. Meia hora mais tarde, encontraram uma anciã viva com um braço fraturado. Uma hora depois, aparecia um menino de sete anos, apenas com feridas, e seu irmão pequeno, morto. Depois acharam à irmã de dezessete anos com ferimentos. O irmão de nove anos foi um dos últimos a ser resgatado. Embora o encontrassem sob todos os destroços, estava vivo e delirava. A mãe não tinha sobrevivido ao acidente. O pai não estava em casa.

Lydia obteve a maioria dos detalhes pela boca de um dos jornalistas, do pêni

por linha, que trabalhava ocasionalmente para o Argus. Lydia tinha chegado tarde ao lugar do acidente, já que se encontrava em Lambeth Road, assistindo a uma pesquisa judicial. Mas não tão tarde para não ser testemunha da participação de Ainswood no resgate.

Ele não a tinha visto.

Por isso observou Lydia desde sua discreta posição em meio a um grupo de jornalistas, o duque não via nada mais que o montão de escombros que atacava com feroz determinação, ajudado por Trent. Lydia viu sua excelência afastando tijolos e madeira para limpar o caminho, e como segurava depois uma viga com seus fortes ombros, enquanto outros tiravam o menino.

Quando o corpo destroçado da mãe foi extraído ao fim, Lydia viu o duque aproximando-se da chorosa filha para pôr uma bolsa cheia de dinheiro entre as mãos. Depois o duque abriu caminho entre a multidão e fugiu, arrastando Trent atrás de si, como se tivessem feito algo do qual tivessem que envergonhar-se.

Tendo em conta que um leve empurrão de Ainswood podia enviar um ser humano de tamanho normal a vários metros, os jornalistas recuaram para voltar a concentrar-se nas vítimas do desastre.

A Lydia não era tão fácil afugentar.

Seguiu Ainswood e Trent até o Strand, aonde chegou no momento justo em que um carro de ponto se detinha frente aos dois homens em resposta a um agudo assobio do duque.

—Esperem! —gritou Lydia, agitando no ar seu caderno de notas—. Um momento, Ainswood. Dois minutos de seu tempo.

Vere colocou o vacilante Trent no carro de um empurrão e subiu depois de um salto.

Obedecendo à ordem do duque ao cocheiro, o veículo iniciou a marcha rapidamente, mas Lydia não se deu por vencida.

O Strand era uma via de muito tráfico. Lydia não teve dificuldade alguma em trotar ao lado do carro, que avançava lentamente entre multidão de veículos e transeuntes.

—Vamos, Ainswood — gritou Lydia—. Umas palavras sobre seu heroísmo. Desde quando se tornou tão tímido e modesto?

O carro de ponto era do modelo mais recente e singelo, com um teto, uma aba de couro e cortinas para proteger os passageiros dos elementos. Dado que Ainswood não tinha deslocado as cortinas, dificilmente podia fingir que não a via nem ouvia.

Ainswood se inclinou para Lydia para fulminá-la com o olhar. Teve que gritar para fazer-se ouvir por cima do estrépito da rua: o estalo continuado das rodas, o vozerio de cocheiros e transeuntes, os relinchos e bufos dos cavalos, os ganidos

dos cães guias de ruas.

—Maldita seja, Grenville, afaste-se antes que a atropelem.

—Umas palavras — insistiu ela sem deixar de trotar junto ao carro—. Um comentário para meus leitores.

—Pode lhes dizer de minha parte que é você a maior chateação que conheci em minha vida, pior que a peste.

—«Pior que a peste» — repetiu ela diligentemente—. Sim, mas a respeito das vítimas do Exeter Street...

—Se não voltar a subir à calçada, você será a vítima... e não espere que seja eu a recolher seus pedaços dos paralelepípedos.

—Posso contar a meus leitores que está estudando seriamente para alcançar a santidade? — perguntou ela—. Ou devo atribuir suas ações a um ataque transitivo de nobreza?

—Trent me obrigou a fazê-lo. —Vere se virou para berrar ao cocheiro—: Não pode fazer que se mova esse maldito pangaré?

Ouvisse ou não o cocheiro, o animal avivou o passo. Naquele momento, abriu-se um espaço entre a multidão de veículos pelo qual o carro se introduziu rapidamente, e Lydia teve que voltar para a calçada de um salto quando os que o seguiam se apressaram a avançar também para o espaço.

—Assim a leve a peste — disse Vere depois de dar uma olhada atrás para assegurar-se de que Lydia se rendeu por fim—. Que demônios estava fazendo ali? Supunha-se que ia assistir a uma pesquisa judicial em Lambeth Road e que isso ia durar todo o dia.

—Nunca se sabe quanto vão durar essas coisas — disse Trent—. E falando de tudo, se descobrir que Joe Purvis esteve espiando para você, haverá uma pesquisa judicial sobre sua morte. —apareceu para olhar para trás.

—Já se rendeu — afirmou Vere—. Sinta-se bem, Trent, ou acabará caindo.

Trent voltou a acomodar-se no assento fazendo uma careta.

—Outra vez me deixou com a idéia do Carlos II na cabeça. O que você acha que significa?

—A peste — respondeu Vere—. Associe os dois com a peste.

—Não sei por que falou assim — disse Trent—. Certo que ela estava predisposta em seu favor depois do que o viu fazer. E por que disse que eu o obriguei a fazê-lo, quando foi você o primeiro a sair correndo do Alamode...?

—Havia cinqüenta homens mais trabalhando conosco — espetou Vere—. E não lhes perguntou por que, não foi? Mas isso é típico de mulheres querer saber o porquê de cada coisa, e imaginar que há um significado oculto para tudo o que faz

um homem.

Não havia nenhum significado oculto, disse-se Vere. Não havia devolvido à vida ao menino de nove anos, simplesmente o tinha liberado de um enterro prematuro. E a desgraça daquele menino não tinha nada que ver com nenhuma outra coisa. Não era mais que uma entre outras vítimas. Salvá-lo não tinha significado nada especial para Vere, nada diferente do que tinha sentido ao resgatar os outros.

O nó que sua excelência tinha na garganta não era mais que pó, e era o pó o que tinha provocada ardência nos olhos e na garganta.

Não pensava em nenhuma outra pessoa... como um menino de nove anos que não pôde salvar.

Tampouco tinha experimentado a mínima tentação de falar do que sentia. Não sentia peso algum no coração e certamente não tinha absolutamente o desejo idiota de desabafar-se com ela. Não tinha razões para temer tal coisa simplesmente por haver-se informado, depois de ler seus artigos, de que ela não era tão cínica e insensível, que não se parecia tanto a um dragão furioso quando havia meninos no meio. Isso não podia importar a ele, porque ele era cínico e insensível em qualquer caso.

Era o último demônio dos Mallory, odioso, presunçoso, sem consciência, etcétera, etcétera. E por ser o que era, Lydia só podia lhe servir para uma coisa, que não era a de servir de pormenorizada ouvinte. Ele não confiava em ninguém porque não tinha nada que confiar, e se o tivesse, antes preferiria que o atassem a um poste sob o ardente sol do Sahara que confiar em uma mulher.

O duque de Ainswood se disse tudo isso de várias formas distintas durante o trajeto de volta a casa, e nenhuma só vez ocorreu que talvez insistisse muito.

—Que Trent o obrigou a fazê-lo, ah! —murmurou Lydia, atravessando o vestíbulo em direção a seu estúdio—. Nem todo um regimento de infantaria com as baionetas apontando-o poderiam obrigar a esse ordinário obstinado a cruzar a rua contra sua vontade.

Quando entrou na pequena sala, jogou o chapéu sobre a mesa. Depois se aproximou das estantes e agarrou a última edição do Nobiliário do Debrett.

Encontrou em seguida a primeira pista. Depois repassou sua coleção do Annual Register, que cobria os últimos vinte e cinco anos. Tirou a edição de 1827 e a abriu pelo «Apêndice à Crônica». Sob o epígrafe de «Falecimentos, maio», encontrou a necrológica e a leu.

«Em sua residência, Longlands, Bedfordshire, à idade de nove anos, o honorável Robert Edward Mallory, sexto duque de Ainswood.» Prosseguia em

quatro colunas mais, insolitamente larga para tratar-se da necrológica de um menino, embora fosse da nobreza. Mas havia uma história comovedora atrás daquela morte, em que indefectivelmente o Register fazia insistência, como com o resto de curiosidades e tragédias do ano.

«estive em muitos funerais», havia dito Ainswood.

E assim era, em efeito, como descobriu Lydia. Consultando uma fonte de informação atrás de outra, contou mais de uma dúzia de funerais na última década, e isso só de parentes diretos.

Se Ainswood era o libertino insensível que se supunha que era, aquele incessante desfile de mortes não podia o ter afetado.

Entretanto, acaso um libertino insensível moveria um só músculo por um montão de plebeus em apuros e ajudaria alguns trabalhadores, ficando ele também em perigo?

Lydia não teria acreditado possível se não tivesse visto com seus próprios olhos: Ainswood não tinha retrocedido em seu empenho até estar seguro de que não ficava ninguém mais por resgatar, sem preocupar-se com acabar suando, com a roupa destroçada e suja, detendo-se para entregar sua bolsa a uma afligida jovem.

A Lydia ardiam os olhos e uma lágrima caiu sobre a página que estava lendo.

—Não seja boba — repreendeu a si mesmo.

Mas a reprimenda não produziu o menor efeito.

Entretanto, instantes depois, um ruído similar ao de um elefante se aproximando a tirou de seu embevecimento. Susan produzia o ruído. Tamsin havia retornado de seu passeio com o mastim.

Lydia se apressou a secar os olhos e se sentou.

Imediatamente entrou Susan na sala, tentou saltar ao colo de Lydia e respondeu a firme ordem de «Abaixo!», lhe babando na saia.

—Parece que está de bom humor — disse Lydia a Tamsin—. O que aconteceu? Encontrou algum suculento e gordinho bebê para devorar como aperitivo? Não cheira pior que o habitual, assim hoje não caiu em excrementos.

—foi terrivelmente descarada — disse Tamsin enquanto desatava o chapéu—. Encontramos-nos com sir Bertram Trent em Soho Square e deu todo um espetáculo. Bastou vê-lo, e saiu disparada como um foguete, ou melhor, como uma bala de canhão, porque o atirou ao chão. Depois subiu em cima dele para lhe lambe a cara e a jaqueta e para cheirá-lo... bom, não direi onde. Mostrou-se totalmente surda a meus protestos. Por sorte, sir Bertram o aceitou de bom humor. Quando por fim conseguiu tirá-la de cima e levantar-se, e eu tentei me desculpar, ele não quis me escutar. «Só é muito brincalhona e não conhece sua força», disse. E depois Susan...

O mastim soprou alegremente ao reconhecer seu nome.

—Ensinou-lhe todos os seus truques — prosseguiu Tamsin—. Deu-lhe a pata. Importunou-lhe com um pau até que conseguiu que o lançasse para ir buscá-lo. Também se fez de morta e deitou para que lhe fizesse cócegas e... bom, já imagina o resto.

Susan posou a cabeçorra no colo de sua ama e a olhou com ternura.

—Susan, é um mistério — disse Lydia acariciando-a - a última vez que o viu, você não gostou.

—Talvez tenha percebido que sir Bertram fazia uma boa ação esta tarde.

Lydia ergueu a vista para olhar Tamsin.

—Trent lhe contou isso, não? E por acaso explicou o que fazia em Soho Square em lugar de estar em Ainswood House recuperando-se de sua hercúlea façanha?

—Disse-me que, ao vê-la, colocou na cabeça a idéia de Carlos II, e que essa idéia o tinha tão obcecado que desceu do carro de ponto algumas ruas mais à frente e foi andando até o lugar para dar uma olhada à estátua.

No meio do descuidado jardim da praça havia uma ruinosa estátua de Carlos II.

Depois do primeiro encontro entre os dois, Lydia já sabia por Tamsin que Trent a relacionava com o monarca da época da Restauração. Não tinha sentido para Lydia, claro que não esperava que o tivesse. Sabia que o cunhado de lorde Dain não era conhecido precisamente por sua sagacidade intelectual.

—Falando de façanhas hercúleas — disse Tamsin—. Certo que terá tido uma boa surpresa em Exeter Street. Acredita que o duque de Ainswood está mudando, ou não foi mais que uma aberração transitiva?

Antes que Lydia pudesse responder, Millie apresentou-se na porta.

—O senhor Purvis está aqui, senhorita. Com uma mensagem para você. Diz que é urgente.

As nove dessa mesma noite, Lydia entrou em uma pequena casa de pesados cortinados na praça do Covent Garden. A moça que lhe tinha aberto a porta desapareceu rapidamente pela porta do extremo oposto, coberta por uma cortina. Instantes depois apareceu a mulher que tinha solicitado a presença de Lydia.

Era quase tão alta como Lydia, mas mais corpulenta. Um grande turbante coroava sua cabeça. Levava o rosto muito maquiado. Apesar dos cosméticos e a luz mortífera, Lydia distinguiu nele claros indícios de regozijo.

—Interessante escolha de roupa — disse madame Ifrita.

—É o melhor que encontrei com tão pouco tempo — disse Lydia.

A mulher, maior que Lydia, indicou-lhe que se sentasse em uma cadeira junto à mesinha que havia perto da porta com cortina.

Madame Ifrita era adivinha, e um dos informantes mais confiáveis de Lydia. Normalmente as duas mulheres se encontravam a uma distância segura de Londres, porque madame perderia rapidamente todos seus clientes se suspeitassem que compartilhava suas confidências com uma jornalista.

Já que era necessário disfarçar-se e não tinha tempo para transformar-se em um homem, Lydia tinha ido com Tamsin visitar os comerciantes de brechó de Greek Street. Ali tinham comprado apressadamente os itens necessários para o suposto traje de «cigana» que usava Lydia.

Na opinião de Lydia, parecia mais uma fulana. Embora usasse meia dúzia de anáguas de diferentes cores, não se sentia decentemente vestida. Nenhuma das anteriores proprietárias tinha sido uma amazona como ela, por isso as anáguas lhe chegavam bem acima do tornozelo, igual à praticamente todas as rameiras que passeavam por Londres. Mas não tinha tido tempo para fazer acertos.

O corpete tinha apresentado a mesma dificuldade. O que finalmente tinha escolhido era de cor escarlata, e ficava tão apertado como um torniquete... por sorte, pois do contrário os seios teriam saído pelo decote, obscenamente amplo. Felizmente a noite era fresca e requeria um xale.

Não querendo correr riscos com uma peruca de segunda mão, que sem dúvida estaria infestada de vários tipos de insetos, Lydia tinha feito um turbante com vários lenços de cores. Com a cabeça envolta nos lenços que atou com grande imaginação, não só ocultava a delatora cor loira de seus cabelos, mas também dissimulava seus traços.

Não a preocupava que alguém se fixasse na cor de seus olhos porque, para começar, ia sair de noite, e além disso não ia permitir que ninguém se aproximasse o bastante para descobrir que eram azuis.

Uma generosa aplicação de maquiagem e pós, mais um monte de bijuteria, completavam o chamativo traje.

—supõe-se que sou um de seus parentes ciganos — explicou Lydia.

Madame se sentou na cadeira frente a ela.

—Muito inteligente — disse—. Sabia que lhe ocorreria alguma coisa. Lamento a pressa, mas a informação me chegou nesta mesma tarde, e pode ser que disponha de muito pouco tempo para atuar em consequência... se o que me disser minha bola de cristal é certo — acrescentou piscando um olho.

O poder de adivinhação de madame Ifrita deixava surpresos aos crédulos. A Lydia não assombrava o mínimo, pois sabia que a adivinha atuava de forma muito similar à sua, ajudada regularmente por uma rede de informantes, alguns deles sem saber.

Lydia sabia também que a informação era cara, de modo que tirou cinco soberanos e os colocou formando uma fileira sobre a mesa. Empurrou um para Ifrita.

—A garota que Coralie trouxe de Paris veio para ver-me - explicou a adivinha—. Annette quer voltar para a França, mas tem medo. E com razão, como certo que você já sabe. Tiraram do rio uma das fugitivas de Coralie faz dez dias com a cara destroçada a navalhadas e marcas de estrangulamento. Contou-me Annette, isso e outras coisas que ela acredita que são secretas. Depois olhei em minha bola de cristal mágica e lhe disse que via Coralie e que havia uma maldição sobre ela. Que lhe caíam gotas de sangue das orelhas e que tinha gotas de sangue ao redor da garganta e dos pulsos.

Lydia arqueou as sobrancelhas.

—Você não é a única que viu madame Brees com os rubis no Jerrimer — disse Ifrita—. A pessoa que me descreveu utilizou palavras muito parecidas com as suas. —Ifrita fez uma breve pausa—. Também ouvi que o duque de Ainswood apareceu por ali e se encontrou com um charmoso jovem que só ele conhecia. O duque a descobriu, não é assim?

—Foi pelo condenado charuto — disse Lydia—. Apostaria o que fosse que foi o charuto o que me delatou.

—E ele se delatou hoje em Exeter Street — repôs a adivinha.

—Ah, sim?

—Importa?

Sim, importava, mas Lydia meneou a cabeça.

—No momento, só me importa Coralie. —Empurrou outra moeda para a adivinha.

—A alcoviteira fica com as jóias que roubam seus capangas disse Ifrita—. Tem debilidade pelas jóias brilhantes, como as gralhas. A Annette parece uma insensatez, mas não é por isso que quer fugir. Diz que tem pesadelos sobre a garota assassinada. Entretanto, a fugitiva não era primeira com a qual deram exemplo. Acredito que o problema de Annette é que viu ou participou do assassinato...

—E isso feriu sua delicada sensibilidade — comentou Lydia com sarcasmo—. Annette não é nenhum cordeirinho inocente, como bem sabemos as duas.

—Por isso tinha tanta pressa em falar com você — disse Ifrita—. Se Annette tiver pesadelos, o mais provável é que nelas veja sua linda cara esfaqueada e uma corda ao redor de seu bonito pescoço. Talvez tenha visto algo que não deveria ter visto. Talvez seja outro o motivo. Em qualquer caso, seu medo é autêntico. Não me cabe a menor dúvida de que tentará fugir. O que importa é que não será tão estúpida para tentar fazer igual a outras garotas, a pé e sem dinheiro. Roubará

tudo o que possa levar.

—Para assim poder alugar um lugar na carruagem de postas mais rápida que encontre, com a qual chegará à costa.

Ifrita assentiu.

—Esta noite ajudará Coralie e a seus valentões a domar uma garota nova, assim não terá ocasião para escapular. Amanhã de noite tem que fazer um serviço especial a um cliente. Talvez possa fugir depois, dependendo do tempo que requeira o cliente. O único momento em que poderá roubar Coralie sem correr muitos riscos está entre as nove da noite, quando sai a alcoviteira, e as primeiras horas da madrugada, quando a alcoviteira volta. Annette necessitará várias horas de vantagem, e a perseguição será mais difícil para eles se tiverem que fazê-la de noite.

A adivinha se interrompeu uns instantes.

—Não posso assegurar que vá roubar as jóias. Disse-lhe que os rubis estão malditos. Mas se não conseguir encontrar dinheiro suficiente, não acredito que faça caso da maldição.

—Então será melhor que eu roube às jóias antes que ela — disse Lydia, sem demonstrar a inquietação que sentia. Teria que conseguir a ajuda da Helena, mesmo avisando-a com tão pouco tempo, e não acreditava que se mostrasse muito entusiasmada.

Lydia empurrou uma nova moeda para diante.

Ifrita a devolveu ao seu lugar, meneando a cabeça.

—Pouco mais posso dizer. Agora Coralie vive no número quatorze de Francis Street, junto ao Tottenham Court Road. Está acostumado a sair de casa por volta das nove da noite com seus dois valentões. Na casa fica o criado, Mick, que também é um valentão, para vigiá-la. Frequentemente também fica alguma garota para entretê-lo, ou algum cliente de um grupo muito escolhido.

Definitivamente Helena não ia gostar daquilo, pensou Lydia. Muita gente na casa. Mas Helena era a única ladra profissional que Lydia conhecia pessoalmente, e não tinha tempo para encontrar ninguém mais que tivesse a necessária destreza. Não era um trabalho para aficionados. Lydia não podia arriscar-se a colocar tudo a perder. Se a matassem, Tamsin, Bess e Millie ficariam sozinhas, e era muito possível que acabassem fazendo a rua em pouco tempo.

Tinha que sair-se bem e Helena era a mais indicada para consegui-lo. Só tinha que enrolá-la, e para isso precisaria de muita lábia. O que significava que não devia perder tempo.

Instantes depois se despediu de Ifrita e saiu a toda pressa.

Mas diminuiu o passo ao sair do edifício. Embora tivesse um carro de ponto esperando-a a umas poucas quadras, não caiu na tentação de ir correndo até ele.

Embora fosse muito cedo para que os do submundo se fizessem donos da rua, os habitantes da noite começavam a sair de suas guaridas. Um passo muito apressado convidaria a segui-la a todos os janotas bêbados, de modo que Lydia se esforçou em atravessar o lugar com ar despreocupado.

Saía do pórtico da praça do mercado para meter-se por James Street quando uma figura alta emergiu das sombras no lado oposto do pórtico e tomou a mesma direção que ela.

Não precisou mais que uma olhada para reconhecê-lo, e dois segundos para decidir que não devia encontrar-se com ele.

Lydia fingiu ter reconhecido outra pessoa e deu meia volta para voltar para a praça.

Capítulo 7

O duque de Ainswood estava a ponto de abandonar a busca de sua presa por Covent Garden. Embora Lydia Grenville tivesse saído sozinha, tal como afirmava Purvis, não seria aquela a única oportunidade que teria para lhe estender uma armadilha. Não tinha pressa, recordou a si mesmo. Podia tomar seu tempo, escolher o momento perfeito para a lição que pretendia lhe dar. Não lhe faltavam meios para divertir-se enquanto isso.

O fato de havê-la visto nesse mesmo dia não o tinha causado impaciência alguma. Não sentia falta de sua companhia incômoda e agressiva. Nem o som de sua altiva voz. Nem a visão de seu rosto, de uma formosura que resultava exasperante. Nem de seu corpo moldado pelo diabo, curvilíneo, de longas pernas. A idéia ficou incompleta e o duque se deteve em seco, atônito, quando uma mulher surgiu das sombras da praça e avançou meneando os quadris e deixando que as anáguas lhe acariciassem as torneadas panturrilhas. Quando a mulher entrou no Covent Garden (aparentemente após ter divisado alguém que a tinha interessado), a brisa noturna levantou seu xale de mil cores, deixando descoberto o busto generoso e escassamente coberto.

Pasmado, Vere ficou olhando-a sem poder fazer outra coisa, perguntando-se se estaria bêbado sem dar-se conta. Mas não tinha tido tempo para embebedar-se aquela noite, e sua vista era perfeita.

O que significava que a mulher que caminhava rebolando pelo Covent Garden no meio da noite era lady Grendel em carne e osso.

Imediatamente se lançou à espreita, sorteando os grupos de homens e mulheres que se moviam pelo lado leste da praça do mercado. Viu Grenville diminuir o passo e em seguida deter-se ao chegar à passagem continua a Carpenter's Coffee House. Depois o turbante desapareceu de vista.

Convencido de que Lydia devia ter entrado na passagem, Ainswood

encaminhou seus passos para ali, quando casualmente lançou um olhar de esguelha a sua esquerda.

A suposta cigana se havia acororado diante de uma florista entrevada que estava sentada sobre um sujo cesto posto do avesso, e lhe segurava a mão enquanto esquadrihava a palma.

Vere se aproximou. Concentradas em sua conversação, as duas mulheres não se precaveram de sua aproximação.

—Meu futuro está torcido, não é? — ouviu dizer a florista—. Igual a mim. Retorcido. Ouvi falar de um médico na Escócia que poderia me ajudar, mas está muito longe e a diligência é tão cara. E todos os médicos bons são muito caros também, não é? Ontem à noite, um cavalheiro disse que me daria um guineu para ir com ele. Disse-lhe que não, mas depois não deixei de pensar que possivelmente tinha sido uma estúpida. Disse que voltaria esta noite. Oxalá não viesse, porque é mais fácil ser boa quando não vem ninguém a lhe prometer dinheiro para ser má. E um guineu é muito dinheiro.

Vere não queria pensar na classe de velhaco que tentava seduzir uma entrevada indefesa. De qualquer forma, não tinha tempo para isso; só dispunha de um instante para conceber sua estratégia.

De repente ocorreu: veio-lhe à cabeça a imagem da senhora Melodramática imitando-o na Coruja Azul, fingindo uma bebedeira.

—Só um guineu? —exclamou, pronunciando com dificuldade as palavras—. Por semelhante beleza? —Dois rostos encantadores (um maquiado e o outro não) olharam-no com sobressalto.

Ainswood avançou cambaleando.

—A minha fé que eu daria... —tirou sua bolsa com dificuldade— vinte, só pelo privilégio de olhá-la, pequena florista. Toma. —inclinou-se e pôs a bolsa torpemente nas mãos da florista—. Agora me dê esses ramalhetes. As pobres flores estão envergonhadas, não sabia? A seu lado parecem matos. Não é estranho que ninguém as compre.

A senhorita Rainha Cigana Grenville se levantou, enquanto a florista permanecia encolhida sobre o cesto, apertando a bolsa contra o estômago e com os olhos muito abertos, cravados nele.

—Será melhor que vá para casa — disse Vere à garota—, antes que alguém venha tirar seus lucros.

Com a exagerada mímica de um homem perdidamente bêbado, ajudou à garota a se levantar e a acomodar a muleta. Enquanto a senhorita Rameira Meio Nua e Borrada Grenville ajudava à garota a esconder a bolsa entre suas roupas, Vere acrescentou:

—Vai amanhã ver o senhor Hayward. É um médico muito bom. —Deu-lhe a

direção e depois tirou um enrugado cartão do bolso de seu colete—. Dê-Lhe isto e diga que eu respondo por você.

Passados uns instantes, depois de balbuciar seu agradecimento, a jovem florista se afastava coxeando. Vere a observou até que dobrou a esquina sul da praça do mercado e desapareceu.

Depois sua vista voltou a posar-se em sua presa... ou melhor no ponto em que a tinha visto pela última vez, pois também se esfumou.

Depois de inspecionar a praça do mercado freneticamente, Vere divisou o alegre turbante movendo-se entre os grupos de gente, dispersos e ociosos. O turbante se dirigia para o norte.

Alcançou-a perto da Russell Street. Vere se plantou diante dela, tirou o montão de ramalhetes de debaixo do braço, onde os tinha metido distraidamente, e os ofereceu.

—«Doces aromas à doçura» — disse, citando Hamlet.

Ela deu de ombros e aceitou as esmagadas flores.

—«Adeus» — disse, e pôs-se a andar.

—Não o entendeste — disse ele, indo atrás dela—. Isso era o princípio.

—Sim — replicou ela—. Mas o verso termina com «adeus». E depois a rainha Gertrudes espalha as flores. —Dito e feito, espalhou os ramalhetes ao seu redor.

—Ah, uma atriz — disse ele—. Deduzo então que esse traje de cigana anuncia uma nova obra.

—Fui atriz em tempos melhores — disse ela, sem diminuir o passo—. E adivinha nos piores. Como agora.

Uma vez mais, Lydia impostava a voz. Falava com uma voz mais aguda que a sua, com um acento mais inculto. Se Purvis não lhe houvesse dito que a encontraria ali de incógnito, ou Vere tivesse estado tão bêbado como pretendia estar, talvez tivesse conseguido enganá-lo.

O que Ainswood não sabia era se tinha conseguido enganá-la, se ela acreditava realmente que estava muito bêbado para dar-se conta de seu disfarce, ou se simplesmente continuava o jogo até encontrar o modo de escapar dele sem chamar a atenção.

Como se o traje que usava, por chamá-lo de algum jeito, não gritasse: «Venham possuir-me!» a qualquer homem que andasse por ali perto.

—passaste diante de vários janotas elegantes que a teriam convidado generosamente com prata, se não com ouro — disse Vere—. Entretanto, detiveste-te diante de uma pobre entrevada que apenas tinha uma moeda de cobre que levar às mãos. Estive a ponto de confundi-la com um anjo.

Lydia o olhou, agitando as pestanas.

—Não acredito. Representou você tão bem seu papel, que eu só podia fazer

de figurante.

Se Lydia tivesse dirigido esse sedutor olhar a qualquer outro homem, teria se encontrado contra a parede de qualquer beco em uns segundos e com as saias por cima da cabeça. Essa imagem fez que a Vere pulsassem as têmporas com força.

—Era o modo mais fácil de me liberar dela — disse com tom indiferente—. E de conseguir que se fixasse em mim. Porque eu já me tinha fixado em você, sabe? À força — acrescentou, observando seus exuberantes seios—. E agora quero que me diga a sorte. Tenho a forte suspeita de que minha linha do amor tomou um caminho para melhor. —Vere tirou a luva e agitou a mão diante de seu rosto—. Seria tão amável em dar uma olhada?

Ela o afastou com um tapa.

—Se for amor o que quer, não tem mais que buscá-lo nos bolsos. Se encontrar uma moeda, poderá arrancar qualquer das flores noturnas que florescem por aqui.

Enquanto um dos velhos sujos que pululavam por ali a arrancava dele? Nem pensar.

Vere exalou um fundo suspiro e depois apertou o peito com a mão que ela tinha afastado.

—Ela me tocou — disse com tom enternecido—, e me vi transportado às esferas celestiais. Cigana, atriz, anjo... não sei o que é, ou como pude me fazer digno de ser tocado, mas...

—Louco, está completamente louco! —exclamou ela, sobressaltando-o—. OH, boa gente, escutem e se compadeçam!

Sua exclamação parecia tão sincera que várias putas e clientes interromperam suas negociações para olhá-los.

—«Louco como o oceano e o vento, quando ambos se enfrentam. Para ver qual dos dois é mais poderoso» —declamou Lydia.

Vere recordou vagamente que eram uns versos de Ofélia. Se Lydia Grenville acreditava que ia representar o papel de Hamlet (que perdia à garota), ia ter uma surpresa.

—Louco por você — exclamou com tom comovedor. Uma rameira que havia perto soltou uma risada. Sem desalentá-lo o mínimo, declarou ante os curiosos—: Ela chegou à desolada escuridão de minha aborrecida existência, com suas cores flamejantes, como a Aurora Boreal...

—«OH, poderes celestiais, o curem!» — gemeu ela.

—E me iluminou todo! —prosseguiu ele, com tom lastimoso—. Contemplou-me enquanto me queimava em seu fogo por um simples sorriso de seus lábios de rubi. Contemplou-me enquanto eu me consumia no doce fogo de uma devoção

sem fim...

—«Ah, que nobre mente está aqui transtornada!» — Com o dorso da mão apoiado na frente, Lydia se lançou para um grupo de rameiras que riam a gargalhadas—. Protejam-Me, belas damas. Temo que esse louco se veja impulsionado por seu frenesi a cometer atos desesperados.

—Só o de costume, querida — disse uma rameira mais velha, soltando uma gargalhada—. E é Ainswood, não sabia? Que paga muito bem.

—Bela Aurora, tem piedade de mim — exclamou Vere suplicante, e abriu caminho a cotoveladas entre a multidão de homens que se apinhavam em torno do grupo de mulheres—. Não fuja de mim, minha rutilante estrela, meu sol e minha lua, minha galáxia toda.

—Sua? Quando, como, por que sua? —O turbante desapareceu brevemente no meio do bosque de cartolas, mas quando Lydia emergiu entre a multidão de homens que riam, Vere correu a seu lado.

—Por decreto do amor — disse, e caiu de joelhos—. Doce Aurora, eis me aqui, prostrado perante ti...

—Isso não é estar prostrado — reprovou ela—. Para estar prostrado tem que atirar-se ao chão de barriga para baixo.

—de barriga para cima, quer dizer, excelência — gritou uma das fulanas.

—Faria qualquer coisa por minha deusa — disse ele, fazendo-se ouvir por cima dos retumbantes comentários do público masculino sobre os diversos atos que podia praticar na postura que mantinha. Decidiu que mataria a todos mais tarde—. Só espero que me peça que me levante sobre esta terra em decadência. Peça-me isso e elevarei minha alma para que se una à sua no reino celestial. Deixe-me beber a ambrosia de seus lábios de mel, e percorrer o doce infinito de seu corpo divino. E deixe-me morrer de êxtase, beijando-lhe os... pés.

—«OH, vergonha! Onde está seu rubor?» — declamou Lydia, assinalando Vere enquanto passeava o olhar pelo público—. Finge me adorar, mas já lhe ouviram. Atreve-se a manchar meus ouvidos falando de lábios, de... — Lydia estremeceu—. De beijos.

Dito isto, afastou-se indignada, com grande revôo de anáguas.

Vere estava absorto no jogo, mas não tão absorto (nem tão bêbado, como acreditava ela), para deixá-la escapar tão facilmente. Ela apenas tinha dado uns passos, quando Vere se levantou já e se lançava em sua perseguição.

Vere viu vir a colisão.

Lydia mudou de direção e olhou por cima do ombro enquanto se dirigia apressadamente para as colunas do pórtico da praça, no mesmo momento em

que uma mulher com um traje negro de lantejoulas emergia pressurosa de entre as sombras.

Vere gritou: «Cuidado!», ao mesmo tempo em que sua «Aurora» se chocava com a mulher, fazendo que golpeasse contra uma coluna.

Chegou a seu lado antes que as mulheres tivessem recuperado o equilíbrio e afastou Lydia.

—por que não olha por onde vai, pedaço de puta? — chiou a mulher de negro.

Era Coralie Brees. Vere teria reconhecido seu agudo tom a duzentos metros.

—foi culpa minha — apressou a dizer, vendo de esguelha o par de valentões que seguiam à mulher—. Uma briga de apaixonados. Zangou-se tanto comigo que não via o que tinha diante. Mas agora já está melhor, não é verdade, meu sol, minha lua e minhas estrelas? —perguntou a sua Aurora, enquanto lhe endireitava o turbante, que tinha se torcido com o choque.

Ela afastou-lhe a mão.

—Mil desculpas, senhora — disse Lydia a Coralie com ar contrito—. Espero não tê-la machucado.

Vere teria apostado cinqüenta libras que fazia décadas que ninguém chamava de senhora a alcoviteira, se alguma vez a tinham chamado. Deste modo teria apostado que Grenville também tinha visto os dois valentões, e que sensatamente tinha decidido mostrar-se conciliadora.

Entretanto, madame Brees não pareceu apaziguada absolutamente, o que não augurava nada bom.

A Vere não teria importado o mínimo, posto que estava acostumado a meter-se em confusões e aquele par de valentões lhe teria ido de pérolas. Entretanto, aquela noite devia fazer uma exceção. Depois de passar a tarde levantando tijolos, pedras e vigas, preferia reservar as forças que ficavam para sua alteza Grenville. Além disso, ela podia escapular facilmente e cair nas ambiciosas mãos de qualquer outro enquanto ele estava ocupado esmurando os valentões.

Assim, tirou o alfinete de jade da gravata-borboleta e o jogou a alcoviteira. Coralie o apanhou com destreza, e sua expressão se suavizou enquanto o examinava brevemente.

—Espero que não nos guarde rancor, querida — disse Vere.

Sem esperar resposta, voltou-se para Lydia para olhá-la com um sorriso de bêbado.

—E agora o que, meu pavão?

—É o macho da espécie o que tem a cauda vistosa — disse ela, jogando para trás a cabeça—. A da fêmea é apagada. Não ficarei aqui escutando se pretende me chamar de insípida, sir Bedlam. —Com grande revôo de anáguas, deu meia

volta para afastar-se.

Mas ele também se virou, rindo, para levantá-la do chão entre seus fortes braços. Lydia soltou um gemido abafado.

—me baixe — disse debatendo-se—. Sou muito grande para você.

—E muito velha — disse Coralie azedamente—. Uma ovelha grande e velha, excelência, enquanto que eu posso lhe oferecer jovens e delicadas cordeirinhas.

Mas Vere entrou entre as sombras com sua carga, que não deixava de lutar, longe da estridente ladainha da alcoviteira sobre os atrativos de suas jovens empregadas.

—Muito grande? —perguntou Vere à suposta cigana—. No que, meu tesouro? Note bem como se adapta minha cabeça a seu ombro. —Apoiou a cabeça em seu pescoço e deixou que seu olhar descendesse para os cativantes encantos de mais abaixo—. Seguro que se acomodará igualmente bem sobre seus seios. E posso assegurar — acrescentou, ao mesmo tempo em que destramente movia a mão para seu traseiro— que aqui há exatamente o justo...

—me baixe — disse ela retorcendo-se entre seus braços—. O jogo se acabou.

«Nem de longe», pensou ele, levando-a até a porta de um estabelecimento que conhecia bem, onde se podiam alugar os quartos do primeiro piso por horas.

—me escute, Ain...

Vere a interrompeu tapando a boca com a sua, enquanto abria a porta com chute e entrava com ela em um corredor mal iluminado.

Lydia lutou com mais garra e conseguiu afastar a boca, de modo que ele teve que deixá-la no chão para lhe segurar a cabeça com as mãos, e voltou a beijá-la apaixonadamente, tal como tinha desejado fazer no mesmo momento em que ela tinha começado a provocá-lo.

Vere notou que ela ficava tensa e que apertava os lábios para rechaçar seu beijo, e se apropriou dele certa inquietação.

Recordou que ela não sabia beijar. «É inocente», exclamou uma voz interior.

Mas era a voz da consciência, e ele tinha deixado de escutá-la fazia um ano e meio.

Disse a si mesmo que Lydia Grenville estava atuando, que fingia ser inocente. Não era uma juvenzinha inexperiente, e sim uma mulher adulta com um corpo feito para o pecado, feito para ele, um pecador de coração negro.

Mesmo assim, se ela queria brincar e fazer-se de donzela afetada, ele estava disposto a continuar a brincadeira. Suavizou seu beijo, que passou de luxuriosa exigência a paciente persuasão. Também lhe segurou a cabeça com maior suavidade, como quem tivesse uma borboletinha cativa entre as mãos.

Vere notou como estremecia, como sua boca rígida se abrandava e tremia sob a dele. E ele também sentiu uma aguda dor, como se alguém o tivesse

apunhalado no coração.

Chamou essa dor de luxúria e rodeou Lydia com seus braços. Atraiu-a para si e ela não resistiu. A boca feminina, felizmente doce na rendição, parecia arder sob seus lábios. E ele também ardia, consumia-se no fogo da paixão, embora aquele fosse o mais casto dos abraços para um libertino como ele.

Vere se disse que tudo se devia à novidade daquela fingida inocência. Isso, e a impaciência por conseguir o que geralmente lhe dava sem que tivesse que esforçar-se, nem sequer utilizar seus dotes de persuasão.

Jamais tinha tido que esforçar-se para conseguir uma mulher. Um olhar, um sorriso, e todas iam a ele (por uma moeda ou por um desejo compartilhado), e todas sabiam sempre o que deviam fazer, porque ele sempre escolhia mulheres experimentadas.

Lydia queria fingir que não sabia, de modo que ele interpretou o papel de professor. Ensinou-lhe o que devia fazer, obtendo com paciência que abrisse sua doce boca para ele, e depois a saboreou pouco a pouco, respirando seu aroma, até que aroma e sabor se mesclaram e ferveram em seu sangue.

Vere notava que o coração pulsava descontrolado, embora fosse só um beijo, simplesmente um excitante preâmbulo.

A aceleração dos batimentos do coração era somente impaciência por aquele estúpido jogo que ela se empenhava em jogar. E por seguir com ele. Vere moveu lentamente as mãos dos inofensivos domínios dos ombros e as costas, descendo pela flexível linha de suas costas até a cintura, que facilmente abrangia com suas mãos. Depois seguiu baixando devagar, acariciando, até os domínios que nenhuma mulher inocente deixaria que lhe tocasse um homem. E foi o perverso jogo que estavam jogando o que fez que a Vere tremessem as mãos quando brandamente pousaram sobre a generosa curva do traseiro. Foi a perversidade o que fez que gemesse na boca dela, e a apertasse contra seu corpo, onde o ereto membro vibrava na roupa que o segurava.

«Muito longe», gritou-lhe a esquecida voz da consciência. «Está indo muito longe.»

Mas não, estava seguro de que não ia muito longe, posto que ela não tentou escapar. Ao contrário, começou a mover as mãos por seu corpo cautelosamente, como se fosse a primeira vez que abraçava um homem, a primeira vez que acariciava uns ombros e umas costas masculinas. E seguindo com o jogo, fingiu vergonha e não baixou além da cintura.

Vere interrompeu o beijo para lhe dizer que não tinha por que envergonhar-se, mas não conseguiu articular as palavras. Enterrou o rosto em seu pescoço e inalou seu aroma enquanto deixava um rastro de beijos sobre sua sedosa pele.

Sentiu que ela estremecia, ouviu sua leve exclamação de surpresa, como se

tudo aquilo fosse novo para ela.

Mas não podia ser.

Ela ofegava, igual a ele, e a pele ardia sob sua boca. E quando Vere deslizou uma mão para cima para abranger seu seio, notou o mamilo ereto através do sutiã deploravelmente inadequado. O tecido que a cobria era mais que escasso, e Vere a baixou para rodear os seios com ambas as mãos, como tantas vezes tinha sonhado fazer.

—Preciosos — disse. Tinha um doloroso nó na garganta. Sentia pontadas de doloroso desejo em todo o corpo—. É tão linda.

—OH, Meu deus, não — exclamou ela. Seu corpo ficou rígido—. Não posso. —Agarrou as mãos de Vere—. Maldito seja, Ainswood. Sou eu, idiota bêbado. Sou eu... Grenville.

Com assombro e consternação, Lydia observou que Ainswood não retrocedia horrorizado.

Ao contrário, estava gostando. Deus ajuda afastar-lhe as mãos de seus seios.

—Sou eu... Grenville — repetiu cinco vezes, e ele continuou acariciando-a e beijando um ponto extremamente sensível atrás da orelha, que até então ela desconhecia que existisse.

—Basta! —gritou finalmente com o tom firme que estava acostumado a empregar com Susan.

Ele a soltou então, e imediatamente passou de ser o apaixonado ardente que elogiava sua beleza (fazendo-a sentir como se fosse a mulher mais bela e desejável do mundo) a ser de novo o detestável ordinário ao qual estava acostumada... com uma dose acrescentada de aspereza que Lydia poderia ter achado cômica, se não estivesse furiosa consigo mesma.

Nem sequer tinha sido capaz de opor uma mínima e razoável resistência.

Sabia que Ainswood era um crápula, e da pior estirpe (que desprezava às mulheres), mas tinha permitido que a seduzisse.

—Deixe que explique algo, Grenville — grunhiu ele—. Se quiser brincar com um homem, deveria estar preparada para continuar brincando até o final. Porque, do contrário, esse homem poderia ficar de muito mau humor.

—Seu mau humor é de nascimento — replicou Lydia subindo o sutiã.

—Estava de um humor excelente até um momento.

O olhar da Lydia posou nas mãos de Ainswood, que deveriam levar advertências tatuadas. Com aquelas mãos de diabólica habilidade a tinha acariciado e meio despido, e ela não tinha sussurrado sequer um protesto.

—Estou certa que em seguida voltará a animar-se — disse —. Não tem mais

que sair pela porta. Covent Garden está cheio de rameiras autênticas ansiosas por alegrar sua vida.

—Se não quiser que a tratem como uma fulana, não deveria vestir-se como se fosse. —Ainswood olhou seu sutiã com o cenho franzido—. Ou deveria dizer «despir-se»? É óbvio que não usa espartilho. Nem regata. E suponho que tampouco se incomodou em colocar calções.

—Tinha boas razões para me vestir desta maneira — respondeu ela—. Mas não tenho por que lhe dar explicações. Já me fez perder bastante tempo.

Lydia pôs-se a andar para a porta.

—Ao menos poderia arrumar um pouco a roupa — disse ele—. Tem o turbante torcido e a saia de qualquer maneira.

—Melhor — disse ela—. Assim todo mundo pensará que o fizemos e poderei sair deste sujo lugar sem que me cortem o pescoço.

Lydia abriu a porta e se deteve para olhar a um lado e a outro. Não viu sinal algum de Coralie ou de seus valentões. voltou-se para olhar Ainswood. Tinha remorsos de consciência.

Ainswood não parecia absolutamente sentir-se só nem perdido, disse a sua estúpida consciência. Estava zangado, isso era tudo, porque a tinha confundido com uma puta e tomou o incômodo de persegui-la e seduzi-la para nada.

E se não fosse tão condenadamente hábil, o teria impedido que continuasse antes que as coisas ficassem sérias de verdade, e ele teria ido procurar outra...

E teria estreitado entre seus fortes braços essa outra e a teria beijado com tanta doçura e tanto ardor como qualquer príncipe azul, e a teria acariciado e a teria feito sentir-se como a princesa mais formosa e desejável do mundo.

Mas Lydia Grenville não era uma princesa, recordou sua consciência, e Ainswood não era o príncipe azul.

Lydia saiu à rua.

Só depois de ter fechado a porta, disse em um sussurro: «Sinto muito». Depois atravessou a praça a toda pressa e deu a volta à esquina na James's Street.

Vere estava bastante furioso para deixar que se fosse. E como ela mesma havia dito tão maliciosamente, Covent Garden estava cheio a transbordar de putas. Já que não tinha conseguido dela o que queria, bem poderia ir procurar outra que o desse.

Mas em sua cabeça persistia a imagem de todos os velhos sujos que a comiam com os olhos, e essa visão despertou nele um monte de sensações desagradáveis que não se incomodou em identificar.

O que fez foi soltar algumas blasfêmias e sair correndo atrás de Grenville.

Alcançou-a na Hart Street, a meio caminho de Long Acre.

Quando o viu seu lado, Lydia lhe lançou um olhar furioso.

—Não tenho tempo para o divertir, Ainswood. Tenho coisas importantes que fazer. Por que não vai se ver algum vaudeville, ou uma briga de galos, ou o que seja que atraia a sua mente atrofiada?

Um transeunte se deteve para lançar um olhar lascivo a seus tornozelos.

Vere lhe agarrou a mão e a pendurou no braço.

—Sabia que era você desde o começo, Grenville — disse caminhando a seu passo.

—Isso diz agora, mas os dois sabemos que nunca teria... feito o que fez, se tivesse dado conta de que era Grenville «Pior que a peste», em lugar de uma agradável e amistosa rameira.

—Típico de sua presunção — disse ele—, acreditar que seu disfarce era tão ardiloso que eu não poderia reconhecê-la.

Lançou-lhe um olhar penetrante.

—Assim só fingia estar bêbado — o acusou—. Isso é ainda pior. Se sabia que era eu, só pôde ter uma razão para...

—Só há uma razão para isso.

—A vingança — disse ela—. Guarda-me rancor pelo que ocorreu no beco faz duas semanas.

—Deveria olhar-se no espelho — disse ele—. A roupa que usa apenas a cobre decentemente. Que outra razão necessita um homem?

—Você necessita de outra razão — replicou ela—. Porque me detesta.

—Não se faça ilusões. —Ainswood a olhou carrancudo—. Só é irritante.

Isso sim que tinha sido o eufemismo do ano.

Grenville o tinha provocado, tinha-o excitado até pô-lo a mil... e o tinha obrigado a parar justo quando estavam chegando à parte interessante.

Pior ainda, tinha-lhe feito duvidar.

Talvez Grenville não estivesse fingindo.

Talvez não a houvesse tocado nenhum outro homem.

Ao menos dessa maneira.

Em qualquer caso, Ainswood precisava saber. Porque se realmente era uma novata, não pensava incomodar-se em procurá-la nunca mais.

Não queria saber nada de virgens. Jamais tinha se deitado com uma, nem pensava fazê-lo. Não tinha nada que ver com escrúpulos morais. O único certo era que uma virgem dava muito trabalho para o pouco que oferecia em troca. E tendo em conta que ele não se deitou jamais com nenhuma mulher mais de uma vez, não pensava perder o tempo com uma principiante. Não pensava em ter o incômodo de ensinar-lhe tudo, para que depois outro tipo se beneficiasse disso.

Só havia um modo de resolver a questão de uma vez por todas: o método mais direto.

Ainswood apertou os dentes e segurou a mão de Lydia com maior firmeza.

—É você virgem, não é? —perguntou.

—Eu diria que isso é óbvio — respondeu ela, erguendo o queixo.

E com as bochechas avermelhadas certamente, embora Ainswood não a via bem sob as sombras cambiantes da luz de gás dos postes. Esteve a ponto de levantar a mão para lhe tocar a bochecha e assegurar-se de que estava ardendo, de que se ruborizou.

Recordou então o prodigiosamente suave que era sua pele, e como se estremecia sob suas carícias. E voltou a sentir punhaladas no coração.

Luxúria, disse-se, o que sentia era pura luxúria. Grenville era formosa e estava esplendidamente dotada, e seus seios generosos enchiam as mãos, tal como ele tinha sonhado, e se tinha rendido tão docemente, com tanta calidez, e tinha percorrido seu corpo com as mãos... até onde a vergonha a tinha permitido.

Isso sim que carecia por completo de sentido. Como podia associar a palavra «vergonha» com uma mulher que conduzia sua carruagem como se as ruas de Londres fossem o Coliseu e ela fosse o auriga de César? Como podia sentir vergonha uma mulher que entrava nas casas pela janela, que se lançava sobre um homem em um beco escuro, brandindo sua bengala com a precisão e a potência de um atleta?

Vergonha, ela.

Virgem, ela.

Era ridículo, uma loucura.

—Deixei-o atônito — disse Lydia —.ficou mudo.

Vere se deu conta de que assim era, e descobriu com atraso que tinham chegado a Long Acre.

Também se deu conta de que certamente lhe deixaria manchas roxas, de tão forte como a segurava.

Soltou-a.

Ela se afastou, puxou de novo o sutiã (para o que servia, se com o tecido não havia mais que para lhe cobrir os mamilos), e arrumou o xale para tapar-se com modéstia. Depois levou dois dedos aos lábios e deixou escapar um assobio que teria perfurado os tímpanos de qualquer um.

A curta distância dali, uma carruagem iniciou a marcha para eles.

—Aluguei-o para toda a noite — disse, enquanto Vere esfregava os ouvidos—. Sei que pareço uma fulana e tenho suficiente bom senso para não ir muito longe vestida assim. Não queria me colocar em nenhuma confusão, embora você não acredite. Abandonava Covent Garden quando vi você, e retornei para me

esquivar. Do contrário...

—Dois passos são muitos para uma mulher sem acompanhantes, sobre tudo neste bairro e a noite — disse ele—. Deveria ter procurado alguém que se fizesse de valentão. Um dos tipos com os quais trabalha, por exemplo. É certo que deve haver algum bastante grande ou o bastante feio para afugentar a todos os velhos sujos.

—Um valentão. —A expressão de Lydia se voltou pensativa—. Um tipo grande, que intimide, quer dizer. Isso é o que necessito.

Ele assentiu.

O carro de ponto se deteve frente a eles, mas ela não pareceu precaver-se. Olhava a Vere de cima abaixo, como se estivesse examinando um cavalo no Tattersall'S.

—Sabe, Ainswood? Pode ser que esteja certo — disse com tom pensativo.

Vere recordou ter ouvido ela dizer que tinha uma boa razão para vestir-se daquela maneira. Não a tinha perguntado qual era e se disse que não precisava saber. Tinha-lhe formulado a única pergunta pertinente, e após ter obtido a resposta, não tinha nenhum motivo no mundo para permanecer ali.

—Adeus, Grenville — disse Ainswood com firmeza—. Que tenha uma viagem agradável lá aonde vai. —Fez gesto de partir, mas a mão de Lydia o segurou pelo braço.

—Tenho uma proposta para você — disse.

—O cocheiro a espera — disse ele.

—Continuará esperando —replicou—.paguei por toda a noite.

—A mim não vai comprar. —Vere tirou a mão de Lydia do braço, agarrando-a como se fosse uma lesma.

Ela deu de ombros e o xale escorregou, deixando seu branco ombro nu e praticamente todo um seio, menos o mínimo que ocultava a parte de tecido vermelho.

—Muito bem, como quiser — disse—. Não vou suplicar. Afinal, talvez tenha feito mal em pedir-lhe. A coisa poderia ser muito perigosa para você.

Lydia se virou e se aproximou do carro de ponto. Disse algo ao cocheiro em voz baixa. Enquanto trocava segredos com ele, o xale deslizou ainda mais abaixo.

Vere resmungou uma blasfêmia.

Sabia que estava sendo manipulado.

Mostrava-lhe um pouco de carne, dizia as palavras mágicas: «muito perigosa», às que qualquer que o conhecesse sabia que não poderia resistir, e esperava que fosse correndo atrás.

Bom, pois se acreditava que podia excitar Vere Mallory até deixá-lo louco de desejo com um truque tão velho e conhecido...

... tinha razão, maldita fosse.

Vere se aproximou dela, abriu a portinhola do carro de ponto, ajudou-a a subir com um firme empurrão no traseiro, e subiu atrás dela.

—É melhor não ter me enganado — disse, se deixando cair a seu lado—. É melhor que isto seja condenadamente perigoso.

Capítulo 8

Lydia lhe contou uma versão abreviada do relato da senhorita «Price» sobre as jóias de sua tia, começando com a agressão e o roubo na estalagem de postas e terminando com o que tinha averiguado aquela mesma noite.

Lydia não revelou a verdadeira identidade de Tamsin nem lhe falou da vida anterior de Helena como ladra. Limitou-se a dizer que tinha pensado em solicitar a ajuda de outra pessoa e que podia voltar para o plano original se Ainswood preferia não assaltar a guarida de assassinos que se dedicavam a esfaquear a cara de suas vítimas antes ou depois de as estrangular.

Sua excelência se limitou a soltar um grunhido.

Permaneceu com os braços cruzados sem fazer o menor comentário enquanto ela falava. E quando Lydia terminou e fez uma pausa esperando que ele fizesse alguma pergunta, pois sem dúvida teria muitas, continuou encerrado em seu mutismo.

—Quase chegamos — disse Lydia depois de dar uma olhada pela janela—. Talvez prefira dar uma olhada no lugar antes de comprometer-se.

—Conheço o bairro — disse ele—. Surpreendentemente respeitável para tratar-se de Coralie Brees. De fato, assombra-me que possa permitir-se. A mercadoria que vende digamos que não é de muito boa categoria. Muito inferior ao nível da senhorita Martin. —Ainswood lançou um olhar de esguelha a Lydia—. Suponho que você tem um critério próprio e singular para escolher suas amizades. Parece aficionada aos extremos. Alguém é a rameira mais cara de Londres. A outra é apenas uma moça. Faz somente umas semanas que conhece a senhorita Price, e, entretanto está disposta a arriscar o pescoço para recuperar sua bijuteria.

—Tem um grande valor sentimental — disse Lydia—. Você não entende.

—Nem quero — disse ele—. As mulheres sempre andam preocupadas com alguma trivialidade. Já sei que uma corrida de meia é uma catástrofe. Você pode «entender» tudo o que quiser. Eu me ocuparei dos aborrecidos detalhes práticos, tais como o modo de entrar e de sair sem ser detectados. Do contrário, certamente terei que matar alguém, e Jaynes me tirará os olhos. Sempre fica de muito mau humor quando volto para casa com manchas de sangue na roupa.

—Quem é Jaynes? —perguntou Lydia, momentaneamente distraída.

—Meu valete.

Lydia se voltou para olhá-lo.

Ainswood levava os espessos e escuros cabelos como se um jardineiro bêbado o tivesse penteado com um ancinho. A enrugada gravata-borboleta estava se desatando. Tinha o colete desabotoado e lhe saía uma ponta da camisa por fora da calça.

Lydia recordou com uma excitante sensação que ela tinha contribuído em parte para aquele desalinho. Mas esperava sinceramente que nem tudo fosse culpa dela. Não recordava haver lhe desabotoado nada. O problema era que já não podia estar segura de que sua memória fosse mais confiável que sua capacidade de raciocinar e de dominar-se, que tinha resultado ser nula.

—O seu valete deveria ser enforcado — disse—. Deveria ao menos pensar em seu título, antes de lhe permitir sair de casa em semelhante estado.

—Olhe quem fala — disse ele—. Ao menos eu uso toda a roupa que se deve usar.

Ainswood não deu nem uma olhada a seu aspecto. Não levantou um só dedo para se grampear nem para meter a camisa por dentro ou alisar a gravata-borboleta.

E Lydia teve que apertar as mãos com força sobre o colo para evitar a tentação de fazer por ele.

—Deve ter em conta que é você o duque de Ainswood — disse.

—Mas isso não é minha culpa, maldita seja. — Ainswood voltou o rosto para olhar pela janela.

—Goste ou não, é o que é — insistiu ela—. Como duque de Ainswood, você representa algo maior que sua própria pessoa: uma nobre linhagem que remonta vários séculos.

—Se queria ouvir um sermão sobre minhas obrigações para o título, iria pra casa para escutar Jaynes — disse ele, sem deixar de olhar pela janela—. Nos aproximamos de Francis Street. Será melhor que eu desça para inspecionar o exterior da casa. Você chama muito a atenção.

Sem esperar que ela se mostrasse de acordo, Vere ordenou ao cocheiro que parasse a uma distância prudente da casa.

—Espero que não esteja pensando em tentar algo por si só — disse Lydia quando Ainswood abriu a portinhola. Isto tem que planejar-se com cuidado. Não sabemos quanta gente haverá aí dentro esta noite, assim não vá irromper com alguma impulsiva idéia de...

—Talvez devesse ter a amabilidade de deixar de me exortar — disse ele—. Sei o que tenho que fazer, Grenville. Deixe de preocupar-se.

Abriu a portinhola e apeou.

Lydia levantou muito tarde no dia do roubo.

Em parte se deveu a que havia voltado muito tarde para casa. Passou mais de uma hora discutindo com Ainswood quando este havia retornado de inspecionar o lugar do futuro roubo. Ainswood tinha metido na cabeça a caprichosa idéia de fazê-lo com a colaboração de seu valete em lugar dela, e Lydia tinha esbanjado boa parte de suas energias para erradicar essa estúpida idéia antes que pudessem passar à parte fundamental, ou seja, o planejamento do roubo.

Assim, não se tinha metido na cama até quase as três da manhã. Deveria ter dormido em seguida e com o espírito tranqüilo, pois o plano que tinham decidido conjuntamente era singelo e direto, e os riscos eram muito menores com ele que com Helena.

Lydia também tinha a consciência tranqüila. Não teria que pedir a Helena que arriscasse tudo o que tinha obtido (por não mencionar sua própria vida) por uma jovem que não conhecia. Seu lugar ocuparia Ainswood, que paquerava constantemente com o perigo e a quem não lhe importava arriscar seu inútil pescoço embora fosse sequer por uma aposta.

Não era sua consciência nem os escrúpulos morais pelo que ia fazer que manteve Lydia acordada, e sim seu demônio interior.

As imagens que enchiam sua cabeça não eram dos perigos que teria que encarar nessa noite, mas sim dos que já tinha experimentado: uns braços fortes que a esmagavam contra um corpo duro como uma rocha; beijos lentos e profundos que bloqueavam sua razão; e umas mãos grandes que lhe roubavam a vontade ao mesmo tempo em que percorriam seu corpo, e só lhe deixavam a capacidade de desejar mais.

Expôs então seus argumentos ao demônio: tinha que ser autodestrutiva para desejar manter uma aventura com Ainswood, que usava às mulheres e depois as largava; Lydia perderia o respeito por si mesma se deitasse com um homem que não a respeitava; e também perderia o respeito do mundo, posto que sem dúvida ele faria que todo mundo soubesse.

Lydia recordou a si mesma o muito que tinha a perder. Inclusive seus leitores de mente mais aberta duvidariam de seu bom julgamento, se não de sua moral, ao aceitar como amante o libertino mais famoso de toda a Inglaterra. Disse-se que era uma loucura sacrificar sua influência, por limitada que fosse, no altar do desejo carnal.

Entretanto, não conseguiu sossegar a voz do demônio interior que insistia em fazer o que queria e a mandar as conseqüências passear.

Como resultado, o dia já despontava quando Lydia caiu por fim em um sono irregular, e passava do meio-dia quando desceu para tomar o café da manhã.

Tamsin, que estava dormindo quando Lydia chegou em casa, levava horas acordada. Entrou na sala de jantar pouco depois que Lydia se sentasse, e iniciou o interrogatório assim que Lydia tomou o primeiro gole de café.

—Deveria ter me despertado ao chegar — repreendeu—. Tentei ficar desperta, mas cometi o engano de me pôr a ler um volume dos Comentários de Blackstone na cama, o que resultou pior que tomar uma dose de láudano. Do que queria falar madame Ifrita que fosse tão urgente?

—Descobriu algo turvo no Bellweather — respondeu Lydia—. Se for certo, teremos uma primícia sobre nosso arquirrival para o seguinte número da revista. Esta noite descobrirei a verdade.

A verdade era que não podia contar a verdade a Tamsin. A moça armaria tanto revôo como Ainswood. E o que era pior, passaria a noite louca de preocupação por ela.

Portanto, depois de haver lhe contado uma mentira, passou a lhe dar uma versão adaptada de seu encontro com Ainswood.

Deixou fora toda referência ao roubo que planejavam, mas não omitiu o tórrido abraço no escuro corredor da casa da praça. Uma coisa era proteger a Tamsin de uma preocupação desnecessária, e outra muito distinta fingir que não tinha sido uma idiota.

—Por favor, não pergunte o que fiz com meu cérebro — pediu Lydia ao terminar seu relato—, porque eu mesma me perguntei isso uma centena de vezes.

Lydia tentou comer parte da comida que levava um momento esfriando no prato, mas parecia ter mandado o apetite ao mesmo lugar que seu cérebro.

—Foi muito desconsiderado por parte do duque — disse Tamsin, olhando o café da manhã esquecido com o cenho franzido— comportar-se nobremente duas vezes no mesmo dia. Primeiro no Exeter Street, depois com a florista, e as duas vezes diante de você.

—Três vezes — disse Lydia, corrigindo-a com voz tensa—. Parou quando disse que parasse, lembra. Se não o tivesse feito, não estou segura de eu ter posto muita resistência para proteger minha virgindade.

—Talvez haja um homem decente dentro dele, lutando por sair fora — apontou Tamsin.

—Se for assim, o tipo decente o deixa muito difícil. —Lydia voltou a encher xícara de café e tomou um gole—. Teve oportunidade ontem à noite de dar uma olhada nos livros e notas que deixei sobre minha mesa?

—Sim. Foi tudo muito triste, sobre tudo o último funeral, o do menino que morreu de difteria seis meses depois de falecer seu pai.

O pai, o quinto duque de Ainswood, tinha morrido por causa das feridas sofridas em um acidente, quando viajava de carruagem.

—Esse pai designou Ainswood como tutor de seus três filhos — disse Lydia—. No que acredita que estava pensando o quinto duque para deixar seus filhos ao cuidado do maior libertino da Inglaterra?

—Talvez o quinto duque conhecesse o tipo decente.

Lydia deixou a xícara sobre a mesa.

—E talvez eu somente esteja procurando desculpas para justificar meu desejo de sucumbir a seu atraente rosto, seu físico poderoso e suas sedutoras artes de crápula consumado.

—Espero que não procure desculpas por minha causa — disse Tamsin—. Não pensaria mal de você se deitasse com ele. —Seus olhos castanhos brilharam atrás dos óculos—. Ao contrário, estaria muito interessada em que me contasse tudo isso. Só para estar informada, está claro. E não seria necessário que me fizesse uma demonstração.

Lydia tentou de fulminá-la com um olhar majestoso, mas a boca tremia e prejudicou o efeito. Finalmente se rendeu e pôs-se a rir, e Tamsin riu com ela.

Era um amor, pensou Lydia.

Com umas poucas palavras, Tamsin tinha dissipado o sombrio humor de Lydia, e não era a primeira vez que acontecia. A Tamsin podia falar quase tudo. Tinha uma mente ágil e acordada, um coração generoso e um delicioso senso de humor.

Seus pais não tinham sabido apreciá-la em seu justo valor. Seu pai as tinha abandonado a sua mãe e a ela, e sua mãe a tinha obrigado a partir, quando teria sido muito fácil conservá-la a seu lado. Tamsin não pedia nada. Estava sempre ansiosa por ser útil. Nunca se queixava das longas horas que passava sozinha enquanto Lydia trabalhava, e se iludia sempre que Lydia solicitava sua ajuda. As tarefas de investigação mais tediosas eram todas uma aventura para ela. As criadas a adoravam. E também Susan.

Embora já fizesse tempo que Lydia tinha aprendido a não depender da ajuda da Providência, era inevitável que visse sua jovem companheira como um presente caído do céu.

Essa noite, se tudo saísse bem, Lydia poderia lhe fazer um pequeno, mas valioso presente em troca.

Isso era o que importava, recordou-se.

Levantou-se, ainda sorridente, e alvoroçou os cabelos de Tamsin.

—Quase não comeste — disse a jovem—. Pelo menos se animou. Oxalá fosse tão fácil animar Susan.

Com certo atraso, Lydia se deu conta de que não havia cão algum na sala de jantar fingindo achar-se a beira da inanição.

—Não quis tomar o café da manhã — explicou Tamsin—. Arrastou-me até

Soho Square e depois me arrastou de volta a casa três minutos mais tarde. Não queria passear. Saiu ao jardim e deitou com a cabeça entre as patas, e não fez o menor caso quando tentei tentá-la com a bola. Tampouco quis que atirasse paus para ir buscá-los. Agora mesmo estava procurando seu pato.

Susan tinha vários brinquedos. O quebrado pato de madeira com uma puída corda para puxá-lo era o seu predileto.

Mas se estava zangada, como parecia ser o caso, Lydia sabia que o pato não ia animá-la.

—Ou comeu algo que lhe fez mal, um pequinês perdido, por exemplo, ou está de mau humor — disse Lydia—. Vou dar uma olhada.

Saiu da sala de jantar e se dirigiu à parte posterior da casa. Tinha dado apenas alguns passos quando ouviu o ruído de umas patas que subiam atropeladamente pela escada da cozinha.

A porta de serviço se abriu de repente e apareceu Susan. Em sua cega corrida pelo vestíbulo, tropeçou em Lydia e esteve a ponto de fazê-la cair.

Soou a aldrava da porta e Bess saiu apressadamente do salão para abrir.

Lydia recuperou o equilíbrio e foi rapidamente depois do superexcitado cão.

—Susan, vem aqui! — ordenou, mas não serviu de nada.

O mastim seguiu correndo e passou roçando à criada. Bess cambaleou e se agarrou ao trinco da porta. A porta se abriu e Susan saiu, afastando Bess de seu caminho, para saltar sobre o homem que aguardava na soleira. Lydia o viu cambalear para trás uns instantes, baixou o peso do mastim, antes de tropeçar com algo.

Lydia caiu para frente e viu o pato de madeira deslizar para um lado. Um instante antes de dar de bruço contra o chão, alguém a segurou e a puxou para um tronco amplo e forte.

—Maldita seja, não se incomoda alguma vez em olhar por onde vai? —brigou uma voz muito familiar por cima da cabeça, que lhe dava voltas.

Lydia ergueu a vista... e se encontrou com o olhar regozijado dos verdes olhos do duque de Ainswood.

Um quarto de hora mais tarde, Lydia se achava em seu estúdio observando sua excelência, que inspecionava seus móveis e seus livros como se fosse um agente de seguros loteando a propriedade para uma demanda por dívidas. Enquanto isso, Trent (o homem que Susan tinha tentado atirar ao chão sem conseguir), Tamsin e Susan foram a Soho Square, porque Ainswood lhes havia dito que dessem um passeio.

—Ah, Life in London, do senhor Pierce Egan — disse o duque, tirando o livro

da estante—. É um de meus favoritos. É daqui que tirou todos os seus truques?

—Estou esperando que me diga por que invadiu minha casa — respondeu ela com tom glacial—. Disse-lhe que iria buscá-lo esta noite às nove. Quer que o mundo inteiro saiba que nos conhecemos?

—O mundo inteiro soube faz um mês em Vinegar Yard. O mundo inteiro presenciou nossa apresentação. —Ainswood não ergueu o olhar do livro—. Deveria pedir a Cruikshank para que faça as ilustrações, sério. Purvis é muito organizado. Necessita você o toque mais arteiro de Cruikshank.

—Quero saber o que pretende entrando aqui tão ricamente como se fosse o dono desta casa, e acompanhado pelo Trent.

—Precisava dele para tirar a senhorita Price de nosso meio — respondeu ele virando uma folha—. Parece-me que é óbvio. Ele a manterá ocupada tentando decifrar o mistério de Carlos II, o que a impedirá de especular sobre minha inesperada presença.

—Poderia ter conseguido o mesmo simplesmente não se apresentando aqui — disse Lydia.

Ainswood fechou o livro e o devolveu a seu lugar na estante. Depois olhou Lydia lentamente, de cima abaixo. Lydia notou um quente comichão na nuca que se estendeu para baixo e para frente. Seu olhar deslizou até as mãos do duque. Voltou a sentir que lhe percorria o corpo o mesmo desejo que aquelas mãos tinham despertado nela na véspera, e teve que recuar e ocupar as suas em ordenar a mesa para que não fossem atrás dele.

Lydia desejou ter experimentado um amor juvenil. Desse modo, teria estado familiarizada com esse sentimento e o teria controlado, igual controlava outros.

—Pedi a Trent que leve a senhorita Price ao teatro esta noite — disse ele.

Suas palavras arrancaram Lydia bruscamente de seus pensamentos. Trent. Tamsin. Ao teatro. Juntos. Tinha que pensar. Certo que encontraria alguma objeção.

—Jaynes não estará livre para depená-lo jogando bilhar — prosseguiu Ainswood distraído-a—. E não posso deixar Trent sozinho. Pensei na possibilidade de fazê-lo participar de nossa conspiração...

—Em nossa...

—... mas a perspectiva de desfrutar do singular tipo de ajuda que Trent pode nos oferecer: tropeçando, quebrando coisas, chocando-se com as portas e indo ao encontro de facas e balas, pô-me os cabelos em pé.

—Se causa tantos problemas, por que demônios o adotou?

—Diverte-me.

Ainswood se aproximou da lareira. Dadas as dimensões do estúdio, não teve que andar muito. Entretanto, o curto trecho bastou para exhibir a graça atlética

com a qual se movia, e a elegância com a qual suas roupas envolviam sua musculatura.

Se fosse meramente bonito, Lydia teria podido observá-lo com indiferença, disso estava segura. Era seu corpo forte e musculoso o que achava tão... fascinante. Sentia de um modo esmagador quão forte era na realidade e a facilidade com que fazia uso de sua força. A noite anterior a tinha levantado nos braços sem nenhum esforço, fazendo que se sentisse como uma menina.

Jamais havia se sentido assim antes, nem sequer quando era pequena.

E naquele momento também se sentia estúpida, como uma adolescente apaixonada. Esperava que seu rosto não deixasse transparecer seu idiota embevecimento. Finalmente conseguiu afastar o olhar e fixá-lo em suas mãos.

—Não tem por que preocupar-se.

A profunda voz de Ainswood voltou a atrair sua atenção para ele.

Ainswood tinha o cotovelo apoiado no suporte da lareira e a olhava com a mandíbula descansando sobre a mão.

—Eu lhe disse que você me tinha pedido que a ajudasse em um trabalho de máxima confidencialidade — prosseguiu—. Pedi-lhe que leve a senhorita Price ao teatro para «dissipar suspeitas». Não me perguntou que suspeitas terei que dissipar, nem por que se dissipariam indo ao teatro. —faíscas dançavam como demônios diminutos em seus olhos verdes—. Claro que... um homem que imagina que uma garota pode escapar de uma masmorra de pedra com uma colher afiada pode imaginar algo. Assim deixei que pense o que queira.

—Uma colher? —disse ela atônita—. Para escapar de uma masmorra?

—Miranda, da rosa de Tebas — explicou ele—. Trent acredita que é assim que escapará.

Lydia saiu de seu sonho com um grande sobressalto. Miranda. Por todos os demônios. Deu uma rápida olhada a sua mesa, mas não, não tinha deixado o manuscrito em cima. Ou se o tinha feito, Tamsin devia tê-lo guardado. Fazê-la participar de seu segredo tinha sido um ato de confiança, para não mencionar que era muito mais singelo que qualquer subterfúgio com uma jovem tão inteligente e perceptiva na casa.

Tamsin também tinha guardado o Annual Register e o Debrett's Peerage. Mas as notas de Lydia e a árvore genealógica da família Mallory que tinha começado estavam justo no centro da mesa. Empurrou tudo com indiferença para colocá-lo debaixo do Edinburgh Review.

—Não irá apunhalar-me com um abre cartas, não é? —perguntou Ainswood—. Não descobri o bolo. Sei que você quer fazer uma surpresa à senhorita Price esta noite. Suponho que terá idealizado alguma desculpa de trabalho.

—Sim, é obvio. —Lydia trocou de posição para sentar-se na borda da mesa, em cima do Edinburgh Review—. Se supõe que vou desmascarar os trapos sujos de um jornalista rival. Não há a menor possibilidade de que comparem nossas histórias entre eles. Não lhe falaria jamais de meu trabalho.

—Então o que é o que tanto a inquieta?

Ainswood se separou da lareira e rodeou a mesa até ficar atrás de Lydia, que não se moveu.

—Suponho que não lhe ocorreu a possibilidade de que ela recuse o convite de Trent —disse Lydia.

—Conforme acredito, ontem tiveram um encontro muito interessante. — Ainswood parou diante de Lydia, só a um passo dela—. Ao que parece a senhorita Price suportou o bate-papo incoerente do Trent durante um bom momento. — Inclinou a cabeça e acrescentou, baixando a voz—: Talvez goste.

Lydia notou seu fôlego no rosto. Quase notava seu peso em cima, e a força arrebatadora de seus braços.

Mas quase não era suficiente. Lydia sentia um comichão na mão que a impulsionava a levantá-la para agarrar a gravata-borboleta engomada e atrair o rosto de Ainswood para si.

—Duvido — disse—. Ela...

Lydia deixou a frase inacabada, dando-se conta de repente de que a gravata-borboleta estava realmente engomada e que, além disso, aquelas roupas que tão bem se amoldavam ao corpo do duque não tinham rugas nem rasgões nem manchas.

—Por Deus, Ainswood! —exclamou sem elevar a voz—. O que aconteceu? — Seu atônito olhar se moveu para a cabeça—. Está penteado. —Sua atenção se desviou para baixo—. Não dormiu vestido.

Ainswood deu de ombros.

—Pensava que falávamos da senhorita Price e de Trent, não do que uso para dormir.

Suas palavras não conseguiram que Lydia trocasse de tema.

—Suponho que terá feito caso de minha sugestão: terá pendurado seu valete e terá encontrado um substituto decente.

—Não o pendurei. —Ainswood se inclinou ainda mais para ela, e Lydia captou um sedutor aroma de sabão e colônia—. Lhe disse...

—Que perfume tão agradável — disse ela, jogando a cabeça para trás—. O que é?

—Disse-lhe — prosseguiu Ainswood com tom tenso— que você não aprovava minha maneira de vestir. —Suas grandes mãos se apoiaram na mesa de ambos os lados de Lydia—. Disse-lhe que no sucessivo minha vida se voltaria aborrecida e

inútil.

Ela fechou os olhos e cheirou o ar.

—Como um bosque de pinheiros... muito longínquo... e um levíssimo rastro atraído pelo vento.

Lydia abriu os olhos. A boca de Ainswood estava apenas a um par de centímetros da sua.

Ainswood se afastou, longe de seu alcance, e sacudiu algo do punho.

—Direi-lhe que ficou extasiada e se desfez em poéticos elogios. Direi-lhe que se tornou completamente surda a todo bate-papo inteligente. Mesmo assim, se não há oposição as minhas disposições sobre o Trent e a senhorita Price, o que deveria destacar-se como uma espécie de milagre. Assim sendo, até esta noite.

Ainswood deu meia volta e se encaminhou para a saída.

—Isso é tudo? —perguntou Lydia—. Só veio para isso, para me contar seus planos sobre o Trent?

—Sim. —Ainswood não voltou a vista para trás, não se deteve. Saiu pela porta a grandes passadas e fechou-a com uma batida.

Lydia tinha tido o excelente bom senso de ocultar sua espessa cabeleira dourada sob uma boina puída. Supunha-se que usava calças também por bom senso. Tal como havia dito a Vere, vestiu-se para a ação, com uma camisa masculina de cor escura metida nas calças e uma jaqueta curta por cima, sem saias nem roupas soltos que pudessem ficar enganchadas ou presas.

E por isso, porque a jaqueta lhe chegava somente até a cintura, e as calças de segunda mão estavam tão gastos na parte do traseiro que eram finas como o papel, e além disso ficavam um pouco apertadas, Vere notava, atormentado, que uma parte dele também pedia ação... mas de outro tipo.

«Não deixe de pensar no trabalho», ordenou-se quando o pé de Lydia se apoiou em suas mãos entrelaçadas para dar impulso e encarapitar-se ao telhado do banheiro.

Encontravam-se na parte posterior da casa de Coralie.

Vere ajustou o lenço escuro (com fendas para ver e respirar, igual ao da Lydia) que ocultava seu rosto, e subiu por sua vez ao telhado do banheiro exterior. Dali se alcançava facilmente o batente da janela de Coralie. A janela estava fechada, mas sem o fecho travado, de modo que Vere não teve problema em abri-la com sua navalha.

Fazia já um bom momento que Coralie tinha saído, e Vere tinha comprovado com antecedência quem ficava na casa. Havia um par de criados em baixo, e pelo ruído que faziam, estavam brigando. Mesmo assim, Vere voltou a comprovar que

não havia ninguém no primeiro piso antes de entrar pela janela. Lydia entrou a seguir, passando as longas pernas por cima do batente.

—É um armário — murmurou com voz apenas audível—. Sem uso, evidentemente.

Não era nada estranho. Fazia pouco tempo que Coralie se mudou à rua Francis.

Ainswood recordou que o estúdio de Grenville era um armário reconvertido. O pequeno espaço na parte posterior da casa tinha uma janela para deixar passar a luz do dia, e uma lareira minúscula. Com a mesa, a cadeira e prateleiras cheias de livros nas paredes, era um claro convite ao incêndio.

Mas não era o fogo o que o tinha preocupado ali dentro, e sim a forma em que o olhava Lydia. Aquele assombro dele (como se o fato de que usasse o cabelo limpo e penteado e a roupa sem rugas constituísse uma das maravilhas do mundo) deveria ter sido cômico, mas estava muito incomodado para rir. Havia se sentido envergonhado e incômodo, como um adolescente endomingado tentando impressionar ao objeto de sua juvenil teimosia.

Mas isso não era o pior. Instantes depois, Ainswood tinha descoberto que um par de olhos azuis como o gelo podiam transmitir calor e subir a temperatura de um homem até o ponto de ebulição. Então tinha tido que partir apressadamente, antes de perder o controle.

Com a pressa, tinha esquecido informar Lydia de outras mudanças nos planos. Sem dúvida ela usaria outro de seus sujos truques para lhe fazer pagar caro por se introduzir na casa pela entrada de serviço às oito e meia e a tivesse obrigado a meter-se na carruagem que tinha alugado.

Ela queria ir recolhe-lo em um carro de ponto, porque conforme dizia era mais discreto. Ao que parece o considerava bastante estúpido para aparecer em um de seus próprios veículos com o emblema ducal na portinhola dando conhecer a gritos sua identidade.

Realmente Grenville estava convencida de que era um idiota, ruminava Vere, enquanto avançava tentando a sorte pela diminuta casa.

Como se ela fosse infalível.

A Lydia não tinha ocorrido que a casa de Coralie estava a poucas quadras de Soho Square, o que fazia mais coerência que Vere recolhesse seu cúmplice no caminho, posto que vivia mais longe, em lugar de ser ela que tivesse que ir e voltar para recolhê-lo.

De qualquer forma, não teria servido de nada que explicasse. Estava certo de que ela não tinha prestado atenção a mais de uma palavra de cada vinte das quais tinha pronunciado no estúdio. Estava muito ocupada olhando-o, observando cada um de seus movimentos, como se o estudasse pelo microscópio.

No transcurso de sua vida de libertinagem, Vere tinha despido um bom número de mulheres com os olhos, mas não tinha prestado muita atenção para ver se elas faziam o mesmo. No estúdio tinha percebido, com o coração acelerado, aquele olhar azul que parecia penetrar as diferentes capa de roupas imaculados de excelente corte, como se fossem transparentes.

Naturalmente, seu membro tinha começado a pedir guerra, e então ela lhe pôs aquele olhar sonhador e começou a falar poeticamente e... bom, como era de esperar, seu cérebro se bloqueou e seus pensamentos passaram a depender de seu órgão reprodutor.

Era um milagre que não a tivesse jogado sobre a mesa e a tivesse deflorado naquele mesmo instante, pensou com irritação, ao pôr a mão sobre o trinco da porta. Uma vez mais se deteve a escutar. Não havia sinais de vida. Com cautela, abriu apenas uma fresta.

Um pequeno abajur iluminava tenuemente a sala continua, arrojando sombras vacilantes.

—Quarto — disse ele em voz muito baixa.

—Você vá pela esquerda — sussurrou Lydia—. Eu irei pela direita.

Vere entrou sigilosamente no quarto e se dirigiu para a outra porta sem fazer ruído. Lydia o seguiu de perto. Começando da porta, iniciaram o registro em busca das jóias, cada um por seu lado.

O quarto era um caos: tinha vestidos, roupa interior e calçado espalhada por toda parte.

Vere imaginou uma cena similar, mas em seu próprio dormitório, e em sua visão era a roupa de Grenville a que estava espalhada pelo chão, como uma luxuriosa esteira de objetos negros que acabava no pé da cama em um confuso monte de regata, espartilho e meias. Sobre a cama, o delicioso corpo de uma mulher, muito, muito quente, e...

—meu deus.

Vere lançou um rápido olhar a sua companheira. Por um momento pensou morto de calor que tinha expressado em voz alta seus lascivos pensamentos. Mas não. O rosto mascarado de Lydia não se voltava para ele. Grenville estava de joelhos, contemplando fixamente o conteúdo de uma chapeleira aberta.

Vere deixou cair as anáguas que acabava de tirar de debaixo de um tamborete e foi ao outro lado do quarto para ajoelhar-se ao lado dela.

A vacilante luz do abajur, viu cintilar braceletes, brincos, anéis, colares, selos, correntes e broches no interior da chapeleira. Aquela incrível confusão parecia o ninho de uma gralha, com as peças enganchadas e presas umas com outras. Entretanto, não era isso o que tinha provocado a exclamação da Lydia.

Lydia agarrou um objeto que havia sobre o reluzente monte de jóias. Era um

alfinete de gravata-borboleta. A cabeça estava artisticamente esculpida e representava dois corpos entrelaçados de um modo expressamente proibido tanto pela Igreja como pelo Estado.

Vere o arrebatou das mãos.

—Deixe isso agora — sussurrou—.As coisas da senhorita Price estão aqui dentro?

—Sim — respondeu ela—, junto com todas as jóias do hemisfério ocidental, ao que parece. Separá-las vai ser mais difícil que desfazer o nó gordiano⁷. Trespassei os anéis nas correntes e os colares e... OH, tudo está unido ou preso com todo o resto.

Lydia se afastou engatinhando, pinçou em um montão de roupa revolta e tirou uma regata. Voltou com ela, estendeu-a no chão e derrubou em cima o conteúdo da chapeleira. Depois agarrou as quinas da roupa para as juntar e formar uma trouxa.

—pegue uma liga — pediu.

—Está louca? Não nos podemos levar isso tudo. Você disse...

—Não temos alternativa. Não podemos passar toda a noite aqui desenganchando as peças que queremos. Pegue uma... Deixe. Aqui há uma.

Lydia agarrou uma liga solta que havia pelo chão e atou a trouxa com ela.

Vere desabafou cravando o obsceno alfinete em um chapéu que tinha perto.

Lydia fez gesto de levantar-se, mas de repente se deteve em seco.

Vere ouviu o mesmo ela no mesmo instante: passos e vozes que se aproximavam... rapidamente.

Vere se lançou sobre Lydia, atirou-a ao chão e a empurrou sob a cama. Colocou um montão de vestidos e anáguas na chapeleira, fechou-a e a empurrou para um canto, depois se lançou por sua vez sob a cama, no justo momento em que se abria a porta.

Capítulo 9

Pareceu-lhes que se prolongava durante horas. O colchão sofria violentas sacudidas, a francesa umas vezes gritava de dor e outras suplicava a seu parceiro que continuasse, e este ria ou a ameaçava com uma voz que a Lydia parecia vagamente familiar, uma voz que deslizava por sua pele e se metia no ventre, deixando-a estremecida e um pouco enojada.

Lydia não pôde evitar o impulso de aproximar-se de Ainswood. Teria se metido debaixo de seu corpo se a escassa altura não a tivesse impedido de levar a cabo aquele inexplicável ato de covardia. Apesar de estar deitada de bruço no

⁷ Nó gordiano é como um nó de marinheiro

chão, de vez em quando notava o colchão afundando-se sobre sua cabeça. Rezou para que não desabasse. Rezou para que nenhum dos acrobáticos amantes caísse da cama e olhasse debaixo casualmente.

Não era o lugar mais idôneo para forçar a fuga, precisamente, e além disso Lydia não poderia lutar com efetividade se continuava segurando com força sua preciosa bota de cano longo.

Será que não pensavam alguma vez em acabar, os condenados?

Finalmente, ao fim de alguns de minutos mais que lhe pareceram duas décadas, o tumulto cessou.

«Fora. Já se divertiram. Agora partam »,ordenou Lydia mentalmente.

Mas não, agora tinham que manter uma conversa na cama.

—Estupenda atuação, Annette — disse o homem—. Mas pode dizer a sua ama que uma puta complacente não basta para me aplacar.

O colchão se moveu e um par de pés masculinos com meias aterrissaram no chão a uns centímetros da cabeça de Lydia, que notou a mão de Ainswood sobre suas costas, apertando-a com firmeza.

Lydia compreendeu a silenciosa mensagem: Não devia mover-se.

De modo que permaneceu imóvel, apesar de que parecia que tremiam todos os músculos do corpo. De sua vantajosa posição, era evidente que aquele tipo realizava um registro similar ao dele. Lydia reprimiu um grito quando o viu puxar a chapeleira que ela tinha esvaziado.

Mas o homem a jogou em um lado e agarrou um chapéu.

—Aqui está meu alfinete — disse—. Bem, sabe o que me parece? Parece-me que isto é o cúmulo. Depois de ficar com o que sabia que era meu, e mentir quando perguntei se tinha deixado isso aqui, tem a desfaçatez de exhibir-se com ele em público, e adornando seu grosseiro chapéu, nada menos.

—Eu não sabia — disse a voz inquieta da garota—. Nunca o tinha visto até agora, juro, monsieur.

Os pés avançaram até a cama e desapareceram quando o homem subiu nela, fazendo que o colchão se afundasse sob seu peso. A garota deixou escapar um chiado.

—Gostou, Annette? —perguntou o homem, com certo tom regozijado—. Você gostaria de se converter em meu agulheiro durante uma hora? Ocorrem-me muitos lugares interessantes nos quais...

—Por favor, monsieur. Não fui eu. Eu não o roubei. Por que me castiga?

—Porque estou muito zangado, Annette. Sua ama roubou meu pequeno alfinete de perversidade, uma peça única que me custou muito cara. E também me roubou, ou afastou de mim a garota da qual havia gostado. Uma bonita aleijada que estava sozinha no mundo. Não estava em seu lugar habitual no

Covent Garden ontem à noite, mas Coralie sim estava ali, toda sorrisos. A florista tampouco estava ali esta noite. —O colchão se moveu com violência e a garota gritou.

Lydia notou que o corpo de Ainswood ficava tenso a seu lado, disposto a sair e dar uma surra ao repugnante tipo. Mas a garota soltou uma risada e Lydia recordou que tipo de pessoa era Annette, a que só madame Brees superava em crueldade e brutalidade. Annette era a que estava acostumada a ajudar Josiah e ao Bill a quebrantar a vontade das novas.

Lydia encontrou a mão de Ainswood e a apertou, tentando indicar que não se movesse.

—Não, este não é o modo de castigá-la, não é? —dizia o homem—. Que mais você faz que doa a ela?

Uma vez mais, os pés desceram até o chão. Desta vez, o homem recolheu as roupas que antes tinha jogado com tanta pressa e descuido.

—Vista-se — ordenou—. Ou não se vista, como preferir. Mas vais ajudar-me a encontrar o tesouro, Annette, e espero para seu bem que a busca tenha êxito.

—Mas eu não sei aonde foram a parar as jóias.

Lydia sentiu que o coração subia à garganta.

A garota sabia que faltavam as jóias. Era evidente que o cliente havia retornado ou tinha chegado inesperadamente, e a tinha interrompido enquanto saqueava o quarto de Coralie. Deviam ser Annette e aquele velhaco os que tinha ouvido discutir embaixo.

O homem pôs-se a rir.

—Para que quero esse ninho de ratos? Demoraria semanas desembaraçando-os, e para que? Há muito pouca coisa de valor mesclada com uma incrível quantidade de bagatelas. Coralie não tem o menor gosto, nem critério, só cobiça. Não, meu pequeno agulheiro. Quero o ouro, a prata e os bilhetes de banco. A caixa. Sei o aspecto que tem, mas não estou de humor para me pôr a procurá-la.

—Monsieur, suplico. Sou a única a quem diz onde está a caixa. Se desaparecer, me jogará a culpa e me...

—diga que a obriguei. Quero que o diga. Quero que saiba. Onde está?

Depois de uma breve pausa, Annette respondeu com tom áspero:

—Na adega.

O homem se dirigiu à porta.

—Esperarei na parte de atrás enquanto vai procurá-la. Se apresse.

O colchão recuperou sua posição normal quando a garota abandonou a cama. Resmungando palavras em francês, inaudíveis para a Lydia, Annette recolheu suas roupas e saiu rapidamente atrás do homem.

A porta apenas se fechou e Lydia começava a respirar com normalidade, quando Ainswood lhe deu um empurrão.

—Saia — sussurrou.

Obedientemente, Lydia saiu arrastando de debaixo da cama, com a mão de Ainswood no traseiro ajudando-a. Ainswood não esperou a que ela se levantasse. Levantou-a ele mesmo e a empurrou para a porta que dava no armário.

Tiveram que esperar junto à janela que um criado saísse do banheiro. Instantes depois, Lydia descia pelo telhado do banheiro. Ainswood chegou ao chão ao mesmo tempo e a agarrou pelo ombro.

—Fique aqui — murmurou a seu ouvido—. Tenho que fazer uma coisa. Não demorarei.

Lydia esperou um momento, tal como ele tinha pedido, mas ao fim de uns minutos de tensa espera, a curiosidade pôde mais que ela. Avançou cautelosamente ao longo da parede do banheiro e deu uma olhada ao chegar à quina.

Viu a figura corpulenta de Ainswood apoiada na parede da casa junto a uma escada que levava a adega. Enquanto o observava, um homem subiu pela escada levando uma pequena caixa. O homem se deteve ao ver o tipo mascarado que esperava acima, logo quis voltar a descer, mas Ainswood se moveu muito depressa.

Enquanto Lydia o olhava com assombro, o duque arrastou o homem escada acima e o jogou contra a parede. A caixa caiu ao chão ao mesmo tempo em que Ainswood dava um murro em sua presa no estômago. O homem se dobrou sobre si mesmo. O enorme punho voltou para estelar se, contra o rosto desta vez, e o homem caiu ao chão.

—Verme repugnante — disse Ainswood em um tom rouco e feroz que Lydia não reconhecia nele. O duque se virou, abandonando sua vítima inconsciente no chão, e tirou a máscara, que jogou em um lado enquanto caminhava para ela.

Lydia tirou a máscara. Estava como atordoada.

Ainswood a agarrou pelo braço e a conduziu através do estreito jardim para sair na Francis Street.

Lydia não recuperou a fala até que chegaram a Tottenham Court Road.

—por que demônios fez isso? — perguntou sem fôlego.

—Você ouviu — respondeu ele com o mesmo tom ameaçador de antes—. A florista. Foi ele quem tentou enrolá-la... e agora já pode imaginar o que teria feito com ela.

Lydia se deteve, olhou as mãos do Ainswood e logo seu rosto duro e colérico.

—OH, Ainswood — exclamou, e o agarrou pelos ombros. Queria sacudi-lo porque era um mentiroso, por ter fingido que entregava o dinheiro a florista só

para tirá-la do meio deles.

Lydia fez o gesto de sacudi-lo, mas depois rodeou aqueles ombros fortes com seus braços e acabou abraçando-o.

—Obrigado. Isso era o que eu queria fazer, lhe dar uma surra. —«E poderia te beijar por isso», pensou, jogando a cabeça para trás para olhar de novo a cara de Ainswood, com sua feroz expressão.

Mas não bastava pensar.

Beijou-o.

Entretanto, Lydia não perdeu por completo a razão. Pretendia lhe dar um beijo rápido, uma breve saudação a seu cavalheirismo. Roçaria-lhe o rosto com os lábios em um gesto de amizade pelo trabalho bem feito.

Mas Ainswood virou a cabeça e recebeu o beijo na boca, e quando a rodeou com seus braços, ela compreendeu que era uma mentirosa, que só fingia querer outra coisa.

A boca que se esmagou contra a sua não era suave nem persuasiva como a última vez, e sim furiosa e insistente.

Lydia deveria ter-se afastado, mas não sabia como resistir ao que tão desesperadamente desejava, por muito mal que estivesse. De modo que lhe rodeou o pescoço com os braços e bebeu avidamente daquela ferocidade e daquela ira, que correu por suas veias como um perigoso licor e despertou uma alegria selvagem em seu demônio interior.

Não deveria ter se sentido tão feliz, como se fosse ela a que conquistava em lugar de ser conquistada. Mas se sentia imensamente ditosa porque os braços férreos de Ainswood a esmagavam, moldando-a contra seu corpo como se quisesse meter-lhe na pele, como se lhe faltasse um pedaço e só ela encaixasse perfeitamente no vazio.

A boca de Ainswood pedia mais, e Lydia a abriu para ele e estremeceu de prazer culpado quando suas línguas se mesclaram em pecadora intimidade. As grandes mãos do duque percorreram seu corpo audazmente como se lhe pertencesse, como se não pudesse haver a menor dúvida sobre isso. E, nesse momento, lhe pareceu que realmente não a havia.

Lydia deixou que suas mãos se deslizassem sob a borda do colete de Ainswood, e estremeceu de novo quando percorreram os poderosos músculos que se esticavam sob suas carícias. Então compreendeu que ela também tinha poder sobre ele. Procurou até achar o lugar onde Ainswood não podia ocultar a verdade, onde notava o furioso pulsar de seu coração sob a palma da mão.

Notou como estremeceu com suas carícias, igual a ela, e ouviu o ruído rouco e ávido que deixava escapar ao tempo que a aferrava pelas nádegas com descaramento e apertava o inchado membro contra sua pélvis.

Desta vez Lydia não usava várias capas de anáguas que a isolassem, e aquele enorme vulto palpitante fez que desse um suspiro por reflexo. Não foi mais que uma reação de sobressalto momentânea, mas ele deve ter percebido, porque se separou imediatamente.

Ainswood jogou a cabeça para trás e a agarrou pelos braços.

—Maldita seja, Grenville — disse com voz pastosa—, estamos em um lugar público.

Depois a soltou, abaixou-se ao lado e recolheu a trouxa que ela tinha deixado cair sem dar-se conta. Em seguida voltou a agarrá-la no braço com firmeza e a conduziu ao ponto onde os aguardava a carruagem.

Annette não tinha acabado de fechar a porta da adega quando ouviu os passos apressados que voltavam em lugar de afastar-se. Não tinha aparecido para ver, só tinha aguçado o ouvido. E tinha ouvido o golpe surdo contra a parede e ruídos e grunhidos.

Annette tinha conhecido as ruas de alguns dos piores bairros de Paris. Era impossível que não reconhecesse os ruídos típicos de uma emboscada em um beco. Ela mesma tinha atraído a mais de um bêbado para uma emboscada em sua primeira e dissipada juventude.

Ouviu uma furiosa voz inglesa e soube que não era a de seu repugnante cliente. Aguardou, sem deixar de escutar, até que uns passos que se afastavam lhe disseram que o dono da voz irada tinha abandonado o pequeno jardim.

Então saiu sigilosamente de seu esconderijo e subiu a escada. O jardim era muito pequeno e só recebia a escassa luz que se filtrava de umas poucas janelas que davam a ele. Não obstante, bastou para distinguir de quem era o corpo que jazia no chão.

Aproximou-se. Decepcionada, comprovou que o porco respirava ainda. Olhou em redor procurando algo com que rematá-lo, mas não viu a seu alcance nenhum objeto que pudesse servir de arma, nem sequer um tijolo quebrado. Aquele bairro era muito limpo e respeitável, pensou com frustração. De repente seu olhar posou na caixa, e Annette se voltou para ela. O homem grunhiu e se moveu. Deu-lhe um chute na cabeça, agarrou a caixa com toda pressa e saiu correndo.

Mais ou menos naquele instante, Lydia subia à carruagem de Vere, que a olhava desejando que alguém chutasse a cabeça dele.

Vere lançou um olhar furioso a Jaynes, que ocupava o assento do cocheiro e luzia um sorriso do mais vil e malicioso.

O canalha os tinha visto beijando-se.

Como podia tê-los visto qualquer um que passasse Tottenham Court Road. Entretanto, só Jaynes sabia que Vere abraçava uma mulher, e não um homem, como se fosse uma jibóia, tentando esmagá-la e devorá-la de uma vez.

Vere jogou a trouxa a Lydia e depois subiu e se sentou a seu lado.

A carruagem iniciou a marcha com uma brusca sacudida que jogou Lydia contra Vere. Ela se apressou a erguer-se, o que irritou Vere, sem que soubesse muito bem por que.

—um pouco tarde para ser moderada — espetou—. As fofocas poderiam durar meses. Se alguém nos viu, amanhã ao meio dia todo Londres saberá que o duque de Ainswood gosta de homens.

—um pouco tarde para fingir que o escândalo o preocupa — replicou ela com frieza—. Esteve alimentando as fofocas durante anos e de repente, esta noite, decide voltar-se sensível à opinião pública. —Lydia lhe lançou um abrasador olhar de azul gelado.

Vere não precisava de mais luz para saber que era azul nem um termômetro para perceber sua temperatura.

—Não me venha com um de seus olhares fulminantes — disse soltando um bufo—. Você começou.

—Pois eu não o ouvi gritar pedindo socorro — disse ela com desdém—. Não me pareceu que resistisse o mínimo. Ou devo acreditar que os dois golpes com os quais despachou esse perverso o deixaram muito fraco para opor-se a meu ataque?

Vere não tinha pensado sequer em resistir. Se ela não tivesse começado, o teria feito ele, embora fosse uma estupidez, posto que só conseguiria excitar-se para nada. Embora aquela mulher de uma arrogância o exasperasse o pusesse excitado até o ponto da humilhação, não podia andar por aí satisfazendo sua luxúria em público. E não o faria em nenhum outro lugar, porque ela era virgem.

Entretanto, tentou convencer-se de que não era ela em concreto o que o punha excitado. O perigo podia excitar sexualmente.

De qualquer forma, não tinha se excitado enquanto estavam debaixo da cama. O que havia sentido era um grande temor, enquanto ouvia o repugnante verme que havia sobre a cama e imaginava todas as coisas horríveis que podiam chegar a acontecer. Imaginava que lhe cravavam uma adaga nas costas, que lhe davam uma paulada na cabeça, e que a morte ia por ele finalmente, no preciso instante em que não podia permitir morrer, porque então não ficaria ninguém para proteger Lydia da fulana e de seu perverso companheiro de cama, e eles lhe fariam coisas terríveis e repugnantes a sua companheira de delito. E Vere tinha rezado com ardor e desespero: «Por favor, me permita viver o tempo suficiente

para tirá-la daqui sã e salva, só isso, e serei bom, prometo.»

Por sua mente passou fugazmente a imagem de si mesmo segurando a mão de um menino e rezando em silêncio, tentando chegar a um acordo com um poder invisível. Rapidamente desprezou aquela imagem e reprimiu a angústia que lhe oprimia o peito.

—Não a desejo — disse.

—Mentiroso — disse ela.

—É uma presunçosa — replicou Vere virando o rosto—. A senhorita Virgem Vestal acredita que sabe tudo. Nem sequer sabia beijar até que eu a ensinei.

—Não recordo ter pedido — disse ela.

—Por isso deduz que é você irresistível.

—Para você, sim. O que outra coisa posso deduzir de seu comportamento? E eu gostaria de saber por que arma tanto alvoroço por isso.

—Eu não armo nenhum alvoroço, e eu gostaria que deixasse de usar esse tom condescendente comigo.

—eu gostaria que deixasse de mentir — disse ela—. O faz muito mal. Não vejo por que não pode admitir que me acha atraente e que isso o mortifica porque o irrita e porque sou uma virgem ignorante e por todos outros motivos que perturbem sua dignidade masculina. É evidente que não lhe ocorreu que também eu me sinto mortificada. O fato de que o ache atraente não é precisamente um elogio ao meu bom gosto nem ao meu bom senso. O destino me deu experiências muito ruins, mas esta supera todas.

Vere se virou de novo para ela.

Lydia estava sentada muito erguida, com a cabeça reta, olhando para frente, e com as mãos fortemente entrelaçadas sobre a trouxa em seu colo.

—Maldita seja, Grenville — disse apertando os punhos—. Não é necessário que fique assim, como se tivesse ferido seus sentimentos.

—Como se isso fosse possível — espetou ela com desprezo—. Como se eu fosse permitir-lhe

—Então o que? — quis saber ele—. O que quer que faça? Que me deite com você? Viveu durante um monte de anos sem...

—Vinte e oito — disse ela apertando os dentes—. Não sou tão mais velha.

—conseguiu proteger sua virtude durante todos estes anos — prosseguiu ele elevando a voz—. Não me venha agora me jogando a culpa. Não queira me fazer acreditar que eu a corrompi.

—Importa-me muito pouco o que você acredita.

—Você já sabia como era quando me conheceu! Sua amiga puta a acautelou sobre mim! Disse-lhe que se fosse de Londres, não é assim?

—Londres é uma cidade muito grande. Não havia razão alguma para que

nossos caminhos se cruzassem uma e outra vez. —Lydia o olhou de soslaio—. Não havia razão alguma para que se apresentasse na Coruja Azul, onde todo mundo sabe que se reúnem as pessoas do mundo editorial. Não havia razão alguma para que se apresentasse no Jerrimer, nem para que me seguisse até casa de Helena, nem para que fosse atrás de mim ontem à noite no Covent Garden, a única noite que fui ali sozinha. Devo acreditar que foi tudo pura coincidência, que não tem a alguém me espiando? Diga-me que não é assim, que sou uma presunçosa por imaginar que teve tantos incômodos só por mim.

Grenville fez uma leve careta maliciosa.

—E depois me conte outra, Ainswood, porque essa não engulo.

—Maldita seja, Grenville, não teria feito nada disso se tivesse sabido que era uma condenada virgem!

Grenville não respondeu imediatamente, e as maldições de Vere pareceram ficar suspensas no tenso ar que os separava.

Então Vere se sentiu mortificado seriamente ao compreender por fim o que tinha feito. Era um mentiroso, tal como ela afirmava, e levava semanas mentindo-se, inventando mentiras infantis e patéticas. Grenville era um monstro muito lindo e dava medo pensar até que ponto a desejava. Muito poucas vezes tinha desejado tanto alguma coisa, e nunca a uma mulher. As mulheres só lhe serviam para uma coisa, e nunca tinha encontrado nenhuma mulher pela qual valesse a pena fazer esforço algum, quando havia tantas onde escolher e qualquer outra podia lhe servir.

Mas desta vez tinha a horrível suspeita de que nenhuma outra não serviria. Se não fosse assim, por que não tinha começado a procurá-las? Acaso Londres ficou sem rameiras?

O trajeto até Soho Square era muito curto para que tivesse tempo de decidir o que devia fazer. Uma olhada pela janela lhe indicou que tinham chegado a Charles Street.

—Ao que parece se apropriou de você um de seus esporádicos ataques de nobreza — disse o belo monstro.

—Não sou nobre — replicou ele com tensão—. Não pretenda que seja o que não sou. Cometi um engano, isso é tudo, e não é nada surpreendente, porque não foi a primeira vez. Confundi a mulher de Dain com uma fulana, não? Se você tivesse tido alguém ao lado para me esclarecer as coisas a murros desde o começo, como ela tinha, não teria acontecido nada de tudo isto. Estava disposto a ir ontem à noite assim que compreendi meu engano. Foi você que voltou a me chamar e me pediu ajuda. E faz um momento, se tivesse mantido a distância, eu também o teria feito. Mas não espere que...

Interrompeu-se quando seu olhar, que vagava para baixo, posou na perna de

Lydia, com suas curvas realçadas pela calça. Depois voltou a subir, para o perfeito contorno do quadril e a cintura, essa cintura que podia cobrir facilmente com suas mãos, e depois para o glorioso e generoso busto. O desejo renasceu nele, destroçando seu orgulho e o cinismo acumulado durante toda uma vida.

Quando ergueu a vista para seu belo e arrogante rosto, começou a compreender, tanto queria como se não, o que era que lhe oprimia o coração.

—Entendo — disse ela—. Fui uma decepção para você. Poderia ter esquecido sua antipatia por mim se tivesse sido uma mulher experimentada. Mas seria pedir muito que suportasse minha odiosa personalidade uma vez que estivesse me ensinando. —Grenville olhou pela janela—. Não é culpa sua, tem razão. Não está obrigado a terminar nada só porque o iniciou involuntariamente. Eu não deveria dar por sensato que deve completar minha educação, simplesmente porque me tenha feito ver a parte que tinha descuidado. Afinal, não tem nenhum mistério. E é obvio sempre posso encontrar algum outro que continue com as lições.

—Algum outro? Em quem demônios está...? Mas não diz a sério. —Vere tentou rir enquanto recordava que Helena Martin tinha convidado a sua amiga a sair e a «surpreender agradavelmente» Sellowby, o fofoqueiro.

—Sobre gostos não há nada escrito — disse ela—. Alguns homens desfrutam com minha companhia.

—refere-se a esses escritoreszinho bêbados do Coruja Azul, não? —disse ele—. Bom, pois deixe que lhe explique algo sobre os homens, espécie de Mesalina: Não é sua personalidade o que lhes atrai, nem seu intelecto.

—Estamos chegando a Frith Street. —Lydia olhou Vere—. Sem dúvida você estava impaciente por chegar. Mesmo assim, espero que não se incomode que o agradeça. Alegrei-me enormemente do ter ido comigo esta noite. Aquele homem me causou um grande alarme. Foi reconfortante saber que não você teria problemas para encarregar-se dele, como depois demonstrou.

A carruagem se deteve diante da casa de Lydia.

Vere continuava olhando-a fixamente com as palavras «algum outro» ressonando ainda em sua cabeça como uma corneta, seguindo o ritmo dos apressados batimentos de seu coração.

—Não haverá nenhum outro — conseguiu balbuciar—. Somente o disse para que eu pusesse... — Não, ciumento não. Era ridículo sentir ciúmes de um homem que só existia em sua imaginação—. Para me obrigar a fazer o que você queria. Igual a me manipulou ontem à noite. Só o disse para me provocar.

A porta da carruagem se abriu. Jaynes podia ser muito diligente quando o interessava, maldita fosse sua imagem, o que estava acostumado a coincidir com os momentos em que menos interessava a Vere. Mas Jaynes tinha muita pressa para voltar para casa antes que algum de seus conhecidos o visse desempenhando

a ignominiosa função de cocheiro.

—Rogo que me perdoe — disse ela com a máxima cortesia—. Não era minha intenção. Seria tão amável de desembarcar do veículo, excelência? Ou prefere que passe por cima de você?

Jaynes estava escutando tudo, obviamente, pois levantou suas negras sobrelanceiras quase até a linha do cabelo.

Vere lhe lançou um olhar ameaçador e desceu. Antes que pudesse esticar a mão para ajudá-la, Lydia apeou por si só agilmente, e se dirigiu a toda pressa à porta de sua casa sem deter-se.

—Espera — ordenou Vere a Jaynes, e logo correu atrás dela.

—O que está me dizendo? —perguntou Vere quando ela se deteve para tirar a chave de um bolso da jaqueta—. Que eu a corrompi? É isso, Grenville? — interpôs-se entre a porta e ela—. É isso o que tenho feito?

—Não seja ridículo — respondeu ela—. Não sou uma dama, e sim uma jornalista, e todo mundo sabe que os jornalistas são imorais. —Agitou com impaciência a mão que sustentava a chave—. Afaste-se, Ainswood. Não o faço responsável por nada. Não tem por que fazer uma cena.

—Que não me faz responsável? —Vere elevou a voz—. OH, não, claro que não. Eu somente a iniciei no caminho para a perdição. Não causei nenhum dano, claro que não. Só que colocou nessa cabeça oca que tem...

—Baixe a voz — pediu ela—. Susan ficará nervosa. Não gosta que me gritem homens desconhecidos.

—Que o diabo leve o maldito cão! Não pode me desafiar com isso de que procurará algum outro e pensar que...

—Eu não... OH, vá, já conseguiu.

Vere ouviu o ruído surdo e amortecido que procedia do interior da casa, e depois o inconfundível latido de um mastim que não estava de muito bom humor. O som parecia surgir das vísceras do inferno. Inclusive havendo paredes no meio, Vere percebia as vibrações em seus dentes. As janelas também vibraram.

—OH, sim, consegui. —Vere se separou da porta e gritou para fazer-se ouvir apesar dos latidos—: E você chega muito tarde, Susan. Eu comecei tudo e agora já não pode protegê-la. Será melhor que acostume a este desconhecido, moça, porque...

—Maldito seja. —Lydia colocou a chave na fechadura e abriu a porta. Em seguida agarrou Vere pelo braço e puxou ele para o interior da casa para fechar a porta atrás deles.

Naquele momento, Vere ouviu um grunhido furioso.

Tudo ocorreu em uns instantes de pavor: Vere viu saltar o mastim, negro, com a morte nas presas ao lançar-se sobre eles, e tratou de afastar Lydia. Mas ela

se esmagou contra ele, protegendo-o com seu corpo.

—Abaixo, Susan! —gritou Lydia.

—ABAIXO, MALDITA SEJA! —bramou Vere quando a besta saltou.

Vere foi dar contra a porta, rodeando com os braços a sua suposta salvadora, enquanto esperava que o coração voltasse a lhe pulsar e a que se desfizesse o nó que tinha no estômago.

Viu o mastim trotando de volta para o outro lado do vestíbulo, onde uma confundida criada o segurou pelo collar. Depois de lançar um olhar contrito ao casal que havia na porta, a criada levou Susan.

O último grito de sua proprietária, ou possivelmente o bramido de Vere, tinham conseguido sem dúvida penetrar no cérebro homicida de Susan, pois ambos pareciam continuar em posse de todas as suas extremidades.

Vere não sabia como tinha conseguido deter o cão em pleno ataque. Não olhava, mas sim se movia, tentando virá-la para receber o ataque de cheio.

Sabia muito de mastins. Tinha crescido com eles em Longlands. Não eram cruéis nem nervosos por natureza, a menos que os maltratassem, e pelo geral eram de temperamento aprazível. Eram de confiar com os meninos. Mesmo assim, não deixavam de ser cães, incapazes de raciocinar e surdos inclusive às ordens de seus amos quando perdiam a cabeça.

Susan poderia ter mutilado a sua Medusa... poderia tê-la matado.

Tinha sido uma loucura interpor-se no caminho de um mastim furioso.

E, além disso, para protegê-lo.

Vere pôs uma mão em sua nuca e colocou os dedos entre seus cabelos. A boina, que tinha se torcido ao jogar-se sobre ele, caiu ao chão.

— Vai me matar, Grenville — sussurrou Vere com voz entrecortada.

Ela jogou a cabeça para trás e seus olhos lançaram faíscas.

—Se tivesse ficado quieto, Susan não teria tentado derrubá-lo. —Apoiou uma mão no peito de Vere para separar-se dele—. Somente queria assustá-lo. —Voltou a empurrar—. Está-me esmagando, Ainswood.

Que a esmagasse, dizia. Vere tinha perdido dez anos de vida no horrível momento em que o cão tinha saltado, e estava seguro de que havia tornado o cabelo cinza.

Deslizou as mãos para os ombros de Lydia. Queria lhe dar uma boa sacudida. Começou a sacudi-la, mas os olhos dela cintilavam e sua boca se abria, disposta a soltar mais enxofre, assim Vere se inclinou e fechou a boca com a sua para não ter que ouvi-la.

Ela continuou empurrando-o com a outra mão começou a lhe dar golpes

furiosos e deliberados nas costelas... uma, dois, três vezes. Mas enquanto o golpeava, sua boca se afrouxou e devolveu o beijo em uma lenta e sensual rendição que derreteu os sentidos de Vere. Também derreteu seu cérebro, junto com todas as desculpas que tinha ido acumulando nele: que as virgens supunham um esforço excessivo; que Grenville era uma mulher de uma arrogância e uma teimosia insofríveis; que se acreditava igual a qualquer homem; que, além disso, era uma intelectual, a espécie feminina mais aborrecível; etcétera, etcétera.

Vere não era nenhum santo. Jamais tinha aprendido a resistir as tentações. Carecia do intelecto e da vontade para resistir.

A língua de Lydia brincou com a sua e seu corpo sensual se apertou contra o dele, seguindo o ritmo lento de seus punhos, que agora o golpeavam nas costas.

Vere a tinha ensinado muito bem, ou acaso o compreendia muito bem. A porta do coração de Vere era muito grossa, necessitava-se um potente aríete para derrubá-la.

Lydia a esmurrava com força, ao tempo que se oferecia a ele, e Vere não sabia como lhe impedir a entrada.

Vere lhe agarrou as mãos, levou-as para sua cintura e as segurou ali. Lentamente, enquanto seu beijo se fazia mais profundo, os punhos de Lydia relaxaram. Então as mãos começaram a percorrer o corpo de Vere, começando pelas costas. Desceram para as nádegas e os quadris, e depois voltaram a subir.

Lydia já não se mostrava tímida, e suas descaradas carícias abrasavam a pele de Vere através da roupa. Negando-se a arder em solitário, Vere a acariciou com igual parcimônia, percorrendo suas costas e sua orgulhosa coluna até a fina cintura de vespa, e depois para a deliciosa curva de seu traseiro. O coração de Vere pulsava ao ritmo sensual que ela tinha imposto, e em suas veias o sangue palpitava em uníssono.

Em uma remota curva da mente de Vere, acendeu-se uma luz de advertência, mas não conseguiu transpassar a densa capa do desejo.

Desejava-a. Não importava nada mais. Desejava seu aroma e seu sabor e a sedosa pureza de sua pele e as curvas voluptuosas de seu corpo esbelto. O desejo pulsava em cada um de seus nervos, seus músculos, em cada fibra, como uma intensa necessidade física que o golpeava.

Vere percorreu todo o corpo feminino com mãos ávidas, como se esse mero contato marcasse cada célula como dela.

Quando Lydia afastou por fim a boca, a luz de aviso voltou a cintilar no cérebro de Vere, mas se extinguiu rapidamente quando ela percorreu sua mandíbula com os lábios e desceu pelo pescoço. Ele a abraçou por sua vez com a boca, seguindo o suave contorno de sua bochecha e o arco aveludado de sua garganta. Saboreou assim o gosto e o aroma de sua pele, a fumaça, a açucenas e a

algo mais.

—Fragrância de dragão — murmurou—. Meu lindo dragão.

Lydia trocou de posição e Vere notou suas mãos tirando os botões do colete.

Não, não havia vergonha nem acanhamento nela, absolutamente. Lydia o acariciou por cima da camisa e posou a mão sobre seu coração, que já não podia lhe ocultar a verdade, que não podia dissimular seus batimentos do coração desenfreado.

Mas Vere já não desejava ocultar-se embora tivesse descoberto como fazê-lo. Já não raciocinava.

Não fazia mais que desabotoar botões e retirar as roupas quentes ao tato pelo calor que desprendia dela. Só se ouvia o frufu do tecido. Finalmente, Vere achou a cálida seda da pele feminina e acariciou brandamente um seio. Seu polegar brincou com o ereto mamilo. A ela cortou a respiração, e logo deixou escapar um suave gemido que não pôde conter. Lydia se apertou ainda mais contra ele, até que sua pélvis encontrou o membro ereto e impaciente por penetrá-la.

A luz de aviso lançou um último brilho, mas Vere enterrou o rosto em seu pescoço e aspirou com força o doce perfume. A luz se apagou, sufocada pela sensação da pele de veludo em seu rosto e a seda cálida sob seus lábios.

Vere notava o tato ardente de suas mãos, que abriam a camisa e logo lhe abrasavam a pele.

As mãos de Vere também estavam ocupadas tentando desabotoar as calças, procurando a braguilha. Achou-a por fim... e nesse mesmo instante, notou uma pontada que lhe subia do cotovelo até o ombro.

A dor lhe devolveu momentaneamente o sentido. Piscou estupidamente como um bêbado, ébrio de luxúria. E quando olhou, viu que golpeou o cotovelo com a maçaneta da porta.

A porta.

Tinha Lydia esmagada contra a maldita porta principal da casa.

—meu Deus. — Vere ergueu a cabeça e respirou fundo uma vez, e depois outra e outra mais.

Notou que as mãos de Lydia se separavam dele, ouviu sua respiração entrecortada.

—Grenville - começou a dizer com voz estrangulada.

Vere viu que Lydia voltava a abotoar-se torpemente o que antes ele tinha desabotoado.

—Não diga uma palavra — espetou ela com a voz tão rouca como a sua—. Eu comecei. Aceito minha culpa, minha responsabilidade, o que você queira.

—Grenville, está...

—Fora de meu elemento — disse ela—. Isso é evidente. Suponho que deveria estar agradecida. Só que agora mesmo não posso. Agora compreendo o que queria dizer ontem à noite com isso de ficar de mau humor. — Fechou os olhos e voltou a abri-los—. Não disse nada da vaidade ferida, mas a gente tem o que merece, não?

—Maldita seja, Grenville, não me diga que feri seus sentimentos — protestou Vere com voz muito aguda, muito estridente. Tratou de acalmar-se e baixar a voz—. Pelo amor de Deus, não podemos fazê-lo contra a porta da casa.

Lydia se separou da porta dando impulso, recolheu a trouxa do chão e se dirigiu ao outro extremo do vestibulo.

Vere a seguiu.

—Na realidade não me deseja — disse—. Foi somente a excitação do momento. O perigo é excitante. Não deveria aproximar-se de mim, Grenville. Sou uma má influência. Pergunte a qualquer um.

—Eu tampouco sou um modelo de bondade precisamente — replicou ela—. Se o fosse, jamais me teria sentido atraída por um inútil degenerado como você.

Lydia deu maior ênfase a suas palavras lhe fincando o cotovelo nas costelas.

—Vá — disse—. E mantenha-se afastado de mim.

Vere se deteve e a deixou partir. Viu-lhe dar os últimos passos que a separavam da porta de seu estúdio com as costas muito reta e um arrogante rebolado.

Lydia abriu a porta, entrou no estúdio e voltou a fechá-la sem lhe dedicar um só olhar.

Vere ficou imóvel, vacilando, com sua mente convertida em um torvelinho, como estava acostumado a lhe ocorrer quando estava perto dela. Desta vez lhe dava voltas à frase «algum outro», e a todas as mentiras que dizia a si mesmo e aos retalhos perdidos de verdade que conseguiam sobreviver no horrível turbilhão de seu cérebro.

Em meio daquele negro abismo, distinguiu tão só uma deslumbrante verdade, que era além disso a mais humilhante: era a idéia de que existisse «algum outro» o que não podia suportar.

Era um fato realmente desafortunado para Grenville, mas não se podia evitar. Tinha tido a má sorte de cruzar-se no caminho de Vere, e mais ainda de despertar seu interesse. Agora...

Não devia pensar sequer porque, de todas as coisas depravadas que Vere havia feito ou pensado, a que tinha diante de si naquele momento se levava a palma.

Entretanto, era o último demônio dos Mallory, um libertino, dissoluto e sem consciência, e etcétera, etcétera.

Que mais dava um crime mais em uma vida cheia de pecados e atrocidades?
Caminhou para a porta do estúdio e a abriu.

Encontrou Lydia derrubando o conteúdo da trouxa sobre a mesa.

—Eu disse que fosse — espetou ela—. Se ainda ficou um pingão de consideração...

—Não. —Vere fechou a porta—. Case-se comigo, Grenville.

Capítulo 10

Ainswood estava parado junto à porta com o aspecto de um náufrago. A jaqueta e o colete, sujos e enrugados, pendurados sem abotoar. Tinha perdido a gravata-borboleta (certamente com ajuda de Lydia) e tinha a camisa aberta, deixando a descoberto a musciosa linha de seus ombros e seu pescoço, e uma sedutora porção de seu peito viril. Suas calças justas tinham manchas e as botas estavam arranhadas.

—Case-se comigo — repetiu, atraindo de novo o olhar de Lydia para seu rosto. Seus olhos se viam escuros e seu rosto tinha a expressão firme e determinada que tinha visto outras vezes. Significava que sua mente se fechou e que daria o mesmo falar com uma parede.

Lydia não estava muito certa de como tinha metido a idéia do matrimônio na cabeça, mas podia adivinhar: um tardio remorso de consciência, uma equivocada idéia de dever, ou a simples necessidade masculina de dominar. Provavelmente era uma mescla do azar das três coisas, com uma dose de caridade acrescentada e algum outro pernicioso ingrediente.

Em qualquer caso, fosse qual fosse o significado de sua petição, Lydia sabia perfeitamente que o matrimônio equivalia a dominação masculina, com o apoio incondicional de todas as formas de autoridade social: a Lei, a Igreja e a Coroa. Quer dizer, de todo o mundo menos do sexo dominado, as mulheres, cujo entusiasmo com respeito a tal estado de coisas ia do mais intenso (entre umas poucas insensatas) até o inexistente (entre as mais inteligentes). Lydia tinha decidido contar-se entre estas últimas desde muito jovem, e não tinha mudado de opinião após.

—Obrigado — disse com seu tom mais frio e firme—, mas o matrimônio não é para mim.

Ainswood se aproximou para colocar-se frente a ela do outro lado da mesa.

—Não me diga — comentou —. A impede algum de seus rimbombantes princípios.

—De fato, sim.

—Suponho que não vê por que uma mulher não pode comportar-se igual a um homem. Não vê por que não pode deitar-se comigo simplesmente e me deixar

depois. Afinal, isso é o que fazem os homens, assim... por que não vai poder fazê-lo uma mulher?

—As mulheres também o fazem — disse ela.

—As putas. — Ainswood se sentou na beira da mesa, meio virado para ela—. Agora me dirá que é injusto as chamar de putas. Por que se tem que desprezar às mulheres por fazer o que os homens fazem impunemente?

Isso era, de fato, o que Lydia estava pensando e o que estava a ponto de dizer. Lydia lançou um olhar cauteloso, mas Ainswood tinha o rosto virado para o outro lado e não pôde ver sua expressão.

Supunha-se que ele não tinha a menor idéia do que passava pela cabeça dela. Supunha-se que Ainswood considerava todas as mulheres como objetos com diversos graus de atrativo físico, que só serviam para uma coisa e, portanto, só existiam com um propósito.

—Eu gostaria de saber por que tenho que ser eu a única mulher a se casar com você — disse Lydia—, simplesmente para obter o que montes de outras lhes dá sem mais, e pagando.

—Quem não faria que soasse como se a tivessem escolhido para um castigo, cruel e desumano sem dúvida. — Ainswood deixou a mesa e se aproximou da lareira—. Pensa que sou um mal partido. Ou certamente algo pior: não se trata de mim, mas sim de todos os homens.

Ainswood agarrou o balde de carvão para alimentar o moribundo fogo enquanto falava.

—O desprezo para os homens em geral a deixou tão cega que não vê nenhuma das vantagens de casar-se comigo em particular.

Como se não tivesse comprovado durante a maior parte de sua vida quais eram as supostas vantagens do matrimônio, pensou Lydia. Como se não visse diariamente mulheres casadas com o coração quebrado, necessitadas, inseguras, e com freqüência, vítimas da violência.

—E que vantagens em concreto tem você em mente? — quis saber—. Refere-se a sua grande fortuna? Tenho todo o dinheiro que necessito e inclusive posso economizar para as épocas de vacas magras. Ou acaso se refere aos privilégios de sua classe? Tais como ir às compras para luzir a última moda nos grandes eventos sociais, onde o principal entretenimento é caluniar o vizinho? Ou possivelmente se refere a que seria recebida na corte para que pudesse fazer reverências ao rei?

Ainswood não levantou a vista. Tomou seu tempo para acomodar as partes de carvão com o atizador e em mover o fole para que queimasse o ordenado montão.

Fez-o com a fácil destreza de quem levava séculos fazendo-o, embora se tratasse de um trabalho indigno inclusive para um lacaio, por não falar de um par

do reino.

O olhar de Lydia passeou pelos ombros fortes e desceu pelas fortes costas que acabava na esbelta cintura.

Sentiu então uma pontada de desejo, mas a reprimiu.

—Ou talvez considere um privilégio —prosseguiu— ver-se obrigada a viver de acordo com um conjunto de regras extremamente rígidas sobre o que posso ou não posso dizer e o que posso ou não posso pensar?

Ainswood se levantou finalmente e se virou para ela com uma expressão parcimoniosa que a tirou do eixo.

—Poderia pensar na senhorita Price, por cujas apreciadas jóias arriscou a vida — disse—. Como duquesa de Ainswood poderia lhe conceder um dote, o que a permitiria casar-se a sua conveniência.

Lydia abriu a boca para assinalar o engano de dar por certo que a senhorita Price precisava casar-se. Mas se interpôs sua consciência, lhe gritando: «Como sabe?» E Lydia ficou muda, olhando Ainswood fixamente, enquanto os pensamentos em sua cabeça formavam redemoinhos.

E se Tamsin gostasse de Trent realmente? Todo mundo sabia que ele apenas tinha recursos. Se casassem, não teriam do que viver. Mas não, a Tamsin não interessava, argüiu Lydia, falando com sua consciência. Trent era um homem estranho e Tamsin simplesmente sentia curiosidade, como lhe ocorria com tudo e com todos.

«Mas e o futuro de Tamsin?», replicou sua consciência sobriamente. «E se contrae uma enfermidade mortal ou tem um acidente e morre, o que será dela?»

—Sempre anda escrevendo sobre os mais desfavorecidos de Londres — prosseguiu Ainswood, enquanto ela continuava debatendo interiormente o problema de Tamsin—. E sobre a injustiça em geral. Certo que não lhe ocorreu que a duquesa de Ainswood poderia ter uma considerável influencia política, se quisesse. Teria você a oportunidade de obrigar a diversos membros do Parlamento que aprovassem a lei do Peel para instaurar uma Força de Polícia Metropolitana, por exemplo.

Ainswood passeou por diante da estante de livros e observou a coleção do Annual Register.

—Depois está o tema do trabalho infantil. Esse é um de seus cavalos de batalha, não? Junto com a higiene pública e as espantosas condições de vida dos subúrbios. E das prisões. «Caldo de cultivo de vícios e enfermidades», chama-os.

Lydia lembrou de Sarah, com seus vestidos velhos e remendados, brincando em pestilentos becos, e os meninos que brincavam com ela, muitos deles com um aspecto ainda pior.

Lydia recordou a prisão de Marshalsea, o fedor, a sujeira, as enfermidades

que se estendiam inverificado em meio de tanta miséria... a enfermidade que tinha alcançado sua irmã e a tinha matado.

Fez-lhe um nó na garganta.

—Educação — seguiu dizendo a voz profunda do duque, como um flagelo—. Medicina. —Ainswood se voltou para ela—. Sabia que a prima de Trent, a jovem esposa do conde de Rawnsley, está construindo um moderno hospital em Dartmoor?

Ir a escola... o que tanto tinha desejado Lydia, com os livros que tanto tinha desejado ler. O que teria sido dela se não fosse por Quith? Graças a ele, tinha uma educação e tinha descoberto o modo de ganhar a vida e ser independente. Mas ela era uma mulher forte e decidida. O que acontecia aos que não eram como ela? E com as pessoas débeis e doentes que necessitavam médicos, remédios, hospitais?

—Poderia agir — disse Ainswood—, em lugar de limitar-se a escrever sobre o que está mau.

Mesmo que tivesse passado anos estudando os pontos débeis de Lydia, Ainswood não teria tido uma pontaria mais certa nem teria arrojado seus dardos verbais com um efeito mais devastador.

Lydia não sabia se Ainswood a tinha estudado ou não. Só sabia que nesse momento se sentia a mulher mais egoísta do mundo por rechaçar o poder e a riqueza para fazer o bem, só por conservar sua liberdade pessoal.

Por força devia existir alguma falha naquela lógica implacável, disse-se. Sem dúvida havia uma resposta que poria as coisas em seu lugar. Porque não podia ser que ele estivesse completamente certo e ela estivesse completamente equivocada. Lydia sabia que a resposta, a via de escape, estava ali, em alguma parte de seu aflito cérebro. Quase podia...

Um golpe surdo na porta dispersou os esquivos retalhos de seus pensamentos. Um segundo golpe os apagou de todo. Lydia lançou um olhar furioso à porta, repassando em silêncio todos os juramentos que conhecia.

—À cozinha — disse com firmeza, elevando a voz—. Volta para a cozinha, Susan.

O cão começou a choramingar do outro lado da porta.

—Acredito que Susan quer a sua mamãe — disse Ainswood, e se dirigiu a abrir a porta.

—Será melhor que não o faça — disse Lydia, quando ele tinha já a mão no trinco.

— Um cão não me dá medo— disse ele. Abriu a porta. Susan passou por seu lado como se não existisse e trotou para Lydia.

Cheirou a mão e logo a lambeu.

—Não tem que me pedir perdão — disse Lydia, armando-se de paciência—. Não é culpa tua que tenha ficado nervosa.

—Eu a deixei nervosa, Susan?

Lydia desviou o olhar para ele.

Ainswood contemplava o cão com o cenho franzido e uma careta de desaprovação.

—É um cão muito grande para estar metido na cozinha de uma casa pequena. Não é de estranhar que esteja tão excitada.

—Não está excitada! —exclamou Lydia—. Todo mundo sabe que os mastins...

—Em Longlands teria hectares e hectares para correr. E outros mastins com os quais brincar. Você gostaria disso, Susan? —perguntou suavizando seu tom. Ficou de cócoras—. Você não gostaria de ter um montão de companheiros de brincadeiras e montões de hectares para explorar? —Ainswood soltou um suave assobio musical.

Susan aguçou o ouvido, mas não se virou.

—Suuusan — chamou Ainswood em um arrulho—. Suuusan.

Susan rodeou sua proprietária, depois se deteve e olhou Ainswood, antes de soltar um grunhido.

Lydia conhecia esse grunhido. Não era ameaçador. Era um grunhido carrancudo.

«Não se atreva. Não sucumba a ele, você também», ordenou-lhe silenciosamente.

—Vem, Susan. —Ainswood bateu no joelho—. Não quer vir me arrancar o rosto com uma dentada? Isso é o que quer sua mamãe. Suuusan.

Susan grunhiu mais forte.

Mas só era brincadeira, maldito cão. Ao fim de um momento, Susan ia para Ainswood, fingindo primeiro interesse por uma quina da mesa e depois por uma quina do tapete. Tomou seu tempo, mas acabou aproximando-se dele.

Lydia a observou muito desgostosa.

—Pensei que tivesse melhor gosto, Susan —murmurou.

O cão virou a cabeça para olhar brevemente Lydia, mas logo começou a cheirar sua excelência, que permaneceu de cócoras com expressão séria, enquanto Susan cheirava o rosto, os ouvidos, o pescoço, as roupas em desordem e, é obvio, o sexo.

A Lydia ardia o pescoço, e o calor se estendeu para o rosto e o peito. Sem dúvida Susan estava intrigada porque detectava o cheiro de sua ama por todo o corpo de Ainswood, igual detectava o de Ainswood nela. E era evidente que Ainswood também sabia. Delatava-o o brilho regozijado de seus olhos quando Lydia o olhou.

Lydia já estava zangada. Aquele verde brilho não fez mais que reavivar os rescaldos de sua ira.

—Eu gostaria de saber por que de repente se preocupa você pelos desfavorecidos, incluindo minha pobre e maltratada cadela — disse com tom áspero—. Desde quando se converteu em santo Ainswood?

O duque coçou Susan atrás das orelhas. O mastim grunhiu e afastou a vista, mas o permitiu.

—Simplesmente me limitei a assinalar algumas questões que você não se incomodou em considerar — respondeu ele com tom inocente.

Lydia rodeou a mesa e se aproximou da lareira.

—estive brincando com minhas simpatias como se fossem as cordas de um harpa e...

—E o que esperava? —interrompeu ele—. Que jogasse limpo? Com uma mulher que inventa suas próprias regras sobre a marcha?

—Esperava que aceitasse um não por resposta!

—Eu gostaria de saber do que tem medo — disse ele erguendo-se.

—Medo? —Lydia elevou a voz—. Medo de você?

—A única razão que me ocorre para que recuse a oportunidade de governar o mundo a seu desejo é o medo de não poder governar o homem que a oferece.

—Se só lhe ocorre uma razão é porque tem uma mente muito estreita para que não caiba nenhuma outra. —Lydia agarrou o atizador e o afundou entre o carvão da lareira—. Desde que admiti que era virgem, declarou um virulento caso de cavalheirismo. Primeiro decidi me renunciar nobremente. —Lydia se endireitou e voltou a pôr o atizador em seu lugar—. Agora decidi me salvar da perdição, o que seria bastante gracioso, se não fosse tão condenadamente obstinado e se comportasse de um modo tão oculto.

—Meu comportamento parece «bastante gracioso»? —perguntou ele—. E qual acredita que é minha reação para ouvir a senhorita Rainha do Teatro, senhorita Impostora do Século, me acusando de «oculto»?

Lydia deu as costas à lareira.

—Faça o que tenha feito em outros casos, jamais usei nenhum truque para fazer que me seguisse. É você que esteve me espiando, que seguiu meus passos. E depois, quando estou disposta a lhe dar o que quer, decide que não é suficiente. Tenho que renunciar a minha liberdade, minha carreira e meus amigos e lhe jurar fidelidade eterna até que a morte nos separe.

—Em troca de fortuna, classe e poder para fazer o que sempre quis fazer — replicou ele exasperado.

Susan o olhou, e depois olhou a Lydia. Aproximou-se de sua ama e lhe acariciou a perna com o focinho. Lydia não fez conta.

—O preço é muito alto! —protestou encolerizada—. Não necessito seu...

—Necessitava-me esta noite, não? —interrompeu ele—. Isso ao menos o admitiu, ou já não se lembra?

—Isso não significa que tenha que me atar a você para sempre!

Susan deitou diante da lareira, grunhindo baixo.

Ainswood apoiou as costas na porta e cruzou os braços.

—Possivelmente não teria vivido para empreender a aventura desta noite se eu não tivesse aparecido ontem — disse com tom desapaixonado—. Pode ser que não tivesse vivido para pavonear-se pelo Covent Garden na outra noite se não a tivesse tirado do Jerrimer antes que Coralie e seus gorilas assassinos a tivessem desmascarado. E se não tivesse intervindo em Vinegar Yard, talvez um dos valentões de Coralie a teria apunhalado pelas costas enquanto você desafiava o resto do mundo. Para não mencionar que talvez tivesse matado Bertie Trent se eu não tivesse estado a seu lado para afastá-lo.

—Não correu nenhum perigo, está cego ou...?

—Conduz da mesma forma irrefletida e teimosa com a qual faz todo o resto.

—Faz anos que conduzo carruagens e jamais causei dano algum a pessoas ou animais — disse ela com frieza—. É mais do que se pode dizer de você. Aquela sua insensata corrida no dia do aniversário do rei acabou com dois magníficos cavalos sacrificados.

Aquele dardo conseguiu transpassar a couraça.

—Não foram meus cavalos! —exclamou Ainswood, separando-se da porta.

Tendo encontrado o ponto débil do senhor Macho Dominante, Lydia insistiu implacavelmente para aproveitar a vantagem obtida.

—Você teve culpa — espetou—. Aquela louca corrida pela estrada do Portsmouth foi idéia dele, segundo Sellowby. Disse a Helena que desafiou você e seus amigos...

—Foi uma corrida justa! — O rosto do Ainswood subiu de cor—. Não foi culpa minha que esse idiota desajeitado do Crenshaw maltratasse seus animais.

—Ah! Assim Crenshaw é um incompetente apesar de ser um homem. Entretanto, a mim não me pode considerar competente com as rédeas simplesmente porque sou uma mulher.

—Competente com as rédeas, você? —Ainswood se pôs a rir—. É isso o que se imagina, que a proporão como candidata para o Four in Hand⁸ Clube?

—Acredita que não sou o bastante boa para competir com você ou com qualquer dos idiotas de seus amigos? —replicou ela.

—Se tentasse tomar parte nessa corrida, acabaria na sarjeta antes da

⁸ Originalmente, antes de ser um respeitável clube do século XIX, formavam um grupo de jovens nobres que subornavam conheiros para pegar as rédeas das carruagens e apostar corridas a grande velocidade.

segunda posta.

Lydia salvou a distância que os separava com três passadas furiosas.

—Ah, sim? —perguntou com tom desafiador—. Quanto se atreveria a apostar?

—O que queira. —Os verdes olhos de Ainswood cintilaram.

—O que queira?

—Não tem mais que nomeá-lo, Grenville.

Lydia pensou rapidamente, avaliando o ataque que Ainswood tinha dirigido anteriormente a sua consciência irracional. Aí tinha a solução que procurava.

—Cinco mil libras para a senhorita Price — disse—, e mil mais para cada uma das três obras de beneficência que eu lhe proponha, e aceitará ir a seu banco na Câmara dos Lordes e exercer sua influência para que se aprove a lei da polícia.

Ainswood permaneceu imóvel, apertando e abrindo os punhos.

—A aposta lhe parece muito alta? — perguntou Lydia—. Talvez não esteja tão seguro de minha incompetência, afinal.

—Eu gostaria de saber se você está certa da minha — respondeu Ainswood—. Que aposta você, Grenville? —Deu um passo para ela e a olhou do alto, deixando que um olhar zombador se deslizesse por seu nariz para baixo, como se Lydia fosse uma simples formiga—. O que me diz de sua preciosa liberdade? Está tão segura de si mesma para apostá-la?

Antes que tivesse terminado de falar, Lydia se deu conta do que tinha feito: tinha deixado que seu orgulho e seu vivo gênio a metessem em um beco sem saída.

Fez uma breve pausa a fim de assimilar os fatos, mas bastou para que Ainswood deduzisse que vacilava, pois sua perversa boca se curvou no sorriso mais condescendente do mundo, e as faíscas mais exasperantes do mundo tingiram de zombaria seu olhar.

Era muito tarde para refletir. A voz da razão não podia competir com o bramido do orgulho dos Ballister, alimentado por várias gerações de Ballister entregues a conquistar, esmagar e submeter a mais abjeta submissão a qualquer um que se interpusesse em seu caminho.

Lydia não podia dar marcha ré. Não podia fazer nem dizer nada que assemelhasse uma dúvida, porque era tanto como admitir sua debilidade ou, Deus não o quisesse, seu medo.

—Minha liberdade. — disse com voz grave e firme, e o queixo em alto—. Se não puder lhe derrotar, casarei-me com você.

Sairiam em direção a Newington Gate às oito em ponto da manhã da quarta-feira, fazendo pouco caso do tempo, a uma possível enfermidade, às leis do

Parlamento ou as de Deus. Voltar atrás, pela razão que fosse, equivaleria a perder, e teria as mesmas conseqüências. Ambos levariam um acompanhante que se encarregaria de alertar aos guardas das barreiras de pedágio e os moços de estábulos, e de pagar o que correspondesse. Conduziriam veículos de um só cavalo, começando a primeira etapa com seus próprios animais. A partir daí, trocariam-nos pelos melhores que estivessem disponíveis nas paradas de postas. A linha de meta seria a Estalagem Âncora de Liphook.

Demoraram menos de meia hora em estabelecer os termos da aposta. Vere demorou uns segundos em compreender a enormidade de seu engano, mas então já era muito tarde para retratar-se.

A corrida que tinha disputado era um de seus pontos débeis. Tinha sido o perverso destino que tinha posto as desafiantes palavras em sua boca, E ele, provocador por excelência, deixou-se provocar. Tinha perdido o domínio de si mesmo, saiu do sério e tinha perdido o mundo de vista.

Em junho, ao menos, tinha a desculpa de estar bêbado como um gambá ao desafiar um punhado de homens a reviver as corridas de carros da antiga Roma por uma concorrida estrada inglesa. Não recuperou o bom senso (quer dizer, a sobriedade) até o dia seguinte, quando se achava sentado em seu faetón na linha de saída, flanqueado por quase uma dúzia de veículos mais.

A corrida tinha sido um pesadelo. Espectadores bêbados e condutores tinham causado danos materiais ao valor de várias centenas de libras, quatro competidores tinham sofrido fraturas, duas carruagens ficaram destroçadas, e dois cavalos tiveram que ser sacrificados.

Vere tinha pago tudo de seu bolso. Além disso, não tinha obrigado aos idiotas de seus amigos a participar da corrida. Não obstante, periódicos, políticos e pregadores o consideraram o único responsável, não só daquela corrida em particular, mas também, a julgar por seus extravagantes discursos, da decadência da civilização em geral.

Era muito consciente de que, com suas maneiras bruscas, rudes e retumbantes, convertia-se em um alvo prioritário para reformistas e outros beatos hipócritas. Por desgraça, também era consciente de que a insensata corrida e o conseqüente clamor público não se teriam produzido se ele tivesse sabido manter a boca fechada.

Agora nem sequer tinha a desculpa do álcool. Havia tornado a abrir sua estúpida boca estando completamente sóbrio, e com algumas burradas tinha destruído o que tão cuidadosamente tinha conseguido construir enquanto se ocupava do fogo: um argumento lógico e virtualmente irresistível (para Grenville), que demonstrava por que devia casar-se com ele.

E agora apenas podia ver o que tinha adiante, e muito menos pensar com

clareza, porque seu cérebro evocava imagens de carruagens arruinadas, de corpos destruídos e cavalos relinchando de dor, e desta vez era a carruagem dela, e era seu cavalo o que relinchava, e era ela que tinha o corpo destruído.

Aquelas imagens dantescas o acompanharam quando saiu do estúdio e atravessou o vestíbulo, e em sua cabeça ressonaram os gritos e o estrépito dos choques quando abriu a porta de um brusco puxão... e esteve a ponto de atropelar Bertie Trent, que tinha a mão levantada para chamar com a aldrava.

Naquele mesmo instante, Vere ouviu as fortes pisadas de umas patas de cão que se lançavam sobre ele, e rapidamente se afastou para um lado para evitar que Susan o derrubasse quando saltou sobre seu querido Trent.

—Eu gostaria de saber o que encontra que o faz tão irresistível — murmurou Vere.

O mastim se erguia sobre as patas traseiras e apoiava as dianteiras no peito de Bertie para lhe encher a cara de lambidas.

—Maldita seja, Susan, abaixo — ordenou sua excelência com tom irritado—. Abaixo.

Com grande assombro por parte de Vere, o mastim obedeceu, soltando Bertie tão bruscamente que este teria caído se a senhorita Price não o segurasse pelo braço e o puxasse.

—OH, bem, muito agradecido. — Bertie sorriu—. Meu Deus, que braço tão forte para uma mulher tão pequena... quero dizer, pequena não, exatamente — apressou a acrescentar, ao mesmo tempo em que desvanecia seu sorriso—. Quer dizer... — Deixou a frase sem terminar ao posar seus olhos em Vere, ao que pareceu reconhecer finalmente—. OH, bem. Não sabia que estava aqui, Ainswood. Acontece algo?

Vere agarrou Susan pela coleira e a separou da porta para que o casal pudesse entrar.

—Não, nada — respondeu com tom tenso—. Partia agora mesmo.

Vere soltou Susan, desejou boa noite com certa rigidez a uma senhorita Price que decididamente era muito curiosa, e saiu apressadamente.

Quando abria a portinhola da carruagem, ouviu Bertie gritando que o esperasse.

Vere não queria esperar. Queria ir a toda pressa a taberna mais próxima e começar a beber e não parar até na quarta-feira pela manhã. Mas não tinha obtido que as coisas saíssem como ele queria desde o dia em que tinha tropeçado com a senhorita Némesis Grenville, de modo que supôs que tinha acabado por acostumar-se, assim que se limitou a suspirar e esperou que Bertie se despedisse da senhorita Price.

A Lydia parecia que Ainswood apenas acabava de sair do estúdio quando Tamsin entrava, seguida pela Susan.

A jovem arqueou as sobrancelhas ao ver as calças de Lydia, depois seu olhar se desviou para o matagal de jóias que jaziam sobre a mesa.

—Deus santo, o que é isto? —inclinou-se, subiu os óculos e examinou de perto o monte—. O tesouro de um pirata? Que estranho... OH, Meu deus! —Olhou a Lydia piscando. Decompôs-lhe o rosto—. OH, Meu deus. —Engoliu saliva e mordeu o lábio, mas escapou um soluço, a seguir outro. Finalmente se jogou sobre Lydia e a abraçou com todas as suas forças.

Lydia lhe devolveu o abraço com um nó na garganta.

—Por favor, não fique assim — disse quando Tamsin pôs-se a chorar—. Sempre quis ser ladra de jóias. Esta era a única maneira de fazê-lo mais ou menos legalmente. —Bateu nas costas de Tamsin—. Não é um delito recuperar bens roubados.

Tamsin deu um passo para trás e a olhou fixamente com os olhos cheios de lágrimas e tão abertos como os de uma coruja.

—Queria ser ladra de jóias?

—Pensava que seria muito emocionante. E é. Venha e lhe contarei isso. —Fez-lhe um gesto à perplexa moça—. Quererá jantar algo e eu também morro de fome. Estas brigas intermináveis com nobres de cabeça oca realmente abrem o apetite.

Tamsin escutou seu relato como em uma nuvem. Assentiu, sacudiu a cabeça e sorriu quando tocava, mas Lydia estava segura de que seu amiga não estava ali em espírito.

—Espero não a ter escandalizado até o ponto de a deixar atordoada — disse com inquietação, enquanto desciam até a cozinha.

—Não. É sir Bertram o que me deixou atordoada de tanto falar — disse Tamsin—. Não parou que falar de Carlos II. O ditoso rei se colocou na conversação de caminho ao teatro, durante os intervalos, e durante todo o caminho de volta. Estou convencida de que contei todos os eventos importantes de seu reinado, mas não serve de nada. Não conseguimos descobrir que relação tem contigo, e agora não consigo pensar em outra coisa. Por favor, me perdoe, Lydia.

Tinham chegado ao vestibulo.

Tamsin voltou a agradecer Lydia por recuperar suas jóias e a abraçou outra vez, deu-lhe um beijo de boa noite e subiu a seu quarto, murmurando para si.

Coralie Brees não se alegrou precisamente quando Josiah e Bill entraram na casa pouco antes do amanhecer com o corpo de Francis Beaumont, que tinham encontrado jogado junto o banheiro.

Em outro tempo, Coralie tinha trabalhado para Beaumont em Paris. Dirigia um bordel que formava parte da luxuosa casa de jogos da qual ele era dono, o Vingt Huit. A revolução os tinha obrigado a abandonar Paris precipitadamente, e o traslado a Londres tinha suposto um passo atrás para ela. Beaumont era o cérebro que dirigia as atividades de Vingt Huit. Entretanto, esse cérebro estava apodrecendo por causa das grandes quantidades de álcool e ópio que consumia, e certamente também pela sífilis.

A causa de sua decadência não interessava a Coralie. Para ela somente contavam os resultados, e em Londres o resultado não tinha sido uma grande casa de jogo, a não ser um trabalho muito mais laborioso e com menos benefícios, vendendo carne jovem pelas ruas.

Coralie não era bastante preparada para levar a cabo grandes empresas por sua conta. Sua mente era pequena e simples, sem educação e sem experiência, incapaz de aprender com o exemplo, e tão estéril que não podia manter formas de vida alheias, como a consciência ou a compaixão.

De boa vontade teria assassinado Francis Beaumont, que tinha se convertido em um estorvo, se tivesse acreditado que o delito ficaria impune. Em mais de uma ocasião tinha estrangulado alguma garota recalcitrante, mas se tratava de simples putas às quais ninguém choraria nem sentiria falta. Para as autoridades, não eram mais que cadáveres que tiravam do Tâmbisa, eram motivo de muita papelada e supunham o incômodo de um enterro na cova comum, sem que os trabalhadores se vissem recompensados por seus esforços.

Beaumont, em troca, estava casado com uma artista famosa que se movia nos círculos aristocráticos. Se o encontrassem morto, empreenderia-se uma investigação e se ofereceria uma recompensa a quem pudesse informar algo.

Coralie não confiava que nenhuma das pessoas que trabalhava para ela resistisse a tentação de delatá-la.

Por isso não se aproximava dele sigilosamente quando estava jogado em uma poltrona para lhe rodear o pescoço com seu cordão especial.

A decisão de lhe perdoar a vida foi um engano. Por desgraça, outras pessoas o tinham atacado antes, e desta vez, o engano tinha tido graves conseqüências, igual as demais ocasiões.

Quando Beaumont recuperou sua paixão pela baixeza, com a ajuda de uma garrafa de genebra, Coralie já tinha um ataque de histeria. Na cozinha tinha encontrado inconsciente Mick, o criado, tinham saqueado seu quarto, e Annette

tinha desaparecido junto com a caixa do dinheiro e as jóias.

Coralie enviou Josiah e Bill em busca de Annette, e ordenou que a levassem viva para que ela tivesse o prazer de matá-la muito lentamente.

Beaumont esperou que os valentões se fossem para assinalar que era uma perda de tempo, já que fazia várias horas que Annette tinha fugido, com um guarda-costas próprio que facilmente faria picadinho de Josiah e Bill.

—E só o ocorre agora que já partiram? —chiou Coralie—. Não podia abrir a boca antes, quando estavam aqui? Mas não, tinha-a ocupada com a garrafa, não é?

—É a segunda vez em seis meses que me dão semelhante murro — disse Beaumont, fazendo uma careta de dor—. Foi igual a de Paris, quando Dain me atacou, lembra? Se não soubesse que está em Devon, juraria que foi ele. Um tipo grande — explicou—. De mais de um e noventa.

Seu olhar vidrado posou no alfinete de jade que Coralie luzia no sutiã.

Instintivamente, Coralie o cobriu com a mão.

—A puta francesa levou meu alfinete junto com tudo sua bota de cano longo de gralha — mentiu Beaumont—. Em troca ficarei com sua nova aquisição. É um pagamento muito pequeno, tendo em conta que quase me matam por tentar de impedir que essa puta a roubasse. Só o diabo sabe por que não a ajudei, com as sacanagens que me tem feito. Você me roubou o alfinete. E também fez que desaparecesse a florista. Em que bordel a colocaste? Ou acaso a pequena entrevada se defendeu de seus valentões com a muleta e escapou a seus amorosos cuidados?

—Não me aproximei sequer dessa mucosa entrevada! —protestou Coralie—. Ninguém lhe contou o que ocorreu na outra noite? As rameiras do Covent Garden não falavam de outra coisa. Ao que parece Ainswood andava repartindo dinheiro por aí e perseguindo uma puta cigana...

—Ainswood? —disse Beaumont—. E era uma mulher alta?

—Isso foi o que eu disse, não? Ele me deu o alfinete. —Coralie acariciou seu novo tesouro—. Porque ela tinha feito que me chocasse contra uma coluna.

A boca arroxeadada de Beaumont se torceu em um feio sorriso.

—Só há uma mulher alta que leva semanas perseguindo. Desde que ela o atirou ao chão em Vinegar Yard. Não recorda que lhe tirou aquela garota morena e miúda?

—Recordo dessa puta — disse Coralie—. Mas usava um traje de viúva. A da outra noite era uma dessas sujas ciganas ladronas, uma parenta da gorda que diz que adivinha o futuro.

Beaumont a olhou e depois meneou a cabeça, agarrou a garrafa de genebra e a levou aos inchados lábios. Quando apurou seu conteúdo, voltou a deixá-la.

—De verdade que não há uma mulher mais estúpida que você em toda a Cristandade, é claro que sim.

—Mas sou bastante preparada como para não deixar que me destrocem a cara, não?

—Não o bastante para ver que foi Ainswood quem ajudou a sua pequena rameira francesa a lhe roubar isso tudo.

—Um duque? Aficionado a esbanjar dinheiro? Depois de herdar tanto dinheiro que não sabe o que fazer com ele e vai por Londres dando de presente bolsas cheias de soberanos, como se lhe queimassem nas mãos?

—O que mais eu gosto de você, Coralie, é sua refrescante e absoluta carência de todo pensamento lógico. Se tratasse de somar dois e dois, doeria-te a cabeça, não é certo, encanto?

Coralie o entendia tão pouco como se falasse em latim, grego ou chinês. Fazendo pouco caso de suas palavras, foi para o aparador e tirou outra garrafa de genebra, abriu-a e serviu um gole em um copo sujo.

—Não sei por que deveria explicar isso - disse Beaumont vendo-a beber—. A ignorância é uma bênção, conforme dizem.

De fato, qualquer um se perguntaria por que se empenhava em falar, dado o muito que lhe doía o rosto ao fazê-lo. O problema era que, quando Francis Beaumont sentia dor, ou estava metido em um apuro, ou experimentava algo que fosse desagradável, sua solução favorita (que normalmente mesclava com ópio e/ou álcool) era fazer que outro se sentisse muito pior que ele.

Por conseguinte, acabou por explicar tudo a Coralie.

—me deixe adivinhar — disse—. Nesse montão de bagatelas que entesourava, havia, além de todo o resto que não te pertencia, algo que pertencia à garota morena que a senhorita Lydia Grenville arrebatou de suas mãos.

Coralie se deixou cair em uma poltrona e seus olhos se encheram de lágrimas.

—Sim, e era precioso. Com rubis e ametistas. —Uma lágrima caiu na mão que aferrava a garrafa de genebra, da que voltou a servir-se—. E agora só fica o alfinete do duque e você quer que lhe dê isso.

—Ametistas, não ametistas, vaca inculta — disse Beaumont—. E deviam ser autênticas, do contrário ninguém se teria incomodado em recuperá-las. Será que não vê? A mulher alta pediu a Ainswood que a ajudasse às recuperar para sua preciosa garotinha, e então os dois convenceram Annette. Ela jamais teria se atrevido a fazê-lo sozinha. Já tinha dado uma dose de láudano ao Mick quando eu cheguei, e não fez nenhuma graça por me ver chegar uma hora antes do tempo. Praticamente tive que arrastá-la ao quarto. Quando vi como tinha deixado o quarto, compreendi tudo. Então entrou em pânico e saiu correndo. Eu a persegui

e fui topar com Ainswood. Apostaria qualquer coisa que repartiram a bota de cano longo e a ajudaram a sair de Londres. E agora a senhorita Lydia Grenville e ele estão morrendo de rir. Bom, e por que não? Roubaram-lhe duas garotas, seu reluzente tesouro e todo seu dinheiro.

Depois de esvaziar uma garrafa, e vendo o zelo com que Coralie se aferrava à sua, o senhor Beaumont a deixou sozinha para que ruminasse tudo o que acabava de explicar.

Em qualquer caso, não era dos que ficavam a contemplar como crescia a semente do veneno que tinha plantado. Não precisava. Sabia exatamente o que devia dizer, e escolhia seus comentários dependendo do caráter da pessoa a que fossem dirigidos. Depois deixava essa pessoa a sós para que abonasse por sua conta o daninho cultivo e colhesse depois a maldade que ele tinha semeado.

Na sexta-feira, Elizabeth e Emily leram nas páginas do *Whisperer* o comentário sobre os heroísmos de seu tutor no Exeter Street, incluído o interessante dado de que a senhorita Grenville o tinha seguido até Strand.

No sábado chegou uma carta urgente de Londres enquanto a família tomava o café da manhã. As jovens tiveram tempo de reconhecer a péssima letra e o selo do duque de Ainswood, antes que lorde Mars abandonasse a mesa e se metesse em seu estúdio com a carta. Lady Mars foi atrás dele.

Os gritos de lady Mars foram audíveis, apesar da grossura da porta. Uma criada entrou apressadamente uns instantes depois com um frasco de sal.

No sábado de noite chegou a mais velha das três irmãs de Dorothea junto com seu marido. No domingo chegaram as outras duas com seus respectivos cônjuges.

Para então, Elizabeth e Emily se colocaram às escondidas no estúdio de seu tio, tinham lido a missiva e haviam tornado a sair.

Elizabeth e Emily imaginaram mil maneiras distintas para ouvir o que diziam suas tias durante o transcurso do domingo e inteirar-se do mais essencial sobre aquela crise familiar.

Depois do jantar, só tiveram que entreabrir um pouco a janela de seu quarto para, esconderem entre os cortinados, escutar os homens que falavam no terraço enquanto fumavam... e faziam suas necessidades, a julgar pelos ruídos que chegavam até elas.

O marido da mais velha de suas tias, lorde Bagnigge, que tinha bebido o bastante, foi o que soltou o mais longo discurso.

—É uma lástima — dizia —, mas devemos pensar em Lizzy e Em. Agora temos que nos manter unidos. Não podemos dar legitimidade ao assunto com nossa

assistência. O escândalo será maiúsculo. Não podemos nos fazer partícipes. Maldito imaturo. Não é típico dele? Uma garota sem parentes dignos de mencionar, e certamente indigna, do contrário já se teria sabido de onde procede. E numa corrida. Ganhará com uma corrida, como se fosse uma bolsa de dinheiro. Pobre Lizzy. A ponto de fazer sua apresentação na sociedade, e agora como vai aparecer com a cabeça bem alta? Uma vulgar escritora, duquesa de Ainswood... e ganha, nada menos do que em uma corrida. Inclusive o pobre pai de Charlie se revolverá na tumba.

Elizabeth indicou por gestos a Emily que se afastasse com ela da janela.

—Não vão mudar de opinião — sussurrou.

—Não está bem — disse Emily—. Papai teria ido.

—O primo Vere esteve com papai quando ele precisou.

—Esteve com o Robin quando ninguém mais se atrevia.

—Papai o amava.

—Fez Robin feliz.

—Uma coisa. O primo Vere pediu a sua família que esteja com ele em suas bodas. —Os olhos de Elizabeth cintilaram—. Não me importa quem é seus parentes. Seria igual mesmo que fosse a Prostituta de Babilônia⁹. Se ele a quiser, para mim é suficiente.

—Para mim também — disse Emily.

—Então será melhor que o deixemos claro, não?

Capítulo 11

Quarta-feira, 1 de outubro

O sol não teve fácil ascensão sobre o horizonte. Transpassou com dificuldade a névoa procedente do rio, brilhou em intervalos entre a neblina e depois foi engolido por cinzas nuvens.

Devido à neblina matinal e a um vão intento de última hora por dissuadir Tamsin de que a acompanhasse, Lydia chegou a Newington Gate só quinze minutos antes da hora.

Apesar de ser cedo, congregou-se uma pequena multidão, e nem todos pertenciam à plebe. Junto com os jornalistas de rigor, vários rufiões e mulheres de rua, Lydia divisou meia dúzia de homens da alta sociedade, aparentemente todos bêbados. Acompanhavam-nos representantes da aristocracia da prostituição, exceto Helena, que estava acatarrada e preferia que a enforcassem antes que deixar-se ver em público com o nariz vermelho.

Entretanto, o grupo de Ainswood certamente se encontraria em Liphook.

⁹ Refere-se a figura simbólica que aparece no livro de apocalipses. (Bíblia)

Segundo Helena, Ainswood tinha enviado notas a todos seus amigos para que o assistissem celebrar sua vitória.

«Sellowby diz que sua excelência obteve uma licença especial e que comprou um anel, e que haverá um pastor esperando na estalagem para casá-los», tinha-lhe informado Helena no sábado.

Lydia estava furiosa desde então.

Mas agora se perguntava se Sellowby teria se limitado a propagar um simples rumor.

Eram quinze para as oito e Ainswood não tinha chegado.

—Talvez tenha recuperado o bom senso — disse Lydia, guiando a carruagem até o ponto de partida—. Talvez alguém o tenha recordado sua posição e as responsabilidades que suporta. Se sua maldita família se preocupasse um pouco por ele, não o permitiria converter-se em um ridículo espetáculo. Pensa nessas duas pobres moças, suas pupilas, e na vergonha que devem estar passando pelos métodos de seu tutor para conseguir uma esposa. Ainswood não parou para pensar no que vai encontrar a mais velha quando a apresentarem na sociedade na próxima primavera. Jamais pensa em como afeta a outros seus escândalos, e sendo mulheres, além disso. Duvido muito que recorde sequer seus nomes — acrescentou com aspereza.

Elizabeth e Emily. Desde dezessete e quinze anos respectivamente. Viviam com sua tia paterna, lady Mars, em Blakesleigh, Bedfordshire. Lorde Mars era um dos mais firmes aliados de Peel na Câmara dos Lordes.

Lydia não queria pensar nas duas jovens, a mais velha das quais estava a ponto de entrar no turbilhão da alta sociedade, com todos seus riscos. Por desgraça, tinha aberto a caixa de Pandora na quarta-feira anterior, ao consultar o Debrett's Peerage.

Agora tinha quase tanta informação sobre a família Mallory como sobre a de sua mãe. Enquanto Lydia trabalhava na rosa de Tebas e nos artigos que deviam aparecer no seguinte número do Argus, Tamsin tinha prosseguido a investigação iniciada por ela. Depois de uma revisão exaustiva do Debrett's, o Annual Register e os estudos genealógicos mais habituais, Tamsin tinha passado às numerosas publicações sobre a alta sociedade.

Os Mallory não eram o único projeto de investigação de Tamsin. Também estava se informando sobre a família de Trent.

Em princípio tentava dar com algum acontecimento ou pessoa, passados ou presente, que explicassem a obsessão de Trent por Carlos II. Ao mesmo tempo tinha descoberto que sua família tinha um número incomum de personagens insólitos. A Tamsin pareciam fascinantes e obsequiava Lydia com seus relatos durante as refeições.

Lydia se distraía assim e deixava de pensar nos Mallory, mas nunca por muito tempo. Seus pensamentos voltavam sempre para Robert Edward Mallory, o jovenzinho duque, e lamentava a morte de um menino que nem sequer tinha conhecido. Depois suas reflexões se desviavam para as irmãs órfãs, e isso era pior, porque freqüentemente acabava preocupando-se com elas, como se as conhecesse pessoalmente e em certo sentido fossem responsabilidade dela.

Lydia tentava convencer-se de que essa preocupação era absurda. Lorde e lady Mars tinham uma numerosa família, mas isso não significava que as pupilas às quais Ainswood tinha esquecido fossem infelizes ou não estivessem adequadamente atendidas.

Lydia se repetia centenas de vezes. Sua cabeça estava convencida; seu coração, não.

Tirou o relógio de bolso de seu tio avô Ste e franziu o cenho.

—menos de dez minutos para a saída. Maldito seja, se não pensava comparecer, ao menos poderia ter me enviado uma nota. Bellweather afirmará que eu inventei isso tudo. «Uma ocasião perfeita para dar-se publicidade», dirá. — Lydia guardou o relógio—. Como se não fosse Ainswood o que contou tudo aos idiotas de seus amigos. Como se eu desejasse que todo mundo soubesse que permiti a esse bruto obstinado e condescendente que me enrolasse e me colocasse nesta ridícula situação.

—Sua excelência agiu muito mal me colocando nisto — disse Tamsin, alisando as luvas—. Por desesperado que estivesse, jamais deveria ter sido tão desconsiderado, e não digamos tão irracional, para manipular seu excessivo carinho para mim. Intento ser pormenorizada, mas tudo tem um limite, como disse sir Bertram. —Tamsin deixou escapar um bufo—. Um dote. Entendo perfeitamente que ficasse furiosa com sua excelência. Sir Bertram não compreendeu os princípios que estão em jogo, quando eu expliquei, e estive tentada de lhe dar um bofetão. Com Carlos II ou sem ele, deveria dar-se conta do fato simples e evidente de que posso ganhar o sustento sozinha. Mas já o verão. Vais fazer que comam pó, Lydia, e minhas ridículas cinco mil libras se usarão para ajudar a quem necessita ajuda, porque certamente eu não as necessito.

Depois de recuperar-se da noitada com Bertie Trent (e Carlos II), e da surpresa de recuperar as jóias que filosoficamente tinha dado por perdidas, Tamsin havia se sentido ofendida pela parte da aposta que a correspondia. Com a mesma teimosa determinação que a tinha impulsionado a viajar desde a Cornualha até Londres, tinha insistido em acompanhar Lydia. Além disso, seguia tão zangada com Trent como na sexta-feira da semana anterior, a última vez que tinha falado com ele.

—Ao que parecer os cavalheiros decidiram tomar o café da manhã antes de

comer nosso pó —disse Lydia, voltando a tirar o relógio—. Uns minutos mais e...

Interrompeu-a a algazarra de gritos e assobios da multidão. Instantes depois, um elegante tîlburi puxado por um forte cavalo castanho atravessou a porta como uma exalação e se dirigiu à linha de saída. Quando deteve sua carruagem à esquerda de Lydia, Ainswood a saudou com o chapéu (uma vez que o tinha posto), e sorriu torcendo o gesto.

Lydia desejou ter colocado seu veículo mais perto da vala, para que assim ele se colocasse a sua direita. Então a corpulenta figura de Trent a teria impedido de ver o duque.

Mas era Tamsin a que se interpunha entre eles, e Lydia via facilmente por cima de sua cabeça a expressão resoluta e metida de Ainswood, o perverso brilho de seus olhos verdes e o arrogante ângulo de sua mandíbula. Também via suas roupas elegantes, que pareciam esculpir seu corpo. Quase podia cheirar a gravata-borboleta engomada e notar a frescura do fio... e recordava muito vivamente o calor e a força do corpo forte, os músculos que se esticavam ao acariciá-los, o batimento do coração contra a palma de sua mão.

Lydia sentiu que o coração dava um salto. Veio-lhe então à mente um torvelinho de lembranças não desejadas. O menino falecido... as duas jovens órfãs... os meninos aos quais Ainswood tinha resgatado em Exeter Street... a florista... a cólera fria e brutal com a qual tinha despachado um vilão com dois ferozes golpes... o forte corpo... os braços fortes que a levantavam como se fosse uma pluma... o sussurro rouco: «É tão linda».

Entretanto, só lhe dedicou uma régia inclinação de cabeça, fechou a tampa do relógio e o guardou.

—Impaciente por me ver chegar, né, Grenville? — gritou o duque por cima dos vivos e assobios da multidão.

—Atrasado por um ataque de nervos, né, Ainswood? —replicou ela.

—Estou tremendo... —disse ele— de impaciência.

—Pois espere sentado, porque chegarei primeiro — disse ela—. E com mais de um quilômetro de vantagem.

A ambos os lados da estrada, os corredores que infestavam todos os eventos esportivos aceitavam as últimas apostas, mas Lydia não conseguiu inteirar-se de como foram, com o torvelinho de pensamentos que lhe cruzavam pela cabeça.

Em qualquer caso, já não havia volta atrás. Não podia renunciar a tudo o que tinha conseguido trabalhando, inclusive sua identidade, sem apresentar batalha. E Lydia Grenville nunca entrava em batalhas que não estivesse decidida a ganhar.

—Um minuto — gritou uma voz entre o tumulto.

Os espectadores calaram.

Também o tumulto interior de Lydia se acalmou.

Alguém ergueu um lenço. Lydia se concentrou nele, agarrando com força o chicote. De repente começaram a soar os sinos da igreja, e o lenço de linho branca revoadou até o chão. Lydia fez estalar o chicote... As carruagens iniciaram a corrida.

A velha estrada do Portsmouth começava na ponte de Londres, atravessava Southwark, passando pelas prisões de Marshalsea e King's Bench, atravessava as barreiras de pedágio de Newington e Vauxhall até chegar a Wandsworth, e seguia através de Putney Heath até Robin Hood Gate.

Era a rota que tinha escolhido Lydia por várias razões muito sensatas. Às oito da manhã, as lentas diligências de Portsmouth já se teriam posto em caminho, o que deixaria essa rota, que utilizavam habitualmente, um pouco menos congestionada. Enquanto isso, as rápidas diligências que partiam de Piccadilly à mesma hora adiantariam facilmente os dois competidores, que teriam que atravessar as paróquias de Newington e Lambeth. Em consequência, Lydia esperava que houvesse menos aglomeração em Robin Hood Gate, a primeira posta e o lugar por onde passavam tanto as diligências mais lentas como as mais rápidas.

A rota mais longa também era mais adequada para Cleo, a égua negra de Lydia, que estava acostumada a dirigir nas ruas lotadas de Londres, e não se assustaria facilmente se veículos ou seres humanos cruzassem o caminho.

Por desgraça, resultou que a robusta e valente Cleo não era rival para o forte cavalo castrado de Ainswood. Embora o tálburi era quase tão pesado quanto o cabriolé de Lydia, e embora o peso dos dois homens compensava de sobras a ligeira diferença de peso entre as carruagens, Ainswood ultrapassou Lydia pouco depois de passar pela barreira de pedágio de Vauxhall, e rapidamente adquiriu vantagem. Quando Lydia trocou de cavalo na estalagem Robin Hood, o tálburi se perdeu de vista.

Lydia notou o olhar de inquietação de Tamsin fixo nela quando atravessaram velozmente Richmond Park.

—Não, a coisa não promete — disse Lydia em resposta à pergunta tácita—. Mas não, não se desespere ainda. Só preciso um par de minutos mais para me assegurar que este animal e eu nos compreendemos.

O cavalo castanho da posta não se mostrava tão colaborador como Cleo, e tendia a assustar-se com qualquer sombra fugaz. Entretanto, quando cruzaram a praça do mercado de Kingston, Lydia tinha conseguido submeter sua vontade. Uma vez fora da população, Lydia aconselhou a sua companheira que se segurasse com força.

Um forte estalido do chicote, que a ponto esteve de tocar o cavalo, bastou

para que o castanho galopasse a toda velocidade durante os seis quilômetros seguintes.

Depois de uma rápida mudança em Esher, Lydia se lançou temerariamente em direção a seguinte posta, e finalmente viram aparecer o tálburi ao longe ao chegar a Cobham Gate.

Trent olhava para trás, obstinado ao flanco do tálburi.

—Por Júpiter, aí está de novo — disse com voz abafada—. Se apresse, Ainswood, não parece que tenham intenção de render-se.

Vere deu uma olhada para trás. Densas e cinzas nuvens cobriam o céu, movidos por fortes correntes, as mesmas golpeavam o rosto de Ainswood. O vento açoitava Pains Hill, arrancava as folhas secas das árvores e criava com elas turbulentos redemoinhos sobre os campos ondulados.

Ainswood já tinha levado dois cavalos ao limite do esgotamento a fim de ganhar uma vantagem suficiente que pudesse desanimar a qualquer ser humano racional e sensato.

Mas Grenville não só não se desanimou, mas sim cada vez se aproximava mais.

Enquanto isso, estava-se forjando uma tormenta do inferno, e ainda ficava o pior da rota por diante.

Pela milésima vez em cinco dias, Ainswood amaldiçoou a si mesmo por ter incitado Grenville a participar da maldita corrida, ou por haver-se deixado arrastar. Ainda não tinha muito claro quem tinha desafiado a quem, apesar de que tinha revivido mentalmente a briga inumeráveis vezes. Só sabia que tinha perdido os estribeiras por nada e tinha encalacrado tudo. Teria preferido que Grenville lhe arrojasse algo à cabeça, ou que lhe tivesse golpeado. Isso teria bastado para satisfazê-la e talvez tivesse inculcado um pouco de bom senso a ele.

Mas agora era muito tarde. Tais reflexões não eram mais que os últimos de uma longa série de arrependimentos.

Ockham Park se desvaneceu a suas costas e apareceram as primeiras casas dispersas de Ripley sob um céu cada vez mais negro e ameaçador. Aumentava a força do vento e Vere quis acreditar que era isso o que lhe gelava o coração.

Mas na realidade sabia que não era certo.

Vere era insensível às inclemências do tempo. Não havia calor tórrido, frio gelado, chuva, neve ou tempestade, que jamais lhe tivessem causado incômodos dignos de menção. Jamais ficava doente. Por muito que maltratasse seu corpo, por contagiosas que fossem as enfermidades às que expôs...

Afugentou de sua mente a lembrança antes que se formasse de todo, e se

centrou em sua rival e na estrada.

Ainda lhes faltavam uns quarenta quilômetros por percorrer sob um tempo que prometia ser péssimo e um terreno do mais traiçoeiro. Ainswood via com claridade meia dúzia de lugares nos quais Grenville poderia sofrer algum percalço... e ele estaria muito longe para socorrê-la.

Muito longe, como sempre, quando o necessitavam.

O tálburi entrou no pátio da estalagem de Talbot. Uns minutos mais tarde voltou a sair com um novo cavalo, e enquanto, na mente de Ainswood não deixavam de ressonar umas frases, como um toque de defuntos:

«Muito longe. Muito tarde.»

Ainswood fez estalar o chicote sobre a cabeça do cavalo e o animal se lançou ao galope pela ampla rua do povoado.

Não fazia muito que tinha percorrido a galope campos e aldeias...

Mas não queria pensar naquela primavera que o tinha feito odiar todas as primaveras, até o ponto de passar toda a estação das flores completamente bêbado.

Atravessaram a toda velocidade Clandon Park e entraram no vasto terreno comunal do Meroe, quase deserto por aquela parte. Vere açulou o cavalo e rezou para que sua rival recuperasse o bom senso. Lydia não tinha a menor possibilidade de ganhar. Levava-lhe muita dianteira. Tinha que render-se.

Trent se voltou de novo no assento para olhar atrás.

—Segue aí? —perguntou Vere, temendo a resposta.

—Ganhando terreno.

Entraram em Guildford e voaram sobre a rua de paralelepípedos, ganhando velocidade ao descer a costa.

Entretanto, o cabriolé continuava aproximando-se.

Atravessaram o rio Wey e subiram por St. Catherine's Hill. Os cavalos diminuíram o passo e subiram com dificuldade pela empinada pendente. Ao chegar ao terreno comum de Pease Marsh, estavam muito cansados para voltar a aumentar a velocidade.

E o cabriolé não deixava de aproximar-se, até que Vere praticamente notou o fôlego do cavalo no pescoço.

Mas ele continuava pensando no forte vento, o céu ameaçador e os trovões de advertência que se ouviam ao longe. Pensava no escarpado terreno que tinham por diante: vinte quilômetros de costas muito elevadas e de perigosas descidas. Imaginava a tormenta descarregando sobre eles... o pânico apoderando-se dos cavalos, os gritos, o tombo na vala... o cabriolé fazendo-se em pedaços.

Tentou convencer-se de que Lydia acabaria abandonando a corrida, mas suas dúvidas cresciam com cada quilômetro.

Quando a tinha visto abandonar?

O resgate da senhorita Price em Vinegar Yard... O ataque ao Crenshaw diante do Crockford... A zombadora imitação de Vere no Coruja Azul diante de seus olhos... O disfarce de homem no Jerrimer... A entrada na casa de Helena Martin subindo por uma janela... O passeio pelo Covent Garden rebolando meio nua... O roubo das jóias em Francis Street... Lydia apontava a tudo e não tinha medo de nada. E no referente ao orgulho, a Vere só ocorria outra pessoa que pudesse igualá-la em sua desmesurada arrogância, e era lorde Belzebú em pessoa.

Ao pensar nele, Vere se deu conta que algo chamava as portas mais distantes de sua memória, uma imagem imprecisa, algo que reconhecia. Não era a primeira vez, e se desvaneceu rapidamente igual às demais ocasiões, como essas palavras que nos escapam quando as temos na ponta da língua. Vere deixou que lhe escapasse porque as lembranças, o passado, não o importavam tanto como o presente.

E naquele instante já não acreditava que Lydia fosse render-se, embora caísse um novo dilúvio universal ou se desatasse o Apocalipse. A rendição era tão alheia a sua natureza como a do próprio Vere. A diferença estava em que a Vere não importava o que pudesse acontecer a ele.

Quando o tálburi entrou no pátio da estalagem de Godalming, Vere já tinha tomado uma decisão.

O cabriolé chegou em poucos momentos.

As nuvens começaram a descarregar frias gotas e os trovões se fizeram mais fortes.

—Não conseguiremos chegar com esta tormenta, Grenville —gritou Vere para fazer-se ouvir no meio do barulho dos estábulos—. Paramos aqui e não ganha ninguém. Afinal, íamos quase empatados.

—Graças a Deus — murmurou Bertie a seu lado. Tirou um lenço e secou a testa.

Lydia cravou no Vere esse frio olhar que ele achava tão irritante. Inclusive nesse momento, quando tão perigosamente bordeava o pânico, penetraram desejos de lhe dar uma boa sacudida.

—acovardou-se, né, Ainswood? —respondeu Lydia com um tom tão frio e desapaixonado como seu irritante olhar.

—Não posso permitir que se mate por minha culpa — replicou Vere. Um moço do estábulo se aproximou com um cavalo descansado para o cabriolé. Era um cavalo castrado negro e grande, com um brilho selvagem nos olhos—.Leve essa besta —ordenou Vere ao moço—. Qualquer idiota veria que é muito nervoso.

—Engancha-o — ordenou ela.

—Grenville...

—Ocupe-se de seu cavalo, Ainswood — espetou ela—. Vemos-nos em Liphook.

—Um empate lhe digo, maldita seja! Não ganha ninguém. Está surda, mulher?

Ela se limitou a lhe lançar outro de seus olhares de Medusa e deu meia volta para levantar a capota do cabriolé.

—Não tem que casar-se comigo! — gritou Vere—. Tudo terminou, entende? Já está. Demonstrou que é muito competente com as rédeas.

—Obviamente não demonstrei nada. Você — gritou Lydia um dos moços do estábulo—. Ajude-nos com a capota e deixe de nos olhar com essa cara.

Vere observou com muda incredulidade como levantavam a capota do cabriolé e enganchavam o cavalo, uma besta infernal. Antes que Vere tivesse a presença de ânimo para saltar ao chão e arrancar Lydia de seu assento, o cavalo negro saiu disparado, afastando de um lado o sobressaltada moço e jogando a senhorita Price contra o assento. Em uns segundos o cabriolé abandonava o pátio a toda velocidade. Vere ouviu a risada de Lydia entre os gritos e maldições dos moços.

—OH, Meu deus, Lydia, este animal está louco — exclamou Tamsin com voz abafada. Aferrava-se ao cabriolé com ambas as mãos, demonstrando sua inteligência, dada a velocidade de vertigem com que galopava o cavalo castrado—. O duque vai ter uma apoplexia, sabe. Estou certa de que levou um susto de morte o pobre homem.

—Está preocupada? —perguntou Lydia sem afastar a vista da estrada. O cavalo castrado era uma besta muito nervosa, sem lugar a dúvidas, e bastante forte para subir Hindhead Hill a bom passo, mas tinha uma pernicioso tendência a desviar-se para a esquerda.

—Não. Isto é muito emocionante. —Tamsin se inclinou para diante para aparecer a cabeça pela capota—. Já se aproximam. Sir Bertram tem a cara congestionada.

Sobre o campo comum do Witley ressonaram vários trovões. Lydia viu um relâmpago ao longe. Instantes depois voltava a trovejar.

Tamsin retornou de novo para trás.

—Não sei como tiveste força de vontade para repelir a oferta de sua excelência. Estava terrivelmente alterado. Sei que é do mais irritante, e que poderia ter devotado o empate com mais tato...

—Acredita que sou tão tola e irresponsável para me matar, e matar a você de passagem — replicou Lydia com voz tensa—. Por isso está tão alterado, e por isso

sua oferta era intolerável.

Com a extremidade do olho viu outro relâmpago, ao qual seguiram mais trovões.

—Se se saísse com a sua, acabaria sentada mansamente a seu lado — seguiu dizendo—, olhando com adoração seu rosto mentiroso. Mas não permitirei que me converta em uma propriedade privada, me atando a ele até que a morte nos separe, se posso evitá-lo.

Tinham subido já mais da metade da longa costa de Hindhead Hill. O cavalo negro começava a diminuir o passo, mas não mostrava sinais de cansaço.

—Não seria tão mau se ele a olhasse também com adoração — disse Tamsin.

—Seria pior — disse Lydia—. Os olhares de adoração de Ainswood podem ser letais. Já me demonstrou isso no Covent Garden, se por acaso não recorda. Sua excelência, de joelhos, me olhando o rosto com adoração, é uma imagem irresistível.

—Oxalá a tivesse visto.

—Oxalá eu não — disse Lydia—. Tive que me concentrar em Susan e seus olhares enternecedores, motivadas por inquietos cães como a comida, as brincadeiras e as carícias. Do contrário, me teria derretido ali mesmo.

—Pobre Susan. Que mal se comportou o duque usando-a contra você.

—Pobre Susan, sim. Seu comportamento foi vergonhoso.

—Talvez só sentisse lástima por ele — sugeriu Tamsin—. Já sabe que parece percebê-lo quando não se encontra bem, ou está doente, ou preocupado. Ontem mesmo, Millie estava muito nervosa porque tinha queimado um avental. Pois Susan se aproximou e deixou cair a bola a seus pés e lhe lambeu a mão como se... OH, Meu deus, aí está a força.

Quase tinham alcançado o topo da colina. Diante de seus olhos se erguia a força de Hindhead. A chuva golpeava a capota do cabriolé e o ulular do vento se mesclava com os fantasmagóricos rangidos das correntes da força. Os raios iluminavam o céu na lonjura de Devil's Punchbowl, e os trovões acrescentavam seu detestável som a aquele satânico concerto.

Lydia deteve a carruagem ao chegar ao topo, pois se desprendia vapor do corpo do cavalo, que claramente precisava de um descanso. Entretanto, ao fim de uns minutos o cavalo se mostrava muito inquieto e puxava das rédeas, impaciente por continuar a marcha.

—Por Deus, é um molho de nervos, né? —disse Lydia—. Calma, moço, não vai lançar-nos cabeça abaixo por esta colina.

Lydia ouviu o ruído das rodas e dos cascos do cavalo do tálburi, aproximando-se cada vez mais.

Por diante tinham uma perigosa descida colina abaixo, com atalhos para

animais de carga de ambos os lados, profundos como os caminhos de Devonshire. O único sinal de vida humana naquela paisagem desolada era a fumaça que saía da estalagem Os Sete Espinhos, um lugar sujo e desagradável no que não queria refugiar-se.

Aquela parte da estrada de Portsmouth, normalmente muito transitada, estava praticamente deserta devido à tormenta. Estava claro que não eram nem o momento nem o lugar para ter um acidente.

A chuva golpeava com fúria a capota, que não oferecia muito amparo por culpa do vento. Mas Lydia não tinha energias para preocupar-se com seu desconforto, ocupada em refrear o cavalo, que combatia obstinadamente seus esforços por obrigá-lo a ir mais devagar, e se desviava para o bordo da estrada com uma atitude autodestrutiva tipicamente masculina.

Quando por fim chegaram ao pé da colina, a Lydia doíam os braços e o cavalo seguia sem dar amostra de cansaço.

Lydia olhou Tamsin, que tinha a saia encharcada e tremia, e se sentiu culpada.

—Só faltam três quilômetros. —Lydia teve que elevar a voz para que se ouvisse no meio do aguaceiro e os trovões.

—Só estou molhada. Não vou derreter-me — disse Tamsin, mas lhe castanholava os dentes.

«Que Deus me perdoe», pensou Lydia, com remorsos de consciência. Não deveria haver permitido a Tamsin que a acompanhasse, não deveria ter aceito participar daquela corrida insensata. Como mínimo, deveria ter aceitado a oferta de empate de Ainswood. Se Tamsin adoecesse de pneumonia...

Um relâmpago esteve a ponto de fazê-la saltar da carruagem, e o trovão que seguiu imediatamente depois pareceu sacudir a estrada sob as rodas. O cavalo se encabitou, relinchando de medo, e Lydia notou que lhe queimavam os braços e as mãos ao tentar acalmá-lo e afastá-lo da vala, antes que derrubasse o cabriolé.

O mundo se obscureceu durante uns segundos, depois se iluminou com uma luz cegadora quando caíram os raios sobre os campos comuns, acompanhados de trovões ensurdecedores.

Lydia demorou um momento em assimilar os outros ruídos: gritos, os relinchos de um cavalo que sofria ou o que tinha entrado em pânico, e o estalo continuado das rodas de uma carruagem.

Então viu que o túburi se lançava sobre elas a toda velocidade. Lydia fez girar o cabriolé para a esquerda, viu que o túburi se desviava para a direita com uma brusca sacudida e passava como uma exalação a escassos centímetros de suas rodas. Novos relâmpagos iluminaram o céu, e Lydia vislumbrou a tensa silhueta de Ainswood e o viu puxar as rédeas justo antes que retumbassem os trovões e se

ouvisse o estrépito ainda maior do tálburi ao cair na vala.

Lydia era consciente da chuva que caía a cântaros, dos relâmpagos cegadores, dos arrepiantes trovões, e também ouvia vozes, mas tudo era muito distante, como se pertencesse a outro tempo e a outro mundo.

O único mundo que lhe importava naquele momento jazia imóvel na vala junto aos restos do tálburi, e a Lydia pareceu uma eternidade o tempo que demorou em descer à vala para chegar até ele.

Ajoelhou-se no barro junto a Ainswood, que jazia de barriga para baixo.

«eis-me aqui, prostrada diante de você.»

Lydia recordou o dia em que Ainswood se ajoelhou diante dela no Covent Garden, e o som de sua voz teatral, suplicando, e o brilho zombador de seus olhos de crápula, que desmentia sua expressão compungida.

Sentia vontades de tornar a rir como uma louca, mas nunca permitia que se apoderasse dela a histeria.

—Levante se, maldito seja — disse, puxando a jaqueta de Ainswood—. Por favor, por favor. —Não chorava. Era a chuva que enchia seus olhos, e a irritação que notava na garganta era pelo frio. Fazia muito frio e ele era muito pesado. Lydia lhe rompeu a jaqueta tentando virá-lo, mas não pôde deixá-lo jogado no barro, portanto começou a puxar as lapelas—. Desperte, bruto estúpido e teimoso — gritou—. Desperte, por favor.

Mas Ainswood não despertava e ela não podia levantá-lo. Só pôde lhe pôr a cabeça sobre seu colo e limpar o barro do rosto e ordenar, argüir, suplicar e prometer.

—Não morra, maldito bruto — disse com voz estrangulada pelo nó ardente que tinha na garganta—. Tenho-lhe carinho. OH, vamos. Não queria... OH, sentirei-me muito desgraçada. Como pôde, Ainswood? Isto não é justo... Não está bem que faça isto. Vamos. Ganhou. —Lydia sacudiu o corpo inerte—. Ouviu-me, estúpido presunçoso? Ganhou. Casarei-me. Com anel e todo o resto, maldito seja. Serei sua duquesa. —Voltou a sacudi-lo—. Isso é o que queria, não? Decida-se. Agora ou nunca, Ainswood. É sua última oportunidade. Desperte, maldito seja, e c... case-se comigo.

Lydia teve que reprimir um soluço.

—Ou o deixarei aqui jogado — acrescentou, e agachou a cabeça em um gesto de desespero—. Aqui. No barro. Em uma vala. Sabia que acabaria... mmm... mau.

Vere estava muito mal. Era um caso desesperado.

Deveria ter aberto os olhos fazia momento, mas temia despertar e descobrir que era só um sonho, que seu dragão não o repreendia nem chorava por ele na realidade.

Mas não era um sonho e ela devia estar encharcada até os ossos, assim que ele tinha que ser o bruto maior de todo o universo por arriscar-se a deixar que caísse doente por sua culpa.

De modo que Vere elevou uma mão para atrair seu formoso e teimoso rosto para si.

—Estou morto e vejo um anjo, ou é você, Grenville? —sussurrou.

Ela quis afastar-se, mas Vere não estava tão débil nem era tão nobre para deixá-la escapar sem um beijo. Segurou-lhe a cabeça pela nuca para aproximar seus lábios e ela se rendeu imediatamente. Então Vere soube de verdade que não era um sonho.

Nenhum sonho tinha o doce sabor de sua boca suave e carnuda, e Vere saboreou aquele beijo, cada vez mais profundo, enquanto a tormenta seguia descarregando-se sobre eles.

Quando por fim a soltou (tão a contra gosto que teriam que canonizá-lo por semelhante amostra de autodomínio), a verdade conseguiu transpassar sua couraça e chegar a seus lábios:

— Antes, prefiro a você, moça perversa que a todos os anjos do céu. Casará comigo, carinho? Diz a sério?

Ela deixou escapar um tremulo suspiro.

—Sim, digo a sério, maldito seja. E não sou seu carinho. Levante, grandíssimo vadio.

Não era o primeiro acidente de Bertie. Entretanto, era a primeira vez que ele não conduzia no momento do desastre. Mesmo assim, como disse à senhorita Price instantes depois de que a senhorita Grenville acudisse correndo ao lado de Ainswood, nem sequer o cocheiro mais perito teria podido evitar o acidente. O cavalo se assustou com os relâmpagos e se levantou com tal força que tinha quebrado uma das varas do tálburi. A outra se quebrou ao cair. O cavalo tinha saído então disparado, arrastando o que ficara do tálburi.

Bertie tinha saltado bem a tempo e só tinha sofrido uma queda. Teria acudido em seguida a socorrer ao Ainswood se a senhorita Grenville não tivesse se adiantado. Então, o primeiro pensamento de Bertie tinha sido: «As damas primeiro », e tinha se deslocado a ajudar à senhorita Price, que tinha ficado a cargo do fogoso cavalo negro.

Tal como Bertie explicou à senhorita Price, se Ainswood estivesse morto,

ninguém poderia lhe ajudar. Se não estivesse, certamente se necessitaria ajuda para tirá-lo da sarjeta e levá-lo ao Liphook. Dado que o tálburi estava em pedaços e o cabriolé não podia transportar quatro pessoas, Bertie decidiu ir no cabriolé com a senhorita Price para pedir ajuda no povoado.

Não demoraram muito. A estalagem A Âncora se achava a menos de dois quilômetros do lugar do acidente, e estava cheia a transbordar de amigos de Ainswood, todos aguardando com impaciência o final da corrida. Ao fim de uns minutos, enganchavam-se os cavalos a uma carruagem para acudir rapidamente ao resgate.

Bertie não estava seguro de quem era o dono da carruagem, porque então sumiu em um profundo estado de atordoamento.

A confusão tinha começado a apoderar-se dele de caminho da estalagem, quando Bertie tinha divisado o sinal que indicava a direção e a distância a que se achavam várias populações próximas.

—OH, vá — disse nesse momento, piscando—. Blackmoor. Era isso.

A senhorita Price se manteve um pouco enrijecida até então, embora muito menos que em seu último encontro. Nessa sexta-feira, despediu-se dele muito zangada por alguma coisa, mas Bertie não tinha a mais remota idéia do que se tratava.

Ao fazer-se cargo do cabriolé, a senhorita Price já não parecia tão zangada, mas tampouco se mostrou tão comunicativa e amável como de costume durante o curto trajeto até o povoado.

Entretanto, quando Bertie mencionou o nome de Blackmoor, a senhorita Price se virou para ele com o olhar penetrante e curioso a que ele estava acostumado.

—Conhece esse povoado?

Bertie negou com a cabeça.

—Não. O título. Por um quadro. Mas não de Carlos II, mas sim de um amigo, e não sei o que fez para conseguir o título, porque aqueles longos cachos loiros me fizeram me perguntar por que um homem iria querer-se com uma mulher. Assim não prestava muita atenção naquele momento, mas era a ele quem me referia, não ao Carlos II, entende?

A senhorita Price ficou olhando-o uns instantes.

—Longos cachos loiros — disse—. Um amigo do rei Carlos II. Então, certamente era um cavalheiro. Viu um quadro de um cortesão, de um amigo do rei.

—E poderia ter sido irmão da senhorita Grenville — disse Bertie, ao mesmo tempo em que detinha o cabriolé à porta da estalagem—. Mas não era, claro, porque estava morto a vários séculos. Era o primeiro conde de Blackmoor, e

minha condenada irmã diz que é o quadro que mais gosta de todos, porque... Por Júpiter, aí está. Não pensava que viria, havendo-o avisado com tão pouco tempo. Espero que não tenha trazido para minha irmã com ele.

A senhorita Price voltou seus enormes olhos castanhos para a porta da estalagem A Âncora, onde viu o marquês de Dain. Dain lhes lançava uma de suas famosas e terrífica olhada, às que algumas pessoas demoravam um pouco em acostumar-se, como Bertie bem sabia.

Estava claro que a senhorita Price era uma delas.

—OH, Meu deus — exclamou, antes de desmaiar. Foi então quando Bertie caiu em um grave estado de atordoamento.

Capítulo 12

—É obvio que assistirei — disse Tamsin, enquanto recolhia habilmente os cabelos de Lydia—. Agora estou perfeitamente. Foi a excitação do momento o que me provocou o desmaio, além da fome. Mas não me encontro mal absolutamente. Este foi o dia mais emocionante de minha vida, e me nego a perder um só minuto do que resta.

As duas mulheres se achavam em uma dos quartos da estalagem A Âncora.

Lorde Dain e lorde Sellowby tinham chegado em uma carruagem particular quando Lydia e Ainswood estavam em marcha para Liphook sob a chuva. Mencionaram o desmaio de Tamsin (aterrorizada ante a visão de Dain, em palavras de Sellowby), mas Lydia estava muito alterada para preocupar-se com sua companheira naquele momento.

A agitação de Lydia não se devia a Ainswood exclusivamente, embora sem dúvida, vendo como lhe tinha abrandado o coração (ou o cérebro) ao aceitar casar-se com ele, não era pouca sua confusão. Mas ainda tinha aumentado mais por causa de Dain.

Embora se supusesse que Lydia era cravada ao pai de lorde Dain, nem o marquês nem Sellowby tinham dado a menor amostra de reconhecê-la durante o curto trajeto até a estalagem do lugar do acidente, nem depois, ao entrar nela e acordar que as bodas se celebrariam assim que os noivos se lavassem e colocassem roupa limpa. Naquele momento, Lydia não tinha sido capaz de opor nenhuma objeção coerente à insistência do duque para que se casassem imediatamente.

Inclusive então, depois de um banho quente, um chá e os cuidados de Tamsin, Lydia continuava sentindo-se perdida. A sensação de que as coisas estavam escapando a seu controle não era agradável.

—Deveria ter insistido em que tomássemos um tempo para descansar, ao menos — disse—. Mas Ainswood... OH, é tão teimoso e impaciente e se torna tão

maçante quando alguém lhe diz que não.

—Não teria muito sentido postergar as bodas quando todo mundo está preparado — disse Tamsin—. Não é assombroso quão organizado pode ser com a adequada motivação?

—Petulante e presunçoso, bem — disse Lydia—. Mas tinha tudo preparado e seus amigos já estavam aqui, assim que me pareceu que o melhor seria acabar o quanto antes com tudo isto.

Tamsin recuou para admirar o bonito penteado que tinha saído de suas mãos.

Uns finos cachos dourados emolduravam o rosto de Lydia, e levava o resto ordenadamente recolhido no cocuruto, em lugar do coque que estava acostumado a fazer-se de qualquer maneira na nuca.

—«Se fazendo-o ficasse feito... O melhor, então, seria fazê-lo sem tardança», disse Tamsin com um sorriso, citando as palavras de Macbeth—. Lady Dain diz que, quanto mais tempo tem que esperar um homem, mais provável é que acabe voltando-se irracional. Diz que aconteceu a lorde Dain, e que estava intratável quando se casaram. Diz que ela também esteve a ponto de voltar-se louca durante as semanas de preparativos para as bodas, embora não é das pessoas que perdem os papéis com facilidade.

—Organizar aquelas bodas deve ter sido como preparar-se para a batalha do Waterloo — murmurou Lydia—. Foi impressionante. A igreja estava abarrotada e ainda havia mais gente no banquete de bodas.

—E tem gostos caros, conforme diz lorde Dain.

—Bom, a nossa não será grande coisa. — Lydia se olhou no espelho—. Salvo meu penteado. Que elegante me deixaste... do pescoço para acima.

Mera aparência, disse-se. Nem sequer estava segura de quem era realmente.

«Acredita-se uma grande dama, não é?», havia-lhe dito seu pai com tom zombador fazia muitos anos. E era evidente que tinha razão. Sua mãe só fantasiava quando dizia que era uma Ballister. Do contrário, sem dúvida Lydia teria detectado alguma reação (de surpresa, de chateio, ou inclusive de regozijo) no moreno rosto de Dain. Mas ele se limitou a lhe dar uma rápida olhada, reservando sua atenção para seu velho companheiro de estudos, Ainswood.

Obviamente, decidiu Lydia, ao comentar Sellowby, depois das bodas de Dain, que tinha visto uma mulher que parecia saída da galeria de retratos de Athcourt, simplesmente tinha vislumbrado certa semelhança de longe. De perto, essa semelhança devia ter resultado muito vago, posto que agora estava tão pouco surpreso por suas feições como o próprio Dain.

Talvez sua mãe tivesse visto o pai de lorde Dain em algum desfile, ou descendo de sua carruagem, e de longe tinha percebido uma semelhança com

Lydia que lhe tinha levado a criar uma complexa história fictícia. Não a surpreendia. Ela mesma se tinha inspirado em um artigo da imprensa sobre o anel de compromisso de lady Dain, um grande rubi lapidado rodeado de diamantes, para A rosa de Tebas.

—Não acredito que ao duque importe como esta penteada — disse Tamsin, devolvendo Lydia à realidade—. Estou segura de que teria casado contigo tal como estava, com o cabelo molhado e grudado o rosto sujo de barro e o chapéu pendurado no pescoço jorrando água.

—Ele tampouco parecia um dandi, precisamente — disse Lydia, levantando-se da cadeira da penteadeira—. Em qualquer caso, estava mais ensopado que eu e com mais possibilidades de cair doente se não trocasse de roupa antes da cerimônia. Não queria passar meus primeiros dias de casada cuidando-o, enquanto ele guarda cama com febre. —voltou-se para olhar Tamsin—. Deve pensar que estou louca, ou ao menos que sou muito volúvel.

—Acredito que foi um engano por sua parte dizer que seus sentimentos para ele somente eram «um amor de colegial» ou «o instinto de acasalar-se» ou «o delírio da luxúria» — comentou Tamsin, e soltou uma risada—. Eu tinha a impressão de que começava a gostar de...

—Como uma dor de dente — protestou Lydia.

—É inútil que finja que não sente nada por ele — prosseguiu Tamsin—. A vi saltar do cabriolé sem preocupar-se pela tormenta, nem pelo assustado cavalo, nem por nenhuma outra coisa que não fosse o duque de Ainswood. —Sorriu—. Foi tão romântico...

—Romântico. —Lydia franziu o cenho—. Vou-me pôr doente.

—São os nervos das bodas. —Tamsin se dirigiu à porta—. Aposto que ele está pior que você, feito um mar de nervos. Será melhor irmos o quanto antes para que o pastor ponha fim a seu sofrimento.

Lydia ergueu o queixo.

—Não sou propensa a ataques de nervos, senhorita Impertinente. E não tenho nenhum sofrimento. Estou absolutamente tranqüila. — dirigiu-se à porta com passo majestoso—. Dentro de pouco serei a duquesa de Ainswood, e então... — fulminou Tamsin com o olhar—, será melhor que vós os plebeus andem com cuidado.

Saiu do quarto, seguida de Tamsin, que ia rindo.

Graças a Dain, Sellowby e Trent, Vere estava a ponto de ficar maluco. Nenhum dos três podia fechar a boca um momento e o deixar pensar.

Estavam todos reunidos no pequeno salão reservado para a cerimônia

nupcial.

—Digo-lhes que é do mais estranho — dizia Trent—, e não acerto compreender que não vejam como eu, salvo que possivelmente estava muito encharcada e suja de barro e nem sua própria mãe a teria reconhecido...

—É obvio que a reconheci — afirmou Sellowby—. A vi frente à igreja no dia que se casou Dain. Dificilmente poderia ter passado por cima de uma jovem tão bonita e de tamanha estatura. Parecia uma bela flor entre os matos dos jornalistas. Por não mencionar que não abundam de mulheres jornalistas e só podia haver uma lady Grendel. Inclusive a tanta distância, chamava a atenção.

—Isso é o que eu digo — insistiu Trent—. O retrato do homem alto de cachos dourados que vi...

—Eu não os chamaria dourados — interrompeu Dain—. São de um loiro quase branco, e sem um só cacho.

—De um dourado pálido — conveyo Sellowby—. Recordou a...

—O tipo do quadro, o cavalheiro que minha irmã...

—O conde do Esmond — continuou Sellowby—. Mas não têm os mesmos olhos. Os dela são de um azul mais claro.

—E não pode ser francesa — apostou Dain.

—Eu não disse que seja francesa, só que a palavra que usavam para designá-los tinha algo que ver com os cavalos, diz a senhorita Price, porque em francês *cheval*¹⁰...

—Corre o rumor —disse Dain, fazendo pouco caso das palavras de seu cunhado— de que nasceu em um pântano de Borneo e que os crocodilos a criaram. Suponho que não terá nenhum dado sobre suas origens, não é, Ainswood? Nem sequer estou seguro de que haja crocodilos em Borneo.

—Que diabos me importa sua origem? —espetou Vere—. O que eu quero saber é onde se colocou o maldito clérigo, e se a noiva pensa descer para a cerimônia antes que acabe o século.

Ele não tinha demorado mais que meia hora em banhar-se e vestir-se, sem deixar de lhe grunhir Jaynes o tempo todo. Isso lhe tinha deixado com uma hora e meia mais por diante para serenar-se esperando a sua futura duquesa, mas estava morto de medo pensando que Lydia tinha caído doente e expirava silenciosamente por culpa de um esfriamento, enquanto seus amigos conversavam sobre a cor de seus olhos e seus cabelos, e sobre a possibilidade de que houvesse crocodilos em Borneo.

—Talvez tenha se arrependido — sugeriu Dain com um sorriso zombador. E Vere sentiu uma vontade tremenda de apagar sua arrogante expressão com um

¹⁰ A palavra inglesa cavalier é sinônimo de gentlemam, se usa para designar os cavaleiros de Carlos II

murro—. Possivelmente tenha aceito casar-se contigo quando ainda estava emocionada pelo acidente e agora recuperou o bom senso.

—aceitei me casar com ele por compaixão — disse uma fria voz feminina da porta—. E por um sentido do dever cívico. Não podemos permitir que percorra as vias públicas como um louco, destroçando carruagens e assustando aos cavalos.

Os quatro homens se giraram simultaneamente para ela.

O dragão de Vere se encontrava na porta, embelezada de negro dos pés à cabeça e abotoada até o queixo. Quando entrou, ouviu-se o sugestivo frufu do tecido de seda.

A senhorita Price apareceu atrás dela, seguida por sua vez pelo pastor.

—Será melhor que vá procurar minha mulher — disse Dain, dirigindo-se à porta—. E nem lhes ocorra começar sem nós. Tenho que entregar à noiva.

Lydia arqueou as sobancelhas.

—Jogaram a sorte — explicou Vere—. Trent é o padrinho e Sellowby o encarregado de vigiar a porta para manter afastada à multidão de ruidosos bêbados.

À multidão tinha se metido na ampla sala de jantar, onde se entretinham entoando canções de tom alto e aterrorizando os desventurados viajantes que se detinham ali para resguardar-se da tormenta.

— negou a diversão de seus amigos de presenciar o espetacular final da corrida — disse a dragão—. Não posso acreditar que pense privá-los também deste espetáculo.

—Não estão em condições de apreciá-lo, prometo — replicou isso Vere—. A metade deles já não distinguiria o noivo de um tonel de vinho, e a maioria, em todo caso, preferiria estar ao lado do tonel.

—Esta é uma ocasião solene — disse o pastor com severidade—. O sagrado vínculo do matrimônio não deveria ser sem importância, nem... —Se interrompeu ao posar nele um dos olhares glaciais de Lydia—. Sim, bem. —Deu um puxão a seu colarinho, tentando puxar ar—. Talvez devêssemos ocupar nossos lugares.

A Vere voltou a rondar um pensamento, ou lembrança, ou o que fosse, persistente mas frustrantemente impreciso. Mas nesse instante entraram Dain e sua esposa, e lorde Belzebú se encarregou de tudo, como tinha por costume, e ordenou a este que se colocasse aqui, e a aquele que se situasse lá, e a um que fizesse uma coisa, e a outro que fizesse outra.

E em seguida começou a cerimônia. Vere não pensou então em nada mais que na mulher que tinha ao lado, a ponto de converter-se em sua... completamente e para sempre.

As mulheres se retiraram fazia várias horas, mas os amigos de Vere não lhe permitiram abandonar a festa posterior à cerimônia até a meia-noite, e só porque alguém (Carruthers ou Tolliver) tinha mandado chamar um grupo de prostitutas. Nesse momento, Dain decidiu que os homens casados podiam partir se quisessem. Embora Trent não estivesse casado, foi com eles, tentando ainda obrigar Dain a escutar uma incompreensível teoria ou história absurda sobre Carlos II, cortesãos, cavalheiros e não se sabia o que mais.

—Sei que foi em sua casa — dizia Trent a seu cunhado, enquanto os três homens subiam pela escada—. Na galeria de retratos, que deve ter mais de um quilômetro, e estava no recesso da parede e Jess disse que era seu favorito...

—A galeria tem cinqüenta e cinco metros de comprimento — replicou Dain—. Como pôde testemunhar Ainswood. No dia do funeral de meu pai, coloquei um dos retratos de meu progenitor sobre um cavalete e propus um concurso de arco e flecha. Recorda, não é, Ainswood? Disse que usar a meu querido pai como alvo era petulante e imaturo. Assegurou-me que acharia mais satisfação transando com aquela diabresa ruiva, Charity Graves, no dormitório principal. Depois de tê-la provado você mesmo, considerava-a digna de meus esforços. —Dain deu em Vere uma palmada nas costas quando chegaram ao final da escada—. Ah, bem, moço, aqueles dias chegaram a seu fim. Já não poderemos compartilhar fulanas nunca mais. Temos que nos conformar com as damas, e além disso, só com uma. —voltou-se para Bertie—. Boa noite, Trent. Felizes sonhos.

—Isto, Dain, mas...

O negro olhar de Dain o silenciou imediatamente. Bertie deu um puxão a sua gravata-borboleta.

—Bom. Sim. Bem — disse retrocedendo—. Felicidades, queria dizer, Ainswood, boa noite e muito obrigado, já sabe... por ser o padrinho. Foi uma honra. —Estreitou a mão de Vere, saudou Dain inclinando a cabeça e saiu disparado para seu quarto.

A imagem imprecisa e efêmera voltava a rondar as curvas do cérebro de Vere, mas seu olhar se desviou para a última porta do corredor, depois da qual aguardava sua duquesa, e a excitação apagou de novo o irritante fogo fátuo.

—Minha mulher dará a luz a nosso filho por volta de fevereiro ou março — disse Dain, solicitando a atenção de Vere—. Necessitará uns padrinhos. Talvez sua mulher e você queiram aceitar o posto.

Vere demorou um momento em dar crédito ao que ouvia, e depois outro mais em assimilar as implicações. Depois lhe fez um nó na garganta. A pesar do tempo, as separações, os momentos difíceis e os mal-entendidos, Belzebú e ele continuavam sendo amigos.

—Assim, por isso estava tão impaciente por me ver casado — disse, mas sua

voz não era de tudo firme.

—Estava impaciente por vários motivos — disse Dain—. Mas não vou explicar isso agora. Tem suas... responsabilidades. —Esboçou um sorriso—. Não quero afastá-lo delas.

Vere notou com horror que lhe ardia o rosto.

—Está se ruborizando, Ainswood — disse Dain—. Certamente hoje é um dia cheio de milagres.

—Vá para o inferno — resmungou Vere, e pôs-se a andar pelo corredor.

Ouviu a risada rouca de Dain a suas costas.

—Se sua excelência não souber o que fazer — disse—, não se acanhe de chamar a minha porta.

—Como não saberei o que fazer — disse Vere sem se virar —. Se ensinei tudo o que sabe, Belzebú... que não é nem a metade do que eu sei.

Vere ouviu mais ruídos satânicos que pareciam risadas, e depois o som de uma porta que se abria e se fechava.

—Que vá chamar a sua porta — seguiu dizendo Vere baixo—. Muito gracioso. A exumação. Como se eu não fosse o adulto que lhe procurou sua primeira puta. —Bateu na porta de seu quarto com uns golpes impacientes—. Maldito sabichão. Sempre o foi. Sempre o será. Deveria lhe partir essa boca por...

A noiva abriu a porta.

Vere percebeu vagamente que ainda estava vestida, mas não se deteve a meditar o assunto. Entrou, fechou a porta com um chute, rodeou à noiva com seus braços e a esmagou contra ele.

Vere enterrou a cara no pescoço de Lydia. Seus sedosos e espessos cabelos lhe fizeram cócegas no pescoço e seu perfume o invadiu que respirou com avidez.

—OH, Deus — murmurou—. Já acreditava que não ia liberar-me nunca deles.

Os braços de Lydia o rodeavam, mas com rigidez, e seu esbelto corpo vibrava pela tensão. Vere ergueu a cabeça para olhá-la. O rosto de Lydia estava pálido e sombrio. Os olhos lhe devolviam sua imagem e algo mais, algo que denotava sua inquietação.

—Está cansada — disse Vere, afrouxando seu abraço de jibóia constrictor—. Foi um dia longo e exaustivo.

—Não estou cansada — disse ela com voz vibrante—. Vim diretamente ao quarto e me atirei na cama e dormi antes que minha cabeça tocasse o travesseiro. —escapou dos braços de Vere—. Despertei faz uma hora. Descansei mais que de sobra. E tive tempo para pensar.

—O que não deixou tempo para pôr algo mais apropriado para a noite de bodas — disse ele, fazendo pouco caso a uma consciência com a qual tinha feito um trato. Tinha obrigado Lydia a aceitar o matrimônio. Aproveitou-se de um

momento de debilidade. Muito bem. Não tinha escrúpulos e era um libertino depravado e detestável e todo o resto. Era sua natureza—. Não importa. Com muito gosto a ajudarei a despojar de sua armadura. —Aproximou as mãos do primeiro botão do pescoço.

—Não estou preparada para consumir o matrimônio — disse ela com voz tensa.

—Não importa. —Vere desabotoou o primeiro botão—. Eu a prepararei. Ela afastou suas mãos.

—Isto é sério. Temos que falar.

—Sabe perfeitamente que não podemos conversar mais de dois minutos seguidos sem brigar — disse ele—. O que lhe parece se não falarmos esta noite? —Começou a desabotoar o segundo botão.

A fria mão de Lydia aferrou a sua.

—Minha consciência não me permitirá ser sua mulher — disse—. Quero a anulação.

—Sua consciência perdeu o senso — disse Vere, e a beijou no nariz reto e altivo—. São somente os nervos da noite de bodas.

—Não sou uma pessoa nervosa. —A voz de Lydia se fez mais aguda, trememente—. Não sou uma histérica e tampouco quero que me trate com essa condescendência. Simplesmente volto a estar em minha razão. —Fez uma pausa, apertou os dentes e depois ergueu o queixo—. A questão é que não sou uma dama, nem por acaso. E você é o duque de Ainswood. Deve se casar com uma dama. Deve a sua família.

—Casei-me contigo — replicou ele com tom impaciente—. Não quero uma dama. Não saberia o que fazer com ela. —Aferrou Lydia pelos ombros—. Espero que agora isso não a deixe afetada.

—Não podemos nos deitar. — No rosto de Lydia apareceram duas manchas rosadas—. Não deve procriar comigo. Não posso permitir que corra esse risco.

—Risco?

—Minha família — explicou ela com voz abafada—. Não sabe nada de minha família. Deveria ter contado isso antes, mas estava muito alterada. Alarmeimei-me tanto ao pensar que estava morto e depois... —Lydia se largou—. Isto é tão absurdo. Queria fazê-lo feliz, e você estava tão empenhado em se casar comigo em seguida. Não sei por que queria fazê-lo feliz, por que imaginava que podia consegui-lo.

—É fácil me fazer feliz, querida. Só tem que tirar...

—Minha mãe perdeu a saúde quando minha irmã nasceu — disse Lydia, soltando tudo atropeladamente—. Minha mãe morreu quando eu tinha dez anos. Minha irmã pequena adoeceu de tuberculose e morreu três anos depois. Meu pai

era um ator de terceira classe e um jogador bêbado. Não possuía uma só qualidade que o redimisse. —aproximou-se da lareira, retorcendo-as mãos—. Minha linhagem é péssima. Sua família merece algo melhor. Tem que pensar neles, na linhagem que representa.

—Ao diabo com minha linhagem — disse ele, mas sem alterar-se. Era evidente que Lydia estava a beira da histeria. A tensão pelos sucedido do dia se fazia notar. Vere se aproximou dela—. Vamos, dá-se conta do que diz? É mais esnobe que Dain. A linhagem que represento, ora! Aonde foi a senhorita Liberdade, Igualdade e Fraternidade? Aonde foi a defensora dos direitos das mulheres? Aonde foi meu dragão?

—Não sou um dragão — disse ela—. Somente sou uma escritora de família humilde e com mau gênio.

—Já vejo que não pensa atender a razão — disse ele—. Teremos que resolver esta questão esportivamente.

Vere se afastou uns passos e tirou a jaqueta. Depois desfez a gravata-borboleta. Com alguns puxões rápidos, desabotoou o colete. O tirou e o jogou em um lado. Depois tirou os sapatos com os pés.

Ela o olhava fixamente.

—me golpeie — disse Vere—. Dou três oportunidades. Se não conseguir me atingir, caberá a mim tentar três vezes.

—me pegar? —perguntou ela, absolutamente perplexa.

Vere relaxou a postura.

—Escuta se eu a golpeasse, cairia ao chão rolando sem conhecimento — explicou pacientemente—. Para que demônios me serviria então? Usa a cabeça — acrescentou, e voltou a adotar uma pose pugilística—. Se não conseguir me golpear, terei três oportunidades para fazer que caia na cama, ofegando de luxúria.

Os olhos azuis da Lydia despediram faíscas.

—Maldito seja, que não ouviste uma só palavra do que eu disse? Não pode afastar o pensamento de seus órgãos reprodutores um momento para pensar em seu futuro, e em seus antepassados, e em sua posição?

—Sinto muito — disse ele, meneando a cabeça—. Não sou tão civilizado. Vamos, querida. —Jogou o queixo para diante—. Não tem vontade de me romper a mandíbula? Ou o que me diz do nariz? — assinalou—. Você não gostaria de me atijar um bom murro? Não é que tenha nem a mais remota possibilidade, mas será divertido ver como tenta.

Lançou-lhe um olhar furioso.

Vere bailou um pouco, lançando um direito ao ar, e logo um canhoto.

—Vamos, do que tem medo? Aqui está sua oportunidade para me pôr os

olhos roxos como prometeu em Vinegar Yard. Ou era só uma bravata? Machucou muito a mão com minha mandíbula, minha delicada flor? Aprendeu a lição?

Saiu de um nada. Rápido como um raio, o punho de Lydia saiu disparado para o sexo de Vere, que o esquivou pelos cabelos.

—Aí não — disse, engolindo saliva com assombro—. Pensa em nossos filhos.

Ela retrocedeu e entreabriu os olhos, olhando o dos pés à cabeça, procurando um ponto débil em suas defesas.

—Não disse nada de jogar limpo — disse como desculpa.

—Não teria nenhuma possibilidade se jogasse limpo —zombou ele.

Lydia levantou os braços formando ângulos estranhos e enquanto movia o corpo de lado a lado, como uma cobra preparando-se para atacar. Estava desfazendo o coque e o cabelo caía pelos ombros. Era uma visão magnífica e Vere morria de vontade de colocar os dedos. Mas não podia perder a concentração. Lydia tinha um bom número de truques em seu repertório, e era condenadamente imprevisível. Para não falar de sua rapidez.

Vere esperou, preparando-se para o seguinte intento, perguntando-se por onde chegaria, consciente de que Lydia estava brincando com ele, mantendo-se em movimento para distraí-lo enquanto ela procurava por onde entrar.

Captou sua intenção apenas um segundo antes que Lydia atacasse. Foi um muito breve olhar para baixo. A saia de Lydia se levantou quando ela lançou o chute, mas Vere se moveu nesse mesmo instante, afastando-se para um lado. Ela perdeu o equilíbrio e cambaleou. Vere quis ajudá-la sem pensar, e se afastou um segundo antes que o cotovelo de Lydia impactasse em seu sexo.

—Por Deus — exclamou com voz abafada, mais pela surpresa que por haver ficado sem ar. Um pouco mais lento, e Lydia o teria deixado eunuco.

Vere esperou sem atrever-se a baixar a guarda, apesar de que Lydia se virou e repassava a lista habitual de blasfêmias.

—São três — disse Vere—. Agora é minha vez.

Lydia se virou para encarar-se com ele.

—O que ocorrerá se... quando falhar? —perguntou.

—Terá três oportunidades mais. Depois as terei eu. Até que ganhe um dos dois. O ganhador obterá o que queira.

«E me assegurarei de que queira o que eu quero», acrescentou Vere para seu interior.

Lydia cruzou os braços e levantou a cabeça com gesto altivo.

—Muito bem. Prova.

Vere a olhou de cima abaixo como antes tinha feito ela. Depois começou a dar voltas a seu redor. Lydia não se moveu do lugar, só virou a cabeça para seguir seus movimentos com expressão cautelosa. Vere se deteve as suas costas, grudou

a ela.

Durante um bom momento não fez nada. Limitou-se a fazê-la esperar, a aumentar a tensão. Depois se inclinou e lentamente, com a boca entreaberta, riscou um caminho sinuoso da orelha até a bochecha de branca pele.

—É tão suave — murmurou Vere, e com as mãos percorreu os braços de Lydia, obrigando-a a afastá-los do peito e baixá-los—. Sua pele é como as pétalas de rosa.

Ela respirou fundo.

—Primeiro intento — disse com voz tensa.

Vere esfregou a bochecha contra sua bochecha.

—eu adoro o aroma de sua pele. —Com as mãos estendidas, tocando apenas o tecido, desceu lentamente pelo generoso seio até a cintura e baixou ainda mais para oprimir o ventre com suavidade, atraindo-a para si até que seu magnífico traseiro lhe roçou as calças, avultados por um membro impaciente por entrar em ação.

Lydia fechou os olhos e engoliu saliva.

—Vão ddd... dois.

Vere não fez nada, deixou que o tempo se detivesse enquanto ele permanecia quieto com a bochecha apoiada na dela e as mãos em seu ventre. Seguiu tocando-a muito levemente, o justo para que não se movesse e fosse indevidamente consciente de seu calor e sua excitação masculina.

Um calafrio percorreu o corpo de Lydia.

Ele continuou esperando. O desejo o estava matando, mas também ela começava a notar os efeitos da tensão erótica. Vere notava a luta que mantinha em seu interior o intelecto e o sentimento, os princípios abstratos combatendo por alcançar a supremacia em uma natureza apaixonadamente física e sensual.

Lydia se retorceu, apertando-se um pouco mais contra Vere.

Roçou-lhe a comissura da boca com os lábios.

Lydia deixou escapar um leve gemido e se deixou cair sobre ele, voltando a cabeça para receber o beijo que lhe furtava.

Mas ele continuou brincando, passando os lábios muito devagar por sua boca com um leve roçar.

As mãos de Lydia cobriram as dele, apertando-o contra ela.

—E três — disse ele com voz rouca—. Se toca.

—É um bruto — sussurrou ela—. Sabe que não posso resistir a você. —Lydia tentou virar-se para ele, mas Vere a impediu, mantendo a pélvis apertada contra seu traseiro.

—Ah, não, não tão depressa, dragão — disse. Mordiscou-lhe o lóbulo da orelha e a estreitou ainda mais contra ele—. Tinha pensado ser muito suave

contigo, por ser sua primeira vez e tudo isso, mas você não quererá que seja condescendente, não é? Não teme brigar comigo, e já vi que escreve sem vergonha. Não vale a pena que me esforce em ser delicado.

Vere rodeou sua cintura com um braço para mantê-la apertada contra ele, enquanto com a mão livre desabotoava a longa fileira de botões do vestido.

Vere lhe baixou o vestido até a cintura. As mangas ficaram enganchadas nos cotovelos, lhe prendendo os braços.

Pelas bordas das anáguas e o espartilho apareceu a tentadora e suave pele branca. Vere cobriu a fragrante pele com um tapete de beijos apressados, começando pela orelha e descendo pelo pescoço e os ombros. Lydia estremeceu.

Vere desatou fitas e colchetes, liberou os braços das mangas e baixou o vestido pelos quadris. O vestido deslizou até o chão e formou um monte enrugado aos pés de Lydia. Vere a empurrou brandamente para que saísse daquele revôo de roupa, e rapidamente se lançou pelo espartilho, desatando as fitas com ágeis dedos. O rígido objeto cedeu ao fim e caiu até os quadris. Vere o retirou e o jogou em um lado.

Depois levantou Lydia nos braços e a levou até a cama, onde a deixou cair. Ela lançou uma blasfêmia, mas antes que pudesse levantar-se para golpeá-lo, Vere se lançou sobre ela. Entrelaçou os dedos em seu cabelo e a segurou, cobrindo a boca com a sua para beijá-la apaixonadamente.

Ela se debateu um momento antes de render-se, como sempre, como já deveria entender que sempre se renderia.

—Nada de anulações — grunhiu ele, liberando por fim sua boca—. Não haverá nenhum outro. Nunca. Assim tire-o da cabeça.

—Idiota — disse ela com voz rouca. Agarrou Vere pela camisa para atraí-lo para ela. Vingou-se então, lhe abrasando a boca com seu ardente beijo, despertando o demônio de seu interior com a língua.

Vere deitou de costas, arrastando-a para ele, apertando a boca avidamente contra a sua e entrelaçando as pernas em suas anáguas.

Levantou-lhe as brancas anáguas e gemeu quando seus dedos tocaram a meia e seguiram o esbelto contorno da coxa. Uns centímetros por cima da liga, só havia uma pele cálida e aveludada... que seguia curvando-se até seu magnífico traseiro.

Seu traseiro completamente nu.

—Por Deus — exclamou Vere em um rouco sussurro—. Onde estão seus calções, descarada?

—Esqueci-os — disse ela com voz abafada.

—Esqueceste-os. —Foram as últimas palavras coerentes que conseguiu pronunciar Vere, o último pensamento lúcido.

Com um grunhido animal, Vere a lançou de costas sobre a cama. Só demorou uns frenéticos segundos em arrancar o resto das roupas. Antes que chegassem ao chão, estava já desatando as fitas das anáguas.

O pescoço se afrouxou e Vere empurrou o cós das anáguas para baixo. A pele de Lydia era branca como o brilho da lua, um milagre de suavidade e curvas generosas. Vere pôs as mãos sobre seus seios e deixou que os polegares brincassem com os rosados mamilos, duros antes inclusive que ele os tocasse.

Ela se arqueou com um leve gemido, apertando-se contra as mãos de Vere, aferrando-se a seus ombros, enquanto ele se inclinava para abranger uma daquelas pétalas rosadas com a boca.

Os dedos de Lydia se enredaram nos cabelos de Vere enquanto lhe chupava o mamilo, provocando nela pequenos gemidos que aceleravam o coração viril e o excitavam ainda mais.

Vere lhe acariciou o ventre e notou que se esticava. Mas o tecido das anáguas lhe produzia irritação. As arrancou com gesto impaciente e as jogou longe de si. Fez então uma pausa para contemplar o corpo perfeitamente formado de sua formosa amazona. Depois o acariciou e saboreou audazmente com as mãos e a boca, deleitando-se nas ardentes carícias com que lhe respondia e os gritos que soltava, de prazer e de surpresa.

Até o último centímetro de seu corpo sedoso, com seu doce perfume de dragão, estava feito por e para ele. E quando os dedos de Vere deslizaram entre o suave monte de cachos loiros do púbis e apalpam seu diminuto botão, encontrou-a pronta para ele.

Por fim a tinha a sua mercê.

Vere queria tomar seu tempo, deixá-la louca de prazer antes de agradar a si mesmo. Queria que seu dragão se desesperasse e suplicasse, pedindo mais. Prometeu-se que o conseguiria, e agora tinha mais raciocínio que nunca para fazê-lo, depois de que o tivesse feito passar um dia infernal.

Mas a rápida e ardorosa resposta do corpo feminino sob suas carícias fez em pedacinhos todos seus desejos e promessas.

Seu orgulho masculino não podia rivalizar com o desejo que corria por suas veias como fogo líquido.

Vere acariciou as partes íntimas, separou-lhe as pernas, penetrou-a... e ela soltou um grito.

Capítulo 13

O que ao noivo, mais nervoso do que queria admitir, soou como um grito não era mais que uma leve exclamação de surpresa.

Quando Vere se deteve bruscamente, o nervosismo de Lydia se mesclou com

a vergonha.

Lydia abriu os olhos e viu a expressão sombria e tensa de Vere.

—O que? —perguntou—. O que fiz errado?

—A machuquei?

Lydia negou com a cabeça, menos envergonhada.

—Precipitei-me — disse ele com a voz rouca—. Não estava preparada.

—Não sabia o que esperar — admitiu ela—. Surpreendeu-me. —Trocou de posição e levantou um pouco os joelhos. Ele aspirou uma brusca baforada de ar. Também ela abafou um gemido ao notar estranhas sensações em seu interior.

A parte dele que a tinha penetrado não só era grande, mas sim parecia ter também vida própria, palpitando e desprendendo quebras de onda de calor.

—OH — sussurrou Lydia—. Não tinha nem idéia.

A expressão de Vere se suavizou.

Os músculos dela também relaxaram, adaptando-se ao tamanho do membro.

Na realidade não lhe tinha feito mal. A princípio tinha ardido um pouco e tinha notado uma incômoda fricção. Mas agora estava mais cômoda... fisicamente ao menos.

—Sou uma tola — disse—. Pensei que não caberia, que meu corpo não era adequado.

—Não há nada inadequado em seu corpo — disse Vere. Moveu-se dentro dela e Lydia voltou a cortar a respiração.

Não, não havia nada inadequado em seu corpo. Com ele, não se sentia como uma gigante, mas seu corpo era a única coisa sobre a qual não tinha dúvidas.

Não era uma dama. Não corria o sangue dos Ballister por suas veias. Já não estava segura de quem era, do que era.

Vere a olhou.

—Querida.

—Detesto não saber o que devo fazer.

A boca de Vere cobriu a sua.

Lydia colocou as mãos entre seus cabelos.

Desejava Vere. Disso estava segura. Respirou o cheiro masculino de sua pele, o cheiro do pecado.

Tinha aprendido a beijá-lo, a deixar de pensar e inundar-se em muitas sensações.

Tinha aprendido que o desejo era uma adaga que se cravava no mais profundo do coração.

E sentia uma dor que a atormentava, embora ele já estivesse dentro dela, era parte dela. Atormentava-a porque sabia que era ele e sabia que não trocaria jamais. Sabia que o que ela mais ansiava não poderia dar-lhe nunca.

De novo sentiu as mãos de Vere percorrendo seu corpo, acariciando-a, deslizando-se para baixo. Voltou a lhe tocar as partes íntimas para prepará-la. Mas desta vez também estava dentro dela, e as carícias dos dedos combinadas com o vibrante calor do membro em seu interior fizeram que Lydia se retorcesse de prazer. A vibração se estendeu por todo seu corpo.

Notou que Vere se retirava.

—Não, espera — rogou, lhe cravando as unhas nos ombros para retê-lo.

Os músculos dos ombros se esticaram sob seus dedos como um chicote e Vere empurrou para dentro. Veias e músculos vibraram de prazer.

—OH, Meu deus — exclamou ela—. Meu Deus.

Uma vez mais, Vere a acariciou e ela se arqueou instintivamente para aproximar-se mais de seus dedos. A dor do desejo cresceu, mesclando-se com o prazer, subindo pelo ventre como uma maré abrasadora. Uma nova carícia fez que se arqueasse mais. E outra, e outra. O prazer golpeou a dúvida e o desespero até fazê-los em pedaços.

Lydia rendeu então a Vere corpo, alma e vontade. aferrou-se a sua pele suarenta e se balançou com ele, seguindo um ritmo que crescia inexorável, cada vez mais rápido e frenético, como a tormenta que tinha descarregado sobre eles durante a carreira.

E o orgasmo também a pegou despreparada. Ouviu o grito de Vere, semelhante a um uivo animal e notou que suas mãos lhe apertavam as nádegas e a levantavam. Lydia sentiu um último e violento empurrão e... uma sacudida de gozo, agudo e abrasadora, rasgou-a por dentro. E logo veio outra sacudida e mais uma, até que Lydia estremeceu e explodiu como uma estrela, e depois a escuridão a envolveu.

Durante um momento, permaneceu aturdida, aniquilada.

Durante um momento, ficou sem fala. Não estranhou que tampouco lhe viessem idéias à cabeça.

Quando por fim abriu os olhos a contra gosto, encontrou-se com o olhar de Vere fixo nela.

Antes que pudesse interpretar sua expressão, Vere piscou e virou o rosto. Depois se afastou com cuidado, deitou-se de costas e ficou quieto, olhando o teto.

Ela também guardou silêncio um momento, dizendo-se que era ridículo sentir-se só e repelida.

Não era nada pessoal, disse-se. Assim era ele. Helena já a tinha advertido. «Uma vez usadas, já não lhe servimos para nada.»

Mas sim serviam para outras coisas. Não era uma inútil, pensou Lydia, e não deveria sentir-se assim simplesmente porque ele se afastou e já não a olhava.

—Não é minha culpa — soltou erguendo-se - a idéia de casar foi sua. Poderia

ter deitado comigo. Ofereci-me. É completamente irracional que agora se zangue, quando dava todo tipo de oportunidades para mudar de idéia.

Vere se ergueu, agarrou-lhe o rosto firmemente entre as mãos e a beijou com determinação.

Ela se derreteu imediatamente e o rodeou com os braços. Vere voltou a se deixar cair sobre o travesseiro, arrastando-a com ele. Suas longas pernas se embaraçaram com as dela, enquanto apagava suas dúvidas e sua solidão com um beijo profundo e apaixonado.

Lydia compreendeu então que, acontecesse o que acontecesse, não tinha nada que ver com um desejo já satisfeito, porque Vere ainda não tinha terminado com ela. Quando por fim Vere afastou a boca, continuou lhe acariciando o corpo prazerosamente com as mãos.

—Suponho que, se arrependeu, mas é muito teimoso para admitir — disse ela.

—Era você que dizia tolices sobre sua linhagem e sua importância — replicou ele—. Era você que procurava uma maneira de escapar.

Agora Lydia já não tinha escapatória. Para bem ou para mau, estava unida a ele. Não teria importado se tivesse percebido que podia lhe fazer algum bem.

Não queria preocupar-se com o mal que ele pudesse fazer a ela. Saberla suportá-lo. A vida a tinha ensinado que podia suportar qualquer coisa.

Lydia se afastou para apoiar-se em um cotovelo e contemplar o comprido corpo musculoso de Vere.

—Simplesmente terei que me conformar com o que tenho — disse—. Sobre a parte física ao menos, não tenho do que me queixar.

Lydia não se deu conta de quão tenso estava Vere até esse momento, quando viu que sua expressão se relaxava e sua boca se curvava lentamente em um sorriso. Era um sorriso que ela nunca tinha visto, porque o teria recordado.

Era um sorriso de menino, malicioso e cativante, como Helena havia dito, um sorriso que faria crescer as flores no Ártico.

Lydia notou que se estendia sobre ela como o calor do sol. Seu pulso, que por fim havia tornado a ser normal, acelerou-se de novo, e notou que seu cérebro se abrandava, disposto a acreditar em qualquer coisa.

—Sabe uma coisa? — disse ele—. Acredito que está louca por mim.

—Que perspicácia — disse ela—. Acredita que teria me casado contigo se não estivesse louca, se estivesse em pleno uso de minhas faculdades?

—Então está apaixonada por mim?

—Apaixonada? —Lydia o olhou fixamente. Era jornalista e vivia de escrever palavras. «Louca por ele» e «apaixonada por ele» não eram sinônimos—. Apaixonada? —repetiu com incredulidade.

—Na sarjeta me disse que me tinha carinho.

—Tenho carinho a meu cão — replicou ela com o tom seco de uma professora de escola—. Sou indulgente com ela porque sua inteligência é inferior à minha e lhe consinto tudo o que me parece razoável. Lamentaria que lhe acontecesse algo mau. Quer isso dizer que estou apaixonada por ela?

—Entendo mas é um cão.

—Além de que, apoiada em minha experiência, estou convencida de que o cérebro masculino funciona de um modo muito parecido ao cérebro canino...

—Tem muitos preconceitos contra os homens — repreendeu ele, mas sem deixar de sorrir.

—O amor implica à mente e o coração, à alma, se preferir. Estar louco por alguém indica uma alteração física, similar a que se induz com o consumo exagerado de álcool. Tanto...

—Sabe, querida esposa, que fica adorável quando está pedante?

—Tanto a embriaguez como o fato de ficar louco por alguém são estados físicos — prosseguiu ela teimosa—. E freqüentemente conduzem a graves erros de julgamento.

—Ou talvez seja a combinação do pedantismo com a nudez — disse ele, passeando o olhar por todo seu corpo, do rosto até os dedos dos pés, que Lydia conseguiu manter quietos fazendo um grande esforço.

Considerando que ele não queria escutar nada do que dizia uma mulher em circunstâncias normais, era absurdo esperar que se concentrasse no que dizia uma mulher nua, pensou Lydia.

Por outro lado, seu olhar era de admiração, e Lydia era bastante feminina para desfrutar com isso. Assim, devolveu-lhe o sorriso para recompensar e alentar essa admiração. Depois se virou para descer da cama, por isso não viu que o sorriso de Vere se desvanecia, nem a sombra de incerteza que cruzava por seu rosto.

—Aonde vai?

— Me lavar. — Lydia se dirigiu ao biombo depois do qual estava a bacia com a água para lavar-se.

—Sabe, duquesa? —disse ele com tom pensativo—, a vista posterior é tão magnífica como a frontal, a sua maneira. Tem uma...

A frase se apagou quando Lydia se meteu atrás do biombo.

Embora teria gostado de ouvir o resto do complemento, Lydia se concentrou em questões mais práticas.

Apenas tinha sangrado, o que não era surpreendente em uma moça e atlética, e era mais comum do que mantinha a opinião popular. Entretanto, tinha algumas manchas e certamente se sentia muito pegajosa pelo sêmen.

Lydia se lavou, consciente de que Vere tinha derramado em seu interior um grande número de Mallorys em potência, que não requeriam de cuidados especiais para procriar.

E isso apesar de que Lydia o tinha advertido sobre sua pobre linhagem. Claro que não podia esperar que Vere pensasse nas conseqüências. Importava-lhe tão pouco como saíssem seus filhos como o caos em que converteria a existência de Lydia em caso de que esta se permitisse o luxo de apaixonar-se por ele.

—Querida.

—Acabo em seguida — disse ela.

Produziu-se um silêncio, quebrado tão só pelo som da água na bacia.

—O que é isso que tem no traseiro?

—No... — repetiu ela perplexa—. Ah — disse, lembrando-se—, refere-te à marca de nascimento. Já sei que parece uma tatuagem, mas não é.

Rapidamente terminou com suas abluções e saiu de atrás do biombo... para encontrar-se de repente a frente de uma alta coluna nua de carne masculina.

—Vire-se — ordenou Vere com voz muito suave e expressão impenetrável.

—Sabe? Tornaste-te ainda mais irritante depois da intimidade sexual. Deveria...

—Vire-se, por favor.

Lydia apertou os dentes e obedeceu, embora não gostasse que a examinassem como se fosse um curioso espécime. Decidiu lhe devolver o favor na menor oportunidade. Ao fim de um par de minutos, por exemplo.

—Já me parecia — murmurou ele, e a agarrou pelo ombro para que se virasse—. Querida, sabe o que é?

A expressão de carinho a pôs em guarda.

—Uma marca de nascimento, como já lhe disse. E, além disso, muito pequena. Não desfigura. Espero que não tenha uma aversão doentia a...

—É linda — disse ele—. E a marca... assenta-te muito bem. —Vere acariciou a tensa mandíbula—. Não sabe o que é, não é?

—Estou em brasas por descobrir o que é para você — respondeu ela, com os instintos a flor de pele, pressentindo que se avizinhava algum problema.

—Nada. — Ainswood recuou—. Nada absolutamente. Nada com que deva preocupar-se. —virou-se—. Simplesmente vou matá-lo, isso é tudo.

Vere voltou para cama a grandes passadas. Balbuciando, recolheu seu roupão do chão, junto a coluna da cama, e o pôs. Tinham colocado o roupão cuidadosamente sobre a cama, igual à bata de Lydia, mas tinha deslizado até o chão enquanto faziam amor. A bata de Lydia ficou jogada entre o colchão e a coluna da cama.

Lydia não tentou sequer imaginar o que tramava. Correu até a cama e liberou

a bata de um puxão. Enquanto colocava o roupão, Vere se encaminhou à porta do quarto, abriu-a de repente e saiu feito uma fúria. Lydia se apressou a segui-lo, atando o cinturão da bata.

—Feitos sobre suas origens — grunhiu Vere—. Crocodilos de Borneo. E Trent tentando me dizer isso

—Ainswood. —Era sua mulher quem o chamava.

Vere se deteve para virar-se. Viu Lydia na soleira da porta de seu quarto.

—Volta para a cama — disse—. Eu me encarregarei disto. —Girou e continuou caminhando.

Vere se deteve frente à porta do quarto de Dain, ergueu o punho e a esmurrou várias vezes.

—Senhor Todo-poderoso que tudo vê. O retrato de seu progenitor. «Lembra, não é, Ainswood?» Muito gracioso. A mond...

A porta se abriu para dentro, e os quase dois metros de meio italiano moreno e arrogante que passava por seu amigo apareceu na soleira.

—Ah, Ainswood. Vieste para pedir instruções? —Belzebú o olhou com um sorriso zombador.

O sorriso de Lydia. Como não se deu conta antes?

Vere torceu a boca, imitando seu gesto.

—Assim que você não acredita que seus cabelos sejam dourados, né? E não pode ser francesa, né? Crocodilos de Borneo. Você sabia, maldito italiano safado e língua de trapo.

O negro olhar do Belzebú se desviou para a esquerda de Vere. Um olhar de impaciência que revelou a Vere que sua mulher não se deitou tranqüilamente na cama, mas sim se aproximava rapidamente para eles. Descalça, além disso, para consternação de Vere. Pegaria um resfriado mortal.

—Querida, eu disse que eu me encarregaria disto — disse, percebendo com chateio o olhar regozijado do Belzebú.

A noiva se deteve a seu lado, cruzou os braços e esperou com os dentes apertados, entreabrindo os olhos.

Para então, lady Dain abriu espaço a cotoveladas e se achava também ao lado de seu marido.

—me deixe adivinhar — disse—. Não contaste a Ainswood, apesar de me prometer que o faria antes de...

—Maldito seja! —exclamou Vere—. E o que sabe todo mundo? Que o diabo leve sua alma, Belzebú. Não me importa que me preguem uma brincadeira, mas poderia ter tido em conta seus sentimentos. A pobre...

—Espero que não se refira a mim — cortou Lydia com tom glacial—. Não sei que verme está roendo seu cérebro neste momento, Ainswood, mas...

—Ah, não sabe — disse Dain—. O noivo teve um ataque e saiu feito uma fúria sem incomodar-se em explicar por que estava tão furioso. Típico dele, temo. Ainswood tem uma lamentável tendência a saltar primeiro e pensar depois. Por isso não pode ter mais de uma idéia de uma vez nessa cabeça dura.

—Olhe quem fala — comentou lady Dain.

—Jessica, volta para a cama — ordenou Dain, voltando-se para ela.

—Agora não — replicou ela—. Nem por um milhão de libras. —Seus olhos cinzas posaram em Vere—. Morro por saber como descobriu.

—Era muito difícil — disse Dain—. Sellowby e eu sozinho deixamos cair umas centenas de insinuações em meio das absurdas tolices de Trent sobre o conde de Blackmoor, o amigo da alma de Carlos II, o cavalheiro dos cabelos dourados.

Vere ouviu o gemido afogado de sua mulher. Dain voltou sua atenção para ela.

—Tem um grande semelhança com meu bonito antepassado. Se Trent também tivesse visto o retrato de meu pai, seus comentários teriam tido um pouco mais de sentido. Por desgracia, o quadro mais recente teve um encontro com a semente do diabo, meu filho Dominick, e saiu maltratado — explicou Dain—. O estavam reparando quando Trent esteve de visita. Se o tivesse visto, teria se aproximado mais da verdade, pois se meu defunto progenitor tivesse sido uma mulher, teria sido igual a você... prima.

Se Bertie estivesse dormindo normalmente, não o teriam despertado nem os canhoneiros. Mas aquela noite seu sono era irregular, atormentado por visões de crocodilos que lançavam dentadas aos pés de donzelas com óculos, que tentavam fugir de cavalheiros de olhar lascivo, que não usavam nada mais que os caracóis dourados em torno do rosto e os ombros.

Por isso o alvoroço do corredor conseguiu despertá-lo, fazendo que se erguesse bruscamente e saísse rapidamente da cama.

Procurou seu roupão e suas sapatilhas e, uma vez que esteve decentemente coberto, abriu sua porta a tempo de ouvir os comentários de Dain sobre retratos familiares e a última e intrigante palavra: «prima».

Antes que Bertie pudesse assimilar plenamente tal revelação, o quarteto se colocou no dormitório de Dain e a porta se fechou atrás deles.

Bertie estava a ponto de retirar-se a seu quarto para refletir sobre o que acabava de ouvir, quando com a extremidade do olho captou um brilho branco no canto do corredor próximo à escada.

Instantes depois, aparecia um rosto feminino com óculos, rodeado de babados. Uma pequena mão branca, também rodeada de babados, fez-lhe um gesto.

Depois de uns instantes de vacilação, Bertie atendeu seu chamado.

—O que aconteceu? —perguntou a senhorita Price, pois era ela que vestia o assombroso traje de babados brancos. Um absurdo gorro de dormir branco lhe cobria os escuros cabelos. Os babados lhe rodeavam o pescoço e baixavam também ao longo das bordas de sua bata, roupa que a tapava completamente, deixando tudo à imaginação, salvo o rosto e as mãos.

—Não estou muito certo — respondeu Bertie, piscando diante de semelhante visão—. Só ouvi as últimas palavras. Entretanto, parece ser que eu estava sobre a pista correta, mas tinha tomado uma direção equivocada. Não era o cavalheiro amigo de Carlos II, e sim o pai de Dain. Mas Dain a chamou «prima», e isso foi uma surpresa para mim. Imaginava que ela era sua irmã... quer dizer... — Seu rosto avermelhou e levou a mão ao pescoço para afrouxar a gravata-borboleta, momento no qual descobriu que não usava tal objeto. O descobrimento fez que seu rosto avermelhasse ainda mais—. Quer dizer, sua meio-irmã, só que sem as benções do pastor, se me entende.

A senhorita Price o olhou durante vinte segundos, conforme contou Bertie.

—Não era o cavalheiro amigo de Carlos II, o conde de Blackmoor — repetiu ela devagar—, e sim o pai de lord Dain. É isso o que quer dizer?

—Ela se parece com ele — disse Bertie.

—A senhorita Gren... a duquesa de Ainswood, quero dizer, parece-se com o defunto marquês.

—E Dain a chamou «prima»?. Isso foi tudo. E depois entraram em seu quarto. —Assinalou a porta—. Os quatro. O que lhe parece? Se Dain a tinha reconhecido, por que não o havia dito antes? Ou você acredita que era uma brincadeira? Porque não me ocorre outra coisa, já que, se não queria conhecê-la, não a teria chamado prima, não acredita?

Os penetrantes olhos marrons da senhorita Price contemplaram a porta de Dain.

—Uma brincadeira. Bom, isso explicaria. Já tinha detectado certa semelhança, como seu extraordinário olhar, mas pensava que estava me deixando levar pela imaginação. —Sua atenção se voltou de novo para Bertie—. Foi um dia muito emocionante. E a conclusão é esplêndida, não lhe parece? Que a senhorita Grenville... quer dizer, sua excelência, resulte ser parente do bom amigo do duque.

—O melhor amigo — a corrigiu Bertie—. Por isso me surpreendeu tanto que Dain dissesse que eu tinha que ser o padrinho em lugar dele, e depois dissesse a

Ainswood que tínhamos jogado a sorte, quando não era verdade. Foi Dain que decidiu que seria ele quem entregaria à noiva, e ninguém nunca discute nada, exceto Ainswood, mas ele não estava nesse momento.

Os enormes olhos da senhorita Price lançaram faíscas depois dos óculos.

—Eu pensava que ela não tinha ninguém e que estava completamente só no mundo, mas não era assim, não é? Seu parente a levou até o altar. —A senhorita Price piscou várias vezes e engoliu em seco—. Alegro-me de não havê-lo sabido até agora. Teria chorado como uma tola. É tão... comovedor. Foi um gesto tão bonito. E ela merece, sabe? É a melhor pessoa e generosa... —Lhe quebrou a voz.

—OH, vá. —Bertie a olhou alarmado.

Ela tirou um pequeno lenço de entre os volumosos babados de sua bata e se apressou a enxugar as lágrimas.

—Desculpe-me — disse com voz tremente—. É somente que me sinto muito feliz por ela. E... aliviada.

Bertie também se sentia aliviado... ao ver que deixava de chorar.

—Sim, bom, como você diz, foi um dia cheio de emoções, e acredito que você deveria descansar. Por não mencionar que aqui há corrente, e embora não corresse perigo de esfriar-se, não deveria andar por aí em roupa interior a estas horas. A maioria desses tipos estão completamente ébrios, e quem sabe que idéias poderiam meter na cabeça.

Ela o olhou fixamente um momento, depois soltou uma leve gargalhada.

—OH, você é muito gracioso, sir Bertram. Que idéias tem na cabeça. Esses tipos alegres desmaiariam de cansaço tentando me encontrar dentro de todos estes metros e metros de... roupa interior — terminou dizendo, com outra pequena gargalhada.

Bertie não estava alegre, e estava seguro de que podia encontrá-la facilmente, tendo em conta que a tinha ao alcance da mão. Os olhos dela lançavam brilhos de regozijo, como se acreditasse que era o homem mais engenhoso do mundo, e suas bochechas se tingiam de uma cor rosada, e ele acreditava que era a garota mais bonita do mundo. Então, ao compreender que era a ele quem lhe estavam colocando estranhas idéias na cabeça, disse-se a si mesmo que devia sair correndo naquele mesmo momento.

Só que se moveu na direção errada e de alguma forma se encontrou com um montão de babados brancos entre os braços e uma doce boca na sua, e de repente umas luzes de cores dançaram em sua cabeça.

Nesse mesmo momento, Lydia estava sentindo a forte tentação de fazer que seu primo visse estrelas. Tinha-a deixado absolutamente perplexa.

—Dain poderia lhes falar sobre a história de sua família durante semanas — dizia lady Dain. Lydia e ela se sentaram em poltronas junto ao fogo, com uma taça de champanha na mão—. Finge que o aborrece, ou toma a brincadeira, mas é um de seus temas favoritos.

—Qualquer um não se interessaria — disse Dain—. Temos dúzias e dúzias de livros e caixas de documentos. Os Ballister nunca suportaram a idéia de separar-se de nada que tivesse o mínimo valor histórico. Nem sequer meu pai teve ânimos para apagar totalmente a existência de sua mãe dos arquivos familiares. Mesmo assim, Jess e eu não nos teríamos informado de nada se Sellowby não tivesse despertado nossa curiosidade. Viu-a depois de nossas bodas e reparou na semelhança com meu progenitor e seus antepassados. Mas não nos escreveu para nos contar isso até que seu encontro em Vinegar Yard fez correr os rumores. Tudo o que Sellowby tinha ouvido sobre você, e as poucas vezes que tinha divisado à senhorita Grenville do Argus, o inclinavam a suspeitar que tinha alguma relação com os Ballister.

—Se soubessem quanto cuidado tinha em evitar Sellowby — disse Lydia—. E tudo para nada. Esse homem tem que ser metade rastreador.

—Por Deus, querida, por isso se meteu em casa de Helena subindo até uma janela em lugar de entrar pela porta como uma pessoa normal? —perguntou Ainswood com incredulidade—. Arriscou o pescoço para evitar Sellowby?

—Não queria que se removesse o passado — se desculpou Lydia.

A espectadora expressão dos outros três indicou a Lydia que esperavam uma explicação mais ampla, mas não pôde dizer mais. Todas as pessoas que sabiam da fuga de sua mãe e suas sórdidas conseqüências estavam mortas e enterradas. Anne Ballister pertencia a um ramo inferior da família, praticamente desconhecida para o grande mundo. Sua triste historia tinha começado e terminado longe dos focos do grande cenário social, onde outros espetáculos com atores mais importantes (sobre tudo o príncipe do Gales) monopolizavam a atenção.

Lydia tinha se empenhado em guardar o segredo porque não queria que a loucura de sua mãe acabasse nesse cenário, e que sua degradação fosse a fofoca da sociedade à hora do chá.

—Uma parte da história sairá agora à luz — disse Ainswood—. Assombra-me que Sellowby tenha calado durante tanto tempo. Não podemos esperar que guarde o segredo para sempre.

—Ele não conhece os detalhes — disse Dain—. Grenville é um sobrenome bastante corrente. Bastará dizer que seus pais brigaram com a família, e que ninguém sabia o que tinha sido deles nem que tinham tido descendência. O mundo não merece mais explicações.

—eu gostaria que me explicassem uma coisa — disse lady Dain a Lydia—.

Ainda não sabemos como Ainswood fez seu assombroso descobrimento.

—foi imediatamente depois de ver minha marca de nascimento — disse Lydia.

A lady Dain tremeram os lábios. Olhou seu marido, que tinha ficado de pedra.

—Não é possível — disse ao fim.

—O mesmo pensei eu — disse Ainswood—. Não dava crédito ao que via.

Os escuros olhos do Dain posaram em sua prima e depois em seu amigo.

—Está seguro?

—Reconheceria essa marca a um quilômetro de distância — insistiu Ainswood—. A «marca dos Ballister», disse-nos no colégio, a prova indiscutível de que sua mãe não enganava seu pai. E quando Charity Graves começou a acossá-lo afirmando que Dominick era teu, eu me encarreguei de ir a Athton para me assegurar de que era teu e não meu. E ali estava, no mesmo lugar, a mesma diminuta mola de suspensão de cor marrom.

Ainswood olhou Dain carrancudo.

—Não tinha a menor idéia de que minha prima tinha a marca, juro — afirmou isso Dain—. Tinha a impressão de que só aparecia nos homens da família. — Esboçou um sorriso—. Uma lástima que meu querido pai não chegasse a saber. A sagrada insígnia dos Ballister em uma mulher... produto da união entre um João ninguém e uma jovem expulsa para sempre da família, sem dúvida com sua ajuda. Teria-lhe dado uma apoplexia... e eu me teria convertido em um feliz órfão.

Dain se voltou para o duque.

—Bom, já aconteceu o ataque de histeria por minha pequena brincadeira? Se não quiser uma Ballister por esposa, nós a receberíamos na família com supremo prazer.

—É um corno. — Ainswood pegou sua taça—. Não suportei cinco semanas de provas de horror inimaginável só para entregar isso a você, por muito parente sua que seja. Quanto a você — acrescentou com irritação—, eu gostaria de saber por que não ofereceste para lhe partir esse narigão que tem. Também a enganou... e faz um momento estava preocupada porque seu sangue plebeu ia poluir minha linhagem. Está assimilando isso com muita calma.

—Sei aceitar uma brincadeira — respondeu ela—. Casei-me contigo, não? — Lydia deixou a taça quase vazia e se levantou—. Não devemos manter lady Dain acordada toda a noite. As futuras mães precisam dormir suas horas.

Lady Dain se levantou também.

—Apenas tivemos ocasião de falar. Claro que dificilmente se pode manter uma conversação inteligente com um par de homens ruidosos ao lado rivalizando entre si. Tem que vir a Athcourt conosco amanhã.

—Certamente — disse Dain—. Afinal, é a casa ancestral.

—Eu também tenho uma casa ancestral. — Ainswood deu um passo para diante para rodear os ombros de Lydia com seu possessivo braço—. Só é sua prima, Dain, e longínqua, além disso. E agora já não é uma Ballister, e sim uma Mallory, por muitas marcas que tenha...

—Em outra ocasião, possivelmente — interveio Lydia com calma—. Ainswood e eu temos muitas coisas que pôr em ordem, e tenho que acabar meu trabalho para o Argus, e...

—Sim, temos muitas coisas que pôr em ordem, como você diz — disse seu marido com voz tensa.

Ainswood cortou as despedidas e finalmente abandonou o quarto com sua mulher. Encontravam-se já no corredor quando lady Dain voltou a chamá-los. Detiveram-se. Ela se aproximou rapidamente, pôs um pequeno pacote na mão de Lydia, deu-lhe um beijo no rosto e se foi.

Lydia esperou chegar a seu quarto para desembulhar o pacote.

Um leve soluço escapou de seus lábios.

—Deus, o que ouve? - ouviu Ainswood dizer com tom alarmado.

Lydia se virou em seus braços, que a rodeavam com sua força e seu calor.

—O diário de minha mãe. —Suas palavras soaram apagadas entre as dobras do roupão de Vere—. Deram-me o dia... diário de minha mãe.

Quebrou-lhe a voz e, com ela, a compostura que tão resolutamente tinha mantido ante sua recém estreada família.

Apertou o rosto contra o peito de seu marido e chorou.

Capítulo 14

Diário de Anne Ballister

Não posso acreditar que hoje faça dezenove anos. Tenho a impressão de que passaram vinte anos desde que abandonei a casa de meu pai, em lugar de vinte meses.

Pergunto-me se meu pai recordará que dia é hoje. Entre seu primo, lorde Dain, e ele se dedicaram a eliminar minha existência por todos os meios possíveis exceto o de me matar. Mas a lembrança não se apaga tão facilmente como o nome em uma Bíblia familiar. É muito fácil ordenar que não se volte a mencionar uma filha nunca mais; entretanto, a memória não se submete a nenhuma vontade, nem sequer a de um Ballister, e o nome e a imagem persistem muito depois da morte, seja literal ou figurada.

Estou viva, pai, e bem, embora seu desejo quase se fez realidade quando nasceu minha querida menina. Não tinha a meu lado uma cara parteira de Londres para me assistir no parto, e sim simplesmente uma mulher tão jovem quanto eu, que já teve três filhos e volta a estar grávida. Quando chegar o

momento de Alice Martin dar a luz, devolverei-lhe o favor e farei a vez de parteira.

Foi um milagre que sobrevivesse à febre puerperal¹¹, conforme dizem todas as sábias matronas deste humilde bairro. Eu sei que não foi um milagre, e sim um ato de vontade. Não podia me render à morte, por muito que insistisse. Não podia abandonar minha filha e deixá-la nas mãos do homem falso e egoísta com o qual me casei.

Não me cabe a menor dúvida de que John lamenta que Lydia e eu tenhamos sobrevivido. Viu-se obrigado a aceitar qualquer papel que o oferecessem, por pequeno que fosse, e a esforçar-se para aprender suas poucas frases. Dispôs de maneira que seu salário chegue diretamente a minhas mãos. Do contrário, gastaria até o último pêni do que ganha no jogo, na bebida e com mulheres, e minha pequena Lydia morreria de fome. Ele se queixa amargamente de que faço sua vida insuportável, e amaldiçoa o dia em que decidiu conquistar meu coração.

Por minha parte, sinto uma grande vergonha por ter sido tão estúpida para permitir-lhe. Não obstante, era muito jovem quando fugi de casa. Embora o nosso seja um ramo insignificante da família Ballister, tinham-me mimado e protegido como à filha de um duque e, em conseqüência, era igualmente ingênua. Para um pilantra arrumado e com lábia como John Grenville, era uma presa perfeita. Como eu iria saber que seus comovedores discursos e suas declarações de amor entre lágrimas não eram mais que... outra de suas atuações?

Mas tampouco ele foi muito preparado. Via-me como seu bilhete para uma vida de comodidades e riquezas. Acreditava que compreendia à aristocracia inglesa porque tinha representado papéis de nobre no teatro. Era-lhe inconcebível que uma família tão orgulhosa como os Ballister abandonasse à miséria e a degradação uma filha, que não tinha conhecido penúria alguma em seus dezessete anos e meio de vida. Realmente acreditava que aceitariam um homem como ele, que não podia se considerar um «cavalheiro», por muito que se ampliasse a definição da palavra, e que acrescentava a infâmia sendo membro dessa espécie subumana classificada como «ator».

Se eu tivesse sabido quais eram as ambições de John, o teria desenganado em seguida, apesar de minha ignorância e minha confusão. Mas supunha que ele sabia tão bem como eu que minha fuga tinha quebrado todos os vínculos com os Ballister, que a reconciliação era impossível, e que teríamos que nos valer por nós mesmos.

Teria vivido contente com ele em uma choça, sempre que pensássemos o mesmo e lutássemos juntos por melhorar nossa situação. Mas o esforço e a luta são alheios a sua natureza. Como lamentei que não me permitisse aprender uma

¹¹ Febre após o parto.

profissão. Meus vizinhos me pagam para que escreva suas cartas, pois aqui só há quem sabe apenas escrever seu próprio nome. Também costuro. Mas não sou uma artista com a agulha, e quem por aqui pode permitir o luxo de pagar aulas particulares para seus filhos, ou pensar sequer que poderiam ser de algum valor? Além de algum ou outro pêni que possa arranjar aqui e lá, dependo por completo do John.

Tenho que deixá-lo aqui, e já era hora, pois vejo que não tenho feito mais que me queixar. Minha pequena Lydia despertou em sua sesta e logo se aborrecerá de balbuciar sozinha em sua cômica linguagem infantil. Deveria ter escrito sobre ela, sobre o linda e inteligente e boa que é, um prodígio sem comparação. Como posso me queixar de tudo, tendo ela?

Sim, carinho, já a ouço. Mamãe já vai.

Lydia fez uma pausa ao final da primeira entrada do diário, porque voltava a perder o domínio de si mesma, e sua voz se tornou muito aguda e tremula. Estava sentada na cama, apoiada nos travesseiros que lhe tinha arrumado Ainswood. Também lhe tinha aproximado uma mesa, onde tinha colocado a maioria das velas do quarto para que tivesse mais luz e lesse melhor.

Em princípio, Vere tinha ficado junto à janela, olhando o pátio. Virou-se, surpreso, para ouvir que ela começava a ler em voz alta. Também lhe tinha surpreendido ouvir sua própria voz.

Lydia tinha começado a ler depressa, em silêncio, virando páginas e saltando outras, ansiosa por achar as palavras que tinha lido de menina sem as entender, e que tão só recordava vagamente. Algumas frases destacavam das demais, não porque recordasse as palavras, mas sim porque captavam a forma de falar de sua mãe. Começou para ouvir a voz de sua mãe com toda clareza, da mesma forma que ressonavam outras vozes em seus ouvidos, mesmo que não estivesse presente a pessoa que as tinha pronunciado. Só tinha que abrir a boca, e sua voz se convertia na de outra pessoa. Não o fazia conscientemente. Simplesmente acontecia.

De modo que devia ter esquecido Vere durante um momento, ou estava muito imersa no passado para pensar no presente. Depois de tranquilizar-se ao ver que a pequena história estava ali, em efeito, Lydia tinha voltado para a primeira página e tinha iniciado a leitura com a voz esquecida durante muitos anos e agora recuperada como um inesperado presente, como um tesouro que recuperava depois de acreditá-lo perdido para sempre.

«Sim, carinho, já a ouço. Mamãe já vai.»

Sua mãe sempre a tinha ouvido, sempre tinha acudido. Lydia recordava agora

com clareza evidente. E ela tinha compreendido o que Mary Bartles sentia por seu bebê: um amor puro, intenso e inquebrável. Lydia sabia que existia esse amor, porque tinha vivido sob sua proteção, o mais seguro de todos, o amor de sua mãe, durante dez anos.

Doía-lhe a garganta. Não distinguia as palavras, com a vista nublada pelas lágrimas.

Ouviu que Ainswood se movia, notou que o colchão se afundava sob seu peso.

—Por Deus, que maneira de passar a noite de bo... bodas — disse Lydia com voz tremula —. Escutando meu BA... balbuceios.

—Se permita ser humana de vez em quando — disse ele—. Ou há alguma lei dos Ballister contra?

O quente corpo forte de Ainswood se aproximou dela, e um braço musculoso lhe rodeou as costas para atraí-la para si. Lydia sabia que aquela não era a proteção mais segura de todas, mas nesse momento parecia, e não viu mal algum em fingir que era.

—Adorava-me — disse Lydia, sem afastar o olhar impreciso da página.

—E por que não ia adorá-la? — perguntou ele—. Pode ser adorável, a sua maneira. Além disso, sendo uma Ballister, sem dúvida sabia apreciar os traços mais odiosos de sua personalidade, igual a Dain. Ele não parece acreditar que haja nada mau em você. —Ainswood pronunciou estas palavras com aflito assombro, como se seu amigo tivesse que considerá-lo louco de arremate.

—Não há nada mau em mim. — Lydia assinalou a página—. Aqui está escrito: Sou um «prodígio sem comparação».

—Sim, bom, eu gostaria de ouvir que mais diz — replicou ele—. Talvez ofereça algum conselho valioso sobre como tratar a semelhante prodígio sem comparação. — Deu um empurrãozinho a Lydia com o ombro—. Continue lendo. Se essa for a voz de sua mãe, é mais que tranquilizadora.

Lydia recordou que era, em efeito. Também ela se sentia mais tranqüila sentindo-o perto, e com suas brincadeiras, e com seu forte braço rodeando-a.

Continuou lendo.

A mortiça luz do amanhecer se mesclava com as sombras do quarto, quando Lydia fechou o livro por fim e devolveu a Vere seus travesseiros com olhos sonolentos antes de afundar-se nos seus. Não se virou para ele, mas tampouco pôs objeção alguma quando Vere abraçou ela por trás e a estreitou contra seu corpo. Quando por fim a teve comodamente acoplada a ele, Lydia já estava profundamente adormecida.

Embora Vere tinha por costume deitar-se à hora em que despertavam os cidadãos respeitáveis, se já não se levantaram e estavam trabalhando, a fadiga lhe pesava mais que o habitual. Inclusive para um homem acostumado a uma vida agitada, cheia de emoções e perigos, com o desgaste que tudo isso supunha para a mente e o corpo, aquele longo dia e a noite tinham resultado toda uma prova.

Agora que tudo estava em silêncio e deveria repousar, sentia-se como se fosse capitão e tripulação de um navio arrojado contra as rochas após lutar contra uma furiosa tormenta durante todo o dia e a noite.

Talvez tivesse conseguido atracar no porto seguro se não fosse pelo pequeno livro.

Seu conteúdo eram as rochas contra as quais parecia ter ido a pique.

Ao menos uma dúzia de vezes enquanto escutava a voz (que era mas não parecia a voz de sua mulher), tinha sentido vontade de lhe arrancar o livro das mãos para jogá-lo no fogo.

Era horrível ouvir o frio valor e a ironia com que Anne Grenville descrevia o inferno de sua vida. Nenhuma mulher deveria precisar dessa coragem nem desse desapego; nenhuma mulher deveria viver uma vida que exigia tanto dela. Vivia o dia, sem saber quando ia ser despejada a, ou quando o corretor de apostas levaria seus escassos e míseros pertences, ou se o jantar daquela noite seria o último. Entretanto, fazia brincadeiras sobre suas privações, convertia as infâmias de seu marido em anedotas satíricas, como zombando do destino, que tão desumano era com ela.

Só em uma ocasião, justo no final, tinha pedido clemência. E não era para ela. Aquelas últimas frases, apenas legíveis, escritas uns dias antes de sua morte, gravaram-se a fogo no cérebro do Vere: «Pai que está nos céus, protege minhas filhas.»

Vere tinha tentado apagar aquela história de sua mente, igual a tinha apagado tantas outras coisas, mas a história se aferrava a ele como os teimosos tojos¹² das inóspitas paradas que os antepassados dos Ballister tinham escolhido como lar.

As palavras de uma mulher que estava a dezoito anos morta se tinham cravado no coração como poucas, e o faziam sentir-se como um velhaco e um covarde. Ela tinha agüentado sua desgraça com coragem e senso de humor... enquanto que ele não podia enfrentar sequer com o que tinha acontecido em sua noite de bodas.

Tinha aproveitado a oportunidade para brigar com Dain, tinha utilizado a ira para apagar de sua cabeça todo o resto.

¹² Nome comum de diversas espécies de arbustos espinhosos.

Como se uma pequena e desagradável realidade fosse a mais terrível do mundo.

Mas não era. Simplesmente lhe tinham feito uma brincadeira.

Acaso não tinha desejado Lydia como alguma vez antes tinha desejado uma mulher? Então por que lhe assombrava tanto, quando por fim se deitou com ela, que não fora igual a deitar-se com qualquer outra?

Com as outras simplesmente havia transado.

Com sua mulher tinha feito amor.

Ela era escritora. Ela teria sabido encontrar montes de metáforas para descrever a experiência, como era, no que se diferenciava das outras.

Ele não tinha metáforas. Mas era um libertino, com mais experiência do que um homem deveria ter. Experiência suficiente para distinguir a diferença. E inteligência suficiente para compreender que tinha empenhado seu coração e para saber que nome devia dar a esse sentimento.

«Está apaixonada por mim?», tinha perguntado sorrindo, como se essa possibilidade o divertisse. E tinha tido que seguir sorrindo e brincando, embora sentisse ferroadas no coração, e sabia por que lhe doía tanto, mais que qualquer ferida física, ao não lhe dar ela a resposta que desejava.

Doído, isso era tudo. Apaixonado, isso era tudo.

E o que era isso ao lado do que tinha sofrido Anne Grenville, pelo que tinha sofrido sua filha?

Por não mencionar que apenas conhecia uma pequena parte da história. O magro diário apenas cobria a palma de sua mão. Suas poucas páginas continham muito pouco (e a maior parte era horrível), com grandes intervalos de tempo entre umas entradas e outras. Vere estava seguro de que só contava uma mínima parte.

Ele não queria saber mais, não queria sentir-se menor do que já se sentia. Pequeno e mesquinho, egoísta e cego.

Mas se Lydia tinha podido suportar aquela vida, certamente ele podia suportar inteirar-se de como tinha sido.

Não por ela. Lydia não queria que se removesse o passado, havia dito, e ele não pensava a obrigar a revivê-lo.

Seguro que Dain sabia mais detalhes, e os ia contar, querendo ou não. Tinha muitas coisas das que responder. O mínimo que podia fazer o senhor Sabichão era responder suas perguntas.

Vere decidiu que iria procurar Dain assim que se levantasse e lhe tiraria a verdade a pancadas se precisasse.

Com essa agradável perspectiva em mente, finalmente o duque de Ainswood dormiu.

Finalmente, Vere não teve que procurar Dain. No meio da tarde, depois de inteirar-se por boca de Jaynes de que seus senhores já se levantaram, Dain se apresentou no quarto para levar Vere ao salão particular, enquanto as senhoras desfrutavam de um café da manhã tardio no quarto de Dain.

—Jessica está a ponto de explodir — explicou ao Vere enquanto desciam pela escada—. Precisa ter uma conversa em particular com minha prima para compartilhar sua experiência na arte de torturar maridos. Trent levou a senhorita Price a Portsmouth para comprar umas ninharias sem as quais sua mulher não pode passar, conforme afirma minha mulher, de modo que não nos envenenará com seu bate-papo incessante enquanto comemos. Jess e eu levaremos os dois a Athcourt. Você terá que reorganizar sua casa para acomodar sua mulher, e não quererá ter o Trent rondando por aí. Não é que eu o queira, mas não acredito que me incomode muito. Andará todo o dia atrás da senhorita Price, e demonstrará um certo grau de inteligência por uma vez em sua vida, apaixonando-se perdidamente da única mulher em todo o universo conhecido que sabe o que fazer com ele.

Vere se deteve na escada.

—Apaixonar-se? —disse—. Está seguro?

—É obvio que não. Eu que vou saber? Parece-me tão imbecil como de costume. Mas Jessica afirma que seu minúsculo cérebro está cativo da senhorita Price.

Seguiram descendo e Dain calculou em voz alta a dote que daria à senhorita Price se compadecesse de Trent e se casasse com ele, enquanto Vere dava voltas à idéia do amor do Trent e se perguntava se lady Dain teria notado uns sintomas parecidos da mesma doença em outras pessoas.

—Está mais calado que o normal — disse Dain quando se sentaram—. Passaram cinco minutos sem que saísse nenhum comentário beligerante de sua boca.

Naquele momento entrou um criado e pediram a comida. Quando o homem saiu, Vere disse:

—Quero que me conte tudo o que sabe sobre Lydia Grenville.

—Isso era precisamente o que pensava fazer, querendo ouvir ou não — replicou Dain—. Tinha-me preparado para deixá-lo sem sentido a pancadas, reanimá-lo e deixar seu corpo cair destroçado em uma cadeira. Nesse agradável estado de seu cérebro, brando como uma esponja, absorveria a história, e talvez inclusive algum pequeno conselho.

—Interessante. Eu tinha pensado um pouco parecido para você, no caso de

que decidisse mostrar tão exasperante como sempre.

—Por esta vez serei caridoso contigo — disse Dain—. Converteste minha prima em duquesa, lhe devolvendo sua verdadeira posição no mundo. Além disso, embora seus motivos para se casar com ela não fossem nobres, tampouco eram ignóbeis de todo. Comoveu-me, Ainswood, de verdade, sua serena despreocupação por suas origens. — Em seus lábios se desenhava o sorriso zombador que lhe era característico—. Talvez «serena» não seja a palavra exata. Mesmo assim, comoveu-me, por não mencionar meu assombro ao ver que dava amostras de bom gosto por uma vez em sua desafortunada vida. É uma jovem terrivelmente linda, não é? É a maioria dos Ballister. Herdou-o que seu avô materno, sabe? Frederick Ballister e meu pai se pareciam muito em sua juventude. Mas Frederick contraiu a varíola na adolescência e a enfermidade lhe desfigurou o rosto. Certamente por isso Anne comparava sua filha com meu pai, em lugar de fazê-lo com o seu. Não devia saber que Frederick também tinha sido um dos Ballister mais charmoso. Ainda não descobrimos nenhum retrato de Anne. Entretanto, se existir, pode estar seguro de que Jess o encontrará. Tem uma alarmante habilidade para encontrar coisas.

Vere sabia que uma das «coisas» que tinha encontrado lady Dain (e que lhe tinha obrigado a conservar e cuidar) era seu filho bastardo, Dominick. Essa idéia provocou uma fria quebra de onda nas escuras curvas da mente de Vere, as praias distantes nas que apinhava idéias desagradáveis que tinha descartado.

A esse sentimento o chamou «fome», e lançou um olhar de impaciência à porta.

—Onde se meteu o criado? —disse—. Quanto tempo se demora para encher uma jarra de cerveja?

—Esta manhã tiveram todos muito trabalho atendendo aos convidados das bodas — explicou Dain—. Ou recolhendo seus cadáveres, deveria dizer. Quando descí ao meio-dia, o salão público estava cheio de corpos. Trouxe-me lembranças de nossos dias em Oxford.

Assim, tiveram que esperar um momento até que os criados servissem e se foram para que Dain iniciasse seu relato. Dain não se entretinha embelezando a história, nem acrescentando detalhes sentimentais, o que teria sido ainda pior. Contou tudo tal como Vere queria ouvir, tal como contaria um homem, atendendo-se aos fatos nus e expondo-os em ordem, sem divagar sobre o porquê de cada coisa, evitando digressões inúteis sobre o que poderia ou não poderia ter acontecido.

Não obstante, a história era tão desagradável como esperava Vere, e tinha perdido o apetite antes de esvaziar o primeiro prato, porque Dain já tinha chegado à parte da prisão de Marshalsea.

—Ela somente me disse que sua irmã tinha morrido — comentou Vere, afastando o prato—. Não me explicou como tinha acontecido. Não me falou da prisão para devedores.

—Os Ballister são desconfiados por natureza — disse Dain—. É óbvio que Lydia é como o resto de nós. Para explicar por que não contou nunca nada sobre suas origens, limitou-se a dizer que não queria que removessem o passado. Sabe que estive em minhas bodas, na escadaria da igreja nada menos, e que não se deu a conhecer? Que diabos pensava? Que me importava algo que sua mãe tivesse feito? — Dain olhou sua jarra com o cenho franzido—. Minha própria mãe fugiu com um marinheiro mercante. O pirralho que tive com a principal puta de Dartmoor vive em minha casa. Pensava Lydia que não a considerava o bastante boa para nós?

—Não me pergunte — respondeu Vere—. Não tenho a menor idéia do que lhe passa pela cabeça.

O olhar carrancudo de Dain posou em Vere.

—Sei muito bem que o interessam mais outras coisas. Não se casaste com ela por seu cérebro. Para você é inconcebível que qualquer mulher tenha cérebro. Bom, pois deixa que lhe diga uma coisa, Ainswood. Todas têm. As mulheres sempre estão pensando, e se não quiser que o superem a cada momento, terá que aplicar esse cérebro de mosquito que tem em compreender sua mulher. Já sei que será muito duro para você. Pensar altera o delicado equilíbrio de sua constituição. Intento facilitar as coisas lhe explicando o que sei. Os homens têm que se apoiar uns nos outros.

—Então quer continuar com a história? — impacientou-se Vere—. Apenas enterraste a sua irmã.

Dain retomou a história onde a tinha interrompido, mas não tinha grande coisa que dizer sobre a vida de Lydia desde que seu pai se foi para América e ela foi a viver com seus tios avós. Seu pai tinha morrido em 1816 por causa das feridas produzidas por uma surra. Tinha tentado fugir com uma jovem americana de uma família rica. Entretanto, desta vez os irmãos da garota tinham seguido o rastro, tinham-na resgatado e tinham feito justiça por sua conta com John Grenville.

—Ao que parece minha prima viajou pelo estrangeiro com Stephen e Euphemia Grenville — disse Dain—. Morreram no outono passado. Inteirei-me do nome de um de seus criados, que vive em Marazion, na Cornualia. Pensávamos ir até ali para falar com ele, quando recebemos seu convite de bodas. —Dain pegou sua jarra de cerveja.

Quando deixou a jarra sobre a mesa, seus escuros olhos se desviaram para o prato de Vere.

—Enviarei o senhor Herriard para visitar seu advogado em Londres. Espero que não me negue o prazer de uma pequena vingança tardia contra meu progenitor. Para chatear o querido defunto, eu gostaria de conceder um dote a Lydia, e pode contar com que Herriard o obrigará a assinar acordos bastante complexos e exagerados para afogar os protestos de seu orgulho masculino. É obvio, Lydia é perfeitamente capaz de cuidar de si mesma, como já demonstrou. Entretanto, estou convencido de que não porá nenhuma objeção a que se assegure o futuro de sua descendência.

—Se tiver algo a dizer, direi-lhe que discuta contigo — replicou Vere. Haveria descendência, claro, disse-se Vere, e Dain não pedia nada que saísse do habitual. O dote e os acordos matrimoniais resolviam certas questões de um modo nítido e legal, e proporcionavam uma segurança material para o futuro. Eram outros os aspectos do futuro que preocupavam Vere, e tinha mais dificuldades que o normal em dissipar aquelas inquietações, só transparecia um incomodo enjôo no estômago, que Dain não podia ver.

—Mas não deixará que me enfrente com ela sem munições — disse Dain—. Eu lhe contei tudo o que não sabia, agora toca a você satisfazer minha curiosidade. Sellowby me deu sua versão sobre os acontecimentos mais recentes, mas ao que parece, nem sequer ele sabe tudo. Estou em brasas por saber o que é tudo isso de subir até a janela de Helena Martin. Estava Sellowby na casa?

—É uma longa história — disse Vere.

—Pedirei mais cerveja — disse Dain.

Chamaram o criado, serviram-lhes novas jarras e Vere relatou sua história desde o começo, em Vinegar Yard. Não contou tudo, naturalmente, e adotou um tom de brincadeira para contar o resto. Afinal tudo tinha sido uma brincadeira, e o que importava se a brincadeira foi feita a ele?

Não era o primeiro homem que se lançava às cegas ao matrimônio sem dar-se conta do que lhe esperava. Dain resumiu dizendo que era como transpassar a soleira de uma porta na escuridão, e certamente ele sabia do que falava, já que tinha sido o primeiro dos dois a fazê-lo.

E por isso Dain não teve escrúpulo algum em rir dos enganos, frustrações e derrotas de seu amigo, nem em pontuá-lo de «autêntico cretino» e outras lindezas pelo estilo. Dain se mostrou implacável, mas sempre o tinham sido um com o outro. Sempre tinham trocado golpes e insultos. Assim era como se comunicavam. Assim era como expressavam afeto e compreensão.

E como sempre tinha sido assim entre eles, Vere relaxou em seguida. Embora sua inquietação não se desvanecesse de todo, esqueceu-a durante o tempo que esteve no salão particular conversando com seu amigo.

Foi tão parecido aos velhos tempos, que se podia desculpar Vere por não

compreender que estes tinham mudado. Não sabia que, em seis meses de matrimônio, Dain tinha aprendido a conhecer-se melhor, e que não tinha reparos em aplicar seus novos conhecimentos a outros.

Em conseqüência, lorde Belzebú sentiu a forte tentação de agarrar seu amigo de alma pela gravata-borboleta e lhe jogar a cabeça contra a parede. Entretanto, resistiu a tentação porque, como mais tarde explicou a sua esposa: « Lydia já se encarregará.»

—OH, Lizzy, sinto muito — gemeu Emily.

—Não há nada que sentir — replicou Elizabeth com vivacidade, secando a testa de sua irmã com um pano frio—. Se tivesse sido algo mais grave que uma dispepsia¹³ sim teria que lamentar, porque me teria dado um susto de morte. Mas uns simples vômitos não me dão medo, por grandes que sejam.

—Comi muito.

—Tinha deixado passar muito tempo entre uma refeição e outra, e o que comemos não estava bem cozido. Eu também senti náuseas, embora tenha o estômago mais forte que você.

—Nos perdemos — disse Emily—. E perdemos as bodas.

Em efeito, era quinta-feira de noite e se achavam no quarto de uma estalagem próxima a Aylesbury, a muitos quilômetros de seu destino. Teriam chegado a Liphook a tempo para assistir à bodas se Emily não tivesse adoecido de repente depois de uma apressada comida ao meio-dia da quarta-feira. Tiveram que parar na estalagem seguinte. Emily estava tão doente e enjoada que um criado da estalagem teve que levá-la nos braços até seu quarto.

Viajavam fazendo-se passar por uma tutora e sua pupila. Elizabeth usava um de seus velhos vestidos de luto, porque o negro a fazia parecer mais velha. Também tinha pego «emprestados» os óculos para ler da biblioteca de Blakesleigh. Tinha que olhar por cima deles para ver, mas Emily a tinha assegurado que isso o fazia parecer mais severa.

—Deixa de preocupar-se pelas bodas — disse Elizabeth—. Não ficou doente de propósito.

—Deveria ter ido sem mim.

—Deve estar delirando. Estamos juntas nisto, senhorita Emily. Os Mallory apóiam uns aos outros. —Elizabeth afofou os travesseiros de sua irmã—. Logo subirão o caldo e o chá. Tem que se esforçar em ficar boa. Porque iremos assim que se sinta melhor.

¹³ Enfermidade provocada por disfunções do precesso digestivo

—Mas não a Blakesleigh — disse Emily, sacudindo a cabeça—. Não até que tenhamos deixado clara nossa posição. Ele tem que saber que tentamos.

—Podemos lhe escrever uma carta.

—Nunca as lê.

Os criados de Longlands se comunicavam regularmente com os de Ainswood House, e a governanta de Longlands escrevia às senhoritas Elizabeth e Emily a cada três meses. Por conseguinte, as jovens sabiam que fazia mais de um ano e meio que o duque não tinha aberto sua correspondência pessoal. Em Longlands, o administrador do imóvel se ocupava da correspondência relativa a seus negócios. Houle, o mordomo da casa de Londres, fazia o mesmo.

—Poderíamos escrever a ela — sugeriu Elizabeth—. E ela diria a ele.

—Está segura de que se casaram? As notícias voam, mas nem sempre são exatas. Talvez ela ganhasse a corrida e ele tenha que tentar outra coisa.

—Sairá tudo no periódico de amanhã — disse Elizabeth—. Então decidiremos o que terá que fazer.

—Não penso voltar para Blakesleigh — repetiu Emily—. Nunca os perdoarei. Nunca.

Bateram na porta.

—Aqui está o jantar — disse Elizabeth levantando-se—, e muito a tempo. Talvez melhore seu humor depois de ter comido algo.

Embora Lydia e Vere chegassem a Ainswood House a última hora da quinta-feira, todos os serviçais os estavam esperando.

Enquanto a governanta ajudava Lydia a tirar o chapéu e a jaqueta, o resto do pessoal foi ao vestíbulo e se colocou em posição de sentido... mais ou menos.

Lydia compreendeu então o que tinha sentido Wellington justo antes da batalha de Waterloo, ao passar revista a seu «infame exército», as maltratadas tropas com as quais devia vencer Napoleão.

Reparou nos aventais enrugados e as librés cheias de manchas, nas perucas e as toucas torcidas, nos barbeados deficientes, e na maioria de expressões de que era capaz um rosto humano, do terror à insolência, do abafado ao desespero.

Entretanto, não fez nenhum comentário e se concentrou em memorizar os nomes e que postos ocupavam. Ao contrário de Wellington, tinha toda uma vida para converter um grupo desmotivado em uma competente unidade doméstica.

Quanto ao estado da casa, Lydia se deu conta a primeira vista de que era ainda pior que a de seu pessoal.

Não a surpreendeu. Ainswood não passava muito tempo na casa, e como a maioria dos de seu sexo, carecia de capacidade para perceber o pó, a sujeira e a

desordem.

Só encontrou em perfeita ordem o dormitório do amo. O que sem dúvida se devia a Jaynes. Lydia já tinha descoberto que, contrariamente ao que indicavam as aparências (quer dizer, o aspecto geral de Ainswood), Jaynes era um magnífico valete. Simplesmente tinha a desdita de trabalhar para um senhor muito resistente a cooperar.

Já que Ainswood tinha despachado os outros com um gesto de impaciência assim que o mordomo e a governanta, o senhor Houle e a senhora Clay, terminaram as apresentações, foi Jaynes quem mostrou a Lydia seus aposentos, contíguos aos de Ainswood. Era evidente que levavam anos sem que ninguém entrasse neles.

Certamente Ainswood não pensava fazê-lo. Quando Jaynes abriu a porta do dormitório de Lydia, o duque tomou a direção oposta para meter-se em seu closet.

—Como a avisou com tão pouco tempo, suponho que a senhora Clay não pôde ocupar-se de meus aposentos — disse Lydia sem alterar-se, quando Ainswood já não podia ouvi-la.

Jaynes deu uma olhada a seu redor e torceu o gesto ao ver as teias de aranhas que penduravam dos cantos do teto, os espelhos embaçados e a capa de pó que cobria tudo, tão espessa como a cinza vulcânica que tinha caído sobre Pompéia.

—Talvez tivesse feito algo —disse— se tivesse se atrevido.

Lydia foi até a lúgubre caverna cheia de teias de aranhas que segundo Jaynes era seu closet.

—Tenho entendido que os homens solteiros, a alguns homens solteiros, não gostam que andem revolvendo em suas coisas.

—Muitos dos criados estão aqui desde a época do quarto duque — explicou Jaynes—. Alguns pertencem a famílias que serviram aos Mallory durante gerações. A lealdade está muito bem, mas quando a gente não tem nada que fazer dia após dia, porque não sabe o que se tem que fazer ou não se atreve a fazê-lo... —Jaynes deixou a frase sem terminar e fechou a boca.

—Então o mais fácil será adaptar todo o pessoal a meus métodos — disse Lydia com tom enérgico—. Começaremos do zero. Nada de governantas empenhadas em sua maneira de fazer as coisas. Nada de sogras intrometidas.

—Sim, excelência — disse Jaynes. Depois voltou a fechar a boca.

Notava-se que estava a ponto de arrebentar de vontade de contar coisas. Entretanto, apesar de sua curiosidade, Lydia sabia que o protocolo a impedia de animá-lo a falar. Mas se tinha dado conta de que o valete não se reprimia quando tratava diretamente com seu senhor. Tinha-o ouvido resmungando, nem sempre

para seus botões, enquanto ajudava o duque a assear-se.

—De todas as maneiras, qualquer mudança que deva levar-se a cabo terá que esperar até manhã — disse Lydia, encaminhando-se à porta que comunicava com o quarto de seu marido.

—Sim, excelência. — Jaynes entrou no dormitório de Ainswood seguindo os passos de Lydia—. Mas necessitará uma criada. Será melhor que desça...

—Por fim — disse Ainswood, saindo de seu closet—. Começava a acreditar que pensava passar toda a noite mexericando com minha esposa. Que demônios têm feito com minha roupa?

—Sua roupa está no closet, senhor — respondeu Jaynes, e acrescentou algo baixo, que Lydia não entendeu.

—Essa roupa não, pilantra petulante. A que usava ontem. A que trouxe em minha bagagem. Não encontro mais que camisas e gravatas-borboletas. Onde está o maldito colete?

—Os coletes que usou ontem estão em meus aposentos para serem lavados — respondeu Jaynes.

—Maldita seja! Não tinha esvaziado os bolsos!

—Não, excelência. Tomei-me a liberdade de fazê-lo. Encontrará seu... né, seu conteúdo na caixa laqueada que há sobre... Quer dizer, irei buscá-lo, senhor. — Jaynes se dirigiu ao closet, mas Ainswood voltou rapidamente para a porta para lhe impedir o passo.

—Não importa. Encontrarei essa maldita caixa. Não sou cego.

—Nesse caso, se me desculpar, senhor, estava a ponto de descer em busca de uma das criadas. Deveria fazer soar a campainha, mas não saberiam quem deve subir nem para que.

Ainswood, que estava a ponto de entrar de novo no closet, deu meia volta.

—Uma criada? Para que demônios quero uma criada?

—Sua excelência a duquesa necessita...

—Em meus aposentos não.

—Os aposentos de sua excelência a duquesa não estão em condições de...

—É mais de meia-noite, maldito seja! Não tolerarei que se apresentem aqui um montão de mulheres soltando risadas, estorvando e tocando tudo. — Por fim Ainswood pareceu recordar a existência de Lydia, porque desviou seu furioso olhar para ela.

—Maldita seja, temos que começar com essas tolices esta noite?

—Não, querido — disse ela.

O olhar voltou a fulminar Jaynes.

—Já a ouviu. Vá para cama. Amanhã terá todo o dia para puxar o saco.

Jaynes fez uma reverência com os dentes apertados e se foi.

Quando a porta se fechou atrás dele, a expressão do Ainswood se relaxou um pouco.

—Já posso a despir eu — grunhiu.

—«Poder» não é o mesmo que «querer». —Lydia se aproximou dele e lhe afastou uma mecha de cabelo da testa—. Supunha que teria superado já a excitação da primeira vez.

Vere recuou com uma expressão cautelosa em seus verdes olhos.

—Não pensará ser... — Desviou o olhar enquanto procurava a palavra precisa—. Amável — foi seu primeiro intento, e franziu o cenho—. Paciente. —Ao que parece essa palavra tampouco o satisfaz, pois franziu ainda mais o cenho—. Eu gostaria de saber do que falaste com lady Dain. Seu marido diz que tem algo que ver com torturando maridos.

—Do que falaste você com Dain?

—De você. — Ainswood esboçou um sorriso—. Tenho que me reunir com advogados e assinar acordos por vida e aceitar um dote.

—Lady Dain me contou isso. Queria comentá-lo contigo durante o caminho até a casa. —Mas tinha passado a viagem dormindo.

O esboço de sorriso se apagou.

—Por Deus, vamos ter que discuti-lo agora? Por isso me leva acorrentado? Porque se for isso, perde o tempo. Terá que discuti-lo com Dain.

Lydia observou seu marido, que tinha tirado a jaqueta, o colete e a gravata-borboleta sem a ajuda de Jaynes. O que certamente significava que as roupas jaziam no chão do closet, junto com as botas. O punho esquerdo da camisa estava abotoado, mas o botão do punho direito tinha desaparecido, e o rasgão do tecido indicou o motivo. Lydia agarrou o pulso e assinalou o rasgão.

—Se não conseguia desabotoá-lo, por que não gritaste pedindo ajuda? — perguntou—. Estávamos aí ao lado.

Ainswood se largou.

—Não tem que cuidar de mim. Não preciso que ninguém cuide de mim.

Lydia se sentiu dominada pela cólera e deu um passo para trás.

—Não, e tampouco precisa uma esposa, estou segura disso. —afastou-se para a janela—. Será interessante ver como sai desta, tentando descobrir o que fazer comigo.

Ainswood voltou para o closet a grandes passadas e fechou a porta com um forte golpe.

Capítulo 15

Dez segundos mais tarde, ouviu fortes passos e a porta se abriu.

—Não pensava! —gritou Vere—. Está contente? Admito. Não pensava além

da noite de bodas. E agora vai pôr tudo de pernas pra cima e... e haverá criadas entrando e saindo de meu quarto... e eu não terei um minuto de paz!

—Isso é certo — disse Lydia tranqüilamente—. Vou virar esta casa do avesso, das águas-furtadas até o porão, porque é uma vergonha. Não suporto a desordem. Não a tolerarei. —cruzou os braços—. O que pensa fazer? Dar-me um tiro? Atirar-me pela janela?

—É obvio que não! Maldita seja... — Vere foi até a lareira feito uma fúria, deu um forte golpe no suporte com a mão aberta e ficou olhando o fogo com expressão carrancuda.

—Embora pudesse suportar a sujeira e a desordem — seguiu dizendo Lydia sem perder a calma—, seria imoral deixá-la assim. A casa é magnífica. É uma vergonha que a abandone desta maneira, junto com todo seu pessoal doméstico. Não penso ceder neste assunto, Ainswood. Se você não gostar, agüenta.

—Um corno.

—Talvez seja melhor que se desengane desde o princípio — disse ela—. É muito improvável que ceda em algo. Nem sequer estou segura de possuir a capacidade para ceder.

Vere ergueu a cabeça e lhe deu uma olhada.

—Casaste-te comigo. Isso foi ceder em seus malditos princípios.

—Não cedi, joguei-os pela amurada — replicou ela—. Somente poderei recuperar o equilíbrio dispondo tudo exatamente como deveria ser.

Vere desviou de novo os olhos para ela, lhe lançando um olhar acusador.

—Disse que queria me fazer feliz.

Lydia abriu a boca para responder, mas voltou a fechar sem dizer nada.

O que fez foi cruzar a quarto, para o que demorou um tempo, pois era de uma amplitude considerável. Vere não disse nada, endireitou-se, afastando-se da lareira, e contemplou sua esposa.

Lydia adivinhava qual era o problema principal, e tendo por costume confrontar os problemas imediatamente, sua reação instintiva era a de encarar-se com seu marido.

Entretanto, o caráter de Ainswood a impedia de confrontar os problemas com a mesma facilidade; do contrário, não teria existido problema algum.

Lydia tinha que escolher as palavras com cuidado.

Voltou a cruzar o quarto de um extremo ao outro. Depois se aproximou da janela e olhou o jardim. Tinha começado a garoar. Mais que ver-se, a chuva se ouvia. Sem a luz da lua nem das estrelas, o mundo exterior se assemelhava a um abismo.

—Que o diabo me leve. — A voz exasperada de Ainswood rompeu o silêncio—. Não é culpa tua que eu não pensasse nas conseqüências. Deu-me todas

as oportunidades que necessitava.

Lydia se virou. Ainswood continuava perto da lareira, aferrando o respaldo de uma poltrona. Olhava as mãos com seu arrumado semblante tão rígido como uma máscara mortuária.

—Dain me disse que devo reorganizar minha casa para acomodar minha esposa — continuou dizendo—. Que demônios, afinal tenho toda esta maldita casa sem cuidado.

Isso era evidente. Lydia supôs que seu marido desejava que tudo aquilo não existisse. Mas como sim existia, o melhor era fingir que nada tinha mudado, que ele não era o duque de Ainswood. Fechava os olhos e a mente à casa e ao pessoal doméstico que tinha herdado, da mesma forma que evitava todas as demais responsabilidades de sua posição.

«Eu não tenho culpa», tinha-lhe replicado amargamente dias atrás, ao lhe recordar Lydia o título que ostentava.

—Uma observação muito aguda — disse Lydia, aproximando-se da cama—. Como tudo se dá igual, não tem sentido que suba pelas paredes pelo que eu faça ou não faça com a casa. Se o processo de reorganização o põe nervoso, e admito que se armará uma boa animação e reinará uma aparente confusão durante umas duas semanas, tenha a amabilidade de levar seu mau humor e seus punhos a outra parte. Fora de casa.

—Fora de...

—Não quero que altere os criados. Como posso esperar que se entusiasmem com seu trabalho, e com sua nova senhora, se for por aí enrolando tudo a seu passo, grunhindo e se queixando de todo mundo?

—Está me tirando de minha própria casa?

Lydia enfrentou seu tormentoso olhar. Preferia-o assim, quando a indignação apagava a tristeza.

—Apenas a visitas. Dá-te igual como esteja. Acredito que seria mais feliz em qualquer outra parte.

—Maldita seja, casamo-nos ontem e... e já me bota pra fora? —Ainswood soltou o respaldo da poltrona, lançou-se sobre ela e a agarrou pelos ombros—. Casei-me contigo, condenada seja. Sou seu marido, não um amante que pode enviar a passeio depois de um amasso.

Ainswood a beijou com ferocidade.

Foi um assalto violento, devastador, que exigia o que ela jamais tinha pretendido lhe negar.

Lydia saboreou a ira e o poder, mas sobre tudo o pecado, a forma diabólica em que Ainswood criava palavras de amor em sua boca com a língua.

Ainswood a soltou de improviso. Lydia perdeu o equilíbrio e se agarrou a sua

camisa.

—Por Deus, Ainswood. — Foram umas poucas sílabas abrasadoras; não pôde dizer nada mais.

—Vere — grunhiu ele—. Chamou-me por meu nome quando trocamos os votos—. Diga-o, Lydia.

—Vere. — Lydia lhe agarrou o rosto com ambas as mãos para aproximá-la do seu—. Faça outra vez.

—Não vais tirar-me de minha casa — disse ele, e com um leve puxão desabotoou o primeiro botão do sutiã. O resto o desabotoou com a veloz segurança de um concertista de piano executando um arpejo.

Lydia baixou as mãos e deixou os braços aos flancos.

—Não entendeste nada — disse.

—Agora resolverei tudo. — Vere desatou fitas e soltou colchetes com a mesma implacável eficiência.

Em um instante, o vestido negro de Lydia estava no chão. Vere o separou com um chute e seguiu com as anáguas.

—Nunca disse que não o desejasse — tornou a dizer Lydia.

—Não me deseja o suficiente — replicou Vere, mas fez uma pausa para acariciar as rendas e as fitas de seda. Sua sombria expressão se adoçou—. Muito bonito.

—É um presente de lady Dain.

Vere inclinou a cabeça e passou a língua pela intrincada renda do corpete das anáguas, leve e vaporosa.

Lydia abafou uma exclamação, e afundou seus tensos dedos nos cabelos de Vere para detê-lo.

—O que está fazendo? — Lydia percebeu a dúvida e a inquietação em sua voz, que lhe pareceu odiosa, mas não pôde evitar. Ainswood era um libertino. Tinha cometido atos de depravação que uma mulher sem experiência como ela nem sequer imaginava.

Vere virou a cabeça e mordiscou o antebraço.

Ela se soltou.

—Puseste uma preciosa roupa interior nova, só para mim — disse—. Encantador.

A roupa era preciosa, e sem dúvida tremendamente cara. Mas teria sido de mal educado recusar os presentes de lady Dain, embora tivesse excedido e comprado suficientes objetos de lingerie provocantes para vestir uma dúzia de putas.

—Significa isso que não está mais zangado? — perguntou, receosa.

Ele a olhou. Lydia viu duas frestas que lançavam brilhos verdes.

—Estava zangado? Esqueci completamente. —Vere esboçou então aquele sorriso dele que derretia os músculos e o cérebro. A preguiçosa curva de sua boca dissoluta era letal, e ele sabia muito bem. Não era de estranhar que menosprezasse às mulheres. Só tinha que lhes dedicar um de seus sorrisos para que caíssem rendidas a seus pés.

Também Lydia caiu rendida diante dele, mas só interiormente. O que fez foi lhe rodear o pescoço com os braços para atraí-lo para ela, e percorrer com os lábios a diabólica curva de sua boca.

Ele a deixou fazer. Não se moveu, não respondeu. Suas mãos permaneceram na cintura de Lydia, onde se tinham detido fazia um instante.

Lydia passou a língua pela boca da mesma forma que ele tinha feito com a renda do sutiã.

Vere lhe apertou a cintura.

Lydia lhe mordeu o lábio inferior, como antes ele tinha mordido o antebraço.

Então Vere a mordiscou também e abriu a boca.

Foi um beijo longo, escuro e profundo, como cair de um precipício.

E enquanto Lydia caía, também deslizavam as anáguas, tão brandamente que apenas se deu conta. As grandes mãos de Vere percorreram seu corpo como a água, desbaratando a seu passo fitas, botões e colchetes.

As anáguas caíram em cascata aos pés de Lydia, com o mesmo sussurro da água. Vere se ajoelhou e as afastou com suavidade. Depois apoiou uma mão de Lydia sobre seu ombro e lhe tirou os sapatos, que deixou a um lado com esmero.

Ergueu as mãos e ela as agarrou e se ajoelhou no tapete frente a ele.

—Usa o espartilho mais bonito que vi em minha vida — sussurrou Vere—. Muito bonito para tirá-lo de qualquer maneira. Vire-se, Lydia.

Realmente era bonito, com um bordado de caules entrelaçados e folhas diminutas em cor rosa. Desde atrás, Vere percorreu o espartilho com os dedos até chegar a borda, por onde aparecia a regata de renda que tapava os seios, e os cobriu com as mãos enquanto lhe beijava a nuca e os ombros.

Lydia se sentia desfalecer de desejo. Mas não pôde fazer outra coisa que acariciar as mãos maravilhosamente diabólicas de Vere e deixar-se alagar de sensações.

Vere tirou o espartilho e Lydia ouviu um gemido abafado.

—OH, Lydia, isto é... pecaminoso. — A voz de Vere era um rouco sussurro. Acariciou a regata por trás.

Era feita de uma seda tão sutil como as asas de uma mariposa, e era de uma leve tonalidade rosada.

—Vire-se — ordenou outra vez.

Lydia se virou, resistindo a tentação de cobrir-se. Acaso já não a tinha visto

nua?

—Não tampa grande coisa, não é? —disse, tentando conter uma risada nervosa.

—Perdôo-a — disse ele com voz pastosa, sem deixar de lhe olhar os seios.

—por quê?

—Por tudo.

Vere a estreitou entre seus braços e caiu com ela sobre o tapete.

O perdão chegou acompanhado de beijos profundos, frenéticos, que jogavam Lydia ao precipício e a seguir a faziam subir até o alto. Perdoou-a com as mãos, com carícias umas vezes rudes e outras ternas.

Lydia não tinha domínio sobre si mesma. As lentas manobras de Vere para despi-la tinham despertado nela um pouco mais profundo e escuro o que antes chamava luxúria, teimosia.

Vere era grande, forte e formoso, e diabolicamente perito, e tudo o que era, cada poro e cada célula, queria-o para ela somente.

Levava o impulso de possuir e conquistar no sangue dos Ballister, um sangue ardente, ávido e selvagem.

Lydia não teve paciência para esperar mais e afastou as mãos de Vere para desatar os cintos dos calções. Depois empurrou Vere contra o chão e lhe arrancou a camisa. Vere soltou uma breve gargalhada, que se converteu em gemido quando lhe desabotoou as calças. Não pôs tanto cuidado como ele, mas foi mais rápida. Os tirou, jogou-os em um lado, e se sentou de cócoras.

Vere era um homem magnífico, com um corpo esbelto e musculoso. Seu amplo peito se estreitava para a fina cintura e os quadris. Lydia lhe passou a mão pelo pêlo sedoso e escuro do peito, e desceu para o púbis, onde o pêlo era mais claro e com reflexos avermelhados.

—Ontem à noite não tive controle suficiente para olhar — disse Lydia com voz rouca, acariciando com os dedos a zona proibida.

—Olhe, toca — disse ele, com uma breve gargalhada.

Lydia agarrou o membro ereto, que palpitou em sua mão, e Vere deixou escapar um leve gemido de dor.

—Disse-me que podia tocar.

—Sim, eu gosto que me torturem.

Lydia agachou a cabeça e tocou o membro com a língua.

—meu Deus. —Vere afastou sua mão e atraiu Lydia para si. Encontrou a abertura dos calções, deslizou a mão no interior e lhe cobriu o púbis.

O orgasmo a pegou despreparada. Tremia pelas carícias de seus dedos quando se estendeu por seu ventre essa brusca sacudida jubilosa que subia feito ondas.

Logo veio outro, e outro... e depois Vere empurrou o membro para ela e Lydia se levantou instintivamente e voltou a baixar para que a penetrasse.

—Sim! — Lydia não pôde conter um grito de triunfo.

Vere a estreitou contra ele, e Lydia lhe colocou a língua na boca e imitou sem vergonha seus movimentos.

Depois Vere a deitou de costas, separou-se de seus ávidos lábios, tirou-lhe as mãos do pescoço e as segurou contra o tapete. Sujeitou-a assim, e Lydia o observou enquanto ele a observava, enquanto os últimos espasmos sacudiam seu corpo. Fechou então os olhos e viu foguetes. E instantes depois, ouviu um som abafado que era seu nome, e Vere desabou sobre ela.

Às dez e meia da manhã seguinte, sua excelência a duquesa se reuniu com a senhora Clay no estúdio de Vere.

Às onze e meia desatou o caos.

Criadas e lacaios saíram em turba pelas portas forradas de pano, armados com trapos, vassouras, baldes, esfregões e outros temíveis utensílios que Vere não pôde identificar.

Fugiu para sala de bilhar, onde sofreu a emboscada de outro grupo de serventes.

Escapou à biblioteca, onde encontrou outros lhe pisando os calcanhares.

Vere percorreu um aposento atrás de outro em busca de refúgio, mas se viu invadido uma e outra vez.

Finalmente se meteu em seu estúdio com cara de poucos amigos, fechou a porta e a trancou com uma cadeira.

—OH, querido — disse a suas costas a voz regozijada de sua mulher—. Isso não é necessário.

Vere se virou com a cara vermelha como tomate. Lydia estava sentada a mesa, esforçando-se para não tornar a rir.

—Estão por toda parte — reprovou.

—Hoje não vão entrar aqui — disse —.Disse à senhora Clay que tinha trabalho por fazer.

—Trabalho? —exclamou ele—. São milhares e vão derrubar a casa. Arrancam os tapetes de debaixo dos pés. Baixam as cortinas a puxões, com as barras incluídas, e lhe caem na cabeça. Além disso...

—Ah, sim? — Lydia sorriu—. A senhora Clay está resolvida a realizar uma limpeza a fundo, tal como eu pensava.

Deixou a pluma de um lado e juntou as mãos sobre a mesa.

—E você se diverte muitíssimo — grunhiu Vere. Fez gesto de retirar a cadeira

da porta, mas mudou de idéia e a deixou tal como estava. Dirigiu-se a mesa, afastou uma bandeja cheia de cartas (sua esquecida correspondência), e se sentou na quina, com o corpo voltado para Lydia—. Têm-lhe tanto medo que apenas fingem que eu continuo aqui.

—E por que está aqui? Pensava que havia saído correndo da cama como alma que leva o diabo.

—Não sabia aonde ir — respondeu ele—. A China parecia bastante longe. Mas talvez Nova Gales do Sul seja mais apropriado, sendo uma colônia penitenciária.

—Posso sugerir Bedfordshire? — disse ela.

Vere não moveu um só músculo. Seu olhar permaneceu cravado na desordenada pilha de cartas e cartões de visita, enquanto cruzavam por sua mente imagens da manhã, quando tinham feito amor prazerosamente ao despertar, e a chuva golpeava brandamente as janelas... e depois Lydia se levantou e ele havia tornado a dormir, e tinha despertado respirando seu perfume e o cheiro almiscarado do sexo nos travesseiros, nos lençóis, na pele.

—Sim, bom, não esperava que desse saltos de alegria —continuou dizendo Lydia—. Mas não posso passar nas pontas dos pés sobre esse tema. Sou sua esposa. O correto é que me leve a conhecer minha nova família. Esta casa está submergida no caos e estará durante muitos dias. Tinha pensado que poderíamos matar dois pássaros com um tiro: fugir do alvoroço e me apresentar à família.

—Tem trabalho — disse ele em voz baixa, mantendo uma calma absoluta, enquanto recordava a última noite, as diabólicas peças femininas e como ficou com a boca seca, igual a um moço ao ver sua primeira mulher nua, ele, que tinha visto centenas.

—Simplesmente estou terminando o que tinha comprometido para o Macgowan e o Argus. Agora sou a duquesa de Ainswood. Aceitei sê-lo com a intenção de cumprir com todas suas responsabilidades. Como vê, um de nós ao menos sim pensou nas conseqüências.

—Então faz o que queira. —Ainswood se ergueu e se encaminhou à porta. Retirou a cadeira com tranqüilidade—. Eu não vou a Bedfordshire.

Abriu a porta e saiu.

Lydia tirou os sapatos rapidamente e saiu correndo ao corredor. Ainswood se dirigia ao vestíbulo a grandes passadas.

Lydia correu atrás dele sigilosamente sem fazer caso dos olhares atônitos dos que criados limpavam.

Agarrou um balde e jogou o conteúdo em seu marido, justo quando este

abria a porta da rua.

Lydia ouviu um coro de exclamações abafadas.

Depois reinou um silêncio absoluto no vestíbulo.

Ainswood ficou imóvel uns instantes, deixando que a água suja e saponácea caísse pelo pescoço e os ombros e escorregasse pela jaqueta até salpicar a soleira.

Depois se virou muito devagar.

—Ups — disse Lydia.

Ainswood passeou seus verdes olhos pelo vestíbulo cheio de criados (criadas que tapavam a boca com a mão e lacaios boquiabertos) paralisados pelo assombro.

Olhou as roupas molhadas e depois olhou Lydia.

Então estalou em gargalhadas, explosiva como um disparo de pistola. E continuou soltando grandes gargalhadas que ressonaram pelo vestíbulo sem tapetes. Apoiou-se no marco da porta. Tremiam-lhe os ombros pela risada e tentava dizer algo, mas os espasmos não deixavam.

—Obri... obrigado, que... querida — conseguiu dizer ao fim, com voz entrecortada—. Muito refrescante.

Endireitou-se e voltou a olhar os criados, que tinham recuperado o assombro e trocavam olhares perplexos.

—Sim, parece-me que me assentou maravilhosamente — acrescentou—. Acredito que irei trocar-me.

«Sim, é claro que sim que vais trocar», pensou Lydia, enquanto observava seu marido, que passou a seu lado gotejando em direção à escada e subia a seu quarto.

Aquela tarde, o duque de Ainswood suportou os grunhidos e sarcasmos de seu valete com uma docilidade angélica da mais suspeita.

Depois de tomar um banho e vestir-se, sua excelência dedicou um bom momento a olhar-se no espelho.

—Não deveria ter tido tanto trabalho — disse—. Vou pôr tudo a perder quando sair pela janela.

—Se me permitir a audácia de fazer uma sugestão, excelência — disse Jaynes—, a porta principal está em excelentes condições e funciona perfeitamente.

—tive a sorte de escapar com um simples banho — replicou seu senhor—. Prefiro não imaginar o que poderia tentar da próxima vez.

—Se me permite aventurar uma opinião, senhor, duvido muito que sua excelência a duquesa venha reparar que você saia da casa.

—Então por que antes me deteve?

—Não tentava detê-lo, senhor. Só expressava sua exasperação.

O duque lhe lançou um olhar dúbio, enlaçou as mãos à costas e se dirigiu à janela.

—Se me permitir que fale com franqueza, senhor — era o que estava acostumado a fazer—, o senhor é exasperante.

—Sei.

—Se o assassinasse enquanto dorme, ninguém se surpreenderia o mínimo, e não teria jurado em toda Grã-Bretanha que não a absolveria imediatamente. Ao contrário, é muito provável que o concedessem as mais altas honras do reino.

—Sei.

Jaynes esperava receber algum indício sobre o que tinha provocado a exasperada reação da duquesa, mas seu senhor se limitou a olhar pela janela sem abrir a boca.

Contendo um fundo suspiro, Jaynes foi ao closet para recolher o relógio do duque e a pequena caixa com os insólitos objetos que seu senhor usava sempre no bolso, em detrimento das esmeradas costuras de seus bolsos.

Quando Jaynes retornou ao dormitório um par de minutos depois, a janela estava aberta e seu senhor se foi.

Jaynes apareceu à janela e vislumbrou os cabelos castanhos do duque entre os altos arbustos do jardim.

—Sem chapéu, como de costume — murmurou Jaynes—. Bom, suponho que dá no mesmo. Acabaria perdendo-o.

Deixou a caixa e o relógio de bolso em um lado do amplo batente e fechou a janela, pois o dia era úmido e fresco, e prometia mais chuva.

—E será um milagre se só voltar molhado. — Inquieto por uma série de possibilidades, todas igualmente terríveis, Jaynes abandonou o quarto, esquecendo por completo os objetos que tinha deixado no batente da janela.

A distinguida firma de Rundell e Bridge tinha uma experiência considerável com a aristocracia, e inclusive com a realeza. De modo que seus dependentes não manifestaram sinal algum de alarme ou de consternação ao ver entrar um nobre de alarmante corpulência, ao qual seguia um mastim negro do tamanho de um filhote de elefante.

—Maldita seja, Susan — disse Vere—, quando Trent anda perto, não tem problemas em se mover depressa. —Vere puxou a correia e Susan condescendeu a transpassar a soleira do número trinta e dois de Ludgate Hill, soltando um grunhido.

Depois se sentou, apoiou a cabeça nas patas dianteiras e deixou escapar um suspiro de mártir.

—Eu não a obriguei a vir — disse Vere—. Você é que começaste a choramingar e me deu pena.

Ao que parece o cão tinha chegado (presumivelmente com Bess e Millie) pouco tempo depois que Vere subiu para banhar-se e trocar-se. Tinha encontrado Susan vagando pelo jardim com a correia na boca. Vere lhe tinha dado uns tapinhas e se encaminhou à grade. Susan tinha ido atrás. Ao sair Vere e tentar depois fechar a grade, Susan tinha começado a choramingar.

—Está obstruindo a porta — disse Vere—. Acima, Susan, vamos.

Um coro de vozes masculinas assegurou a sua excelência que o cão não estorvava absolutamente.

—Essa não é a questão — disse ele—. A questão é que faz de propósito para me chatear. Qualquer um diria que veio correndo desde St. James's Square, quando veio dormindo a meus pés todo o trajeto em um carro de ponto.

O atendente mais jovem saiu de trás do balcão.

—É o mastim de sua excelência a duquesa, não é? —perguntou—. O vi antes. Acredito que simplesmente vigia a porta, senhor. Para protegê-lo.

Vere olhou o cão e depois ao atendente.

O homem fez uma reverência.

—Se me permitir a liberdade, excelência, desejaria lhe oferecer meus mais sincero parabéns por suas recentes bodas.

Um coro de murmúrios secundou esse discurso.

Vere notou que a gravata-borboleta lhe apertava a garganta, e pareceu que na loja fazia muito calor. Resmungou uma resposta, sem saber muito bem o que era. Depois cravou a vista no atendente que sabia tudo sobre o cão.

—Quero comprar alguma bagatela. Para minha esposa — disse Vere.

Embora o termo «bagatela» não era tão preciso como devesse, o atendente não deu mostra alguma de descontente.

—É obvio, excelência. Se tiver a amabilidade de me acompanhar — disse, e levou Vere a uma saleta privada.

Dez minutos mais tarde, Susan entrou na saleta tranqüilamente e se deitou aos pés de Vere.

Duas horas mais tarde, com os pés intumescidos, Vere saía da loja com um pacote metido no bolso do colete.

Não viu a mulher que se afastava correndo da vitrine da loja e se metia em um beco a toda pressa. Ouviu Susan grunhir, mas não sabia a quem grunhia, ou se o fazia só porque voltava a estar zangada por ter que mover-se de novo quando por fim tinha conseguido ficar cômoda.

Vere não viu Coralie Brees aparecendo à esquina do beco e olhando-o fixamente, inclusive depois que se perdesse de vista, de modo que não pôde intuir a fúria assassina que ardia no peito da alcoviteira enquanto imaginava as reluzentes jóias que teria comprado, e o que lhe faria à mulher que ia recebê-las.

A última hora da tarde, Lydia encontrou a caixa.

Sabia que Vere tinha saído e que levou Susan com ele. Ao sair ao jardim para tentar convencer Susan de que comesse (porque voltava a estar zangada), Millie tinha visto Ainswood abrir a grade, agarrar a correia e partir com o cão.

Foi Bess quem subiu o jantar de Lydia, que tinha decidido comer no quarto do duque, já que era a única parte da casa que não estavam limpando ou continuava cheia de porcaria. E foi Bess quem lhe disse que o duque tinha abandonado a casa pela janela de seu quarto.

—E o senhor Jaynes está muito zangado, senhorita, quero dizer, excelência, porque usava uma jaqueta nova, recém chegada do alfaiate. —Ao ver o cenho de Lydia, a jovem se apressou a acrescentar—: Mas me disse isso em particular, não diante de todo mundo, e me disse que podia mencionar a você, a ninguém mais, porque não era correto andar criticando o amo, mas que você deveria saber se por acaso o duque decidisse entrar na casa da mesma maneira no meio da noite e assustá-la.

Quando Bess saiu do quarto, Lydia se aproximou da janela. Não era fácil sair por ali, e Lydia se perguntou onde tinha encontrado apoio nos lisos tijolos. Chovia, poderia ter escorregado facilmente e ter quebrado o pescoço.

Lydia recordou o alvoroço que tinha armado seu marido na noite anterior por culpa do conteúdo de seus bolsos.

Como jornalista, estava especializada em xeretar nos assuntos de outros. Também era mulher.

Abriu a caixa.

Em seu interior viu um pedaço de lápis, um botão negro, uma forquilha de cabelo e uma lasca de ébano.

Lydia fechou a caixa de repente e a pôs onde a tinha encontrado, mas voltou a agarrá-la e a apertou contra seu coração.

—OH, Vere — exclamou—. Que mal é. São lembranças.

—É a fêmea mais irritante que conheci em minha vida. Não há forma de contentá-la. —Vere se agachou junto ao mastim—. Está chovendo, Susan. Para que demônios quer ficar aqui deitada sob a chuva, quando pode percorrer uma

grande casa, quente e seca, fazendo tropeçar os lacaios e provocando ataques de terror nas criadas? Sua proprietária está aí dentro, sabe? Não quer ver sua proprietária?

Um fundo suspiro de abatimento foi a resposta de Susan.

Vere recolheu os pacotes que tinha jogado ao chão ao tombar-se com Susan, levantou-se e entrou em casa.

Uma vez dentro, chamou Jaynes aos gritos.

—O maldito cão não quer entrar — disse, quando o valete apareceu por fim no vestíbulo.

Deixando Jaynes a cargo de Susan, Vere subiu correndo a seus aposentos.

Jogou os pacotes sobre a cama. Tirou a jaqueta molhada. Ao virar-se para lançá-la a uma poltrona, viu sua mulher, sentada no tapete frente à lareira, abraçada a seus joelhos.

A Vere acelerou os batimentos do coração.

Evitando seu olhar, e tentando respirar com normalidade, Vere se ajoelhou ao lado de Lydia. Enquanto desfiava os miolos procurando as palavras adequadas, olhando a toda parte menos a ela, viu a caixa que sua mulher sustentava entre os dedos manchados de tinta.

Vere examinou a caixa com o cenho franzido durante um momento. Depois recordou Jaynes e sua caixa laqueada.

—O que tem aí, Lydia? —perguntou, fingindo indiferença—. Veneno para maridos irritantes?

—Lembranças — disse ela.

—Não são lembranças — protestou ele com firmeza, consciente de que levava a palavra mentiroso escrita na cara, que havia se tornado púrpura —. Eu gosto de guardar porcarias nos bolsos para fazer que Jaynes se zangue. Isso é muito fácil, porque sempre deixa restos de passagem.

—É adorável quando sente vergonha.

—Não sinto vergonha. Um homem que passou meio-dia conversando com um cão já não tem nenhuma vergonha. —Vere esticou a mão—. Devolva-me isso, Lydia. Não pode ir por aí xeretando nos objetos pessoais. Deveria sentir vergonha. Acaso me viu espiando por cima do ombro para dar uma olhada ao capítulo seguinte da rosa de Tebas?

Vere notou o peso da caixa na mão, mas não a viu, pois tinha desviado os olhos para o rosto de sua mulher. Captou sua expressão de surpresa justo antes que Lydia piscasse e recuperasse o aprumo.

—Não sou cego — explicou—. Vi o anel de lady Dain, o grande rubi, assombrosamente parecido ao que descreve na rosa de Tebas. Eu já tinha minhas suspeitas sobre quem era na realidade St. Bellair. É interessante que reordenando

as letras se obtenha «Ballister», não acredita? Mas foi o anel que acabou de me convencer. Hoje descobri, suponho que da mesma forma que você descobriu, de onde procedia o rubi de lady Dain. Ninguém sabe se saiu da tumba saqueada de algum faraó, mas o representante do joalheiro o comprou no Egito.

Lydia aceitou sua explicação com elegância, sem tentar fingir que não sabia do que falava.

—Já suspeitava? —Em seus olhos azuis se lia o assombro—. Como é possível? Ninguém suspeita. A senhorita Price, que é de uma perspicácia quase insultante, ficou olhando boquiaberta durante vários minutos quando contei.

—Delatou-se nas duas últimas entregas, quando Diabo começou a falar como eu.

Lydia se levantou, emitindo um frufu com suas saias de seda, e começou a caminhar de um lado a outro do quarto, igual à noite anterior.

Vere se deitou no tapete com as mãos enlaçadas sob a nuca, que voltava para sua mulher para olhá-la. Gostava de vê-la andar, com longas passadas, segura de si mesmo. Seu andar teria parecido masculino se não fosse pelo arrogante vaivém de seu magnífico traseiro, que era de mulher, sem dúvida.

Sabia que estava desfrutando de uma simples pausa temporária, e não muito relaxado, por certo. Enquanto jazia sobre o tapete, aparentemente tranquilo, por sua cabeça foram e vinham certas imagens, como as vítimas de um naufrágio balançadas pelas ondas.

Tinha levado Susan ao Southwark, à a prisão de Marshalsea. Ali tinha visto meninos, alguns que saíam correndo para fazer os recados dos pais, que não podiam abandonar a prisão, e outros que retornavam com inapetência, mais apáticos quanto mais se aproximavam das portas.

Sua mulher tinha sido uma daqueles meninos, e Vere sabia o que Marshalsea lhe tinha roubado.

«me leve a conhecer minha nova família.»

Sabia o que queria Lydia de Bedfordshire.

—OH, é impossível! — Lydia se deixou cair em uma poltrona—. Nunca poderei contigo. —Apoiou o cotovelo no braço da poltrona e o queixo nos nódulos, e lançou a Vere um olhar de recriminação—. Sempre acaba me fazendo fraquejar. Cada vez que quero que faça algo que parece desagradável, quer dizer, praticamente tudo, encontra a maneira de me abrandar o coração. O que fez, ler até a última palavra que escrevi para dissecá-la e analisá-la?

—Sim. — Vere desviou o olhar ao teto—. E se tivesse sabido que não necessitava nada mais para lhe abrandar o coração, me teria economizado um montão de dinheiro hoje, por não mencionar que não teria tido que suportar a irritante companhia de Susan.

Produziu-se um silêncio, durante o qual Vere supôs que os pacotes da cama tinham conseguido finalmente atrair a atenção da Lydia.

—É muito mau — disse Lydia em voz baixa e um pouco tremula—. Compraste-me presentes?

—Subornos — disse ele, olhando a de esguelha. Lydia tinha levantado para aproximar-se da cama e estava olhando os pacotes—. Para não me ver obrigado a dormir no estábulo.

Depois de Rundell e Bridge, depois de Marshalsea, Vere tinha levado Susan de loja em loja, com um descanso para comer no salão particular de uma estalagem de postas.

—Talvez me ler o pensamento não se dê tão bem como acreditava — disse Lydia—. Essa idéia jamais me passou pela cabeça.

Vere se levantou para aproximar-se.

—Abre-os — disse.

Havia cadernos com suas finas folhas de papel de vitela encadernados em uma pele tão suave como a manteiga. Havia um estojo cilíndrico de prata delicadamente esculpida para plumas, com um tinteiro que se enroscava ao extremo do cilindro. Havia um pequeno bloco de escrever de viagem, decorado com cenas mitológicas, cujos compartimentos continham plumas, tinteiros e potes com pós secantes, e cujas pequenas gavetas continham lacres, papel e um canivete de prata. Havia uma escrivanhia de prata, assim como uma caixa de lápis de papel marchê.

—OH — exclamou Lydia uma vez atrás de outra, à medida que os pacotes revelavam tais tesouros—. Obrigado — disse ao final, quando os papéis jaziam a seu redor na cama e no chão. Tinha o bloco de escrever no colo e abria e fechava as pequenas gavetas e levantava a tampa dos compartimentos, e tirava o conteúdo e voltava a colocá-lo, como uma menina deleitando-se com um brinquedo novo.

Realmente se sentia como uma menina. Tinha recebido presentes de Ste e Effie por Natal e por seu aniversário, e, além disso, bonitos: sapatos, vestidos, chapéus, e às vezes uns brincos ou um bracelete.

Mas aquilo era diferente, pois se tratava de úteis para sua profissão, e ela, que trabalhava com as palavras, encontrou-se privada delas, roubado o coração.

—Obrigado — voltou a sussurrar, sem poder conter-se, e olhou o bonito rosto de seu marido e renunciou a toda esperança de voltar a comportar-se com sensatez.

Nos olhos verdes de Vere brilhava um brilho de prazer, sua boca se curvou

em um sorriso, que acabou de derreter de todo o coração de Lydia. Era o sorriso de um moço, entre malicioso e envergonhado.

— Vejo que minhas humildes oferendas agradaram a sua majestade, — disse Vere.

Ela assentiu. Embora tivesse podido alinhar uma frase naquele momento, não se atreveu a tentá-lo por medo de tornar a chorar.

—Então, acredito que abrandaste o suficiente para o golpe de graça — disse ele. Colocou a mão no bolso do colete e tirou um último pacote.

Esse o abriu ele mesmo, virando-se para que Lydia não visse seu conteúdo.

—Fecha os olhos — pediu—. E solta o maldito bloco de escrever. Não vou lhe tirar isso.

Lydia obedeceu e fechou os olhos.

Vere lhe agarrou a mão direita e deslizou um anel no quarto dedo. Lydia soube que era um anel, suave e frio, e notou que lhe tremia a mão.

—Já pode olhar — disse Vere.

Era uma safira azul de singela talha, retangular, e tão grande que teria sido grosseiro em qualquer mão que não fosse a de Lydia, tão delicada como o resto de seu corpo. A ambos os lados da safira cintilavam uns diamantes.

Lydia notou que as lágrimas afluíam a seus olhos. «Não seja boba», disse-se a si mesma.

—É... precioso — disse—. E... e não direi que não deveria tê-lo feito, porque não o penso absolutamente. Sinto-me como a princesa de um conto.

Vere se inclinou e a beijou na cabeça.

—Levarei-a a Bedfordshire — disse.

Capítulo 16

Vere estava sentado a mesa de seu estúdio, rodeado de folhas de papel amassadas. Era a manhã de sábado, e tentava redigir uma carta para lorde Mars. Deveria ter resultado singelo, mas Lydia o tinha advertido que fosse diplomático. Ou seja lá o que queria dizer com isso.

Estava a ponto de ir em busca de sua mulher para lhe pedir que concretizasse, quando Lydia abriu a porta do estúdio.

—Lorde Mars está aqui — anunciou—, e por seu aspecto, não é uma visita longa.

Instantes depois, reuniam-se com ele na biblioteca.

Lorde Mars chegava sujo pela viagem, tremendo de cansaço e sem barbear.

—escaparam— disse, quanto entraram Vere e Lydia—. Por favor, pelo amor de Deus, me diga que estão aqui. São e salvas. As garotas, quero dizer. Elizabeth e Emily.

Vere o olhou com fria perplexidade.

Lydia foi pressurosa para a bandeja dos licores e encheu uma taça, que ofereceu a lorde Mars.

—sente-se — disse—. Tranqüilize-se, por favor.

—Não estão aqui — disse lorde Mars, encurvando-se, e se deixou cair em uma poltrona—. Temia isso. Mesmo assim, tinha uma pequena esperança.

«Tinha. Esperança. Me diga que estão aqui. São e salvas.»

A biblioteca se obscureceu, encolheu-se e voltou a aumentar-se. Vere sentiu uma fria opressão que crescia dentro dele.

—Por todos os demônios — disse entre dentes—. Tampouco soube protegê-las?

—as proteger? —Mars se levantou com o rosto tenso e branco como o papel—. Quero essas meninas como minhas próprias filhas. Mas meu afeto, meus cuidados, não vale para nada, porque não sou você, Ainswood. —tirou uma nota enrugada do bolso e a jogou a Vere—. Aí tem. Leia você mesmo o que dizem essas jovens às que deixou de lado. Não receberam de você notícia alguma. Nenhuma visita. Nem sequer uma nota. Por que respeitam você, poderiam estar as duas mortas e enterradas com seus pais e seus irmãos. Entretanto, abandonaram o amparo de minha casa, onde recebem carinho e cuidados. Foram-se porque todo seu carinho e sua lealdade os reservam para você.

—Por favor, senhor, tranqüilize-se — disse Lydia—. Está alterado. Vere também. —Insistiu a Mars a sentar-se e voltou a lhe pôr a taça na mão.

Vere leu a nota. Não eram mais que algumas linhas, algumas adagas que lhe cravaram no coração. Olhou sua esposa.

—Queriam assistir a nossas bodas — disse.

Lydia lhe arrebatou a nota e a leu rapidamente.

Mars bebeu um pouco e seu rosto recuperou a cor. Continuou falando. Conforme disse, as garotas deviam ter abandonado a casa na segunda-feira antes do amanhecer. Lorde Mars tinha iniciado a busca no meio da manhã, com a ajuda de seus cunhados. Entretanto, apesar de que só levavam umas horas de vantagem, não tinham conseguido encontrar nem rastro delas. Ninguém as tinha visto em posadas nem barreiras de pedágio. Não podiam ter chegado a Liphook, porque tinham passado um pente fino no povoado e seus arredores.

Mars tirou um par de miniaturas e as colocou sobre a mesa da biblioteca.

—São duas jovens preciosas — disse—. Como é possível que ninguém se fixasse nelas?

Vere olhou fixamente os diminutos retratos ovais, sem fazer o menor gesto de agarrá-los. Notava o azedo sabor da vergonha na boca e a fria opressão no peito. Ele as teria reconhecido, sim, porque se pareciam com Charlie. Mas não as

conhecia. Não saberia identificar suas vozes porque apenas tinha falado com elas, jamais as tinha escutado, jamais tinha prestado atenção nelas.

Entretanto, elas tinham fugido do carinho e o amparo de sua família para assistir à bodas de Vere, porque, como tinha escrito Elizabeth: «Temos que lhe explicar que desejamos sua felicidade, igual teria feito nosso pai. “Nosso pai teria assistido.»

Vere ouviu a voz de sua mulher.

—se prepare enquanto lorde Mars descansa — disse—, embora saiba que não deseja fazê-lo. Envie mensagens a todos seus amigos. Necessitamos que sejam nossos olhos, e que sejam tantos quantos pudermos reunir. Leve a metade dos criados; eu ficarei com a outra metade para que me ajudem a cobrir as imediações de Londres. Leve também a algumas das criadas. As mulheres vêem as coisas de um modo distinto dos homens. Eu me porei em contato com todos os meus informantes.

Lydia se voltou por volta de lorde Mars.

—Envie uma mensagem a sua esposa para lhe assegurar que se está fazendo todo o possível. Sei que deseja esperar a ter boas notícias, mas deve passar muito mal esperando sem saber nada de nada.

—você é muito generosa — disse Mars—. Sinto-me envergonhado.

A duquesa arqueou as sobrancelhas.

—Pusemo-nos contra você — explicou Mars—. Porque não era de nossa classe. Por medo ao escândalo.

—É uma Ballister — disse Vere—. Prima de Dain. Desprezaram uma Ballister, hipócritas esnobes.

Mars assentiu com gesto cansado.

—havia me dito Isso. Acreditava que não eram mais que intrigas sem fundamentos. Acabo de sair de meu engano. —levantou-se, e deixou com cuidado a taça vazia. Tremia-lhe a mão—. Dormi pouco. A princípio acreditava que via visões. Parecia-me que estava vendo um fantasma. —Tentou sorrir sem muito êxito—. Do terceiro marquês de Dain, para ser exato. Você guarda uma extraordinária semelhança com meu antigo inimigo na Câmara dos Lordes.

—Sim, bom, pois ela também acabará conosco, se não encontrarmos às garotas — disse Vere com secura—. O acompanharei a seu quarto. Será melhor que se lave e vista algo, e que durma um pouco, se puder. Necessito-o completamente lúcido. Vamos — acrescentou, agarrando a Mars pelo braço—. Deixemos que Lydia reúna às tropas. É melhor não entrometer-se quando fica a organizar.

Athcourt, Devon

—Isto..., senhorita Price, realmente tem você uma grande habilidade para desaparecer, claro que isso não é nada difícil em um lugar como este. Não sei por que Dain não tem uma carruagem para levar às damas de um extremo a outro da casa. Mas o certo é que ninguém me culparia por pensar que está me evitando, o que —acrescentou Bertie com expressão severa— não seria muito amável de sua parte, sobre tudo quando percorri a casa de cima abaixo, e você sabia o que ia dizer, não é?

—OH, céus — disse ela, retorcendo as mãos.

—Sei que não pretendia me dar falsas esperanças, porque você não é dessa categoria de mulheres — disse Bertie—. Não dirá que me enganou e que não gosta nem um pouco de mim, não é?

—Eu gosto muito de você — respondeu ela, ruborizando-se, mas sua voz tinha um tom de tristeza desconcertante.

—Bem — disse ele, desconcertado mas sem desanimar-se—. Então será melhor que nos casemos, não acredita?

Com expressão desamparada, a senhorita Price passeou o olhar pela sala de música de Athcourt, onde finalmente Bertie a tinha encurralado, a sós. Era domingo, e o tentava desde sua chegada no sábado. Bertie ia esperar somente um dia mais para lhe propor matrimônio a sós, e depois pensava pedir-lhe onde estivessem e com quem estivessem. Afinal, havia poucas coisas neste mundo que pudessem surpreender Dain e Jessica.

—Talvez devesse me ajoelhar e fazer um discurso, não acha, senhorita Price? —Bertie fez uma careta—. Suponho que deveria lhe dizer o quão perdidamente apaixonado estou por você, embora até os cegos vissem, e os surdos além disso.

A senhorita Price o olhou alarmada com seus grandes olhos.

—OH, por favor, não se ajoelhe — disse—. Já me sinto bastante violenta. Não deveria ser tão covarde. A duquesa de Ainswood sofreria uma grande decepção comigo.

—Covarde? Céu santo, está com medo de mim?

—Não, é obvio que não. Que tola sou. —A senhorita Price tirou os óculos, esfregou-os contra a manga de seu vestido e voltou a colocar-los. - Naturalmente, você compreenderá que não o queria enganar. Meu sobrenome não é Price, e sim Prideaux. —Ergueu o queixo—. Tamsin Prideaux. Não sou órfã. Meus pais vivem na Cornualia. Mas me vi obrigada a abandoná-los, pois a situação era intolerável. De modo que fugi. Só sua excelência a duquesa sabe a verdade.

—Ah. — Bertie estava aturdido, mas se sentiu obrigado a pôr as coisas às claras imediatamente, pois ela acreditava que compreenderia tudo e não gostava da idéia de decepcioná-la—. Era intolerável? Bom, então o que outra coisa podia

fazer a não ser fugir? Eu também o fiz. Minha tia Claire não fazia mais que trazer jovens herdeiras para casa, ou me arrastar aonde houvesse alguma. E estou seguro de que não tinham nada de mau, mas o homem ou gosta de uma garota ou não gosta, e eu não gostava. E não queria ferir seus sentimentos nem ouvir minha tia tagarelado sobre a mesma coisa a cada momento, assim saí correndo.

Bertie franziu o cenho.

—Não me ocorreu trocar de nome. Que inteligente foi! —acrescentou animando-se—. Prideaux. Price. Thomasina. Tamsin. Não, ao contrário. De Tamsin a Thomasina. Agora que penso, eu gosto mais Tamsin. Soa um nome de duende, não acha?

Ela o olhou fixamente. Depois sorriu e seu aspecto foi realmente o de um duende. Uma das míopes, certamente, mas a Bertie o fazia feliz aproximar-se bastante dela para que pudesse vê-lo até sem os óculos.

—foi um sim, então? — perguntou Bertie—. O deixamos em lady Trent e nos esquecemos de outros nomes?

—Sempre que não o importe todo o resto. —A senhorita Price ajustou os óculos, embora parecesse que estavam muito retos—. Obviamente não podemos esperar nada de meus pais, e nem sequer por você poderia aceitar que sua excelência a duquesa me oferecesse um dote, embora tente me obrigar a aceitá-lo, sei. Mas não tenho gostos caros, sir Bertram...

—Bertie — disse ele.

Ela mordeu o lábio.

—Bertie — disse em voz baixa.

—OH, sim, isso foi muito agradável. —E Bertie o fez mais agradável ainda, estreitando-a entre seus braços e beijando-a até que aos dois deu voltas a cabeça.

E Bertie teria ido ainda mais à frente, só não foi porque era muito consciente de que ainda não estavam casados. O que significava que um homem devia comportar-se, tanto se gostasse ou não. Entretanto, isso não significava que esse homem tivesse que esperar um minuto mais do necessário para casar-se. De modo que Bertie agarrou a sua futura esposa pela mão e foi com ela pedir ajuda a Dain para que esse futuro chegasse o quanto antes.

Embora Athcourt fosse uma das maiores casas ancestrais da Inglaterra, não tiveram que ir muito longe, pois Dain também os estava procurando.

—Ouça, Dain, a senhorita Price e eu queremos nos casar — disse Bertie.

—Pois terão que esperar — replicou Dain—. Acabo de receber uma carta de Ainswood. Suas pupilas desapareceram. Deve acompanhar à senhorita Price a Londres para que ajude a minha prima. —Depois de explicar a situação

brevemente, voltou-se para Tamsin—. Terá que nos perdoar por esta imposição. Minha esposa não considera que seu estado seja delicado, mas não permitirei que realize duas longas viagens seguidas sem pelo menos ter descansado. Sentirá-se mais tranqüila se souber que Lydia tem uma amiga ao lado.

—Deus bendito, onde deveria estar a não ser ao lado de Lydia? — exclamou Tamsin—. Estarei preparada em menos de uma hora — acrescentou, e se afastou a toda pressa.

—Desejo-te que seja muito feliz, Trent — disse Dain—. Embora por minha fé que não sei o que ela viu em você. — deu de ombros—. Não temos tempo para desentranhar o mistério agora. Ainswood precisa de nossa ajuda, e depois penso convertê-lo em mingau.

Dain continuou subindo a escada sem deixar de falar.

—Não sabia que tinha mais tutelados. Mas Jessica me disse que as garotas vivem com Mars desde que Charlie morreu. Maldito ordinário! De tudo tenho que me inteirar por outros. E foram tantas as condenadas notas de pêsames que já não sei quem vive e quem não. «Quem demônios é Elizabeth?», pergunto a Jess. «É a irmã do menino que morreu um ano antes que nos casássemos», disse-me ela. «Mas eu acreditava que estava morta», insisto eu. «Foi justo depois que falecesse meu velho amigo Wardell. “Lembro perfeitamente Mallory, como o conhecíamos então, indo a um funeral atrás de outro.» «Essa foi a mãe do menino», disse-me Jessica. «Então a quem demônios enviou meu secretário a nota de pêsames pela morte do menino?», exijo saber. E resulta que foi à irmã mais velha.

Tinham chegado já à ala de convidados, onde estava o quarto de Bertie.

—Assim, não só não está morta, mas sim há outra irmã — prosseguiu Dain—. E vivendo com Mars, nada menos, que tem nove filhos e outro a caminho, apesar de que sua mulher andarà pelos quarenta e cinco anos mais ou menos.

O marquês abriu a porta do quarto de Bertie.

—Ainswood deveria me ter dito isso.

—Bom, tampouco me disse nada — replicou Bertie, entrando atrás de seu cunhado.

—Apenas o conhece — disse Dain. Voltou a sair ao corredor a grandes passadas e chamou seu valete a gritos—. Faz seis meses que me casei — disse, voltando a entrar no quarto—. Poderia ter ido procurar essas garotas em qualquer momento e as ter posto aqui. Espaço não nos falta, não é? E Jessica gostaria de ter companhia feminina. Para não mencionar que são as filhas de Charlie, um dos melhores tipos que conheci. Teria retornado de Paris imediatamente para assistir seu funeral, se a esse imbecil do meu amigo lhe tivesse acontecido me avisar. Mas quando me inteirei, Charlie estava uma semana enterrado.

Dain encontrou a mala de Bertie e a jogou sobre a cama.

Andrews chegou nesse momento, mas Dain o enxotou.

—Eu ajudarei Trent — disse—. Vá fazer minha mala. Lady Dain lhe explicará o que preciso.

Andrews se foi.

Dain se dirigiu ao armário e seguiu falando enquanto esvaziava seu conteúdo.

—Deveria ter estado presente quando levaram Charlie a sepultura. Deveria ter estado com Ainswood quando enterraram o menino junto a seu pai. Um homem deveria ter ao lado seus amigos em momentos como esse, e as irmãs de Charlie não eram seus amigos, isso lhe asseguro. Nem tampouco seus maridos. — Jogou o montão de roupa sobre a cama e fez uma pausa, olhando Bertie—. Ao menos pediu ajuda desta vez. Sem dúvida animado por minha prima. — Retornou ao armário—. Levará a senhorita Price a seu lado.

—Na realidade — disse Bertie—, é a senhorita Prideaux.

—O que seja. —Dain tirou os coletes da caixa—. Sua futura esposa. Acompanhará a Londres e ficará ali e fará exatamente o que ordene minha prima. Lydia conhece Londres e tem fontes de informação com as quais o Ministério do Interior sonharia contar.

—Acha que as garotas irão a Londres? —perguntou Bertie—. Ao ver que não conseguiam chegar a tempo ao Liphook, talvez decidissem voltar para casa.

—Talvez — disse Dain—. A questão é: qual é sua casa?

Vere abria caminho desesperadamente através de um bosque tão espesso como uma selva tropical. Raízes como garras surgiam não se sabia de onde, e Vere tropeçava com elas e caía, levantava-se com dificuldade e seguia avançando. Fazia muito frio e reinava a escuridão. Nem a luz da lua nem a das estrelas conseguia transpassar a densa abóbada emaranhada. Não via por onde ia, mas seguia cegamente o som, o grito de um menino aterrorizado.

Um suor gelado empapava sua camisa.

«Já vou.» Sua boca formou as palavras, mas não saiu nenhum som. O menino não podia ouvi-lo, não saberia que o procurava, pensaria que Vere o tinha abandonado.

«Não é certo. Jamais o abandonaria. “Jamais, jamais.”»

Mas Vere tinha abandonado o filho de Charlie, tinha-o deixado em mãos de estúpidos e covardes... e qualquer coisa pior.

E por isso agora recebia o castigo de ficar sem voz, afogada igual a se afogava o menino, quando a maligna membrana da difteria o impedia de respirar.

A mão de Vere tropeçou com mármore. Seus dedos o apalpavam, procurando

o trinco. Não se movia. Estava fechada com chave. Vere esmurrou a porta, que não cedeu um ápice.

«Não!»

Puxou a fechadura e a arrancou. Abriu a maciça porta e correu para a voz, que era mais débil e ia se apagando.

Um círio ardia a cada lado do féretro. Vere afastou a tampa, arrancou o sudário, ergueu o menino entre seus braços.

Mas não era mais que fria neblina o que abraçava, uma sombra que se desvanecia até... desaparecer.

—Não. Não! Robin!

Os próprios gritos de Vere o despertaram.

Estava de joelhos, espremendo um travesseiro contra o peito.

Tremiam-lhe as mãos. Tinha a pele úmida e pegajosa. Corriam-lhe lágrimas pelo rosto.

Lançou o travesseiro a um lado e esfregou o rosto.

Depois foi até a janela. Fora tudo estava escuro e coberto pela névoa que se levantou durante os últimos quilômetros exaustivos antes de deter-se a contra gosto, pois era tarde e os criados estavam cansados e famintos. Ao contrário de seus amos, tinham a consciência tranqüila e não sentiam uma inquietação constante que os impedisse de comer e dormir.

Vere abriu a janela. Ouviu o suave sussurro da chuva. Embora não via indício algum da cercania da alvorada, o ar trazia consigo a promessa do amanhecer.

Era terça-feira, pensou. Fazia uma semana inteira que as garotas tinham desaparecido, e ninguém tinha podido achar seus rastros.

Lavou-se e se vestiu por si só. Tinha deixado Jaynes com Lydia. O valete seria mais útil em Londres, cidade que conhecia até o último canto. Podia visitar qualquer parte dos baixos submundos e passar despercebido.

Vere não queria pensar nos baixos submundos, nem que suas pupilas pudessem ir parar ali, como acontecia a tantas moças fugitivas. A senhorita Price, por exemplo. Nas garras de Coralie.

«Se for tão amável de tomá-la sob sua custódia...»

Aquele dia, em Vinegar Yard, Lydia não tinha pedido nada mais do que o que constituía o dever de qualquer súdito britânico, mas especialmente se pertencesse à aristocracia governante.

Ele tinha deixado que Coralie se fosse para tratar de apanhar outras garotas. E não era mais que uma das muitas que se dedicavam ao mesmo.

Mas a vergonha era um peso que suportava desde sábado, e dificilmente podia aumentar mais.

Tirou o bloco de escrever que Lydia o tinha obrigado a levar consigo. Agarrou

o papel, destampou o tinteiro e escolheu uma pluma. Tinha que escrever seu relatório.

Lydia se tinha nomeado general em chefe. Londres era seu quartel geral e exigia a todos seus «oficiais» que lhe informassem duas vezes ao dia. Criados e amigos atuavam como correios do intercâmbio de mensagens.

O exército de rastreadores tinha que manter-se dentro de um raio de oitenta quilômetros de Londres, embora a zona de busca mais intensa abrangia somente até cinqüenta quilômetros. Os diferentes grupos percorriam as principais rotas das diligências. Dain, por exemplo, achava-se a cargo das rotas de Exeter e Southampton, que convergiam a setenta quilômetros da capital.

Vere e Mars se encontravam em Maidenhead, onde se cruzavam as rotas de Bath, Stroud e Gloucester.

Vere e Dain se achavam bastante perto um do outro para trocar mensagens com regularidade.

Diligentemente, Vere informou tudo isso a sua mulher, além de lhe dar conta de suas pesquisas durante o dia anterior e do itinerário que tinha previsto para terça-feira.

«excluímos Millie destes planos — continuou dizendo, depois de desfiar os miolos para dizer algo que desse esperanças—. Mostra certa tendência a desviar-se das rotas que lhe atribuem, mas se dedica a procurar os fofoqueiros de volta e se inteirou de muitas coisas, embora inúteis para nós em sua maior parte. A gente singela não se coíbe tanto com ela como conosco. Ontem procuramos um carro e atribuímos a um dos serventes de Mars a tarefa de conduzi-lo. Ontem à noite Millie não veio a nosso encontro. Não obstante, você me assegurou que era de toda confiança, e leva a seu lado um tipo robusto. Quero acreditar que está seguindo uma pista a sua maneira, e desejo com todo meu coração que dê seus frutos.»

Vere franziu o cenho ao ler o que tinha escrito. Pareceu-lhe frio e desapassionado, atendendo-se aos fatos, como estavam acostumados a ser suas notas. Entretanto, não era tudo.

Levantou-se, passeou de um lado a outro do quarto e voltou a sentar. Agarrou uma folha de papel em branco e empunhou a pluma uma vez mais.

Meu amor:

Escrevo-te duas vezes ao dia e tudo pode resumir-se em que não encontramos às garotas. Mas não disse o que sim encontrei.

Seu irmão está aqui. Não posso fugir dele. Viajamos juntos por esta estrada, ele e eu. Lá onde miro, vejo o que ele e eu vimos juntos em outro tempo. Da janela da carruagem. Do cavalo. A pé, e de vez em quando, levando-o sobre meus

ombros.

Tinha-o apagado de minha mente com as brigas, o álcool e as putas, e evitando a todos os que tivessem relação com ele. Desde que você entrou em minha vida, terminaste com essas covardes escapadas. Terminou com a última, quando me pediu que a levasse a Bedfordshire. Eu sabia por que me pedia isso. Como jornalista, não seria difícil averiguar que sou o tutor das duas órfãs, e queria as acolher, igual acolheu à senhorita Price e Millie e a Bess. Sei que escolheu às três pessoalmente, e que tem que escolher com cuidado. Do contrário, acabaria enchendo a casa de Soho Square de meninos abandonados e órfãos. Mas recordei o que tinha feito lady Dain, obrigando seu marido a acolher seu filho bastardo, simplesmente porque era sua responsabilidade, e duvido muito que em questões de responsabilidade seja mais flexível que ela.

Entretanto, que um homem perceba o inevitável não significa que o aceite sem apresentar batalha. Sobre tudo, o homem com o qual se casaste.

Agora recebi o castigo por minha estupidez, e passado as horas atormentado pelos remorsos. Lembrança, por exemplo, meu comovedor discurso sobre todos os benefícios que obteria se casando comigo. Deus, menino idiota. Teria bastado que contasse que tinha duas garotas a meu cargo e que tivesse pedido que me ajudasse a cuidar delas. Mas não pensei nelas. Tinha-as apagado de minha mente igual à Robin. Charlie me tinha deixado o mais valioso dos presentes, seus filhos, e eu... ah, bom, atolei o pé até o fundo, carinho. Só fico rezando para que me conceda a oportunidade de emendar as coisas.

Lydia estava sentada junto à penteadeira, lendo a carta de Vere pela décima vez. A carta tinha chegado a última hora da manhã, e Lydia tinha entregue a primeira folha a Tamsin, que se encarregava de seguir os movimentos dos diferentes grupos nos mapas estendidos pela biblioteca. Lydia relia a segunda parte da carta a sós no estúdio, durante as pausas, muito freqüentes, entre um relatório e outro.

Naquele momento passava da meia-noite e tinha recebido uma segunda carta de seu marido, mas só para mantê-la informada sobre seu paradeiro.

Esse tipo de carta era fácil de responder. Informava-lhe de seus infrutíferos resultados e fazia sugestões, apoiadas no que conseguia tirar das histéricas cartas de Dorothea, que chegavam aos montes todos os dias. Pouco a pouco, por exemplo, Lydia tinha conseguido descobrir o que levaram as garotas ao abandonar a casa, e tinha dado os detalhes a Vere.

A véspera, Lydia tinha acrescentado uns óculos à descrição que tinham os grupos de busca. Podiam perguntar por uma jovem viúva que viajasse com sua

criada, ou com uma moça que parecesse ser dama de companhia ou a tutora. Talvez as pessoas não tivessem visto duas irmãs, porque os tinham enganado para lhes fazer acreditar que viam outra coisa.

Lydia tinha estendido também a informação a sua rede de informantes de Londres.

Teria querido responder a sua carta lhe dizendo que ia reunir se com ele. Mas isso era impossível. Não podia deixar toda a coordenação para Tamsin. Tamsin era uma pessoa muito organizada e sensata, mas havia muito trabalho seguindo o rastro dos grupos, respondendo às mensagens e procurando que todo mundo mantivesse a calma e realizasse um esforço produtivo.

Assim, Lydia respondeu a seu marido o seguinte:

Não atolou o pé sozinho. Tiveste uma grande ajuda. Acredito que Charlie foi o último de todos os irmãos com um ápice de bom senso. Depois de ler as cartas de Dorothea, não me surpreende o mínimo que suas pupilas a enganassem. Entretanto, não sei que desculpa pode ter Mars para que ele, que foi membro do Parlamento durante vinte e cinco anos, deixasse-se enganar por duas juvenzinhas. Em qualquer caso, se tiverem sido mais preparadas que ele, sem dúvida terão burlado a dúzias de cocheiros, hospedeiros e granjeiros. Se anime, querido. Pelo que pude saber delas, são um par de jovens temíveis. Estou impaciente por me ocupar delas.

Escrever sobre Robin foi mais difícil, mas o fez.

Entendo perfeitamente o que me conta sobre seu pequeno fantasma. Faz quinze anos que o fantasma de Sarah me acompanha. Quando voltarmos a estar juntos, compartilharemos. Por agora, ordeno-te que esqueça os remorsos e observe tudo com ele, como fez em outro tempo. São as irmãs de Robin. Talvez, se olhar a seu redor através de seus olhos, poderá ver também através dos delas. Robin esteve contigo durante seis meses, conforme me disse Dorothea, e apenas o reconhecia quando retornou, de tanto que tinha mudado. Que truques o ensinou, pilantra? Tenta recordar, pois talvez os ensinasse a suas irmãs. Acha que poderiam enrolar qualquer um para lhe fazer acreditar que o negro é branco?

Lydia estava inquieta desde que tinha enviado a carta. Sabia que para seu marido tinha suposto um doloroso esforço escrever sobre o menino, e que essa dor devia ser ainda mais profunda pelo fato de havê-lo oculto durante tanto tempo. Vere tinha depositado uma grande confiança nela, e talvez tivesse a impressão de que em sua carta não desse importância. Entretanto, Lydia não via

no que podia ajudá-lo se respondia com o tipo de notas sentimentais e rabiscadas pelas lágrimas que recebia diariamente de Dorothea.

Ao voltar a ler a carta de Vere, Lydia disse a si mesma que tinha feito o correto, ou ao menos o que podia fazer no momento. Sem dúvida Vere seguia lamentando-se pelo menino, mas sua maior preocupação agora era Elizabeth e Emily, e Lydia tinha tentado desviar seus pensamentos para elas em uma direção positiva. Vere queria que o aconselhasse sobre o que devia fazer, não que oferecesse sua compreensão sem mais. O mais importante era encontrar às garotas. Todo o resto devia ficar em um segundo plano.

Lydia guardou a carta e desceu para lhe dizer a Tamsin que fosse para cama. Bertie Trent tinha saído com Susan para fazer sua ronda noturna pela zona de Piccadilly compreendida entre o Hyde Park Turnpike (onde as garotas podiam desembarcar de uma diligência) e Duke Street, com a esperança de encontrar às fugitivas no caminho até St. James's Square.

Aquela era a possibilidade mais otimista, embora não de tudo inconcebível. Se as garotas eram tão insensatas para completar sua viagem de noite e a pé, seria-lhes impossível evitar Susan. Lady Mars tinha enviado diligentemente os objetos que usavam na noite anterior a sua fuga, e Susan as tinha cheirado para poder lhes seguir o rastro. O mastim fêmea parecia compreender o que se esperava dela porque, segundo Bertie, mostrava-se muito conscienciosa farejando qualquer mulher que passasse pela rua, pelo geral provocando nelas um grande alarme.

Em qualquer caso, servia de distração a Bertie, que realizava todas as tarefas que encomendava Lydia com extraordinária diligência. A Lydia assombrava a quantidade de tarefas que encontrava para ele, mas certamente se devia a que não tinha mais que expressar em voz alta uma idéia, um contato que tivesse esquecido, para que Bertie se apressasse a dizer: «OH, eu me encarrego ». E o fazia

Entretanto, Bertie tinha o bom senso de deitar-se ao voltar para casa e dormir as horas necessárias antes de iniciar um novo dia. A Tamsin teria que insistir, e Lydia desceu à biblioteca disposta a fazê-lo.

Antes que chegasse ao pé da escada, alguém bateu na porta e o laçao postado junto a abriu.

Lydia reconheceu o mensageiro de Vere e desceu pressurosa até o vestíbulo para recolher a nota da qual era portador, e em seguida o enviou ao salão dos serventes para que descansasse.

Lydia abriu a nota enquanto se dirigia à biblioteca.

Meu amor:

Bendita seja mil vezes pelas sábias palavras que me escreveu e por haver enviado Millie.

Millie se tinha deslocado para o norte, entrando no «território» de lorde Bagnigge, e eu estava a ponto de enviar alguém para que a trouxesse de volta. Mas sua carta me fez pensar. Recordei que Robin e eu tínhamos estado ali e tínhamos subido a Coombe Hill, que não está longe de Aylesbury. Vou resumir uma história longa e arrevesada: graças ao ouvido de Millie para as fofocas, encontramos perto de Aylesbury a estalagem em que as garotas passaram alguns dias. Emily tinha estado doente. Nos assegurou que estava perfeitamente bem quando voltaram a partir na sábado. No domingo se encontravam no Prince's Risborough, onde deixaram o vestido marrom de Emily em troca de umas roupas de adolescente. Tinham-nas pego de uma cesta das várias que deixaram na igreja para repartir-las entre os pobres. Foi Millie quem interrogou à mulher do pároco e averiguou o que levaram exatamente.

A seguir descrevia as roupas de menino.

Acrescentava que estavam seguindo o rastro para o sul, por volta da rota que já tinham explorado Vere e Mars, mas desta vez perguntavam por uma moça e um menino, e estavam obtendo alguns resultados.

Quando Lydia terminou a carta, transmitiu o essencial a Tamsin.

—Teremos que despertar os criados — disse Lydia—. Todos os informantes de Londres devem ser informados. Não há maneira de saber quanta vantagem levam as pupilas de Vere. Poderiam já estar em Londres, ou a ponto de chegar. Terá que alertar a todo mundo.

—vou copiar a descrição — disse Tamsin—. Só são umas linhas. Farei uma cópia para cada mensageiro e assim não terão que recordar de cor. Estarão meio sonolentos.

—Igual a você — disse Lydia—. Mas agora não podemos evitar. Mandarei preparar uma cafeteira de café bem forte.

O granjeiro deixou Elizabeth e Emily no Covent Garden, que parecia em plena atividade, apesar do cedo da hora. Elizabeth acabava de ouvir sinos de igreja dando as seis da manhã.

O granjeiro não quis aceitar seu dinheiro. Disse-lhes que se dirigia ao mesmo lugar que elas e que apenas ocupariam espaço no carro. Além disso, suas maçãs eram muito apreciadas em Londres e obteria bons benefícios por elas.

Elizabeth pôde comprovar que devia ser certo, pois apesar de que apenas despontava o dia, vários vendedores ambulantes já se aproximavam do carro em

busca de mercadoria e regateavam com ele, enquanto ela ajudava sua irmã a apear.

O granjeiro não ouviu Elizabeth lhe agradecendo. De qualquer forma, tinha agradecido várias vezes durante o lento trajeto. Esquivando ombros e cotovelos, Elizabeth se afastou levando sua irmã pela mão.

—Agora será mais fácil — disse—. St. James's Square não está longe daqui.

«Se soubesse em que direção», pensou silenciosamente, enquanto passeava seu olhar perplexo pelo labirinto da praça do mercado. O sol não podia lhes servir de ajuda, posto que ainda não tinha saído.

Elizabeth desejou ter pensado em levar uma bússola consigo, mas eram muitas as coisas nas quais não tinha pensado. Certamente não estava preparada para que uma viagem de dois a três dias se convertesse em oito longos dias de desespero.

Não levavam suficiente dinheiro. Tinham vendido ou trocado a maior parte de seus pertences, que não eram muitas. Emily estava muito cansada e faminta. Tinham comido algumas maçãs diante da insistência do granjeiro, mas só umas poucas. Não queriam diminuir seus honrados lucros.

Mas tudo acabaria muito em breve, disse-se Elizabeth. Tinham chegado a Londres e só tinham que perguntar por St. James's Square, e então...

E então Emily cambaleou e foi parar sobre ela, e Elizabeth ouviu uma voz aguda que gritava:

—OH, céus, o moço está doente. Ajude-lhe, Nelly.

Elizabeth não teve tempo de ajudar sua irmã, nem dizer que podia fazê-lo sozinha. Tudo se torceu em um instante. Uma garota ruiva muito vulgar arrastou Emily, e a multidão se apinhou em torno delas, enquanto alguém agarrava Elizabeth pelo braço e o apertava até a machucar.

—Isso, querida, nenhuma palavra, nem um grito. Fecha a boca e Nelly não terá que zangar-se e cortar a garganta de seu amiguinho.

Capítulo 17

Tom não tinha visto bem a casal. Talvez não tivesse se fixado se não fosse porque tinha reconhecido o carro e se aproximou em busca de alguma maçã perdida. Foi então quando a mulher maior desceu do carro, deixando à vista um tornozelo muito bonito e movendo-se com surpreendente agilidade para alguém de sua idade. Tom tratou de abrir passagem entre a multidão para vê-la melhor. Não estava seguro do porquê, mas fazia tanto tempo que vigiava, que qualquer detalhe estranho o fazia recear.

Viu a mulher maior olhando de um lado a outro com ar avoado, e então o moço que a acompanhava desmaiou.

Antes que pudesse piscar, Coralie Brees e uma de suas garotas levaram o casal a Tow Street.

Tom não parou para pensar se estava certo ou não, se o casal da qual se deu procuração Coralie era o que procurava a senhorita Grenville ou não. Tom e outros meninos de rua como ele tinham seguido montões de pistas falsas durante os últimos dias, mas não havia outra forma de assegurar-se de que eram realmente elas.

De modo que não se deteve refletir e pôs-se a correr atrás do grupo.

Apesar de que Coralie era bastante curta de brilhantismo, não só distinguia uma garota de um menino independentemente do que tivesse vestindo, mas sim reconhecia imediatamente o tom das classes altas. Assim correu ao fim de uns minutos na velha carruagem que aguardava na esquina com Mick às rédeas, e no qual tinha metido suas cativas.

—Suponho que pensa nos reter para pedir um resgate — disse a maior, olhando a faca de Coralie com cautela—. Não lhe seria mais fácil nos levar a Ainswood House e dizer que você nos resgatou? Sem dúvida obterá uma boa recompensa.

Se a jovem não tivesse mencionado a casa de Ainswood, Coralie teria detido a carruagem, teria aberto a portinhola e as teria jogado as duas. Suas presas se limitavam a jovens às quais ninguém queria, que não importavam a ninguém, que não tinham famílias poderosas que pudessem fazer cair sobre ela todo o peso da lei. Nenhuma alcoviteira com um mínimo instinto de conservação se apoderava de senhoritas da boa sociedade, porque suas famílias estavam acostumadas oferecer grandes recompensa a quem as devolvesse sãs e salvas.

Coralie sabia que não havia uma só pessoa no mundo que não traísse a sua própria mãe por uma recompensa. Por isso os delitos contra as classes altas estavam acostumadas resolver mais facilmente e com maior rapidez que os encargos contra a escória da humanidade. Os agentes da lei dependiam das confissões e dos informantes para levar os criminosos diante da justiça. E também da estupidez de qual faziam festa a maioria dos criminosos.

Embora Coralie não destacasse por seu intelecto, era bastante ardilosa para não se deixar agarrar. Também era uma mulher perigosa, como todo mundo sabia. As garotas que lhe causavam problemas eram brutalmente castigadas. Às poucas que ousavam tentar trai-la ou escapar dela, apanhavam-nas, mutilavam e assassinavam como castigo para as demais. Até então, Annette era a única que tinha conseguido escapar com vida. E Coralie estava segura de que era porque levou seu dinheiro e suas jóias. Annette tinha que ter subornado Josiah e Bill, ou

havê-los convencido para que trabalhassem em Paris com ela, porque nenhum dos dois valentões tinha retornado.

Já que tudo aquilo era culpa da nova duquesa de Ainswood, não era de estranhar que Coralie não jogasse da carruagem às garotas que tinha apanhado ao inteirar-se de que eram pupilas do duque, pelo que achou provas entre seus pertences.

Inteirou-se de que tinha acontecido alguma desgraça em Ainswood House e sabia que o duque tinha abandonado Londres. Não tinha conseguido inteirar-se de mais, porque andava escondendo-se durante as últimas semanas. Tinha tido que sair de Francis Street, sem pagar o aluguel, por culpa da puta da Annette, e os oficiais a procuravam.

Mas alguns dias atrás tinha tido que matar uma fugitiva, e tinha deixado temporariamente incapacitada outra garota por culpa de um arrebatamento estando bêbada. Como resultado, tinha duas empregadas a menos, o que não era bom para suas finanças. De modo que, gostasse ou não, tinha tido que sair à rua cedo em busca de substitutas para elas.

Agora já não as necessitaria porque tinha o modo de ajustar contas com a puta da jornalista e de ganhar uma fortuna ao mesmo tempo.

Assim, sorriu, deixando entrever uma incompleta fileira de dentes marrons.

—Ainswood House está fechada e todo mundo se foi, mentiu a suas prisioneiras—. Ao que parece foram todos em sua busca. —Meneou a cabeça—. Um par de fugitivas. Têm sorte de que eu as tenha encontrado. Para algumas pessoas seria a mesma coisa se fossem da realeza. « o que se encontra se guarda », é seu lema. E sabem o que algumas pessoas fazem às moças como vocês?

A maior das garotas atraiu a menor para ela.

—Sim, sabemos. Temos lido no Argus.

—Então, se não quiserem que aconteça a vocês, recomendo que se portem bem e que não me causem problemas. —Assinalou a janela com um brusco movimento de cabeça—. Vêem onde estamos? Não é um dos bairros elegantes da cidade. Só tenho que abrir a porta e gritar: «Alguém quer um par de garotas bonitas?», e as arrebatarão de minhas mãos.

—Não querem que Coralie faça isso — disse Nell, inclinando-se para as garotas—. O que tenham podido ler não é nem a metade do que pode acontecer a umas garotas como vocês. Há coisas tão horríveis que nem sequer se publicam na gazeta da polícia.

—Levarei-as a um lugar onde estarão seguras — disse Coralie—. Sempre que se portarem bem. E o arrumaremos para que as venham buscar. Quanto antes melhor. As garotas que não ganham dinheiro para seu sustento não me servem

para nada.

Tom tinha conseguido seguir à carruagem durante um bom momento, pois poucas carruagens, sobre tudo uma tão velha e desvencilhada, podiam mover-se depressa pelas lotadas ruas. Entretanto, apanhado em um engarrafamento de pedestres e veículos, tinha-a perdido perto da Torre de Londres, e não conseguiu voltar a encontrá-la apesar de procurar durante horas.

Aproximava-se do meio-dia quando foi informar Lydia. Pela descrição sobre o traje e os traços físicos do casal, não cabia a menor duvida de que se tratava de Elizabeth e Emily. Lydia teria preferido não ter a segurança de que era Coralie quem as tinha capturado, mas tampouco sobre isso podia fazer ilusões. Desde o Seven Dials até o Stepney, não havia um garoto de rua que não conhecesse a alcoviteira, e que não fosse bastante preparado para manter-se afastado dela.

Depois de enviar Tom à cozinha para que comesse alguma coisa, Lydia despachou uma mensagem para Ainswood, lhe dizendo que deixasse tudo o que tivesse entre as mãos e retornasse a Londres imediatamente.

Depois se meteu na biblioteca com Tamsin e Bertie para idealizar um plano de ação.

Até então tinham mantido a maior discrição possível com respeito a sua busca por vários motivos. As senhoritas de boa família que rompiam as normas da sociedade fugindo de sua casa davam pé a que se desse por certo que também rompiam outras regras durante sua fuga. Se a fuga se fazia pública, sua reputação ficaria manchada, se não arruinada de tudo.

Entretanto, esse não era o maior dos riscos. Lydia Grenville do Argus tinha inimigos, e não queria que esses inimigos ficassem a procurar Elizabeth e Emily para vingar-se através delas. Assim tinha feito saber a sua rede de espiões.

Por desgracia, as pupilas de Ainswood tinham caído precisamente nas piores garras.

—Não temos alternativa — disse a seus companheiros—. Devemos oferecer uma boa recompensa para que as devolvam sãs e salvas, e esperar que a avareza seja maior que a inimizade.

Com ajuda de Tamsin, rapidamente redigiram o anúncio, e Bertie o levou aos escritórios do Argus. O exemplar do Argus correspondente a esse dia já devia estar imprimindo-se. Em caso contrário, pediria a Macgowan que detivesse a impressão da revista para imprimir os folhetos em seu lugar.

Enquanto Bertie estava fora, Lydia enviou mensagens a sua rede privada de informantes, pedindo informação sobre o esconderijo de Coralie.

—Não espero grande coisa por essa parte — disse a Tamsin, uma vez

enviadas as notas—. Faz uns dias tiraram do rio o cadáver de uma de suas garotas. E não é a primeira vez que se busca Coralie para ser interrogada sem que sejam capazes de encontrá-la. A polícia tem muito trabalho, seus recursos são limitados, e recebem muito poucos incentivos para encontrar o assassino de mais uma puta.

O salário dos detetives de Bow Street, por exemplo, dependia sobre tudo do dinheiro das recompensas, tão públicas como privadas. A Coroa não se sentia muito inclinada a oferecer generosas recompensas dos recursos públicos para resolver assassinatos de pessoas que se consideravam indesejáveis. Em tais casos, não se ofereciam tampouco recompensa particulares.

—Seu esconderijo tem que estar em Londres à força — disse Tamsin—. Tem que vigiar suas garotas.

—O problema está em que Londres é um dos lugares do mundo onde é mais fácil esconder-se para que não se encontre ninguém — disse Lydia. Chamou uma criada e pediu seu chapéu e sua jaqueta.

—Não pensa em sair — exclamou Tamsin—. Não é possível que pense ir a sua procura sozinha.

—Vou a Bow Street — explicou Lydia—. Não teremos nenhum problema em obter sua ajuda, mas quero falar com os funcionários e com os subordinados diretamente. Pode ser que tenham alguma pista sem saber. —Olhou Tamsin nos olhos—. Os homens não vêem o mundo igual às mulheres. Os homens não vêem sempre o que têm diante do nariz.

Bess apareceu então com o chapéu e a jaqueta de sua senhora. Lydia os pôs e se voltou para Tamsin.

—Coralie não vai jogar limpo — disse—. Se fosse essa sua intenção, já teríamos recebido notícias delas.

—Uma nota de resgate, quer dizer.

Lydia assentiu e tirou seu relógio do bolso.

—Já passa das doze. Tem Elizabeth e Emily desde antes do amanhecer. Por que ia ter o incômodo de retê-las, quando poderia as ter trazido aqui diretamente, fingindo que as tinha «resgatado», para pedir uma recompensa? —Lydia voltou a guardar o relógio—. Quando pensou que podia ver-se metida em uma confusão, rapidamente fingiu que a tinha resgatado, lembra? Se nos tivesse entregado às garotas em seguida, sabe que eu não teria motivos para denunciá-la, mas sim para lhe expressar minha gratidão em forma de dinheiro. Isso teria sido o mais prático. Mas não as trouxe, de modo que sem dúvida atuou por vingança e planeja alguma coisa. Não vou ficar sentada aqui esperando, e dando a ela todas as vantagens, se posso evitá-lo.

Depois de prometer a Tamsin que a manteria informada sobre seu paradeiro, Lydia partiu em direção a Bow Street.

Bertie Trent estava sentado no pequeno escritório que tinha ocupado a senhorita Grenville no Argus até converter-se em duquesa. Esperava que se imprimissem os folhetos. Enquanto esperava, a consciência de Bertie o estava fazendo passar um mau momento.

Na viagem de volta a Londres, Tamsin tinha contado sua história. Bertie não lhe lançara no rosto que fugiu. Era óbvio que sua mãe não estava bem da cabeça, e seu pai parecia ter uma grande habilidade para desaparecer, pondo os negócios como desculpa. Praticamente tinha abandonado sua filha.

Da mesma maneira, muitas pessoas (lorde e lady Mars, por exemplo) pensariam que Ainswood tinha abandonado suas pupilas.

Mas Bertie via agora que um homem podia sentir-se muito confuso quando se tratava da família. Os parentes podiam deixar qualquer um louco. A própria irmã de Bertie tinha sido uma chateação desde que lhe alcançava a memória. Entretanto, Bertie sofreria o inexprimível se algo mau lhe acontecesse.

Em qualquer caso, as mulheres causavam muitos problemas, e quando a gente não sabia o que fazer com elas, o melhor era não lhes fazer caso, manter-se afastados e evitar situações desagradáveis. Isso não significava que não tivesse seus sentimentos.

Talvez o senhor Prideaux não se desse conta de quão mau estavam as coisas em sua casa.

Tanto faz se tinha dado conta ou não, Bertie não podia evitar pensar que o homem devia ter muito mais claro e, se amava a sua filha, devia estar muito angustiado por ela.

Afinal, Bertie estava muito angustiado pelas pupilas de Ainswood, apesar de que nunca as tinha visto em sua vida. Inclusive Dain estava preocupado. Bertie não o tinha visto nunca divagando, como naquele dia, ao receber a notícia. Nem o tinha visto comportar-se de uma forma tão estranha, fazendo a mala de Bertie com suas próprias mãos, o mesmíssimo Belzebú, que mantinha os criados constantemente apreensivos, atentos aos seus caprichos.

Bertie detestava pensar no estado em que se acharia o senhor Prideaux, imaginando todas as coisas horríveis que podiam acontecer a sua filha, a que suporia de caminho a América com um homem que podia ser um autêntico vilão, pelo que ele sabia.

Bertie detestava pensar, mas o pensava de qualquer forma, e com cada hora que passava, sua consciência gritava com mais força.

Contemplou com ar desventurado a cuidadosa mesa, com seu tinteiro e seu papel, suas plumas e seus lápis.

Deveria perguntar primeiro a Tamsin, mas ela já tinha muitas coisas na cabeça e Bertie não queria que remoesse a consciência como ele. Além disso, se um homem não podia confiar em sua própria consciência, disse-se, em quem ia confiar? Sua consciência, naquele momento, tinha muito claro o que estava bem e o que estava mau.

Bertie agarrou uma folha de papel, destampou o tinteiro e empunhou uma pluma.

Horas depois de abandonar Ainswood House, Lydia se achava contemplando o cadáver de uma anciã. Os restos jaziam em uma despensa reservada para tal fim, no pátio do escritório do magistrado em Shadwell.

Um dos buscadores do rio, cuja profissão consistia em dragar o rio em busca de cadáveres, tinha-o recuperado na noite anterior. Lydia se tinha informado durante sua visita a Bow Street. O agente de polícia que se encarregou de recolher o cadáver se fixou nas marcas que ostentava, e tinha pedido a um funcionário de Bow Street que as examinasse para as comparar com as que tinha uma jovem prostituta que tinham tirado do rio fazia alguns dias.

A anciã tinha os mesmos cortes no rosto. E a profunda ferida da garganta era um claro indício de que a tinham estrangulado por trás com um cordão.

—Um dos trabalhos de Coralie, não lhe parece, excelência? — perguntou o jovem agente que acompanhava Lydia.

—É obra dela, sim — disse Lydia—. Mas não é o tipo de vítima habitual. As suas são sempre jovens. Para que ia atacar uma velha louca?

—Louca? — O olhar do agente Bell se separou do cadáver para posar em Lydia—. O que a faz pensar que a defunta estava louca?

—Isso se dizia dela quando eu era menina — respondeu Lydia—. Era buscadora do rio, acredito. Ou seu marido. Frequentemente brigava violentamente com pessoas inexistentes. Os meninos acreditavam que gritava aos fantasmas das pessoas afogadas. Eu mesma a ouvi em uma ocasião. Era uma disputa por dinheiro, acredito.

—Talvez o fantasma a repreendia por lhe ter esvaziado os bolsos.

—Todos os buscadores o fazem — disse Lydia dando de ombros—. É um dos incentivos do negócio.

—Estranho que sua excelência possa reconhecê-la. Embora não estivesse muito tempo no rio, destroçaram-lhe bem o rosto com uma faca ou um cristal quebrado.

— A vi faz uns meses quando estava em Ratcliffe entrevistando prostitutas — explicou Lydia—. Surpreendeu-me que ainda continuasse viva. Assim que me fixei

mais nela do que teria sido normal. Reconheci os chamativos cabelos tintos de vermelho e estranhamento trançados. E também a mancha escura do pulso. É uma marca de nascimento. Eu a conhecia como «Dorrie a Louca». Mas não sei se Dorrie era seu nome autêntico ou uma referência as seus trabalhos no rio.

—Em qualquer caso, servirá-nos de ajuda — disse Bell—. Será mais fácil achar informação sobre uma tal Dorrie a Louca que sobre uma mulher sem identificar. Claro que isto não servirá para ajudar a sua excelência — acrescentou, voltando a cobrir o cadáver com uma manta—. Esta mulher morreu muito antes que Coralie se encontrasse com as pupilas do duque. A menos que você ache que a idade desta vítima diferente das demais, e que isso pode ter algum significado. —Bell ergueu a vista e descobriu que falava sozinho.

A duquesa se foi.

—Excelência? —Bell saiu ao pátio apressadamente.

Embora ainda não se pôs o sol, levantou-se névoa e sumia tudo na penumbra. Bell chamou à duquesa, mas não recebeu resposta. Ouviu um débil som de passos sobre os paralelepípedos de pedra e saiu correndo nessa direção.

Pouco depois, o duque de Ainswood tentava assimilar uma notícia extremamente desagradável.

—Shadwell? —gritava—. A duquesa foi a East End sozinha? Todo mundo perdeu a cabeça? Não vêem o que pretende minha esposa? O mesmo que fez em Vinegar Yard. Acredita que pode encarregar-se de um bando de cortadores de garganta sem mais ajuda que a de seu maldito relógio de bolso. E nem sequer levou Susan.

Susan soltou um bufo. Vere lhe lançou um olhar furioso.

—Como pudeste deixar que fosse sozinha, cão estúpido?

—Lydia saiu faz horas — explicou Tamsin—. Susan estava com Bertie. Lydia só foi visitar o magistrado. Acompanhava-a o cocheiro e também um laçao. Estou segura de que não cometerá nenhuma imprudência.

—Então você é uma iludida — disse Vere, e saiu da biblioteca feito uma fúria em direção à porta da rua. Abriu-a de um puxão antes que o criado pudesse fazê-lo por ele, e esteve a ponto de pisar no agente de polícia que havia do outro lado.

—Será melhor que traga uma mensagem de minha mulher — disse Vere ao agente—. E será melhor que a mensagem diga que ela está agora mesmo tranqüilamente sentada no escritório do magistrado em Shadwell.

—Sinto muito, excelência — disse o agente—. Oxalá fosse portador de uma mensagem. Tudo foi minha culpa. Eu estava com ela. Afastei os olhos dela um momento e desapareceu. A pé, temo. Encontrei sua carruagem, mas ela não

estava dentro. Esperava que alguém aqui pudesse me ajudar a juntar as peças do quebra-cabeça, o que ela fez sem dúvida alguma.

Se Lydia já não estava no escritório do magistrado em Shadwell, Vere não tinha a menor idéia de onde ir procurá-la. Tentou serenar-se, ao menos exteriormente, e convidou o agente a entrar.

O homem se chamava Joseph Bell. Era novo no serviço, substituindo temporalmente um agente ferido no cumprimento do dever. Era jovem, de aparência agradável, e claramente mais educado que a maioria dos agentes da lei.

Narrou o acontecido com clareza e concisão. Estava seguro de que sua excelência a duquesa sabia mais coisas sobre Dorrie a Louca do que tinha dado a entender.

—Escapuliu antes que pudesse fazer mais pergunta — disse Bell—. Os dois nos perguntamos por que Coralie queria matar à anciã, tal como apontam todos os indícios, mas acredito que a duquesa conhecia a resposta. Em minha opinião, a anciã era uma ameaça para a alcoviteira. Sabia onde se escondia, possivelmente, e cometeu o engano de falar. Ou ameaçou fazer.

—Ou tinha um esconderijo perfeito que Coralie queria para ela — sugeriu Tamsin—. Sua excelência devia ter um lugar concreto em mente, do contrário não teria ido dessa maneira. —Franziu o cenho—. Mesmo assim, não entendo por que não enviou uma mensagem para nos informar sobre seu paradeiro, tal como tinha prometido.

Vere não queria pensar na razão pela qual sua mulher não tinha querido ou não tinha podido avisá-los. Todo o dia tinha sido um pesadelo desde que tinha recebido a última mensagem de Lydia. Um Mars exausto cansado ao desembarcar da carruagem na primeira parada para trocar os cavalos. Torceu o tornozelo e tinha tido que ficar na estalagem. Depois um dos cavalos ficou coxo. A dezesseis quilômetros de Londres, um cocheiro bêbado tinha passado muito perto da carruagem e tinha prejudicado uma das rodas. Um exasperado Vere tinha tido que ir a pé até a seguinte mudança de postas, onde tinha alugado um cavalo, com o qual tinha percorrido o último lance galopando temerariamente. E ao chegar a casa, por fim, sua mulher não estava.

As imagens do pesadelo que o tinham atormentado durante todo a frustrante viagem até Londres cobraram mais força ao incluir a sua mulher, além de suas pupilas. Grenville o tinha pedido que acudisse. Precisava de sua ajuda. E ele tinha ido com a maior celeridade possível, igual tinha feito com Robin.

«Muito tarde», repetia-se uma e outra vez. «Muito tarde.»

—Excelência?

Vere saiu de seu pesadelo e fez um esforço por concentrar-se no agente Bell.

—O nome ‘Dorrie a Louca’ lhe diz algo? — perguntou Bell.

—Uma buscadora do rio, segundo minha esposa — respondeu Vere—. Vista pela última vez nos arredores de Ratcliffe Highway. —Vere desfiou os miolos tentando recordar algo, mas foi inútil—. Se a vi alguma vez por ali, estava muito bêbado ou metido em alguma briga para me fixar nela.

—Talvez Jaynes se fixasse, se estava com você — sugeriu Bertie Trent.

Vere se voltou para olhá-lo com assombro.

—Além disso, Jaynes nasceu e se criou em Londres, não? —prosseguiu Bertie—. Se a senhorita Gren... quer dizer, sua excelência, tinha ouvido falar de Dorrie a Louca, acredito que Jaynes também a conheceria. Pois ao que parece, a anciã devia gozar de certa fama em seus tempos.

O olhar atônito de Vere se voltou para Tamsin, que observava seu futuro marido com um sorriso de orelha a orelha.

—Que inteligente por sua parte, Bertie — disse—. Deveríamos ter pensado em Jaynes imediatamente. —Tamsin se levantou e se dirigiu a mesa, onde agarrou uma folha de papel de um dos arrumados montes—. Começará sua ronda noturna dentro de meia hora. O encontrarão no Pearkes's, se saírem agora mesmo.

Instantes depois, os três homens abandonavam a casa acompanhados pelo mastim fêmea.

Lydia tinha conseguido esquivar-se do agente Bell, mas não conseguiu escapar de Tom. Quando virou à esquina em High Street, o garoto apareceu de repente por uma rua lateral.

—Aonde vai? — perguntou—. Sua elegante carruagem está do outro lado — disse apontando com o polegar.

—Aonde vou, não posso ir numa carruagem elegante —disse Lydia. «Nem com agentes de polícia», pensou. Os habitantes dos baixos submundos londrinos detectavam um agente da lei a quilômetros de distância. Os criminosos desapareciam velozmente e seus conhecidos jamais tinham ouvido falar deles.

No momento, Coralie sabia que a procuravam, mas ainda se acreditaria a salvo. Lydia preferia que continuasse enganando-se. Coralie era muito perigosa em circunstâncias normais, mas se visse encurralada, seria pior que um animal raivoso.

— A senhorita Price pediu que me seguisse? —perguntou a Tom com o cenho franzido.

—Não, senhorita Grenville — respondeu o menino, meneando a cabeça—. O pensei eu. Porque se mete em uma confusão será minha culpa, porque eu as perdi.

—Se você não as tivesse visto, eu não teria a menor idéia de onde as

procurar — disse Lydia—. Mas não quero discutir contigo. Precisarei de ajuda, e acredito que você me servirá.

Aproximava-se um carro de ponto. Lydia o parou, deu ao cocheiro a direção de Ratcliffe e subiu ao carro com Tom.

Uma vez dentro, explicou-lhe a situação. Falou-lhe de Dorrie a Louca e contou que suspeitava que Coralie queria esconder-se no domicílio da mulher. Dorrie a Louca seria incomoda e conflitiva, por isso sem dúvida Coralie a tinha assassinado e a tinha jogado no rio.

—A casa é importante. Está isolada em uma área, à beira do rio, que só os ratos freqüentam— explicou Lydia—. Dorrie tinha um bote e isso também é importante. Acredito que Coralie pretende me enviar uma nota de resgate para que eu vá ali. Será uma armadilha. No momento a senhorita Price não me enviou nenhuma mensagem dizendo que recebeu uma nota de resgate, o que indica que Coralie quer esperar até que anoiteça, quando será mais fácil me estender uma emboscada e fugir depois com o bote. Se quiser ter alguma possibilidade de frustrar seus planos, o melhor será me apresentar ali antes do que espera.

—me parece que teria mais possibilidades se fosse com você o tipo grande com o qual se casou. E outros tipos grandes com paus.

—O duque não havia retornado quando cheguei a Shadwell — disse Lydia—. E não há forma de saber quando chegará a Londres. Em qualquer caso, não há tempo para enviar uma mensagem, nem a ele nem a ninguém, e esperar que acudam. Está anoitecendo. Não podemos perder um minuto se quisermos pegá-la de surpresa. Teremos que nos conformar com os reforços que possamos reunir na vizinhança de Dorrie a Louca. Dos que tenham pinta de viver ali.

—Conheço alguns tipos — disse Tom—, e a algumas garotas da rua.

Enquanto isso, no sujo barracão de Dorrie a Louca, Nell sucumbia rapidamente ao mais espantoso terror.

Desde a fuga de Annette, Nell se tinha convertido na ajudante principal de Coralie. Tinha herdado todos os vestidos de Annette, que eram os mais bonitos, e também seus clientes especiais, que não o eram tanto. Mas eram os que mais pagavam, e Nell podia ficar com a metade, e embora freqüentemente fosse extremamente desagradável, não tinha tanto trabalho como na rua.

Coralie lhe tinha prometido agora que já não teria que trabalhar mais, porque seriam ricas e partiriam para Paris. Ali encontrariam Annette, recuperariam tudo o que tinha roubado, e ainda seriam mais ricas.

Quanto mais tempo passava, menos Nell gostava do plano. Iriam fazer a primeira parte da viagem no sujo e viscoso bote que estava amarrado a curta

distância, em um desmantelado embarcadouro. A Nell não fazia nenhuma graça os botes, sobre tudo os pequenos, e sobre tudo os que se usaram para transportar os cadáveres que tiravam do rio. Não sabia como tinha conseguido Coralie aquele bote, nem aquela casa, em que, apesar da sujeira, estava claro que tinha vivido alguém até pouco tempo.

Anoitecia, e o vento que chegava do rio se filtrava pelas frestas. Coralie estava no bote, carregando o mais indispensável para a viagem. As duas meninas ricas estavam encerradas na despensa, mas não faziam o menor ruído, e Nell se sentia muito sozinha. As rajadas de vento soavam como gemidos humanos e a casa rangia sem parar, como se alguém passeasse por ela.

Nell sabia que a casa tinha pertencido a um dos buscadores do rio, porque as paredes estavam cobertas de folhetos nos quais se ofereciam recompensas por recuperar corpos de pessoas desaparecidas. Não era difícil imaginar que aquela casa tinha servido de depósito para mais de um cadáver. Para Nell cheirava a morte. Sentiu um calafrio e olhou a nota que havia sobre a mesa.

Coralie tinha passado horas escrevendo uma nota atrás de outra no dorso de folhetos velhos, e cada vez exigia mais dinheiro. Entre uma e outra, divertia indo à despensa para dizer às garotas o que lhes faria se a duquesa de Ainswood não atendesse suas exigências.

O problema era que Nell cada vez estava mais segura de que Coralie Brees ia cumprir suas ameaças simplesmente por despeito. Não tinha nenhuma razão para deixar com vida às garotas, e não tinha por costume deixar para trás quem podia delatá-la. Cobraria o dinheiro do resgate e facilmente escapuliria no bote no meio da noite. Por que ia deixar vivas às garotas? Por que ia compartilhar o dinheiro com Nell, ou deixá-la para trás para que desse com a língua nos dentes?

A porta se abriu então e entrou Coralie. Agarrou o chapéu e o xale de Nell, que estavam pendurados em um gancho, e os jogou nela.

—Terá que mover-se — disse a alcoviteira—. São dez minutos para ir a taberna e voltar, e se demorar um minuto mais, enviarei Mick a fazer que lamente.

Nell tinha que levar a nota a taberna, entregá-la com uma moeda ao menino que varria o chão, e lhe dizer que a entregasse em Ainswood House. O menino, que não sabia nada, não poderia contar nada a ninguém. Era óbvio que Coralie não queria arriscar-se que subornassem Mick ou Nell para que a traíssem.

Lentamente, Nell colocou o chapéu e atou as fitas. Lentamente jogou o xale por cima dos ombros. Uma vez que saísse pela porta, não teria mais que dez minutos, e não sabia o que era pior: se voltar e correr o risco com Coralie, o que parecia tão perigoso para ela como para as garotas; ou correr a toda pressa até Ainswood House, com o Mick lhe pisando os calcanhares, para encontrar

certamente todo um exército de agentes e magistrados ao chegar a seu destino; ou correr para o bote e arriscar-se a fugir no rio, com suas traiçoeiras correntes.

Quando cruzou a soleira da porta, já tinha decidido.

Ao ouvir uns passos que se aproximavam rapidamente, Lydia se agachou atrás de um bote caído. Instantes depois ouviu que os passos se desviavam para o rio em lugar de seguir para a estrada. Ergueu a cabeça e viu uma figura feminina que descia com dificuldade pelas rochas até os restos podres de um embarcadouro.

Lydia empunhou a faca que lhe tinha emprestado uma das prostitutas e se aproximou da figura sigilosamente, rezando para que fosse Coralie.

Ocupada em soltar a amarra atada ao embarcadouro, a nervosa mulher não a ouviu.

Instantes depois, Lydia lhe espetava a faca nos rins.

—Um grito e a racho — sussurrou.

A mulher soltou uma exclamação abafada e logo emudeceu.

Não era Coralie, a menos que tivesse encolhido vários centímetros por toda parte.

Lydia sofreu uma decepção, mas poderia ter sido pior. A mulher era Nell, e devia ter saído da casa, o que significava que sabia o que estava acontecendo ali dentro.

Lydia a arrastou para as rochas escorregadias que havia sob o embarcadouro.

—Se cooperar, encarregarei-me de que não lhe aconteça nada — disse Lydia em voz baixa—. Estão vivas as garotas?

—Ssss... sim. Ao menos estavam quando eu saí.

—Estão na casa da buscadora do rio, para oeste, a menos de quatrocentos metros daqui?

—Sim. —Nell tremia e batia os dentes—. Coralie está ali com elas, e Mick vigia fora. Eu tinha que enviar a nota de resgate e voltar em seguida... Começarão a me procurar a qualquer momento.

—Pensa as matar, não é?

—Sim. A elas e a você. Não ia fazer o que pôs na nota. Ia esperar para lhe saltar em cima e matá-la e tirar o dinheiro. E depois mataria às garotas. E disse que me levaria a Paris com ela, mas sei que não o fará. Matará-me no bote e me atirárá no rio. —Nell estalou em soluços—. Sabia que as coisas iriam se torcer — conseguiu dizer—. Assim que vi que não as devolia em seguida como disse que faria. Odeia você mais que nada neste mundo.

Lydia se afastou, desatou a amarra do bote e o deixou à deriva. Fizesse o que

fizesse Coralie essa noite, não fugiria pelo rio.

—Tenho que chegar até as pupilas de Ainswood — disse Lydia a Nell—. Pode vir comigo, ou tentar chegar até O Sino e a Garrafa. Uma vez ali, estará a salvo.

—Irei com você — disse Nell—. Nunca chegaria ao Sino e a Garrafa. Mick é tão mau como Jos e Bill.

Então teria que eliminar primeiro Mick, decidiu Lydia. Com rapidez e sigilo. Não ia ser fácil. Seus aliados consistiam em três garotos de rua, nenhum dos quais tinha mais de dez anos, e em duas das prostitutas mais lamentáveis que tinha visto em sua vida. Mas não tinha podido encontrar nada melhor em tão pouco tempo, nem sequer com a ajuda de Tom.

Todos os que rondavam pelas imediações estavam muito bêbados, ou muito destroçados, ou eram vilões.

Naquele momento teria dado qualquer coisa para ter Ainswood a seu lado.

Mas Ainswood não estava, e só cabia a esperança de que Nell não se equivocasse, e Coralie queria esperar a ter o dinheiro do resgate para levar a cabo sua cruel vingança matando Emily e Elizabeth.

Rezando para que não as matasse antes, Lydia se dirigiu à casa de Dorrie a Louca, acompanhada por Nell.

Desde que sua anfitriã havia descrito com cabelos e sinais o que pensava fazer com elas, Elizabeth e Emily não tiveram dificuldade em adivinhar o que significava o som que ouviram minutos depois que se fechasse a porta.

Em meio daquele silêncio, não custou identificar o ruído de vidros quebrados. Já tinham visto a garrafa. Coralie a tinha agitado diante de seu rosto várias vezes.

Fazendo das tripas coração, Elizabeth agarrou o saco que tinha escondido sob um monte de palha podre, e afrouxou um pouco a tira de tecido de suas anáguas com a qual a tinha atado. Algo se movia dentro do saco. Depois empurrou Emily para a porta, e sua irmã se esmagou contra a parede de um lado.

—Nada de heroísmos — sussurrou Elizabeth—. Só corre.

Emily assentiu, mordendo o lábio.

Esperaram o que lhes pareceu um ano, mas foram somente dois minutos, antes que a porta se abrisse e Coralie entrasse com a garrafa quebrada na mão.

Emily chiou, Elizabeth estampou o saco contra o rosto da alcoviteira, e Coralie soltou um uivo quando um rato aterrorizado se enganchou em seu cabelo. Elizabeth se lançou sobre a bruxa e a atirou ao chão. Emily saiu correndo. Instantes depois, Elizabeth se levantou e correu atrás dela.

Ouviu Emily chiar, viu o ogro Mick perseguindo-a e ouviu a alcoviteira

gritando obscenidades.

Correu para salvar sua irmã.

Lydia estava a ponto de sair correndo detrás do Mick, que quase tinha alcançado às garotas, quando viu que Coralie saía da casa.

—Nell, Tom, todos vocês, ajudem às garotas — gritou Lydia, e depois foi atrás de Coralie, que também ia atrás delas feita uma fúria e era muito mais perigosa que Mick.

—se renda, Coralie — gritou Lydia—. Está cercada.

A alcoviteira se deteve e se virou para onde estava Lydia. Vacilou um instante antes de soltar uma blasfêmia e mudar de direção para correr para o desmantelado embarcadouro.

Lydia foi atrás dela, mas mais devagar, mantendo distância.

—O bote não está — exclamou—. Não tem escapatória, Coralie.

Coralie seguiu correndo pelo atalho cheio de lixo e desceu pelas escorregadias rochas.

—Putá! — gritou então, e foi o mais suave dos epítetos que soltou enquanto subia pelas rochas.

Apesar das obscenidades que lhe lançava Coralie a voz na garganta, Lydia ouviu ao longe o inconfundível latido de um mastim mal-humorado.

—Graças a Deus — disse em voz baixa. Não gostava o mínimo de descer para encetar-se em uma briga com Coralie Brees sobre umas rochas escorregadias. A faca não serviria de grande coisa se caísse e quebrasse a cabeça, de modo que não se moveu do atalho.

—Solte a garrafa, Coralie — disse—. Já ouve o cão. Não servirá de nada brigar. A fará em pedaços.

Coralie se moveu então, mas não subiu para o atalho. Seguiu engatinhando pelas rochas, meteu-se sob o embarcadouro e depois seguiu adiante. Dirigia-se ao bote caído onde Lydia esteve escondida.

Os latidos se ouviam cada vez mais perto, mas Susan ainda demoraria uns minutos em chegar. Em uns minutos, Coralie podia virar o bote e empurrá-lo até o rio. Fugiria e suas frustradas intenções a fariam ainda mais perigosa quando voltasse a atacar.

Lydia correu para detê-la.

Vere e seus companheiros ouviram os gritos a várias ruas de distância, e rapidamente correram para lá. Quando chegaram perto do rio, Vere viu um bruto

enorme que se lançava sobre uma garota, e a várias figuras pequenas que se lançavam sobre ele.

—Lizzy! Em! — bramou—. Por aqui!

Teve que gritar várias vezes para fazer-se ouvir, porque Susan ladrava furiosamente e puxava pela correia, pronta para matar.

Mas finalmente seus bramidos se ouviram e todo o grupo ficou quieto um instante, antes de dispersar-se. Duas figuras esbeltas foram para ele dando tropeções. Mick ficou sozinho, olhando de um lado a outro com frenesi.

—Pegue-o! —ordenou Vere ao mastim, e soltou a correia.

Susan avançou contra Mick, que saiu correndo para o rio. O cão o apanhou por uma perna, o fazendo cair na lama, mas Susan não soltou a perna.

Trent e Jaynes entraram então em cena, e Vere os deixou a cargo de Mick, enquanto ele corria para suas pupilas, que se tinham detido para ver como Susan capturava Mick.

—Estão bem? — perguntou às garotas.

Na penumbra, apenas distinguia seus rostos, mesmo estando perto. Mas as ouvia ofegar, tentando agarrar ar para poder falar.

Ainswood rodeou ambas com os braços e as atraiu para si. Elas se apoiaram nele e até seus narizes subiu um cheiro que recordava o da maré baixa do rio.

—Por Deus, como fedem — disse Vere com um nó na garganta—. Quando tomaram um banho pela última vez?

Não ouviu sua resposta, porque Susan tinha soltado a seu prisioneiro, deixando-o nas mãos do Bertie e do Jaynes, e voltava a ladrar de novo com toda sua força.

Vere olhou a seu redor. Viu várias figuras em meio da penumbra, mas nenhuma guardava a menor semelhança com sua mulher.

—Lydia! —gritou.

Susan soprou e saiu correndo para oeste. Vere soltou suas pupilas bruscamente e correu atrás do mastim.

Vere avançou na escuridão, rodeado pela fria névoa, que cheirava a putrefação. Não via o caminho, mas seguia cegamente os latidos do cão.

—Lydia! —rugiu uma e outra vez, mas só lhe responderam os latidos de Susan, cada vez mais fortes e frenéticos.

Vere tropeçou com uma rocha, agarrou-se para não cair, endireitou-se e continuou correndo. Em sua cabeça via as imagens dilaceradoras de Charlie, de Robin, de frias tumbas e dos rostos das pessoas às quais tinha amado dissolvendo-se na névoa, convertendo-se em sombras até desaparecer.

«Não! Desta vez não. “Ela não, Meu Deus, por favor, ela não.»

—Já chego! —gritou, e parecia que os pulmões iam estalar.

Uma forma escura apareceu diante dele. Quando viu o bote caído já era muito tarde e tropeçou com ele. Caiu de bruço naquela suja estrumeira. Vere se levantou, disposto a continuar avançando, mas se deteve em seguida ao vê-las.

A menos de três metros dele, duas mulheres brigavam, rodando e retorcendo-se entre o barro e a porcaria, à borda da água.

Susan correu para elas, afastou-se, voltou a aproximar-se, e assim uma e outra vez, ladrando com fúria.

Não sabia o que fazer.

Tampouco sabia Vere. Viu o brilho de uma faca e não soube quem a empunhava, ou se ambas as mulheres estavam armadas. Um movimento em falso por sua parte podia acabar com uma faca cravada na mulher que amava.

Vere limpou garganta.

—Deixa de brincar, Lydia — disse com toda a calma que foi capaz—. Se não acabar com ela em dez segundos, eu o farei e atrapalharei sua diversão.

Produziu-se um súbito movimento, um braço que se levantava, o brilho de uma folha, e depois um grito triunfal que a Vere gelou o sangue, porque não era de sua mulher. Depois se ouviu outro grito e se produziu um frenético movimento.

Vere viu que os dois corpos ficavam imóveis no mesmo momento em que ouviu uma voz rouca e ofegante:

—Não se atreva a piscar sequer, ou fatiarei seu pescoço de orelha a orelha.

Era a voz de sua mulher.

Vere se aproximou.

—Precisa de ajuda, Lydia? — perguntou com voz tremula.

—Sim. Por favor — respondeu sua mulher entre fôlegos—. Cuidado. Briga. Sujo.

Vere recebeu o aviso a tempo. A alcoviteira que parecia meio morta, mas assim que Vere separou às duas mulheres, Coralie reviveu e tratou de continuar brigando. Vere a arrastou, longe de sua exausta mulher, enquanto a alcoviteira chutava, arranhava e soltava uns chiados que despertariam toda Rotherhithe, na margem oposta.

—Deixa-a sem sentido com um murro — ofegou Lydia, pois a desalmada mulher não dava amostras de cansaço, mas sim continuava lutando como uma louca.

—Não posso bater numa mulher.

Lydia se aproximou caminhando com dificuldade, agachou-se para esquivar o punho que lançava a alcoviteira e lhe soltou um murro na mandíbula.

Coralie desabou. Vere deixou que o corpo inerte caísse ao chão. Susan se lançou sobre ele, grunhindo.

—Vigia — ordenou Vere. Susan se sentou sobre a alcoviteira e ficou grunhindo com sua enorme boca barbante a uns centímetros do rosto de Coralie.

Vere se aproximou rapidamente de sua mulher, que se dobrava sobre si mesma, aferrando o flanco. Vere afastou sua mão, notou o líquido que emanava e sentiu que seu coração se afundava em um poço sem fundo.

—Sinto muito— disse ela, com voz tão fraca que apenas era audível—. Acho que essa puta me feriu.

Vere a agarrou, e desta vez, quando Lydia se converteu em um peso morto entre seus braços, soube que não fingia.

Capítulo 18

Francis Beaumont se achava entre a multidão de olheiros que aguardava perto do O Sino e a Garrafa, esperando que o duque de Ainswood colocasse o corpo inerte de sua esposa na carruagem. Em uns minutos, corria a notícia de que uma alcoviteira de Drury Lane tinha assassinado à duquesa.

Francis Beaumont se sentia muito desventurado.

Não se lamentava pela duquesa, mas sim por si mesmo. Iam enforcar Coralie Brees, sem dúvida, e sem dúvida ela sabia, o que significava que faria todo o possível para ter companhia quando a pendurasse na forca. Falaria pelos cotovelos, e era muito o que tinha que contar, com Francis Beaumont como principal protagonista.

Lamentava não tê-la matado na primavera, em Paris, em lugar de tê-la ajudado a fugir. Mas então não pensava com clareza. Para cúmulo de maus, tinha problemas domésticos, assim como um grave caso de luxúria não correspondida.

Tinha saído disposto a matar Coralie nesse mesmo dia, assim que se tinha informado no Pearkes's do que tinha feito a estúpida puta. Não lhe havia custado muito adivinhar onde estaria, porque um ilustrador da gazeta da polícia tinha contado de uma anciã a qual tinham feito cortes no rosto e tinham estrangulado. Pela descrição do ilustrador, Beaumont soube em seguida quem era a anciã e quem era a assassina.

Por desgraça, a duquesa de Ainswood tinha encontrado a alcoviteira antes dele. Achava-se apenas a vinte metros da casa quando se desatou o caos. Quando ouviu a duquesa dizer a Coralie que a superavam em número, Beaumont tinha dado marcha ré. Coralie só tinha que vê-lo e gritar seu nome para que o contassem entre outros criminosos. Se tivesse dado conta de que a duquesa só levava consigo três meninos adoentados e a um par de putas desdentadas e

tuberculosas, talvez não tivesse sido tão prudente.

Mas era impossível ver alguma coisa com a névoa e a confusão.

Agora nada podia fazer. Os agentes de polícia tinham chegado minutos depois que Ainswood e seus acompanhantes. A derrota não se consumou em mais de um quarto de hora. Encerrariam Coralie em seguida e começaria a contar tudo o que sabia a qualquer um que a escutasse.

Beaumont tinha que fugir. Já. Não se atrevia a retornar a casa em busca de roupas ou dinheiro. Todo mundo sabia onde vivia Francis Beaumont. Sua mulher era uma artista famosa.

Não lhe sentiria a menor falta. Havia uma fileira de homens de dez quilômetros de comprimento esperando para ocupar seu lugar. E o primeiro da fila seria um conde francês de cabelos loiros.

Essa perspectiva era quase tão dolorosa como a do patíbulo.

Mas, dolorosa ou não, Francis Beaumont teria que agüentá-la.

Tinha dinheiro suficiente no bolso para alugar uma carruagem fechada, e se partisse imediatamente, alcançaria a costa muito antes que se dessem conta de sua fuga.

Abria caminho entre a multidão, procurando não dar a impressão de que tinha pressa, quando apareceram os agentes de polícia levando Coralie em uma improvisada maca.

—Espero que essa puta esteja morta! — gritou uma puta, perto dele.

—Não — gritou algum outro—. É uma pena. A duquesa só lhe quebrou a mandíbula.

A notícia, confirmada por um agente, provocou uma decepção generalizada.

Beaumont compreendeu então que Lydia Grenville, do Argus, tinha mais amigos que inimigos pela vizinhança. Duas prostitutas, mais mortas que vivas, tinham tentado ajudá-la a resgatar às pupilas de Ainswood. Olhou a seu redor e viu as endurecidas rameiras soluçando e lançando maldições sobre Coralie Brees.

Inclusive os garotos de rua choramingavam.

Demorou muito pouco em ver tudo isso, e menos ainda em aproveitar. Sabia como explorar a dor em seu próprio benefício, como envenenar as mentes, como despertar a amargura e a raiva nos corações singelos. Assim deixou cair alguns comentários casuais enquanto seguia abrindo caminho.

Em questão de minutos, a multidão de marinheiros, putas, fanfarrões, meninos mendigos e demais escória do rio se converteu em uma turfa assassina.

Seu clamor afogou os avisos e ameaças dos agentes de polícia.

Em um abrir e fechar de olhos, a turfa tinha derrubado o carro que devia levar Coralie Brees diante do magistrado em Shadwell, tinha afastado os agentes de seu caminho, e tinha atacado os prisioneiros.

Momentos depois, Coralie Brees jazia morta sobre os paralelepípedos da rua, irreconhecível pelos golpes. Mick morreu sangrado pouco depois.

Então, depois da turfa se dispersar... Francis Beaumont se achava a caminho de casa.

Umas poucas horas depois, Vere estava sentado, como tantas outras vezes (por seu tio, por Charlie, por Robin), segurando uma mão muito fria.

A de sua mulher.

—Jamais a perdoarei isso, Lydia — disse com voz abafada—. Se supunha que devia ficar em casa e ser o general em chefe. Não devia sair ao ataque por sua conta. Não posso perdê-la de vista nem um minuto. Juro, devo ter morrido faz meses e ter ido direito ao inferno. Por isso não me pendurei em uma corda.

—Há, quanta animação por nada. — Lydia lhe dedicou um de seus sorrisos zombeteiros—. Não foi mais que um pequeno corte.

Não tinha sido um «pequeno corte». Se não fosse pelas diversas capas de roupa, o grosso espartilho e o relógio de bolso do tio avô Ste, a duquesa de Ainswood não continuaria viva. O relógio tinha desviado a folha, que tinha feito um torpe corte.

Depois de curar e enfaixar a ferida da duquesa, o médico tinha abandonado o quarto com lorde Dain.

—Assim que se sinta bem — disse Vere—, vou lhe dar uma boa sova.

—Você não bate nas mulheres.

—Farei uma exceção no seu caso. —Olhou a mão que segurava com o cenho franzido—. Sua mão está fria como o gelo.

—Isso é porque não deixa que o sangue circule.

Vere afrouxou a pressão.

—Isso está melhor — murmurou ela.

—Sinto muito. —Vere fez gesto de levantar-se.

—Não, não vá — pediu ela—. Sua mão é tão quente e forte. Eu adoro suas perversas mãos, Vere.

—Já veremos se você as adora tanto quando eu a puser sobre meus joelhos e dê os açoites que merece.

Ela sorriu.

—Nunca na vida me tinha alegrado tanto como quando o vi chegar esta noite. Coralie conhece tantos truques sujos como eu. E era difícil me concentrar porque estava preocupada com as garotas. Não estava segura de me achar em condições de ajudá-las quando acabasse com Coralie. Estava raivosa, como uma possessa. Quando está realmente furiosa, essa gente tem uma força sobre-

humana. Sabia. Não queria brigar com ela. Sabia o que enfrentava. Mas não tinha escolha. Não podia deixar que fugisse.

—Sei.

—Tinha enviado uma moça ao O Sino e a Garrafa a procurar ajuda — prosseguiu Lydia—. Mas não podia me arriscar a esperar mais. Do contrário...

—Lizzy e Em estariam mortas se tivesse esperado — interrompeu Vere—. Coralie já tinha entrado para matá-las. —Contou a Lydia que suas pupilas tinham capturado um rato e a tinham jogado no rosto de Coralie—. Mas esse truque só lhes serviu para ganhar uns minutos — acrescentou—. Por sorte, você chegou nesse momento. Salvaste-lhes a vida, Lydia. Você e seu exército variado. — inclinou-se e lhe beijou a mão.

—Não seja absurdo — disse ela—. Jamais o teríamos obtido sem os reforços. Ainda que tivesse conseguido enfraquecer Coralie, e digo sinceramente que a coisa não estava tão clara, teria tido que me enfrentar depois com o Mick. Mas quando chegasse a ele, poderia ter feito já um dano considerável a suas pupilas.

—Sei. Tom o golpeou na cabeça com uma pedra e o bruto nem notou. Mas não foi rival para Susan. — Vere franziu o sobrecenho uma vez mais—. Deus, eu não fiz absolutamente nada. Deixei que o cão se ocupasse do Mick. Fiquei olhando enquanto lutava com a alcoviteira, como se fosse um combate de boxe.

—E que diabos podia fazer? — perguntou Lydia, erguendo-se sobre os travesseiros—. Ninguém com um pinga de bom senso teria se intrometido em semelhante situação. Fez o que devia. Não tem idéia do muito que me animou o som de sua voz. Estava muito cansada e abatida, e um pouco inquieta, devo admitir. Mas ao me dizer que deixasse de brincar e que terminasse com ela de uma vez, me senti como se bebesse um gole de um forte licor. Em qualquer caso, não podia tolerar perder diante de seu nariz. Teria sido muito humilhante. — Enlaçou seus dedos nos de Vere—. Você não pode fazer tudo, sabe? Às vezes deve se contentar em dar apoio moral. Não preciso que me mime e me proteja. Não preciso que lute todas as minhas batalhas por mim. Preciso que acredite em mim.

—Que acredite em você — repetiu ele, meneando cabeça - Isso é tudo o que precisa, não é?

—Significa muito para mim — afirmou Lydia—. Que acredite em mim. Tendo em conta o desprezo que sente pelos de meu sexo, devo considerar que seu respeito por minha inteligência e minhas habilidades é o mais valioso dos presentes.

—O mais valioso? — Vere lhe soltou a mão, levantou-se e se dirigiu às janelas. Olhou o jardim. Depois voltou para a cama e ficou de pé, agarrando uma das colunas —. O que diz do amor, Lydia? Acredita que, com o tempo, poderia condescender graciosamente a suportar meu amor? Ou acaso o amor é somente

para os simples mortais? Talvez os divinos Ballister o necessitem tão pouco como as dinvidades do Olímpio necessitavam uma carruagem que os levasse a Delfos, ou um navio que os transportasse até Tróia.

Lydia o observou durante longo momento e suspirou.

—Vere, deixa que explique uma coisa — disse—. Se desejar fazer uma declaração de amor a sua esposa, a forma correta é dizer simplesmente «Te amo». Não esse tom desafiador com sua agressividade habitual. Supõe-se que este é um momento terno, e o está prejudicando fazendo que me de vontade de lhe jogar um balde de carvão à cabeça.

Vere entreabriu os olhos e apertou os dentes.

—Te amo — disse com tom grave.

Lydia levou uma mão ao peito e fechou os olhos.

—Sinto-me afligida por... por algo. Acho que vou desmaiar.

Vere voltou para seu lado, agarrou-lhe as mãos e a apertou com força entre as suas.

—Te amo, Lydia — repetiu com maior doçura—. Comecei a me apaixonar por você quando me empurrou e dava com o traseiro no chão em Vinegar Yard. Mas não sabia, ou não queria saber, até nossa noite de bodas. E então não suportava a idéia de lhe dizer isso porque você não estava apaixonada por mim. Foi uma estupidez. Poderiam tê-la matado esta noite, e não me teria ficado nem sequer o consolo de dizer o quanto a amo.

—Já me disse isso de cem maneiras distintas — assegurou Lydia—. Não necessito as duas palavras mágicas, embora me alegre ouvir.

—Alegra-te — repetiu ele—. Bom, suponho que isso é melhor. Alegra-te de que lhe pertença meu coração. — Vere soltou suas mãos—. Talvez, quando estiver um pouco mais forte, poderia mostrar um pouco mais de entusiasmo. Em qualquer caso, assim que volte a estar bem, começarei a trabalhar tentando conquistar seu coração. Talvez, dentro de um par de décadas, terá se abrandado o suficiente para corresponder meu amor.

—É obvio que não — disse ela, enquanto ele se separava da cama e começava a despir-se.

Vere fez uma pausa e a olhou.

—por que demônios ia esperar para corresponder? — disse ela—. Quando o sinto já aqui, em meu coração. —destacou-se o peito—. Aqui diz «Te amo», vírgula, e depois todos seus nomes e títulos.

Vere notou que um sorriso se desenhava em sua boca, e uma estranha pontada no coração que lhe tinha roubado.

—Deve estar cego — acrescentou ela— para não tê-lo lido aqui faz tempo.

O tímido sorriso de Vere se converteu em um sorriso radiante e malicioso.

—Bom, deixa que me dispa, querida — disse—. E me meterei na cama para olhar mais de perto.

Normalmente, uns distúrbios em Londres provocavam uma grande indignação e o tipo de pânico que se esperava ao receber a notícia de uma invasão estrangeira.

Os distúrbios de Ratcliffe, que apareciam resenhados em todos os periódicos da manhã, apenas suscitaram a atenção do público. Isso se deveu a um sucesso ainda mais catastrófico.

Miranda, a heroína da rosa de Tebas, tinha afiado uma colher nas pedras da masmorra, tal como havia predito Bertie Trent. Entretanto, Bertie experimentou uma grande surpresa na quinta-feira pela manhã, quando por fim conseguiu ler o Argus da quarta-feira e descobriu que Miranda não tinha usado a colher para cavar um túnel, mas sim tinha cravado a improvisada arma no Diabo e tinha fugido.

No parágrafo que fechava o capítulo, o charmoso vilão da história «contemplou o portal pelo qual tinha desaparecido a jovem até que a sombra da Morte obscureceu sua visão. Entretanto, seus olhos seguiram fixos na porta, enquanto ouvia o precioso líquido que caía de sua corpulenta figura sobre as frias lajes. Nesse som ouvia o lento fluir de sua vida, extinguindo-se lentamente... inútil, desperdiçada».

Toda Londres estava aniquilada.

A história de ficção ocupou a primeira página de vários periódicos da manhã. Só os mais moderados, como o Times, decidiram relegar a notícia a um escuro canto do periódico, limitando-se a mencionar que se produziu «certo alvoroço diante dos escritórios do Argus na quarta-feira pela tarde.

O alvoroço o tinha sido causado por uma multidão de leitores furiosos. Alguns ameaçaram queimar o edifício. Outros se ofereciam a fazer pedaços do editor.

Macgowan chegou a Ainswood House a primeira hora da tarde da quinta-feira para informar que se queimou uma efígie do St. Bellair no Strand.

Macgowan estava encantado da vida.

Afirmou que a duquesa de Ainswood era um gênio.

Ainswood tinha levado Lydia nos braços até o sofá do salão, e uma pequena multidão se congregou ao seu redor. De modo que a afirmação de Macgowan foi perfeitamente audível para Emily, Elizabeth, Jaynes, Bertie e Tamsin, assim como para os criados que havia perto da porta. Sem fazer caso do cenho franzido de Lydia, o editor seguiu falando extasiado, sem deixar a ninguém a menor dúvida

sobre quem era St. Bellair na realidade.

Levado pela emoção, demorou um momento em dar-se conta de seu deslize. Nesse momento tapou a boca com a mão, ficou vermelho como tomate e olhou alarmado a Lydia.

—Não importa — disse ela agitando a mão—. O mundo já sabe o resto de meus segredos. O mesmo dá um a mais. —Meneou a cabeça—. Queimaram uma efígie de St. Bellair. Meu Deus, as pessoas levam a sério essas fábulas românticas. Bom. — Passeou o olhar pelo grupo e leu suas expressões, que foram da incredulidade à consternação... e a uma cortês e aparente indiferença—. Pode ser que seja sujeira sentimental, mas é popular, ao que parece, e eu a tenho escrito.

—OH, mas é tão decepcionante — disse Emily—. O Diabo era meu favorito.

—E o meu — disse sua irmã.

—E o meu — disse Bertie.

Tamsin mordeu a língua. Tinha fé em Lydia.

Ainswood tinha permanecido junto à janela, em um canto da sala, observando seus convidados e com uma das aparentes expressões de indiferença, mas seus olhos lançavam brilhos diabólicos.

—Acredito que a escolha da arma foi um toque magistral, Lydia — disse—. Ocorrem-me poucos finais mais ignominiosos que morrer apunhalado por uma colher.

Lydia recebeu o duvidoso cumprimento com uma inclinação de cabeça.

—O que é mais importante — prosseguiu seu marido—. Causaste sensação. Quando se filtrar a notícia sobre a verdadeira identidade do autor, produzirá-se um clamor que deixará pequeno o que vimos agora. Todas as almas ignorantes das aventuras de Miranda se verão obrigadas a recuperar o tempo perdido.

Ainswood se voltou para Macgowan.

—Eu se fosse você começaria a editar livros encadernados com vários capítulos cada um. Uma edição simples para as massas e outra encadernada em pele com letras douradas para as classes altas. Tire partido antes que se desvaneça o interesse.

Lydia dissimulou rapidamente sua surpresa. Ainswood era o último homem do qual esperava tanto interesse, e muito menos que idealizasse maneiras de explorar o potencial comercial de seus «ganchos de ferro». Claro que Ainswood adorava armar revolução, recordou-se.

—Isso era o que estava pensando — disse Lydia—. Mas não tinha me ocorrido o dos livros encadernados, que é uma brilhante idéia. Entretanto, não queremos que os leitores percam interesse pelo resto da história, agora que seu favorito se acha a caminho do inferno.

Refletiu uns instantes.

—Saque uma nota de aviso amanhã pela manhã — disse a Macgowan—. Anuncie que na próxima quarta-feira sairá uma edição especial do Argus com os quatro últimos capítulos da rosa de Tebas. Se Purvis se queixar de que não terá tempo para fazer as ilustrações, procure outro.

Macgowan tinha já dois dos últimos capítulos, e Lydia enviou Tamsin para buscar outros dois, que tinha guardado sob chave na mesa do estudio.

Pouco depois, o editor abandonava a casa com seus preciosos capítulos, mais emocionado ainda que ao chegar. Sem dúvida era que via um aumento dos benefícios em curto prazo.

Depois de sua partida, Ainswood tirou os outros do salão.

Arrumou as almofadas em que se apoiava Lydia e a manta que lhe cobria o colo. Depois aproximou um sofá e se sentou nele. Apoiou o cotovelo no joelho e o rosto nos nódulos, e lançou a sua mulher um olhar de recriminação.

—É malvada — disse.

—É justo o que merece — replicou ela.

—foi um truque muito sujo — disse ele.

Lydia pôs cara de absoluta inocência.

—Qual?

—Não sei exatamente o que é — disse ele—, mas sei que enganaste a todo mundo, porque a conheço. Ninguém vê o demônio que leva dentro. Só eu.

—Suponho que se requer um demônio para reconhecer outro.

Vere lhe dedicou então um de seus perversos sorrisos. Fora, o sol não conseguia transpassar a densa capa de nuvens cinzas. Entretanto, o sol radiante daquele sorriso penetrava em cada poro de Lydia, esquentando seu cérebro e convertendo-o em xarope.

—Isso não vai funcionar — disse, consciente do sorriso completamente estúpido com qual respondia o de seu marido sem poder evitar—. Não vou contar o resto da história. Só está conseguindo que seja carinhosa.

Vere passou lentamente seu olhar de pilantra pelo corpo de sua mulher, do cocuruto até os dedos dos pés, que se curvavam sob a manta.

—Se a fizesse ofegar de desejo, me contaria — disse—. Mas vai contra as ordens do médico.

—Só disse que devia evitar os esforços para não forçar a ferida. —Lydia lhe lançou um olhar de soslaio—. Use a imaginação.

Vere se levantou e pôs-se a andar.

—Ao que parece não tem imaginação.

—Isso é o que você acha — disse ele sem se virar —. Só vou fechar a porta.

Vere apenas teve tempo de arrumar sua roupa e de arrumar a de sua mulher depois de seu parêntese íntimo, porque as garotas (ao que parece careciam de toda discrição) decidiram esmurrar a porta do salão no preciso momento em que começava a interrogar Lydia sobre Miranda.

—Fora! —ordenou.

—O que está fazendo? Está bem prima Lydia?

Susan soprou.

Ainswood detectou o pânico na voz das garotas e recordou que o tinham impedido a entrada ao quarto de seu irmão quando tinha caído doente.

Dirigiu-se à porta, afastou a cadeira que tinha colocado sob o trinco, e abriu.

Atrás da porta encontrou dois rostos muito pálidos e cheios de preocupação.

—Só estava dando uns açoites em minha mulher — disse—. De um modo amistoso.

Dois pares de olhos verdes se desviaram rapidamente para Lydia, que estava recostada no sofá e sorria.

—Como pudeste...? Au! —exclamou Emily ao receber uma cotovelada de Elizabeth nas costelas.

—refere-se a já sabe o que — sussurrou sua irmã.

—OH.

Susan cheirou Vere com suspeita. Depois se dirigiu ao sofá e cheirou sua ama. A seguir grunhiu e se deitou aos pés do sofá.

Encorajadas, as garotas se aproximaram também da duquesa.

—Sinto muito— disse Elizabeth—. Não nos tinha ocorrido. Tia Dorothea e tio John nunca se fecharam no salão com esse propósito.

—Nem em nenhum outro aposento — disse Emily—. Ao menos que nos tenhamos dado conta.

—No quarto — disse Elizabeth—. Alguma vez têm que fazê-lo. Têm nove meninos e meio.

—Quando a gente tem nove meninos e meio — disse Vere aproximando-se—, acho que o quarto é o único lugar onde se pode ter certa intimidade... se fechar o trinco da porta.

—Podem fazê-lo onde queiram — disse Elizabeth magnânima—. Não voltaremos a interrompê-los. Não nos tinha ocorrido, isso é tudo.

—Agora já sabemos — disse Emily—. Manteremos-nos afastadas e... tentaremos imaginar— acrescentou com uma risada.

—É muito jovem — disse sua irmã—. Não façam conta.

—Nós gostamos de Susan — disse Emily a Lydia. A jovem coçou o mastim atrás da orelha. Era tudo o que precisava Susan para deixar cair sua enorme cabeça sobre o colo da garota, fechar os olhos e sumir-se na mais absoluta

felicidade canina.

—Quando não está perseguindo vilões, é uma cadela muito carinhosa — disse Elizabeth—. Em Longlands temos meia dúzia de mastins.

—Sinto falta deles — disse Emily—. Mas não podemos levar nem sequer um a Blakesleigh, porque tia Dorothea diz que babam muito e que colocam a língua em lugares indecorosos. Prefere os cães que não babem tanto. São mais higiênicos, diz.

—Acredita que Robin adoeceu de difteria por culpa de um dos cães — explicou Elizabeth—. Os meninos tinham saído a caçar coelhos, e levaram os cães. Ninguém sabe onde se meteram os cães, mas Rolf, que então só era um cachorrinho, voltou empestado e coberto de barro. Mesmo assim, duas mulheres do povo também adoeceram, e elas não tinham estado com nossos cães.

—E nenhum dos outros meninos adoeceu, embora estivessem com Robin — disse sua irmã—. Não tem sentido.

—Ninguém sabe exatamente como se contrai a enfermidade — disse Lydia—. Não sabem por que às vezes chega a assolar uma aldeia inteira, e outras vezes só ataca um punhado de pessoas. E tampouco se pode predizer quem conseguirá curar-se e quem não. É uma enfermidade terrível — acrescentou com doçura.

—Ao menos morreu rapidamente — disse Elizabeth—. Só foram dois dias. E estive inconsciente a maior parte do tempo. A enfermeira disse que não sentiu nada, ou quase nada. Estava muito fraco para sentir medo.

Vere tinha virado e foi à janela. Começava anoitecer. Não distinguiu nada mais entre a névoa.

—Sei que não teve medo no final — ouviu acrescentar à irmã maior—. Porque o primo Vere estava com ele.

—Todos outros estavam aterrorizados — disse Emily—. O médico disse que tia Dorothea devia manter-se afastada porque podia adoecer, e embora sobrevivesse, o bebê que estava amamentando podia adoecer também e morrer. E tio John devia manter-se afastado também, porque podia contagiar ela. Tampouco nos deixaram nos aproximar de nosso irmão.

—Tentavam protegê-las, igual protegiam todos seus filhos —disse Lydia.

—Sei, mas foi muito doloroso — disse Elizabeth.

—Mas o primo Vere chegou e não tinha medo de nada — acrescentou sua irmã—. Ninguém pôde impedir que o visse, embora tentassem. Ele entrou no quarto e ficou com Robin, igual tinha ficado com papai. Sustentou a mão de papai entre as suas. Não o abandonou nem um instante. E o mesmo fez com Robin.

—O primo Vere não querará falar disso — disse Elizabeth—. Finge que não nos ouve. É o mesmo que fez quando tentamos lhe agradecer.

—Ouço-lhes — disse Vere, pronunciando as palavras com dificuldade, pois

lhe doía a garganta. Virou-se e viu três pares de olhos muito brilhantes cravados nele.

—Por Deus, quanta animação por nada — disse—. Amava o menino. Que outra coisa podia fazer mais que velá-lo em seu leito de morte? Que demônios podia perder? —aproximou-se e olhou com o cenho franzido os jovens rostos voltados para ele—. Por que querem me converter em um herói? Vão me pôr doente. Vão fazer que Lydia vomite. Ela — acrescentou, assinalando-a com a cabeça—, ela sim que é uma autêntica heroína. Foi correndo as resgatar, embora não as conhecesse e tinha todos os motivos para desejar viver... posto que acabava de casar-se comigo. Salvou suas vidas, mal as tinham levado, e em lugar de agradecer-lhe e lhe prometer ser boas a partir de agora, põem-se a divagar sobre o que fiz no passado.

Esse descortês discurso teve o efeito desejado. As garotas piscaram e secaram as lágrimas, e logo voltaram os rostos contritos para Lydia.

Obedientemente, agradeceram por lhes salvar a vida e prometeram ser boas no futuro.

—Deixem de tolices — replicou ela com tom enérgico—. Essa expressão de inocência poderia funcionar com lorde e lady Mars, mas a mim não vão enganar tão facilmente.

As expressões angélicas se transformaram lentamente em cautela à medida que Lydia continuava falando.

—As inocentes senhoritas não bisbilhotam na correspondência de outros, nem lêem nada que não devam ler. São muito matreiras e atrevidas. Nenhuma dócil senhorita deveria ter idéia de como escapar de um lar vigilante, e muito menos atrever-se a fazê-lo em plena noite, e não só escapar sem ser detectadas, e ainda arrumar para que não as encontrem em uma semana. Admiro sua inteligência e compreendo seu desespero, aparentemente surta de uma adoração cega por volta de seu malvado primo — a esperança iluminou os jovens rostos—. Mas é evidente que durante os dois últimos anos não foram devidamente vigiadas. Podem estar seguras de que esse lamentável estado de coisas chegou ao fim.

O tom severo de Lydia tinha suscitado a atenção de Susan, que levantou a cabeça e soltou um de seus bufos.

A esperança se apagou dos rostos supostamente inocentes.

Ambas as jovens olharam Vere com expressão de súplica.

—Não queríamos causar tantos problemas — disse Elizabeth.

—Só queríamos estar contigo — disse Emily.

—Sim — disse Vere—. Mas Lydia e eu estamos juntos, sabem? E pensamos o mesmo, quer dizer, ela pensa, porque eu sou um homem e não tenho cérebro.

Suas pupilas trocaram um olhar de inquietação.

—Não importa — disse Elizabeth finalmente—. Queremos estar contigo. E não importa quão rigorosa seja a prima Lydia. Ao menos não é tímida e aborrecida.

—Talvez possa nos ensinar a lutar — disse Emily animando-se.

—Certamente que não — disse Vere.

—E a fumar charutos sem enjoar — acrescentou Elizabeth.

—Nem pensar! — exclamou Vere—. Ocorrem-me poucas coisas mais repugnantes que a visão de uma mulher fumando.

—Então por que lhe deu um dos seus? — perguntou Elizabeth com tom inocente.

—Porque ela... ela é diferente. Não é normal. — Vere fulminou sua pupila com o olhar—. E eu gostaria de saber como se inteiraram disso.

—Pelo Whisperer — respondeu Emily.

—Um periódico sensacionalista — disse Lydia, em resposta à expressão em branco de seu marido—. É um de seus temas recorrentes. Entretanto, têm jornalistas excelentes trabalhando para eles. A informação costuma ser verdadeira. De vez em quando, eu mesma tirei alguma pista de suas páginas. — Olhou às pupilas de Vere com ar pensativo—. Não acredito que se deva proteger às jovens das realidades do mundo. O que eu leio elas podem ler... mas se lerá e se discutirá em família. Quanto a lutar...

—Maldita seja, Lydia.

—Inclusive as jovens damas deveriam conhecer os fundamentos básicos da defesa pessoal. Com a adequada vigilância, não deveriam necessitá-los... no melhor dos mundos possíveis. Mas o mundo é imprevisível.

As garotas saltaram imediatamente para abraçar e beijar à duquesa.

Vere viu o quente brilho que aparecia nos olhos de sua mulher.

As garotas iriam dar muito trabalho, e ela sabia, e estava encantada.

A morte tinha arrebatado o amor de sua mãe e de sua irmã, mas ela tinha mantido aberto seu coração. Tinha transformado em sua família às mulheres que necessitavam, jovens e velhas. Tinha transformado em sua família Elizabeth e Emily, e as amaria instintivamente, igual amava a ele.

Vere não tinha sido igualmente sensato. Ao perder às pessoas que amava, tinha afastado de si às que ficavam, às que poderia ter amado. Tinha acabado por compreender que estava furioso com Robin porque o menino o tinha traído ao morrer, igual a seu pai. E Vere tinha tentado apagá-lo de seu coração, igual à todos os que tinham alguma relação com ele.

Mas seu sofrimento e sua raiva não tinham sido o único motivo.

Vere sabia que tinha sido um covarde. Ao contrário de sua mulher, tinha

temido voltar a arriscar-se, tinha temido voltar a amar.

O amor teve que pegá-lo despreparado, igual a ela, ardiloso, matreiro, negando-se a jogar limpo. Assim funcionava o amor.

E Vere se alegrava imensamente.

Adotou uma expressão doída e disse com tom lastimoso:

—Muito bonito, Lydia, monopolizando todo o afeto, como sempre. Não há nada para mim, ou está reservado para mulheres que são uma chateação?

—Vêem aqui — disse ela—. O compartilharemos.

Capítulo 19

Na quarta-feira seguinte, o Diabo continuava sangrando nas páginas do Argus.

Seu criado, Pablo, corria para seu amo, escorregava no atoleiro de sangue, caía sobre ele e punha-se a chorar.

—Argg. Se afaste. Fede. —Essas palavras surgiam do cadáver.

O fedor de Pablo revivia seu amo com tanta efetividade como os sais. A poucos momentos, descobria que a colher tinha penetrado uns centímetros abaixo do coração, e que, embora sangrasse como um porco, Diabo não ia morrer. A destilação que tinha ouvido era do conteúdo de uma garrafa de vinho que Miranda tinha derrubado em sua fuga.

Se Miranda não tivesse lhe dado uma joelhada no sexo ao lhe cravar a colher, talvez Diabo não tivesse perdido o equilíbrio e teria podido apanhá-la. Mas tinha caído e tinha perdido os sentidos. Doía-lhe a cabeça e lhe sangrava o flanco, e certamente suas partes doeriam durante muito tempo, mas estava vivo. E furioso.

Londres se alegrou, e continuou lendo com avidez.

Quando chegou o ponto final, Londres exalou um suspiro coletivo de satisfação.

Orlando tinha resultado ser o vilão. Diabo tinha resgatado a heroína, como todo herói que se aprecie, tinha recuperado A rosa de Tebas, e tinha matado o vilão.

E tanto o herói como a heroína tinham vivido felizes para sempre.

Em Ainswood House, os capítulos finais foram lidos em voz alta na biblioteca.

Com ajuda de seu primo, o marquês de Dain, Lydia fez as honras diante de um público que incluía seu marido, a mulher e o filho de Dain, Elizabeth, Emily, Tamsin, Bertie, Jaynes, e todos os criados que tiveram a sorte de achar-se de serviço perto da biblioteca.

Dain tinha chegado a Ainswood House a tempo para ver como carregavam o corpo de sua prima aparentemente sem vida. Tinha mantido Ainswood quieto em um canto do quarto, enquanto o médico fazia seu trabalho. Uma vez concluído,

Dain tinha saído do quarto com o médico, deixando Ainswood a sós para brigar com sua mulher.

No dia seguinte de noite, Dain brigou com a sua porque, transgredindo suas ordens, tinha abandonado Athcourt para dirigir-se a sua casa de Londres a velocidade suicida. Tinha levado consigo Dominick, o filho de Dain, porque, conforme explicou Jessica, estava preocupado por seu pai e tinha gritado ao céu ao ver que ia sem ele.

Mas na quarta-feira Dominick se comportou incrivelmente bem. Estava sentado no tapete entre Emily e Elizabeth, e escutava a história com muda fascinação. Inclusive durante a meia hora de descanso antes dos dois capítulos finais, o menino se limitou a jogar tranqüilamente com Susan e deixou que as garotas o abarrotassem de doces.

Vere não estava seguro se o menino entendia a história, ou se sentia cativado pelos leitores. Adorava seu pai, e naturalmente acreditava que todo mundo devia guardar um silêncio absoluto e prestar atenção enquanto este lia. Mas o normal teria sido que sua atenção diminuísse quando outra pessoa se encarregasse da leitura.

Entretanto, essa outra pessoa era Lydia, e ela não se limitava a ler. Representava cada um dos personagens, lhes dando uma voz e uns gestos próprios. Em resumo, foi toda uma atuação, apesar de que tinha prometido solenemente a Vere que não se levantaria do sofá.

Dominick permaneceu extasiado durante toda a leitura, e ao final aplaudiu com tanta força como os adultos, e ficou em pé de um salto para unir-se à ovação.

Lydia aceitou a comemoração com uma reverência. Era a mesma reverência extravagante e teatral que tinha dedicado ao duque de Ainswood depois de sua atuação na Coruja Azul, tirando um imaginário chapéu.

Só agora, finalmente, Vere se dava conta de por que essa reverência tinha ficado gravada na mente. Tinha visto outra exatamente igual, muito antes de ter posto os olhos em Lydia.

A primeira vez, era um jovem e estava estudando em Eton.

Voltou-se para Dain, que franzia o sobrecenho enquanto contemplava a sua prima.

—Reconheceste-a, não é? — perguntou Vere.

—Disse-me que fazia muito bem as imitações — respondeu Dain—. Mas não me ocorre quando pude ver fazendo-a.

—Fazendo o que? — perguntou Lydia, voltando a sentar-se no sofá.

Vere a olhou carrancudo, até que ela pôs os pés no alto e se recostou nas almofadas.

—A reverência — respondeu—. Essa reverência teatral.

—Meu pai era ator — disse ela.

—O pai de Dain não — disse Vere—. Mas Dain sabia fazê-la só com dez anos. O vi fazer pela primeira vez quando saiu vitorioso de uma briga com Wardell, um menino que era o dobro em tamanho e tinha dois anos mais. Quando estávamos em Eton.

—Eu a vi pela primeira vez no pátio da estalagem de Amesbury — disse lady Dain—. Depois que Dain e Ainswood brigaram. É muito característica, não é? Dain tem uma veia teatral. Mas os Ballister sempre gostaram de dar espetáculo. Parece ter grandes dotes para o teatro, uma das muitas habilidades que não duvida em utilizar sem escrúpulos para sair-se com a sua.

—O primeiro conde de Blackmoor estava acostumado a divertir seu rei com imitações — explicou Dain a Lydia—. O avô de sua mãe e seus irmãos eram muitos aficionados ao teatro, e às atrizes, em sua juventude. Antes que eu nascesse, convidavam-se freqüentemente companhias teatrais a Athcourt para entreter os convidados.

—Naturalmente, Lydia, não pode ter herdado um só talento que não seja dos Ballister — disse Vere—, dos quais flui toda a beleza, a inteligência e a virtude.

—A virtude não — disse Dain—. Esse não foi nunca nosso forte. Tivemos nossos beatos hipócritas, como meu pai, por exemplo, e o avô de Lydia, mas geramos ao menos um demônio em cada geração.

Naquele momento, o demônio que tinha gerado Dain começava a dar amostras de nervosismo. As garotas o convidaram a jogar no jardim com elas e com Susan. Tamsin saiu também para vigiá-los, e aonde ia Tamsin, seguia-a Bertie.

—É assombroso — disse Dain quando os mais jovens saíram—. Jamais tinha visto esse filho de Satã tão quieto durante tanto momento.

—Estava sob o feitiço de uma professora contando histórias — afirmou Vere—. Não há homem, mulher ou menino que possa resistir.

—Os deuses devem lhe ter dado esse talento, prima — disse Dain—. Jamais ouvi falar de ninguém que o possuísse em nossa família. Temos algumas cartas magníficas no arquivo, e boa quantidade de discursos comovedores. Mas todos os poemas que encontrei são abomináveis. E jamais encontrei nenhuma história de ficção escrita por um Ballister.

—Minha mulher acredita que esse talento não vale nada — queixou Vere—. Diz que A rosa de Tebas não é mais que sujeira sentimental, e esse é o epíteto mais suave. Se Macgowan não tivesse levantado a lebre, ela jamais teria admitido ser a autora.

—Não tem nenhum fim útil — disse Lydia—. Só entretém. Com uma singela moral. Os bons acabam bem, os maus acabam mal. Não tem nada que ver com a vida real.

—Temos que viver a vida real, nós gostemos ou não — disse Vere—. E sabe melhor que ninguém o tipo de vida que leva a maior parte da humanidade. Dando-lhes umas horas de entretenimento, faz-lhes um grande presente.

—Não acredito — protestou Lydia—. Começo a acreditar que é uma irresponsabilidade social. Por culpa dessa maldita história, às jovens metem na cabeça que podem fugir em busca de aventuras que não encontram em casa. Imaginam que podem desfazer-se de um vilão com uma colher afiada. E...

—Está-me dizendo que as de seu sexo são imbecis que não sabem distinguir a realidade da ficção — disse Vere—. Qualquer um que seja bastante idiota para provar um dos truques de Miranda ou é temerária por natureza, ou não tem o mínimo bom senso. E esse tipo de pessoas cometerá estupidez com ou sem suas sugestões. Minhas pupilas são o exemplo perfeito.

—Suas pupilas são a prova do que eu digo.

—Temíveis, disse, antes de lhes haver posto os olhos em cima — acrescentou Vere, elevando a voz—. São Mallory, Lydia, e os Mallory geram demônios desde a alvorada dos tempos. Não use Lizzy e Em como desculpa para deixar de escrever essas maravilhosas histórias que chama «lixo» e «fococas românticas». É uma escritora com talento, e tem a habilidade de emocionar os leitores dos dois sexos, de qualquer idade e condição. Não permitirei que desperdice esse talento. Assim que esteja bem de todo, começará outra história, maldita seja, embora tenha que a encerrar em um quarto para obrigá-la a escrever!

Lydia piscou uma vez, duas.

—Há, quanto alvoroço — disse—. Não tinha nem idéia de que o importasse tanto.

—Pois me importa. —Vere se levantou, dirigiu-se à lareira e voltou—. Eu seria um inculto se não fosse pelas fococas românticas, a sujeira sentimental e os contos improváveis. Entrou-me a vontade com As mil e uma noites. Meu pai lia isso em voz alta, e isso fez que me afeiçoasse a ler mais livros, embora não tivessem ilustrações.

—Minha mãe me dava contos — disse Dain em voz baixa—. Proporcionaram-me alguns dos momentos mais felizes de minha infância.

—Os lemos para Dominick — disse sua esposa.

—Viu o menino — disse Vere—. Enquanto lia, para ele não existia nada mais no mundo que sua história. Não disse nem mu todo o tempo. O mesmo acontecia com Robin quando lhe lia em voz alta. Teria se encantado com sua história, Lydia.

Na sala se fez um pesado silêncio, carregado de significado.

A fria voz de sua mulher rompeu a tensão.

—Então a próxima será para ele — disse—. E será dez vezes melhor que qualquer das histórias das mil e uma noites.

—É obvio que será — afirmou Dain afavelmente—. A terá escrito uma Ballister.

Vere não sabia por que continuava dando voltas, mas assim era.

«... o avô de sua mãe e seus irmãos eram muito aficionados ao teatro, e às atrizes.

»... a virtude... não foi nunca nosso forte... um demônio em cada geração.

»... terá-a escrito uma Ballister.»

Essa noite, o duque de Ainswood sonhou com Carlos II. Lydia entretinha sua majestade com uma imitação do terceiro marquês de Dain, que se achava entre os cortesãos, usando tão só um chapéu com plumas, e à atriz Nell Gwyn pendurada do braço.

Vere despertou quando o céu começava a clarear. Sua mulher dormia profundamente. Desceu da cama, foi para o outro lado sigilosamente para apanhar o diário de sua mãe e se aproximou da janela para lê-lo.

Não demorou muito, e quando terminou, seguia tão insatisfeito como a primeira vez. Os intervalos de tempo entre uma entrada e outra... a sensação de que ficavam muitas coisas por dizer... o orgulho que não a permitia queixar-se. Só tinha pontuado uma queixa na primeira entrada, ao descrever seu marido com desprezo... e referir-se amargamente a seu pai.

«... a memória não se submete a nenhuma vontade, nem sequer a de um Ballister, e o nome e a imagem persistem muito depois da morte.»

De quem era o nome e a imagem que persistiam em sua lembrança? Perguntou-se Vere.

«Nenhuma dócil senhorita deveria ter idéia de como escapar de um lar vigilante», havia dito Grenville.

Anne Ballister tinha vivido vigiada e protegida.

Como tinha chegado a cruzar seu caminho com o de John Grenville, um ator de terceira? Como tinha conseguido ele chegar até ela e seduzi-la para que fosse com ele a Escócia? Segundo Dain, o pai de Anne era um beato hipócrita. O pai de Dain não convidava companhias de teatro a Athcourt. Tampouco o pai de Anne os convidaria a sua casa.

Vere tinha reconhecido todas as pistas que Lydia tinha deixado cair cuidadosamente na rosa de Tebas. Levados pela emoção da aventura, seus leitores as tinham passado por cima. Só ao revelar a perfídia de Orlando, detectavam-se as sementes que Lydia tinha semeado com tanta inteligência nos capítulos precedentes.

Procurou pistas no pequeno diário, mas se as havia, e ele estava convencido

de que sim, tinha sido muito hábil em as ocultar.

Devolveu o livro a seu lugar, sobre a mesinha de noite, e se meteu no closet.

Em palavras do Belzebú, os advogados do escritório de Carton, Brays e Carton eram «um rebanho de idiotas incompetentes». Por isso Dain tinha prescindido de seus serviços após receber sua herança.

Belzebú devia lhes ter jogado um daqueles olhares dele que deixavam às pessoas paralisadas, porque nada parecia mudado durante os nove anos transcorridos, nem sequer, e especialmente, o pó.

O senhor Carton pai não se encontrava ali, devido ter se tornado louco, informou um estagiário a Vere. O senhor Carton filho se achava nos tribunais, embarcado no processo de ficar louco por sua vez. O senhor Brays não estava ocupado naquele momento, mas sem dúvida estaria bêbado, como era seu costume, explicou o estagiário.

—Este estado de coisas é muito lamentável, excelência, mas é um trabalho, e o único que consegui no momento, de modo que tento tirar o maior partido possível.

O estagiário, de nome Miggs, era apenas um jovem, alto e desengonçado, com uma penugem incipiente que aspirava a bigode, e muitas espinhas.

—Se fizesse o que vou lhe pedir sem a aprovação de seus superiores, certamente perderia o trabalho — disse Vere.

—Não é provável — disse Miggs—. Não podem fazer nada sem mim. Não encontram nada, e quando eu encontro por eles, não sabem o que significa e tenho que explicar-lhes. Se me demitissem, perderiam todos seus clientes, que não são muitos, e a maioria eu consegui.

Vere explicou o que estava procurando.

—Compreendo — disse o estagiário.

Entrou em uma sala e demorou meia hora em sair.

—Não encontro nenhum arquivo — disse quando voltou—. Mas isso não significa grande coisa. O velho guardava tudo em sua cabeça. O que explica por que se tornou louco. Terei que descer às catacumbas, senhor. Poderia demorar alguns dias.

Vere decidiu acompanhá-lo. O que resultou uma decisão muito acertada, pois as «catacumbas» eram o equivalente de Carton, Brays e Carton a um porão: montões de caixas cheias de documentos. Estavam empilhadas de qualquer maneira, sem seguir nenhum sistema lógico.

Trabalharam durante todo o dia, detendo-se só ao meio dia e a última hora da tarde para tomar cerveja e empanadas. Vere levantava as caixas e o estagiário

revisava o conteúdo, uma e outra vez, hora após hora, em um escuro porão, rodeados de insetos e vários roedores que saíam e entravam correndo por entre as caixas.

Pouco depois das sete da tarde, Vere subiu pesadamente a escada da adega e saiu à rua. A gravata-borboleta pendurada no pescoço, suja e desatada. Tinha teias de aranha presas à jaqueta, assim como diferentes tipos de restos e sujeira. Caía-lhe o suor pelo rosto, formando manchas sujas. Tinha as mãos negras.

Mas entre as mãos levava uma caixa com tudo o que importava, e não parou de assobiar em todo o trajeto até sua casa.

Para apaziguar o impaciente grupo ao qual Ainswood tinha ordenado severamente que cuidassem dela, Lydia havia dito que tiraria um cochilo antes do jantar.

Mas não era essa sua intenção. Foi ao dormitório do duque com um livro... e dormiu lendo-o.

Um ruído a despertou, e pegou seu marido quando entrava subindo pela janela.

Não perguntou por que não entrava pela porta como uma pessoa normal. Uma olhada bastou para saber por que evitava uma rota cheia de gente.

Pela manhã lhe tinha contado que ia ver o senhor Herriard pelo assunto do acordo pré-matrimonial, e que certamente estaria com ele várias horas. As negociações se postergaram enquanto sua excelência procurava suas pupilas. Dain tinha recordado o assunto a seu amigo na noite da véspera, antes de partir.

—Deduzo que um dos termos do acordo incluía que limpasse a chaminé do senhor Herriard — disse Lydia, contemplando aquele desastre humano que tinha por marido.

Ainswood olhou a pequena caixa que levava na mão.

—Mmm, não exatamente — disse.

—Então caiu em uma vala da rede de esgoto — sugeriu Lydia.

—Não. Mmm... — Franziu o cenho. - Primeiro deveria me lavar.

—Chamarei Jaynes.

Vere negou com a cabeça.

Lydia saiu da cama.

—Vere? —Sua voz era amável—. Alguém o golpeou na cabeça?

—Não. Deixa primeiro que lave o rosto e as mãos. Tomarei um banho depois. —entrou em seu closet apressadamente sem soltar a caixa.

Lydia supôs que a caixa continha o acordo pré-matrimonial e que havia algo neles que Vere não acreditava que ela fosse gostar. Contendo a curiosidade,

aguardou passeando de um lado a outro do quarto.

Vere saiu do closet minutos depois, usando unicamente um roupão e com a caixa na mão. Aproximou uma poltrona da lareira e convidou sua mulher a ocupá-la. Lydia se sentou.

Ele se instalou no tapete a seus pés e abriu a caixa. Tirou do interior um objeto ovalado e o depositou sobre o colo de sua mulher.

Era uma miniatura de um homem jovem, de cabelo loiro e olhos azuis. Sua boca desenhava um sorriso.

Foi quase como olhar-se num espelho.

—Parece... meu irmão — disse ela. Sua própria voz lhe soou um pouco tremula. O coração pulsava com força.

—Chamava-se Edward Grei — disse Ainswood com tom pausado—. Era um ator e autor teatral que prometia muito. Sua mãe era uma atriz de renome e prestígio, Serafina Grei. Seu pai era Richard Ballister, o tio avô de sua mãe. Edward Grei foi o demônio que gerou Richard Ballister em sua amalucada juventude, um filho ilegítimo. O pai de Richard tinha mais de sessenta anos quando ele nasceu, de um segundo matrimônio.

Vere tirou da caixa uma parte de papel amarelado. Nele havia um fragmento da árvore genealógica dos Ballister, o ramo de Anne Ballister, que mostrava os nomes e as datas escritas com sua letra precisa e diminuta. Aquele segundo matrimônio no outono da vida explicava por que o tio avô Richard só tinha três anos mais que o pai de Anne.

Mas o olhar de Lydia foi mais abaixo, ao ponto em que estava escrito seu nome, abaixo do de sua mãe, e entre este e o de Edward Grei.

Lydia olhou a miniatura. Depois voltou a olhar a árvore genealógica que sua mãe tinha desenhado tão cuidadosamente. Depois outra vez a miniatura.

—Este é meu pai — disse em voz muito baixa com tom de assombro.

—Sim.

—Não foi John Grenville.

—Não cabe a menor duvida — afirmou ele—. Sua mãe deixou muito claro. Documentou tudo, como uma autêntica Ballister. Imagino que sua intenção era que a entregasse tudo isto quando fosse maior de idade, mas algo saiu errado. Acabou nas mãos de John Grenville, que o vendeu ao terceiro marquês de Dain, através de seus advogados. O recibo de transação data de agosto de 1813.

—Isso explica de onde tirou o dinheiro para ir para a América — disse Lydia, e olhou seu marido nos olhos. - Isto explica muitas coisas. —Sua mãe fugiu para Escócia com Edward, não com o homem ao qual Lydia tinha chamado pai.

—A caixa contém as cartas de amor que lhe escreveu — disse Vere—. Duas dúzias pelo menos. Não tive tempo de revisar e classificar tudo. —Seu olhar era

terno, e esprimia seu sorriso de adolescente um tanto tímido—. Mas o pouco que li me convenceu que adorava sua mãe. Era um filho ilegítimo, mas se amavam com loucura e conceberam sua filha com amor.

—Te amo — disse Lydia, engolindo o nó que tinha na garganta—. Não sei como fez, como pensou em procurá-lo e como encontrei algo que ninguém mais sabia que existia. Mas sei que o fez por amor por mim... e, de verdade, Vere, estou muito zangada contigo. Desde que o conheço, chorei mais que em toda minha vida. —Os olhos se encheram de lágrimas. Não tentou dizer nada mais. Só deslizou da poltrona até o chão e abraçou seu marido.

Embora fosse ilegítimo, Edward Grei esteve muito unido a seu pai, que atendeu sua educação e seu sustento. Era uma das numerosas pessoas que Richard tinha a seu encargo e que assistiam às reuniões familiares. Assim se tinham conhecido Anne e Edward. Haviám-lhe dito que era um «primo longínquo». Apaixonaram-se.

Anne se achava de visita na casa quando Edward brigou com seu pai, que desaprovava por completo a carreira de ator que estava empenhado em exercer. Richard expulsou Edward de sua casa para sempre. Quando Anne descobriu o que tinha acontecido, insistiu em ir com ele. Edward queria esperar até estar seguro de que poderia mantê-la, mas ela se negou. Compreendia agora que seu próprio pai jamais consentiria que se casasse com Edward e que a obrigaria a casar-se com um homem de sua escolha.

De modo que fugiu para a Escócia com Edward.

Casaram-se segundo a lei escocesa, quer dizer, sem pastor, nem igreja, nem admoestações, nem permissão paterna. Tão só tiveram que afirmar que estavam casados. Seu matrimônio era legal, mas não para seus parentes. Os Ballister sentiam tão pouco respeito pelas estranhas leis dos selvagens escoceses como pelos rituais dos hindus ou os hotentotes¹⁴. A seus olhos, Anne era uma rameira, a amante de um bastardo. A caixa continha cartas dos advogados notificando que tinha sido repudiada pela família, que não tinha nenhum direito legal a herdar, e que a proibia, sob pena de empreender uma ação judicial contra ela, qualquer intento de reclamação, fosse monetária ou de outro tipo, assim como qualquer forma de comunicação.

Mas Anne e Edward eram conscientes do que ia acontecer ao fugirem. Conheciam seus parentes. Sabiam que tinham fechado as portas para sempre.

Não podiam saber que, ao fim de três curtos meses, uma parte do cenário

¹⁴ Indivíduo de raça negra que habitou as cercanias do Cabo da Boa Esperança, sudoeste da África.

cairia sobre Edward na metade de um ensaio, e que o mataria. Não tinha tido tempo de se ocupar do futuro de sua mulher, nem do filho que esperavam.

Um mês mais tarde, John Grenville se casou com Anne. Tal como indicava no diário, tinha-a convencido de que a amava de verdade. Anne tinha dezessete anos, estava grávida e não tinha ninguém mais a quem recorrer. Pensou que John era muito generoso por aceitar o filho de outro homem como se fosse dele. Só quando John Grenville tentou chegar ao coração e ao bolso dos Ballister, utilizando o bebê, e fracassou, Anne compreendeu seu engano.

Mesmo assim, não teve mais remédio senão ficar com ele, ao menos no princípio. Ou ficava com John Grenville, ou acabava na rua, posto que não tinha outra forma de ganhar a vida. Esteve doente durante muito tempo depois do nascimento de Sarah, e nunca se recuperou de todo. Se estivesse mais forte, Lydia estava certa de que teria acabado abandonando John Grenville.

Definitivamente, Anne tinha tentado não deixar nada a seu marido com o qual pudesse aproveitar-se de sua morte ou da verdadeira identidade de Lydia. O diário constituía um escândalo muito pequeno comparado com o drama que continha a caixa. Qualquer editor de Londres teria brigado por aqueles documentos. Não era de estranhar que Carton, Brays e Carton tivessem pago um alto preço pelo material, nem que se prepararam a enterrá-lo rapidamente em seu sótão.

Evidentemente, a caixa havia passado despercebida quando o atual marquês de Dain tinha trocado de advogados. O diário devia ter acabado na nova escrivaninha, junto com outros documentos, e ali teriam classificado tudo e teriam enviado a Athcourt todos os materiais que poderiam interessar ao novo marquês. Dado que Dain residia em Paris até a primavera anterior, não era estranho que o diário tivesse terminado em uma gaveta, ou prateleira, com o resto de materiais de arquivo. O surpreendente era que lady Dain o tivesse encontrado.

Claro que isso não era nada comparado com o achado de Ainswood.

E como de costume, Vere não pensava admitir que tivesse feito nada fora do normal.

O dia seguinte pela tarde, enquanto os mais jovens estavam fora contemplando um desfile em honra à rainha de Portugal, Lydia e Ainswood informaram tudo a Dain e Jessica.

Conhecendo os Ballister, a Dain não teria custado nenhum esforço acreditar em toda a história, embora não tivesse tido os documentos desdobrados diante de seu nariz, sobre a grande mesa da biblioteca.

O fato de que o duque de Ainswood fosse o autor daquele descobrimento, em troca, foi mais difícil de digerir.

—Como diabos desta conta do que ninguém mais tinha notado? —exigiu

saber—. E que anjo da guarda o empurrou a visitar Carton, Brays e Carton?

—Foi você que me disse que os Ballister são desconfiados por natureza — replicou Vere. Foi você que falou de imitações e de afeição ao teatro. Foi você que assinalou quão extraordinário era que a marca de nascimento da família, a marca dos Ballister, tivesse aparecido em uma mulher. Entretanto, Anne não falou desse fato milagroso em seu diário. Assim era natural que comesse a suspeitar. Não tive mais que somar dois e dois. E dado que Anne fugiu na época de seu pai, comecei pelo lugar mais lógico, no escritório de seus advogados. Certamente não esperava encontrar as respostas ali. Simplesmente esperava que me pusessem sobre a pista correta.

Vere lançou um olhar de exasperação ao grupo.

—Agora que já deciframos a verdadeira identidade de Lydia e não tem que preocupar-se com a má herança de John Grenville, não parece que deveríamos celebrar? Não sei vocês, mas me viria bem uma taça.

Na segunda-feira pela manhã, Bertie Trent e sua futura esposa se encontravam no gabinete de Ainswood House, e não era para fazer o que geralmente fazem os casais jovens quando têm um momento de intimidade.

Tentavam achar o modo de parar uma guerra.

Todos os outros estavam na biblioteca, discutindo sobre seu futuro no café da manhã: Dain, Ainswood e suas respectivas esposas, com a entusiasta ajuda de Elizabeth, Emily, e inclusive Dominick.

Não estavam de acordo sobre o lugar onde devia celebrar as bodas: Longlands, Athcourt ou Londres, nem se devia ser em uma igreja ou na casa de algum deles. Não estavam de acordo sobre quem tinha direito de contribuir com o dote de Tamsin, nem o lugar no qual deviam viver os recém casados, nem de onde sairia o dinheiro necessário para seu sustento.

Dain e Ainswood eram os que mais discutiam, por isso qualquer solução de compromisso era impossível. Se as senhoras estivessem sozinhas, teriam negociado um acordo aceitável, mas os homens não queriam deixar o assunto em suas mãos, porque isso significaria ceder.

Tamsin estava muito alterada. Não queria dote. Mas tampouco queria ferir os sentimentos de ninguém. Bertie estava nervoso por ela e por si mesmo. Não podia dizer uma só palavra sobre seu próprio futuro, porque teria parecido que tomava partido por um ou por outro.

—A este ritmo — disse—, não chegarão a um acordo antes do Julgamento Final. E enquanto isso, minha avó e Aboville voltarão da França e quererão que vamos viver ali.

—Sei que soará a ingratidão — disse Tamsin—. Mas começa a me tentar a idéia de fugir para a Escócia.

—Não será necessário. — Bertie baixou a voz—. Não se pode caminhar dez minutos seguidos por Londres sem tropeçar com uma igreja. E onde há uma igreja, há um pároco.

Tamsin elevou seus enormes olhos castanhos para ele.

—dissemos que iríamos dar um passeio — disse.

Bertie deu umas palmadas no peito.

—Tenho a licença. — Levava-a no bolso desde que Dain a tinha entregue fazia uns dias. Tendo em conta a facilidade com que se perdiam os documentos importantes em certas famílias, a Bertie parecia melhor não separar-se da licença em nenhum momento.

—Irei por meu chapéu — disse Tamsin.

Só demorou um momento. Instantes depois, os dois saíam em direção à igreja de St. James, em Piccadilly. Só tiveram que cruzar St. James's Square e meter-se em York Street, ao final da qual se erguia a igreja.

Estavam a ponto de chegar à esquina de York Street, quando, ao mesmo tempo, um homem de meia idade, bem vestido e com óculos, dobrava essa esquina em direção à praça.

O homem se deteve em seco, e também Tamsin.

—Papai! — exclamou ela.

—Tam! — O homem abriu os braços.

Tamsin soltou Bertie e correu a abraçá-lo.

—Ah! — exclamou Bertie—. Por Júpiter.

Assim que passou o primeiro momento de deleitada surpresa, Bertie os levou rapidamente para York Street, a fim de não atrair a atenção de Ainswood House.

—Tentávamos nos casar pela via rápida — explicou ao senhor Prideaux—. Antes que sentissem falta de nós. Não pensava fugir com ela nem nada parecido. —Tirou a licença como prova de suas palavras.

Enquanto o senhor Prideaux revisava o documento, Bertie acrescentou:

—Espero que você não pense armar um alvoroço por isso. Está tudo arrumado, tal como lhe disse por carta, e ela está sã e salva e eu me ocuparei dela. Não precisamos de nada, só sua bênção, que seria estupenda se nos pudesse dar isso mas podemos passar sem ela se for necessário.

Tamsin já tinha soltado seu pai para agarrar no braço de Bertie.

—Não fará que mudemos de opinião, papai. Não vou voltar para casa com mamãe.

Seu pai devolveu a licença a Bertie.

—Nem eu — disse—. Sua mãe não me informou de nada quando fugiu de casa. Descobri faz apenas uma semana. Estava em Plymouth disposto a embarcar rumo à América para ir em sua busca, quando por fim chegou a carta de sir Bertram. Sua mãe estava esperando um sinal do Todo-poderoso antes de decidir enviá-la a meu secretário. — tirou os óculos, limpou-os com seu lenço e voltou a colocá-los. - Bom, cuidei muito mal de você, muito mal, Tam. Estou seguro de que este jovem o fará muito melhor, não é?

—OH, não se preocupe, papai. Não tem por que se envergonhar — disse Tamsin—. Não posso culpá-lo por ter fugido de mamãe, quando eu fiz o mesmo. Se eu tivesse tido um trabalho ao qual me dedicar para me manter afastado dela, teria trabalhado dia e noite. — esticou a mão para seu pai—. Seja bom e vêm conosco, e poderá me acompanhar até o altar.

Com uma mão agarrou ao braço de seu pai e com a outra ao braço de Bertie, e assim empreenderam a marcha os três para a igreja.

O trajeto era muito curto, mas Bertie aproveitou para desfiar os miolos antes de chegar à igreja, momento no qual disse:

—Sabem uma coisa? Parece-me que ninguém vai discutir com o pai da noiva se disser que esta igreja está bem e que lhe serve este tipo de bodas, e que não importam os adornos elegantes. E se pedirmos a todos os de Ainswood House que venham agora? Sei que você gostaria que a duquesa de Ainswood assistisse suas bodas, Tamsin, e pensa nas pobres Elizabeth e Emily quando não conseguiram chegar a tempo para as bodas de seu primo. — Fez uma careta—. Desgostaria-me decepcioná-las.

Sua futura esposa o olhou com os olhos brilhantes.

—É o melhor e mais carinhoso homem do mundo, Bertie Trent — disse—. Pensa em todo mundo. Vê, papai? Vê a afortunada que sou?

—É obvio que sim — disse seu pai, e Bertie se ruborizou—. Espero que seu noivo me conceda a honra de escrever o convite para seus amigos.

Escreveu o convite devidamente e o sacristão o levou a Ainswood House.

Apenas quinze minutos depois, os convidados entravam em turba na igreja de St. James, e ninguém discutiu com ninguém, mas as mulheres choraram, e Susan, cuja terna sensibilidade não suportava lágrimas, tratou de as consolar lhes lambendo as mãos e soltando bufos de fôlego.

O pastor, acostumado às excentricidades da nobreza, suportou tudo de bom humor. E as bodas, embora não cumpria com as elevadas expectativas de certos aristocratas, conseguiu fazer felizes a todas as partes, e sobre tudo a seus protagonistas. Afinal, isso era o que importava.

Depois da cerimônia, o senhor Prideaux convidou a todos ao hotel Pulteney, onde estava hospedado, para «um pequeno refrigerio».

Logo se fez evidente de quem tinha herdado Tamsin sua eficiência, pois se serviu um suntuoso almoço de bodas, apesar de haver avisado com tão pouco tempo.

E pouco depois, Bertie se deu conta de que a noiva não tinha herdado somente a eficiência.

O senhor Prideaux ofereceu o «pequeno presente» de uma suíte aos recém casados, antecipando-se a qualquer discussão sobre o lugar onde passariam a noite de bodas.

O Pulteney era um hotel elegante e muito caro. A suíte consistia em uma série de aposentos enormes que estavam acostumados a reservar para as visitas da realeza.

Nem sequer Bertie, que não sabia calcular libras, xelins e pênis sem que desse dor de cabeça, teve dificuldade alguma em deduzir que seu sogro devia ter os bolsos bem repletos.

Quando os criados terminaram de arrumar coisas que não precisavam ser arrumadas e se foram, Bertie se dirigiu a sua mulher.

—Isto..., querida — disse agradavelmente —, talvez tenha esquecido de mencionar que seu pai é rico como Crespo.

Tamsin avermelhou e mordeu o lábio.

—OH, vamos — disse ele—. Sei que teria suas razões, e agora não terá vergonha em contar isso não é? Sei que não se preocupava que eu fosse um caça fortunas. Embora tivesse querido ser, meu cérebro não funciona dessa maneira. Apenas sei o que dizer a uma garota quando gosto dela, e muito menos dizer coisas para fingir que eu gosto, se eu não gostar e só quiser seu dinheiro. No geral, digo sempre o que penso, e você sabe o que quero dizer, diga o que diga, não é?

—Sim, é obvio que sei — respondeu Tamsin. Afastou-se de seu marido, tirou os óculos, esfregou-os sobre uma manga e voltou a colocá-los. - Em Athcourt, quando me pediu que me casasse contigo, ia falar de meu pai. Mas você me disse que tinha fugido das herdeiras que sua tia apresentava, e me alarmei. Sei que é uma tolice, mas não pude evitar. Temia que, quando contasse isso, veria outra herdeira em lugar de ver só a mim. Temia que se sentisse incômodo e que possivelmente seu orgulho não pudesse suportar. Sinto muito, Bertie. —Tamsin ergueu o queixo—. Não sou implacável nem mentirosa por natureza, mas em alguns casos, uma mulher tem que sê-lo. Não podia me arriscar que se separasse de mim.

—Não podia se arriscar, não é? — Bertie assentiu—. Bom, direi uma coisa,

lady Trent: Fez muito bem. Não me separei de você, não é? E não vou afastar-me nunca. — pôs-se a rir sem poder evitar. A idéia de que Tamsin fosse implacável e mentirosa por sua culpa, e que tivesse temido que ele se separasse dela, foi muito engraçado.

Sem deixar de rir, aproximou-se de sua esposa e a estreitou entre seus braços.

—Não vou a nenhuma parte — repetiu, e deu um beijo em seu bonito nariz—. Salvo possivelmente a elegante cama deste hotel com minha mulher. —Ergueu a vista e olhou em redor—. Quer dizer, se conseguimos descobrir onde demônios está.

Capítulo 20

Longlands, Northamptonshire

Uma semana mais tarde

Graças a manterem uma correspondência regular com Ainswood House, os criados de Longlands estavam à par das exigências de sua nova senhora no referente à ordem doméstica.

Em conseqüência, apesar de que tinham recebido o aviso da chegada da família com somente vinte e quatro horas de antecipação, o pessoal de Longlands se apresentou no vestíbulo com ostentação e pompa, para lhes dar as boas-vinda. Vestiam uniformes impecavelmente limpos, engomados e reluzentes, e se tinham alinhado em perfeita ordem militar.

Essa disciplinada perfeição desapareceu imediatamente para dar passo a assobios, vivas e aplausos, quando o duque de Ainswood pegou sua esposa nos braços e transpassou com ela a soleira de sua casa ancestral.

As lágrimas rolavam pelo rosto rechonchudo da governanta quando as jovens senhoritas às que tanto tinha sentido falta de correram para ela para espremê-la com seus abraços e ser espremidas.

Inclusive se viu Morton, o administrador do imóvel, secando uma lágrima quando viu seu senhor depositando no chão à duquesa em meio de uma horda de mastins, cujos estrondosos latidos de boas-vinda fizeram tremer o vestíbulo.

Os cães emudeceram bruscamente quando Susan fez sua entrada instantes depois, puxando Jaynes.

Susan grunhiu.

Tinha as orelhas esmagadas, a cauda rígida; toda sua postura transmitia hostilidade. Os outros mastins eram machos e Susan não só era uma intrusa, mas sim a superavam em número, quatro a uma. Não obstante, deixou muito claro que estava disposta a despedaçar aos quatro sozinha.

Isso pareceu desconcertar os outros cães.

Um soltou um bufo de confrontação.

Outro soprou com maior audácia.

Um terceiro ladrou, depois correu para a porta e voltou. Susan permaneceu rígida, mostrando os dentes.

—Vamos, não se zangue — disse Vere—. Não se dá conta? Querem brincar. Não quer brincar, preciosa?

Susan grunhiu e lançou um olhar furioso aos outros cães, mas sua postura relaxou um pouco.

Então um dos cães se aproximou correndo com uma bola entre seus grandes dentes e a deixou cair a uma distância prudencial. Depois soprou.

Susan avançou cautelosamente e cheirou a bola. Depois de grunhir um pouco mais baixo, colheu-a com a boca e trotou para a porta. Os outros cães a seguiram.

Vere olhou sua esposa.

—Esses meninos farão qualquer coisa por já sabe o que — disse—. É assombroso que não se arrastaram diante dela. —Ofereceu o braço a Lydia e se dispôs a subir a escada.

—Pois não vão conseguir nada de você já sabe o que — replicou ela—. Ao menos hoje. Não está no cio.

—Estão-lhe abrandando o coração adiantado — disse Vere.

—É uma aberração, sabe? —disse Lydia—. Maior que o normal e de uma cor horrível. Por isso a consegui praticamente de graça. Não tem pedigree. Pode ser que não queira que seus cães tenham cria com ela.

—Os Mallory não são tão exigentes com a linhagem como os Ballister — replicou Vere—. Você, por exemplo, preferiu que seu pai fosse um filho ilegítimo porque, bastardo ou não, ao menos tinha sangue nobre nas veias.

—Daria-me igual se meu pai tivesse sido gerado por um limpador de chaminés — protestou Lydia—. O que me importa é que amou minha mãe e a fez feliz, e se esforçou ao máximo por fazer bem seu trabalho. Era seu caráter o que me importava, não a nobreza de seu sangue.

Vere poderia haver discutido, pois todo mundo sabia que os Ballister eram os maiores esnobes do mundo, mas tinham chegado ao primeiro piso, onde estavam os aposentos da família, e as brincadeiras e sarcasmos eram impossíveis enquanto o coração pulsava tão dolorosamente.

As paredes estavam cobertas de retratos. Não eram as obras primas de retrato e as paisagens que adornavam as salas públicas, e sim desenhos, aquarelas e óleos de uma natureza muito mais íntima e informal, nos que se captava a vida familiar de gerações de Mallory.

A meio caminho de seu quarto, Vere se deteve diante do retrato que esperava. Fazia dezoito meses que não havia tornado a vê-lo. Agora o olhou com

afeto e sentiu um nó na garganta e uma opressão no peito.

—Este é Robin — disse a sua esposa. Custou-lhe pronunciar as palavras, mas o esperava e se mentalizou para poder suportá-lo—. Já te falei dele. Lizzy e Em falaram dele. Agora pode vê-lo.

—Um menino muito bonito — disse Lydia.

—Sim. Temos outros retratos, mas este é o melhor. —Começou a sentir certo alívio—. É o que mais se parece. O artista soube captar seu sorriso, o que Robin se reservava sobre tudo para si mesmo, como se risse de uma brincadeira particular. Charlie tinha o mesmo sorriso. Meu Deus, que idiota fui. Deveria tê-lo levado comigo. Como alguém pode olhar seu rosto e não sentir o calor de seu sorriso? Deus sabe que o necessitava.

—Não esperava achar calor nele — disse ela em voz baixa.

Ele a olhou e viu a compreensão que irradiavam seus olhos azuis.

—Não estou seguro de que o tivesse encontrado se você não me tivesse ensinado como fazê-lo. Falei dele, ouvi Lizzy e Em falando dele — acrescentou Vere, e sua voz se fez mais firme e segura—. Cada dia se torna mais fácil. Mesmo assim, não estava seguro de que pudesse voltar a olhá-lo hoje. Não soube conservar sua lembrança como Deus manda, pobre menino. Em meu coração só aninhava a morte e uma ira negra e fria. Era injusto, porque o menino não fez mais que me dar alegria durante seis meses inteiros. —Seu olhar posou de novo no retrato—. Sempre sentirei falta dele, assim certamente me lamentarei por sua perda de vez em quando. Mas também recordarei os momentos felizes. Que foram muitos. E isso é uma bênção. E agora tenho uma família com a qual posso compartilhá-los. Outra bênção.

Vere teria querido ficar diante do retrato com Lydia e continuar falando. Mas já teriam tempo para fazê-lo, para conversar, para compartilhar lembranças.

Em qualquer caso, tinha decidido o que devia fazer em primeiro lugar.

Abriu a porta dos aposentos ducais e conduziu Lydia pelo corredor até o dormitório.

Era um aposento enorme, como correspondia ao cabeça da família, mas muito acolhedora. O sol de finais de outubro se refletia no dourado revestimento de carvalho, e nos fios dourados dos elegantes cortinados azuis que adornavam as janelas e o leito. O leito era imenso e de madeira esculpida. Tinha vários séculos de antigüidade, e o tinham fabricado para uma visita de Jaime I.

—A última vez que vi esta cama foi quando Robin abandonou este mundo — disse Vere a sua mulher—. Minha última lembrança é a de um menino moribundo. Agora posso levar essa recordação em meu coração junto com outras. Não cheguei muito tarde. Estive ao seu lado quando precisou. É uma lembrança agri-doce, mas não impossível de suportar.

—Eu também tenho algumas dessas lembranças — disse ela.

Também ela tinha velado junto ao leito de morte de seus seres queridos, tinha segurado suas mãos e tinha notado como lhes escapava a vida.

—Sua mãe, sua irmã — disse Vere.

Ela assentiu.

Vere saltou a curta distância que os separava.

—Esta será nossa primeira lembrança deste quarto — disse—. Quero que seja perfeita, porque tem que servir para marcar a pauta de nossa futura vida conjugal. Porque este é nosso lar.

Lydia olhou a cama e em seguida olhou seu marido. Sua boca se torceu em um leve sorriso.

Tinha compreendido.

Vere a olhou de cima abaixo.

Lydia usava um de seus trajes novos: um vestido de cor lavanda com adornos de pele, abotoado do pescoço até os pés.

—Tantos botões — murmurou Vere, esticando a mão por volta do primeiro de todos. Também beijou sua mulher. Foi um beijo lento e profundo, e enquanto a beijava, não deixava de desabotoar os botões devagar, até chegar à cintura.

Então afastou a boca e ficou de joelhos e seguiu desabotoando, mais depressa.

Quando terminou, ergueu a vista para Lydia, que tirou o vestido e o deixou cair ao chão.

Lydia se afastou para a cama, lançando um rápido mas devastador olhar por cima do ombro. Apoiou-se em uma das colunas da cama para não perder o equilíbrio e colocou as mãos por debaixo das anáguas.

Ainda de joelhos, Vere a observou hipnotizado, e viu cair os calções de seda ao chão. Lydia afrouxou as fitas do corpete das anáguas, e o corpete se abriu até o espartilho, deixando a descoberto os seios provocativamente, quase até os mamilos.

Lydia se virou devagar e agarrou a coluna da cama com ambas as mãos.

Vere se levantou depressa e se despiu completamente. Ela o observou por cima do ombro, com a boca carnuda desenhando ainda o sorriso diabólico. Vere se aproximou dela.

—Uma libertina, excelência. Converteu-se em uma depravada libertina.

—tive um excelente professor — disse ela num sussurro.

Vere abrangeu os seios com as mãos, enquanto lhe beijava os ombros e as costas. Notou que Lydia estremecia de prazer e ele estremeceu também, ardendo de impaciência.

—Te amo — disse ela—. Possua-me assim.

Apertou seu bonito traseiro contra o membro de Vere.

O tecido de musselina fez cócegas no ereto membro, uma tortura que suscitou as roucas gargalhadas de Vere. Em público, Lydia podia paralisar um homem com somente um olhar de seus glaciais olhos azuis. Em particular, com ele, era todo fogo, a mais libertina das rameiras.

Vere lhe levantou as saias.

—Assim, duquesa? É assim que me quer?

—Sim, assim. Agora.

Vere a penetrou por trás, tal como ela queria, porque isso era o que ele também queria. Compreendia-lhe.

Vere desejava que aquele quarto se enchesse de gritos de paixão, e de risadas, e de declarações de amor. Nenhum dos dois era modesto por natureza. Eram criaturas desafiantes e temerárias e de sangue quente. Não eram de tudo civilizados, nem jamais seriam.

E assim, fizeram amor com paixão arrebatada, e quando caíram sobre a cama, voltaram a fazer amor. E uma vez mais. Com ardor, com alegria, ruidosamente, sem vergonha.

E finalmente ficaram inertes pelo cansaço, enlaçando seus corpos nus e suarentos, com o aroma da paixão no ambiente, sob a luz dourada e carmesim do crepúsculo e o eco de seus gemidos, que parecia ressonar no quarto.

—Bom, esta é uma lembrança para animar um homem na velhice — disse Vere—. E para lhe dar motivos para viver até então.

—Mais corresponda — disse ela—. Do contrário, terei que procurar outro.

—Se tenta procurar um substituto, sofrerá uma triste decepção — replicou Vere—. Não há ninguém como eu. Sou o único homem no mundo que possui as qualidades necessárias para estar contigo. —Acariciou os seios de sua mulher prazerosamente—. Pode me lançar todos os olhares dos Ballister que queira, que não conseguirá me paralisar. Pode me golpear quanto a agrade, que não conseguirá me machucar. Pode cometer todas as atrocidades que imagine sua mente malvada, que me terá a seu lado, e de bom grado. É uma revoltosa, Lydia. Uma diabresa dos Ballister. Só pode se acasalar com um demônio dos Mallory.

—Então será melhor que fique comigo muito tempo — disse ela—. Ou terei que o seguir ao outro mundo.

—Faria. —Vere Riu—. Não se arredaria nem sequer diante da boca do inferno, com as chamas crepitando a seu redor e os demônios uivando. Mas farei todo o possível para que esse momento tarde muito a chegar.

—Não posso pedir mais — disse ela.

—Pode estar segura de que me esforçarei para ser um dos Mallory mais idosos. —Vere passou a mão pelo ventre de Lydia—. Para começar, sinto uma

grande curiosidade por ver que classe de monstros podemos gerar.

Lydia posou uma mão sobre a dele.

—Eu também. Seria algo grandioso, não acha? —acrescentou em voz baixa—, se tivéssemos gerado um filho em nosso primeiro dia nesta casa, nesta cama. Um filho concebido com amor, à luz do sol... — Voltou a sorrir—. E com total desinibição.

—Um filho seria a boa lembrança desta ocasião — replicou ele com voz rouca.

—A melhor. —Lydia colocou os dedos entre os cabelos de seu marido e o atraiu para si. Em seus frios olhos azuis brilhavam duas faíscas diabólicas, que só ele podia ver—. Talvez —sussurrou— poderíamos fazê-lo uma vez mais. Só para nos assegurar...

Vere a beijou.

—Pode estar segura, senhora, de que farei tudo o que esteja em minha mão. E o fez.

Epílogo

Na edição de 1829 do Annual Register, sob a epígrafe «Natalícios, mês de julho», apareceu o seguinte aviso: «20. “Em Longlands, Northants, a duquesa de Ainswood, filho primogênito e herdeiro».

O futuro duque de Ainswood, ao qual se batizou com o nome de Edward Robert, foi o primeiro de sete filhos e filhas. Alguns eram loiros e com olhos azuis, outros morenos e com olhos verdes.

Mas todos, e cada um deles, foram uns autênticos demônios.



Projeto Revisoras Traduções
Grupo Romances Traduzidos
<http://br.groups.yahoo.com/group/romancestraduzidos/>
Comunidade Romances S.A.
<http://www.orkut.com.br/Main?pli=1#Community.aspx?emm=80221161>